



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA
LINHA DE PESQUISA: CIDADE, FLORESTA, SERTÃO: CULTURA, TRABALHO E
PODER

TÚLIO BRENNO BRITO DE SOUSA

HOMEOPATIA VERSUS ALOPATIA:
A disputa pelo mercado da cura no Pará. (1914-1924)

BELÉM/PA
2021

TULIO BRENNO BRITO DE SOUSA

HOMEOPATIA VERSUS ALOPATIA:

A disputa pelo mercado da cura no Pará. (1914-1924)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Defesa do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPA). Orientado pela professora Dra. Leila Mourão Miranda.

BELÉM/PA
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B862h Brito de Sousa, Túlio Brenno.
HOMEOPATIA VERSUS ALOPATIA : A disputa pelo
mercado da cura no Pará. (1914-1924) / Túlio Brenno Brito de
Sousa. — 2021.
170 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Leila Miranda Mourão
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2021.

1. Homeopatia. 2. Medicina. 3. Cura. 4. Conflito. 5.
Amazônia. I. Título.

CDD 300.9

TÚLIO BRENNO BRITO DE SOUSA

**HOMEOPATIA VS ALOPATIA: A DISPUTA PELO
MERCADO DA CURA NO PARÁ (1912-1926)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Defesa do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPA). Orientado pela professora Dra. Leila Mourão Miranda.

Data da aprovação: ___/___/2021

Banca Examinadora

Conceito:

_____ - Orientadora

Prof. Dra. Leila Mourão Miranda

Doutora em Ciência: Desenvolvimento Sócio-Ambiental – UFPA

Universidade Federal do Pará.

_____, Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Jairo de Jesus Nascimento Silva

Doutor em História - USP

Universidade do Estado do Pará

_____ - Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Tânia Salgado Pimenta

Doutora em História – Universidade Estadual de Campinas

COC/Fiocruz

_____ - Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Silvio Ferreira Rodrigues

Doutor em História Social da Amazônia- UFPA

Escola de Aplicação-UFPA.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois sem Ele nada seria possível. Por todas as bênçãos e, principalmente, proteção no decorrer desses dois anos de pesquisa.

Agradeço aos meus avós, Antônio Pereira de Brito e Maria Odete dos Santos Brito, por todo amor e segurança que foram de fundamental importância para a conclusão deste curso. Esse sonho não é apenas meu, é nosso.

Agradeço a todos os meus tios, Dyrlane, Dylzeane, Denison e Dione e aos meus primos Pedro Henrique, Geíza, Arthur e tantos outros que fazem parte da minha vida e da minha história.

Agradeço também aos meus amigos de toda a vida Flavia, Thayson, Thais, Thainara, Mariane, Mariana, Lorena e tantos outros que estiveram presentes em momentos bons e ruins da minha vida e nunca deixaram de me apoiar.

Agradeço aos meus amigos que à universidade me deu, por esses anos em que dividimos a vida acadêmica, pela amizade e pelo conhecimento adquirido juntos.

Agradeço a minha orientadora, a profa. Dr. Leila Mourão por toda a paciência e orientação no decorrer desta pesquisa. Sem suas dicas, certamente esse trabalho não se concluiria.

Agradeço ao prof. Dr. Nelson Sanjad por ter sido uma luz na minha pesquisa e por me ajudar a melhorar cada vez mais.

Agradeço ao prof. Dr. Jairo Silva quem foi responsável por minha orientação no início desta pesquisa, quando ainda era somente uma ideia de trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a Universidade do Estado do Pará pela oportunidade de fazer parte da primeira turma de licenciatura plena em História e me capacitar mediante ao seu quadro de excelentes professores a chegar ao mestrado.

Agradeço a Universidade Federal do Pará por ser a minha segunda casa durante essa pesquisa e pelo riquíssimo conhecimento adquirido no local.

Agradeço a minha bisavó Terezinha Brito que nos momentos finais da escrita dessa dissertação, deixou esse plano espiritual para morar para sempre nas nossas lembranças e nos nossos corações.

Agradeço em especial a minha mãe, Dyane do Socorro dos Santos Brito, que sozinha nunca me deixou faltar nada, apesar das dificuldades. Agradeço por fazer parte da minha vida e ser a minha inspiração para ser uma pessoa melhor, amo você.

Para Terezinha Brito (in memoriam).

Resumo

A presente pesquisa busca fazer uma análise do caminho da homeopatia no Pará e da disputa entre os homeopatas e alopatas na região com o recorte focado em 1914 e 1924. Entender onde estavam os profissionais da arte de curar e quais foram as suas funções no processo de consolidação da identidade médica paraense, desde a criação da sociedade médico-cirúrgica e da primeira faculdade de medicina no Pará, para então poder analisar os motivos que levaram a um processo de esquecimento da memória homeopata. Por meio das atuações do Dr. Zacheu Cordeiro e Dr. Matta Bacellar, médicos homeopatas atuantes no Pará, buscara-se observar, de forma contundente, o conflito com os médicos alopatas, através das páginas de jornal do Estado. Enquanto os alopatas, tidos como portadores da ciência médica, gozavam de grande prestígio dentro da comunidade, os homeopatas buscavam se consolidar como prática médica, ao mesmo tempo que lutavam contra os ataques da comunidade acadêmica médica e de seus profissionais. Utilizando diversas fontes, dentre periódicos da época, relatórios de governo e atas criminais, o trabalho pontuará as estratégias utilizadas pelas medicinas dentro desse conflito. Terá também um espaço para o debate entre a ligação dos homeopatas e a comunidade espírita no Pará.

Palavras-chave: **Homeopatia. Alopattia. Medicina. Espiritismo. Pará.**

Abstract

This research seeks to analyze the path of homeopathy in Pará and the dispute between homeopaths and allopaths in the region in the 1914 at 1924. Understand where the professionals in the art of healing were and what their roles were in the process of consolidating Para's medical identity, since the creation of the medical-surgical society and the creation of the first medical school in Pará, in order to analyze the reasons that led to a process of forgetting homeopathic memory. Through the actions of Dr. Zacheu Cordeiro and Dr. Matta Bacellar, homeopathic physicians working in Pará, the attempt was made to observe the conflict with allopathic doctors in a forceful way, through the pages of the State newspaper. While allopaths, considered as carriers of medical science, enjoyed great prestige within the community, homeopaths sought to consolidate themselves as a medical practice, at the same time, which fought attacks from the medical academic community and its professionals. Using different sources, among periodicals of the time, government reports, criminal acts, the work will score the strategies used by medicines within this conflict. There will also be a space for debate between the connection of homeopaths and the spiritist community in Pará.

Keywords: Homeopathy. Allopathy. Medicine. Spiritism. Pará.

LISTA DE FIGURAS.

Figura 1: Foto do Dr. Zacheu Cordeiro	25
Figura 2: Foto de Mamerto Cortés.	47
Figura 3: Foto do cadáver do Dr. Zacheu Cordeiro.....	54
Figura 4: Capa do periódico do Folha do Norte.	56
Figura 5: Anúncio da Clínica Homeopática do dr. Zacheu Cordeiro.....	72
Figura 6: Endereço do consultório da família Matta Bacellar.....	89
Figura 7: Imagem do dr. José Teixeira da Matta Bacellar.....	91
Figura 8: Anúncio da Farmácia Homeopática do Dr. José Teixeira Matta Bacellar Junior.....	92
Figura 9: Foto da frente da União Espírita Paraense.	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS FÚNEBRES DE ZACHEU CORDEIRO: A MORTE DO HOMEOPATA.....	23
1.1“CRIME BÁRBARO”: MÉDICOS HOMEOPATAS ENTRE A CURA E A MORTE.....	23
1.2. CHARLATÃO, MÉDICO HOMEOPATA OU ASSASSINO? O ALGOZ DO DR. ZACHEU CORDEIRO	41
1.3-A CARTA DO MAMERTO CORTES PARA ZACHEU CORDEIRO	46
1.4. MOBILIZAÇÕES E LUTO: O HOMEOPATA, APESAR DE TUDO, ERA UM MÉDICO!. 50	
CAPÍTULO 2 – EM DOSES HOMEOPÁTICAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS MEDICINAS.	60
2.1-A HOMEOPATIA NO BRASIL: AS SINGULARIDADES DA ARTE DE CURAR NO BRASIL.....	61
2.2 -NOS CAMINHOS DAS CURAS: AS ARTES DE CURAR NO DECORRER DO TEMPO.....	73
2.3. OS MATTAS, BACELLAR E A INTERIORIZAÇÃO DA HOMEOPATIA.....	92
2.4-HOMEOPATIA E ESPIRITISMO: A CIÊNCIA E A FÉ CONTRA A ENFERMIDADE	93
3. HOMEOPATIA VERSUS ALOPATIA: UM CONFLITO ANUNCIADO.113	
3.1. “A OBRA DE UM GÊNIO”: AS ESTRATÉGIAS HOMEOPATAS E ALOPATAS NOS JORNAIS PARAENSES.	113
3.2. EM DOSES INFINITESIMAIS: O CONFLITO ENTRE HOMEOPATIA E ALOPATIA NAS FALAS DE ZACHEU CORDEIRO.....	125
3.3. A POLÊMICA DO ASSACÚ: DA CURA DA LEPROSA AO ASSASSINATO DO DOUTOR.	133
3.4. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA PARAENSE E O ESQUECIMENTO HOMEOPATA.....	144
FONTES.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159

INTRODUÇÃO

O início das ideias homeopatas em solo brasileiro estão ligadas, diretamente, a meados de 1840 com a chegada do francês Benoit Jules Mure ou Bento Mure, como ficou conhecido popularmente no Brasil, um dos principais introdutores das ideias homeopáticas no país; é justamente a partir do seu trabalho, junto ao também médico homeopata o dr. João Vicente Martins¹, que se fundou o Instituto Homeopático do Brasil em 1843, que norteou as decisões médicas homeopáticas no país.

Pensar em uma nova filosofia médica em um país no qual a medicina científica ainda engatinhava para uma estabilização desde a chegada da corte portuguesa em meados dos anos de 1808, é entender que assim como a alopatia, a homeopatia também teria que lutar pelo seu espaço dentro de um mercado da cura com uma presença marcada pelo curandeirismo.

Naquele momento de incertezas ligadas as práticas médicas, e de constantes surtos epidêmicos, como a da febre amarela, tuberculose e varíola, sendo essa última uma das principais causas de mortes na colônia, causando no Estado uma necessidade de ação forte no sentido político-social para o combate às doenças, contribuindo para o fortalecimento da medicina no país.² Uma vez que o que estava em jogo não se tratava somente da vida dos que viviam em terras brasileiras, como também da imagem do país, que passaria a ser visto como desestruturado e pouco civilizado, que sofre para combater as epidemias que o atacam.

Em meio a esses grandes surtos de doenças, e do início de um processo de formação e afirmação técnica da medicina no Brasil, uma grande variedade de concepções terapêuticas moldaram o mercado da cura no país. As práticas de curas alternativas, tidas como populares, possuíram grande apelo, que ao se verem enfermos, procurariam entre as diversas artes de curar que acabasse com o seu mal, entre eles: curadores, rezadores, benzedores, herbários³ e parteiras. Pedro Nava⁴, enfatiza que a medicina no Brasil, na passagem do século XVIII para XIX, era exercida, na sua maior parte, por curandeiros, que em meio a um emaranhado de filosofias

¹ Médico português naturalizado brasileiro, diplomado cirurgião pela Real Escola de Cirurgia de Lisboa. Ficou conhecido no Brasil por ser um dos discípulos de Benoit Mure o ajudando a divulgar a homeopatia no Brasil.

² ARLENE, A. B. Gazeta. **Com a varíola, nasce a saúde pública. Dossiê História & Saúde: História Viva**, N.134, **Manguinhos**, 2014.

³ que curavam doenças com uso de ervas e plantas medicinais

⁴ Pedro da Silva Nava foi um médico e memorialista brasileiro. Formou-se em Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais em 1927 e participou da geração modernista de Belo Horizonte. Médico, foi dos poucos não-juristas a assinar o Manifesto dos Mineiros. Dedicou-se a escrever sobre a história da medicina, sua obra mais conhecida na área é *Capítulos de História da Medicina no Brasil*, 1949. Nasceu em junho de 1903 e faleceu em maio de 1984.

médicas, utilizavam de forma rudimentar as técnicas que aprendiam com colonos brancos e com conhecimentos de práticas, porções mágicas e ervas curativas vinda das culturas indígenas e africanas.⁵ A visão de Nava sobre a situação médica no Brasil é passível de crítica, uma vez que se trata de uma obra memorialística, contudo, a sua escrita traça um panorama da sociedade naquele período, e mais, mostra o terreno ao qual a medicina científica enfrentaria, em um país onde uma parcela significativa da população recorria a tratamentos populares.

Com o decorrer do tempo, a progressiva evolução da medicina científica e a busca de seus adeptos por uma organização da prática médica alopata, fez com que pudessem, de forma mais efusiva, modificar o contexto do universo da cura, incluindo combater junto as autoridades públicas o curandeirismo e o “charlatanismo”, nome dado, de forma pejorativa, aos sujeitos que praticavam a arte de curar fora dos preceitos alopáticos e que exerciam a medicina ilegalmente. Nesse sentido, curandeiros, parteiras, espíritas, homeopatas e farmacêuticos sem diploma se viram perseguidos pelos esculápios alopatas, uma vez que as suas práticas não ameaçavam somente os princípios da ciência médica, mas também se apresentavam como concorrentes pelo monopólio do mercado da cura no Brasil. Esse clima tenso entre as práticas permeou-se pelo tempo, gerando diversos conflitos que moldaram a história da medicina brasileira.⁶

Em busca da modernização e equiparação das práticas médicas científicas em voga na Europa, os médicos que residiam buscavam se utilizar dos conceitos da medicina higienista⁷ e o seu discurso permeava entre os governos brasileiros, assumindo a necessidade de modificar o status, dando mais estrutura sanitária para combater as epidemias da época, contudo, essas políticas atingiam diretamente a população mais pobre do país. Ao serem encaradas, como destacou Chalhoub de classes perigosas⁸, muitos foram expulsos de suas casas, com a dupla justificativa de modernização da cidade e com o objetivo higienista de tirar do centro da cidade

⁵ NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro, 2003.

⁶ RODRIGUES, Silvio Ferreira. **SENHORES DA CURA:** negociações e conflitos no diversificado universo da cura no extremo norte do Brasil, 1889-1919. Artigo publicado na edição nº 44 da Revista Histórica de outubro de 2010.

⁷ O higienismo é uma doutrina que nasceu na primeira metade do século XIX, quando os governantes começaram a dar maior atenção à saúde e à moral dos habitantes das cidades. Considerava-se que a doença era um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana.

⁸ As classes perigosas eram as classes mais abastadas e pobres, geralmente proveniente da mão de obra escrava de origem africana, que viviam em condições precárias de vida em pequenos cortiços. O termo “perigosas” tinha um duplo sentido para os higienistas da época, evocavam tanto ao medo de revoltas e de ataques violentos que essas classes mais pobres poderiam fazer as elites, mas também se referiam as doenças contagiosas que se alastravam em meio as suas pequenas e aglomeradas moradias, que sem qualquer estrutura de saneamento, era um local de grande contaminação. **In:** CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril, cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das letras, 1996

o que os médicos da época entendiam como foco de doenças contagiosas naquelas pequenas residências coletivas.

No contexto higienista, os médicos alopatas utilizaram também o discurso como forma de combater e punir os concorrentes da medicina oficial, tanto que no advento da República no Brasil, já no seu primeiro código penal em 1890, com forte pressão dos médicos higienistas que lutavam e ocupavam cada vez mais o espaço institucional, introduziu artigos que visavam coibir a prática ilegal da medicina, as práticas da magia e do espiritismo e proibir o curandeirismo. Apoiado por muitos Estados, o enquadramento do exercício ilegal da medicina passou a ser uma medida palpável para os praticantes da medicina oficial combater seus concorrentes.⁹

Em meio a esse processo conturbado de formação da identidade médica alopata, houve diversas outras concepções médicas, que em meio a crises sanitárias colocaram em dúvida a eficácia de seus tratamentos, ao mesmo tempo que essas terapêuticas buscaram alcançar, em alguns casos, o mesmo patamar de medicina científica e uma dessas filosofias, ao qual se destaca é a homeopatia.

Acerca do surgimento da homeopatia, a maioria dos estudos sobre esta medicina ligam a Alemanha e, principalmente, ao dr. Samuel Hahnemann¹⁰, alopata de formação, que, após uma série de desilusões com o tratamento utilizando os preceitos alopatas, resolve se afastar da clínica e dedicar-se ao estudo teórico e tradução de obras antigas. Hahnemann passou a se interessar pelo estudo das matérias médicas e a produzir vários volumes de um Dicionário Farmacêutico, onde passou a ter contato com a obra do químico escocês William Cullen¹¹. O escocês teria formulado e descoberto a cura da malária através do uso da cinchona¹², o alemão, descrente da descoberta de Cullen, resolveu ingerir um pouco da casca da cinchona, e a reação do seu corpo foi similar aos sintomas da malária: febre alta, tremores e dores nas articulações. Esse caso teria sido o ponto inicial que levou o médico a formular uma das principais características da homeopatia: a lei dos semelhantes, através de doses infinitesimais. Dessa

⁹ WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense, 1889 -1928*. Bauru: EDUSC, 1999.

¹⁰ Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, alemão de nascimento, viveu de 1755 a 1843. Filho de um operário luterano, pobre portanto, sustentou seus estudos de medicina com a tradução de textos franceses, ingleses e italianos para o alemão, aproveitando seu pendor para as línguas, tendo se doutorado aos 24 anos em 1779 pela Universidade de Erlagen.

¹¹ William Cullen foi um químico e psiquiatra escocês. Willian Cullen iniciou em 1726 curso de artes e estudos gerais na Universidade de Glasgow. Interessado em medicina, foi aprendiz de cirurgião apotecário com John Paisley, em Glasgow. Em 1729 trabalhou como cirurgião para a Companhia das Índias Ocidentais.

¹² Cinchona é um gênero de aproximadamente 40 espécies da família Rubiaceae. São arbustos de folhagem persistente naturais da região tropical da América do Sul que crescem entre 5 e 15m de altura. Algumas espécies produzem o **quinino**.

forma, essa característica se baseia na ingestão de um medicamento em um indivíduo são, que seja capaz de produzir os mesmos efeitos das doenças ao qual o remédio se destina a tratar, essa experimentação leva o médico a aplicar em seu paciente pequenas doses do medicamento, levando o enfermo a produzir em seu corpo uma “doença artificial” no organismo que já luta contra doença natural, ocasionando a sobreposição da doença artificial contra a doença natural, e possibilitando o equilíbrio do organismo do indivíduo.¹³

O alemão, tido como o pai da homeopatia, postulou a sua prática médica através do princípio *Similia Similibus Curantur*, este princípio que surgiu com Hipócrates, e em sua base trataria a enfermidade com o mesmo agente causador da doença, ou seja, o semelhante cura-se através do semelhante. Hahnemann possui a influência na sua obra das teorias vitalistas do século XVIII, dessa forma, a força vital, princípio não material que sustenta a vida humana, responsável direto pelo equilíbrio orgânico do corpo que se transfigura como saúde, o desequilíbrio dessa força, seja por influência interna (vírus, bactérias e etc) ou externa (relações sociais) geram a doença. O organismo sem a força vital, não se sustenta, de modo que a força vital não existe sem o organismo, são forças complementares, sendo a força vital invisível e imaterial, ela só pode ser percebida pelos seus efeitos no organismo.¹⁴

A homeopatia de Hahnemann se baseia na verdade experimental, ou seja, para se comprovar a eficácia do seu medicamento, o homeopata deve produzir em um indivíduo são os mesmos sintomas que a enfermidade que queira tratar, essa teoria ia de contra a alopatia e um dos descontentamentos do alemão acerca da ciência médica oficial, ao qual ele classifica como excessivamente hipotética nos seus métodos, dessa forma, o tratamento da enfermidade deveria ser pautado na experiência conjugado com a observação, de onde a verdade fosse extraída dos fenômenos observáveis e generalizada pela indução. O médico homeopata deveria optar em utilizar a terapêutica menos dolorida do que a doença, assim, o médico homeopata deveria seguir três princípios básicos: a lei dos semelhantes, as doses infinitesimais e a prescrição individualizada.¹⁵

Inspirado nas bases vitalistas acerca da natureza das doenças, Hahnemann busca romper com a forma de utilização dos medicamentos e terapêuticas galênicas, ao qual o alemão acreditava que eram ineficientes e extremamente degradantes ao enfermo; com isso ele fórmula

¹³ MADEL, T. Luz. **A Arte de Curar versus a Ciência das Doenças: História Social da Homeopatia no Brasil**. São Paulo, Dynamis Editorial, 1996.

¹⁴ SIGOLO, Renata Palandri. **Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX**. Editora UFPR- Curitiba, 2012. P. 20.

¹⁵ REBOLLO, R.A. **Ciência e metafísica na homeopatia de Samuel Hahnemann**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia, 2008. P. 25.

a sua terapêutica com a aplicação gradual, menores, diluídas, dinamizadas e potencializadas do seu medicamento, observando com máximo rigor os seus efeitos, para isso, era necessário a individualização do paciente, isto é, a personalização de doses e medicamentos em função de um quadro sintomático individual, acompanhados de uma entrevista detalhada com o paciente para saber a origem da sua enfermidade, incluindo aspectos da sua vida social, sua saúde mental, emocional e econômico. Essa característica da homeopatia vem em contraposição, e como crítica, a utilização de medicamentos prescritos em função de patologias específicas, ou seja, o homeopata tratava o doente e não a doença.¹⁶

A teoria hahnemanniana, mesmo sendo vitalista, possui influência do “materialismo substancial”, que se aproximam das concepções newtonianas sobre a matéria, isto é, a matéria possui ativos corpóreos ou incorpóreos (força vital) que podem nos processos químicos e fisiológicos entram em interação, dessa forma, “A interação ou o movimento entre os corpos, no caso dos princípios incorpóreos, não ocorre através do contato, mas pela transferência do movimento à distância, por meio de uma força intrínseca à matéria”, assim os princípios dos medicamentos de Hahnemann sobre a força vital e a ação dinâmica dos medicamentos articulam-se com as teoria de Newton sobre atração e repulsão da matéria. A própria observação dos efeitos do medicamento e as experimentações, interpretando os fenômenos gerados pelos mesmos no enfermo, seriam herança dos postulados de Newton.¹⁷

Hahnemann, ao publicar o *Organon da Arte de Curar (1810)* lança na sociedade aquilo que seria para muitos os princípios fundamentais da homeopatia; a publicação, que após revisada fora republicada em outras seis edições, trazia os elementos que, para o autor da obra, caracteriza as bases da homeopatia, além de a colocar no caminho da ciência. É justamente através da obra que a filosofia de cura ganhara status de terapêutica na Europa, e com o tempo se espalhou pelo mundo.

Tal experiência orientou o médico a criar os princípios médicos homeopáticos que não demoraram a ganhar espaço na Europa e tão pouco no Brasil, através de Benoit Mure. É importante salientar que a homeopatia recebera desde a sua origem resistência por parte da ciência médica, que, através de artigos científicos, tentara refutar a descoberta de Hahnemann.

Esta pesquisa busca analisar os conflitos existentes no Pará entre os médicos homeopatas *versus* alopatas no período de 1914 a 1924, e, ainda, mostrar a atuação das práticas do espiritismo, permeando entre as duas. Tendo em vista o monopólio da ciência médica da

¹⁶ Op. Cit. RABELLO, 2008. P. 120.

¹⁷ Op. Cit. SIGOLO, 2012. 17, 18.

época, que era alopática, há também no mesmo período um acentuado crescimento da homeopatia no país, pois segundo Madel¹⁸, os 150 anos de institucionalização da homeopatia se dividiram em 6 períodos de conjunturas institucionais distintas, que inicia na chegada da medicina em terras brasileiras, até os meados dos anos de 1990, onde a homeopatia passa a ser considerada como medicina alternativa. Contudo, dentre esses períodos, o recorte se perpassa no chamado período áureo (1990-1930), onde passado o período de resistência, os homeopatas começam a conquistar o seu espaço, e a somar feitos que almejavam a equiparação com a medicina alopática, que iam desde a construções de hospitais homeopáticos até a faculdade hahnemianna no Rio de Janeiro em 1912.

No decorrer deste trabalho, dois médicos homeopatas se destacaram, os Drs. Zacheu Cordeiro e José Teixeira Matta Bacellar, sendo o último espírita, apareceram com certo destaque no trabalho, pois ambos foram os principais expoentes da prática na região durante o período. Haverá também discussão sobre o espiritismo e a medicina, ainda que a religião encontre no modelo homeopata características que chamam a sua atenção, levando-a a abrir um centro de cura espírita com remédios homeopatas. Também estará presente na pesquisa o processo de esquecimento que os médicos homeopatas sofreram pela historiografia.

O recorte cronológico se fecha neste período de 1900 a 1930¹⁹, que seria o momento de maior sucesso da pesquisa homeopática em todo país e o período de maior reconhecimento da mesma. É nesse momento que a homeopatia passa ser aceita como prática médica e ganha status acadêmico e faculdade específica no Estado do Rio de Janeiro. O recorte inicia com a criação da sociedade médico-cirúrgica do Pará, por entender que essa foi um grande passo dado pelos alopatas no sentido de uma construção da identidade médica na região, e nesta ocasião, assim como nas demais, vamos perceber a ausência dos homeopatas. O recorte se fecha no assassinato de Zacheu Cordeiro, por motivos de concorrência pela utilização do assacú, levando o dr. Mamerto²⁰ a cometer o crime. Entender os motivos do conflito e como a imagem dos homeopatas fica após o assassinato é um dos objetivos da pesquisa, e, principalmente, entender qual será a reação da sociedade civil e da área médica alopata com a morte de um colega de profissão, mesmo que esse não siga os conceitos da alopatia, a posição do governo também terá

¹⁸ Ibid, 1996.

¹⁹ MADEL, Op. Cit, 1996. Madel na sua tese vai elaborar, de certa forma, toda uma cronologia da homeopatia no Brasil, tendo como base o Estado do Rio de Janeiro. Ela vai identificar o crescimento da homeopatia, com a instalação das primeiras universidades ligada a arte médica. Cabe também perceber a necessidade dos homeopatas criarem a sua faculdade, tendo em vista, que em muitos cursos regulares de medicina alopata nem se quer em uma disciplina a homeopatia era falada.

²⁰ Há pouquíssimos registros sobre o colombiano; ele se autointitulava médico e militar, porém nunca apresentou documentos comprobatórios.

grande relevância. Esse período marca também a discussão sobre o efeito do assacú no tratamento contra lepra, levando o Dr. Zacheu Cordeiro a escrever diversas vezes no jornal *O Estado do Pará* no ano de 1921.

A escolha do tema surgiu pelos poucos trabalhos sobre a homeopatia no território nacional, tendo todo um caminho a percorrer com essa pesquisa: a hemopatia como uma das concepções médicas concorrentes da alopatia no momento que a classe médica organizada em associação procurava se consolidar. Além disso, os questionamentos acerca da história homeopata e a sua atuação na formação da identidade médica regional chama atenção, principalmente, quando se estuda as principais fontes historiográficas que tratam do assunto e delas poucas coisas se encontram sobre esta arte de curar. Há certo esquecimento da contribuição e da existência desses profissionais na região e entender o porquê que isso ocorre é intrigante.

Outro ponto que desperta interesse neste tema se encontra na pessoa de José Teixeira Matta Bacellar: Baiano, médico alopata formado na faculdade de Medicina da Bahia, uma das duas únicas faculdades da área, sendo a outra na capital o Rio de Janeiro, com especialização no ramo da Homeopatia e escolheu a província do Grão-Pará para exercer sua profissão, chegando em 1886 e fazendo da cidade de Santa Izabel do Pará o seu lar, terra em que viveu até a sua morte. A presença de homeopatas nos interiores fora observada tanto em São Paulo, por Bertucci, quanto no Rio Grande do Sul, por Weber, mostrando que apesar de cada região ter características singulares no modo de agir do homeopata, há, ainda assim, características que os ligam como profissionais. A busca pelo interior foi uma forma de atrair mais clientela e seguidores para a prática, tendo em vista o constante caos da saúde pública vivenciado nesses locais.²¹ A busca dos interiores era também uma forma que os homeopatas viam de fugir dos constantes ataques dos rivais alopatas, já que clinicar em localidades com pouca fiscalização, daria mais liberdade para trabalhar a sua prática.

A ligação dos homeopatas com o espiritismo também chama atenção pela forma particular de cura homeopata, preocupada com o equilíbrio da força vital do paciente, faz com que a religião espírita se aproxime e utilize a terapêutica em seus centros.²² No Pará, haverá diversas tentativas de contatos entre os espíritas com o médico Zacheu Cordeiro, que chegou a publicar uma carta aberta em um grande jornal da época convidando para assistir uma de suas

²¹ WEBER, 2006. Passim.

²² BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, 445 p.

sessões de cura com remédios homeopatas.²³ Além disso, o dr. Matta Bacellar era um médico declarado espírita. Assim é importante ressaltar a dificuldade de encontrar memórias acerca dos homeopatas, porém quando encontrada, essas estão, geralmente, ligadas ao conflito contra os alopatas. Portanto, essa disputa estará sempre em pauta no decorrer do trabalho.

O teor, de certa forma, ficcional ou exagerado utilizado por Zacheu Cordeiro nas páginas do jornal, ao empregar a homeopatia como verdadeira ciência médica ou outros termos fortes e polêmicos que o médico se utiliza para tratar da sua terapêutica em detrimento da sua concorrente, não pode ser deixado de lado. Dessa forma, entender que o médico não queria escrever para os seus iguais e sim para todos aqueles que pudessem lê-lo e pudessem também o entender para que, assim sua prática médica ganhasse novos adeptos.

O cuidado ao se ler as fontes torna-se de suma importância, uma vez que as fontes são dispostas ao trabalho pelos dois lados da história, ou seja, a escrita das fontes terá, na maioria das vezes, um médico alopata ou homeopata como autores, a falta de cuidado pode levar o trabalho a se tornar parcial a qualquer dos lados. Contudo, não podemos deixar passar despercebidas as poucas palavras dos homeopatas ao qual conseguiu-se encontrar, pois é justamente a partir das palavras de Cordeiro que poderemos analisar os conflitos pela disputa do mercado da cura entre os médicos alopatas e os médicos homeopatas no Pará.

Além disso, entender que a falta de memória acerca dos médicos homeopatas e até mesmo o pouco trabalho acerca da história dessa medicina, pode ser um forte indicador do conflito, então entender e problematizar essa falta de memória se faz necessário nesse trabalho. Para isso, traçar um fio que indique como atuavam os médicos homeopatas no Brasil, buscando incorporar características gerais da prática médica e, além disso, perceber a característica própria da prática pelos médicos da região, se faz necessário para melhor entender o conflito. Cabe também uma análise da prática homeopata e da sua constante ligação com a religiosidade, principalmente, com o espiritismo.

O nascimento da clínica médica se liga diretamente com a institucionalização da medicina e ao seu dever cada vez mais ligado a ciência. Os práticos médicos, buscaram se afastar da imagem da medicina da Idade Média, quando se acreditava que a doença e a cura eram bençãos de Deus e que somente ele poderia atuar sobre o indivíduo, cabendo ao médico

²³ SILVA, Jairo Nascimento. **Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica, entre 1889 a 1925.** Tese de doutorado Orientadora: Maria Amélia Mascarenhas Dantas. USP, 2014.

apenas auxiliar nesse processo com supervisão e com a utilização de práticas como a sangria²⁴. Assim, a medicina atuava como ferramenta para salvar a alma do indivíduo e não pesando na sua cura, pois esta seria designo de Deus. Com a modernidade a medicina passa ter outro papel na sociedade, se antes ela tinha como seu único objetivo salvar almas, agora passaria a buscar diretamente a cura do indivíduo, atuando junto com fórmulas, remédios, operações, ou seja, a cura saiu da “mão de Deus” e passou para a dos médicos. Essa transformação possibilitou o nascimento das clínicas médicas e a transformação da função do hospital, que na idade média era utilizado como um lugar de exclusão, onde eram encaminhados loucos, leprosos e mendigos. O hospital se tornou um lugar privilegiado de observação do enfermo e de práticas da medicina científica, ou seja, o hospital passou a ser também um lugar de trabalho médico e de imposição da sua filosofia de cura, afastando daquele lugar todo e qualquer tipo de curandeirismo.²⁵

O fator social do doente começa a ganhar novos contornos com as novas teorias médicas da clínica médica, o enfermo passa ser visto de forma individual no seu tratamento, passa a receber menos tratamentos gerais que tratavam sintomas em vez da própria doença, além de que novos aspectos acerca da vida do enfermo passam a interessar o médico no decorrer do seu diagnóstico.²⁶ O entendimento acerca da doença também passa por mudanças, doenças antes altamente estigmatizadas, como a lepra, que em muitas vezes é vista como um castigo divino, uma marca de degeneração da alma, passará ser mais estudada e a se produzir mais conhecimentos científicos acerca dela. A elaboração do diagnóstico médico sobre essas doenças buscara diminuir o estigmatizar da doença, onde em alguns casos funcionará, outros não.²⁷

A medicina moderna implicou no surgimento de novas formas de conhecimento e nova prática institucional, o hospital que era um local de assistência ao pobre e um ambiente preparatório para a morte, torna-se um lugar de exercício médico, um lugar de cura. Ou seja, a criação da clínica implica em um saber sobre o indivíduo como corpo doente que exige intervenções que deem conta de suas singularidades. Contudo, Foucault, enfatiza a criação da

²⁴ A **sangria** é uma modalidade de tratamento médico que estabelece a retirada de sangue do paciente como tratamento de doenças. Pode ser feita de diversas maneiras, incluindo o corte de extremidades, o uso de sanguessugas ou a flebotomia.

²⁵ FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

²⁶ CUNNINGHAM, Andrew. Identifying disease in the past: cutting the gordian knot. *Asclepio*, v.54, n.1, 2002, pp.13-34

²⁷ ROSENBERG, Charles. The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience In: ROSENBERG, Charles. *Our Present Complaint: American Medicine, then and now*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

medicina moderna como uma forma de poder, onde está se impões como poder ordenador, tirando espaços e criando conflitos com sujeitos externos as suas práticas.²⁸

O nascimento da medicina moderna, que busca separar a medicina da religião, tira o foco da cura, que antes era somente o indivíduo, e passa a analisar a partir de seu “mal-estar”. O paciente também muda, e passa a procurar um médico desde a sua percepção dos sintomas.²⁹

A medicina passa a ser institucionalizada, nesse processo a alopatia assume o espaço de ciência, com criação de universidades e cursos médicos com a sua filosofia de cura.³⁰ No decorrer do processo histórico, as outras formas de prática de cura, apesar de logo serem renegadas pela ciência, passam a buscar o seu lugar na sociedade e tratar seus pacientes, mesmo com a perseguição sofrida por parte dos médicos alopatas. Mesmo sem o status de ciência, a homeopatia surge como alternativa para a cura, porém como concorrente direta da medicina alopática. Com o decorrer da história essa concorrência ganha o patamar de conflito, onde cada medicina busca meios que lhes são acessíveis para assumir um papel de destaque dentro desse mercado e, também do meio filosófico, científico e técnico.

Desde Hahnemann o conflito entre homeopatas e alopatas já se desenhava, no seu livro, que se tornou a mais importante obra homeopata, o médico fala:

A velha medicina (alopatia), a fim de dizer algo em geral, pressupõe no tratamento das doenças, ora uma (nunca existente) superabundância de sangue (plethora), ora uma substância morbífica e acridades, fazendo, portanto, escoar o sangue vital, esforçando-se, ora para expulsar a matéria morbífica imaginada, ora para desviá-la (através de vomitivos, laxantes, sialagogos, sudoríficos e diuréticos, vesicatórios, meios que favorecem a supuração, cautérios etc) na suposição de poder enfraquecer e suavizar materialmente a doença, aumentando, contudo, os sofrimentos do doente, retirando, assim, do organismo, como também através de seus medicamentos, as forças e os humores vitais indispensáveis à cura. Ela agride o corpo com grandes e, muitas vezes, amiúde, reiteradas doses de fortes medicamentos, cujos efeitos prolongados, não raro terríveis, ela desconhece e que ela, ao que parece, aplica-se em tornar desconhecidos, através da mistura de várias dessas substâncias desconhecidas em uma fórmula medicamentosa, provocando, assim, no corpo doente, por meio de seu emprego prolongado, novas doenças medicamentosas, em parte ainda mais impossíveis de ser erradicadas.³¹

O homeopata inicia o seu texto chamando a alopatia de velha medicina, um comentário bastante forte para introduzir o seu argumento, além disso, o alemão, que possuía diploma de alopatia, continua a fazer várias críticas aos métodos da alopatia, mostrando que esses além de serem ineficazes, traziam ainda mais dor aos enfermos. O médico não só questiona a eficácia

²⁸ FOUCAULT, Op. Cit. 1998.

²⁹ QUEIROZ, Marcos de Souza & CANESQUI, Ana Maria. **Antropologia da medicina: uma revisão teórica.** Ver. Saúde públ., S. Paulo, 20(2):152-64, 1986. P. 45

³⁰ Ibid., p. 50.

³¹ HAHNEMANN, Samuel. *Organon da Arte de Curar.* 6ª edição. Tradução de Edméa Marturano Villela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p. 8-10.

do campo médico alopata, como também coloca a homeopatia como uma evolução científica da medicina, seus métodos voltados mais para os pacientes, fazem dela melhor que a sua rival; desde o começo as medicinas já trocavam acusações, que com o passar do tempo, se mostraria como conflito entre as terapêuticas.

O conflito entre alopata e homeopatia vai ser percebido por vários cantos do Brasil, como no Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e outros Estados. No Estado gaúcho, o cenário do conflito vai marcar a república, pois nos anos de 1920 a homeopatia terá o seu auge, gerando grande ameaça aos alopatas, mesmo esses fazendo grandes esforços para difamar os médicos homeopatas, taxando suas práticas como sem fundamentação científica e sem êxito terapêutico.³² A década antes da tomada do poder por parte do Vargas, marcou também o Estado como sendo um período de constante discordância entre seus cidadãos, tendo em vista que o advento da república pouco mudou a realidade do país, caracterizando uma “modernização sem mudanças”³³ baseado ainda nas características imperiais, fazendo com que vários grupo, com a necessidade de proteger as crenças e tradições, se manifestassem a favor da eleição de Vargas, incluindo os homeopatas, que apoiaram o golpe de Estado que levou Getúlio Vargas para a presidência do Brasil, acreditando que essa mudança poderia levar a uma revolução na sociedade e proporcionar mais liberdade para novas filosofias médicas.³⁴ Contudo, os médicos alopatas gaúchos se estabilizaram como porta voz das diretrizes do Estado varguista após 1930, buscando responsabilizar os indivíduos pelos seus próprios males, se mostrando parte de um “projeto nacional” pautado no autoritarismo e com uma postura eugenista.³⁵

Em São Paulo, o conflito entre as práticas médicas vai se tornar mais evidente em plena pandemia da gripe espanhola em 1929. Diante do pouco conhecimento acerca de uma doença tão fatal, que em pouco tempo já havia levado a óbitos centenas de mortos na capital paulista, várias filosofias médicas observaram uma oportunidade de ganhar mais público durante essa crise global, como a homeopatia o fez. Os médicos homeopatas do Estado aproveitaram para atacar a alopata, por conta da falta de resposta da ciência médica alopata para a doença,

³² BERTOLLI FILHO, Claudio. A doutrina homeopática no Brasil: os anos 30. Revista de Homeopatia, São Paulo, v.53, n.2, p.5-12. 1988.

³³ Gertz, René. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2002.

³⁴ WEBER, Beatriz Teixeira. **Estratégias homeopáticas: a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul nos anos 1940-1950**. Rio de Janeiro, 2011.

³⁵ BERTOLLI FILHO, Claudio. A doutrina homeopática no Brasil: os anos 30. Revista de Homeopatia, São Paulo, v.53, n.2, p.5-12. 1988.

chegando alguns homeopatas a oferecerem uma cura para a doença com a utilização da quina³⁶ que foi amplamente consumida pelos paulistas, mas acabou se mostrando sem efeito.³⁷

No Pará, o dr. Zacheu Cordeiro despontará como o principal homeopata da capital paraense, seu trabalho começará a ser notado no estado a partir da utilização do assacú como cura da lepra. O médico passará então a defender a mesma, criando uma grande polêmica na cidade sobre a eficácia do remédio, enquanto isso, o médico publicará no jornal O Estado do Pará, diversos artigos defendendo a sua fórmula, e aproveitará também para explicar um pouco mais da homeopatia e criticar o modelo de cura alopático; a partir das palavras do homeopata e da polêmica do assacú, poderemos observar o conflito no Pará.

O presente trabalho busca, por meio de fontes documentais, periódicos, relatórios de governo e entre outros, analisar as práticas médicas do período correspondente 1914 a 1924, evidenciando a disputa entre as medicinas homeopatas e alopatas. A metodologia de pesquisa deste trabalho será, acima de tudo, de análise das fontes e dos debates teóricos acerca do conflito entre as formas de prática da medicina. Os médicos, tanto os homeopatas quanto os alopatas, se utilizaram de mídias sociais para popularizar suas práticas em meio à sociedade, contudo, vamos perceber uma diferença na escrita dos anúncios das duas práticas, enquanto a alopatia, tendo mais espaço e o arcabouço de ciência, pauta os seus anúncios em uma pura divulgação do seus métodos de trabalho, de acordo com cada médico, sem se preocupar em explicar o que é a alopatia, na homeopatia, que antes de falar de sua fórmula, busca trazer uma pequena formação acerca do que é a homeopatia, as origens da prática e como ela pode ser utilizada por todos, sendo uma ciência médica, além disso, vamos perceber que jornais, rádios e livros foram sistematicamente lançados com o objetivo de trazer mais adeptos a prática de cura homeopata.³⁸

A análise dos jornais mostra-se necessária, uma vez que fora utilizada como ferramenta de divulgação científica por parte de ambas as medicinas, no entanto, a utilização de outras fontes se faz necessária no trabalho, para isso, a análise dos relatórios governamentais é de suma importância. A não presença dos homeopatas nos relatórios de governo, enquanto os alopatas, sempre que necessário, são citados, mostra qual era a “posição” do Estado em meio a

³⁶ Quina ou quinina é um alcalóide de gosto amargo que tem funções antitérmicas, antimaláricas e analgésicas. É um estereoisômero da quinidina. O sulfato de quinina é o quinino. É extraída da quina. A quinina, pó branco, inodoro e de sabor amargo, é uma substância utilizada no tratamento de malária e arritmias cardíacas.

³⁷ É importante observar a utilização da quinina pelos homeopatas, como percebemos, desde hahnemann, ela já era utilizada, e foi justamente a utilização dela que levou o médico a elaborar as diretrizes homeopáticas.

³⁸ WEBER, Beatriz Teixeira. **Estratégias homeopáticas: a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul nos anos 1940-1950**. Rio de Janeiro, 2011.

esse conflito. Entende-se também, que muitos dos alopatas participavam do governo e com isso, aumentavam ainda mais as barreiras entre as práticas.

Ao se analisar o porquê da divulgação dos feitos e medicamentos homeopáticos em jornais, este trabalho debate sobre essa prática como forma de atingir o público leigo, que está fora do ambiente científico médico, e popularizar a prática. Além disso, a produção de livros sobre tratamentos homeopáticos que eram divulgados e distribuídos para que a massa leiga pudesse lê-los também ajudava na divulgação.³⁹

Essa forma de divulgação homeopática era vista como motivo de piada entre os alopatas. Pois, a divulgação de remédios e tratamentos em jornais era considerada pelos médicos alopatas como anticientíficas e apenas com intuítos comerciais, para eles, as descobertas da ciência médica necessitavam ser publicadas em revistas especializadas, trazendo à tona o debate do charlatanismo. Charlatões eram indivíduos, podendo ser médicos ou não, que se utilizavam das práticas de curas clandestinas,⁴⁰ porém, pode se perceber nos jornais de meados do século XIX uma infinidade de anúncios de tratamentos e práticas médicas, sendo elas, na sua maioria, de médicos alopatas, mostrando certa incoerência com as suas falas e suas práticas, na criação de um campo que representa um espaço simbólico, no qual lutas dos agentes determinam, validam, legitimam representações, dessa forma a sociedade via estabelecendo os seus campos intelectuais.⁴¹

Desta forma, análise de jornais será uma das fontes de grande importância deste trabalho. Sendo um grande veículo de comunicação da época, a utilização de fontes impressas trará a este trabalho uma riqueza maior de informações e dados. Além disso, a discussão teórica sobre o tema também se faz importante, para o trabalho ganhar peso teórico. E pensando nisso, jornais da época, diários oficiais, jornais religiosos e entre outros, farão parte da pesquisa deste trabalho.

Ao não se encontrar nada em fontes oficiais, relatórios de governo ou outros elementos de comunicação governamental e quando encontrado a descrição oferecida acerca dos praticos da área era de uma visão totalmente distorcida ou visões de médicos alopatas fazendo duras críticas e pondo em desuso a medicina homeopática, houve a busca por outras fontes, fontes essas que continham as vozes dos médicos homeopatas, para que mesmo que de forma

³⁹ Id., 2006.

⁴⁰ SILVA, 2011. Passim.

⁴¹ BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. (Org). *Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro; Zahar, 1968. P. 105-145.

extraoficial, pudessem dar a sua visão dos fatos, possibilitando aos indivíduos históricos a ação da palavra, algo que geralmente lhes são renegados perante os seus dominantes.⁴²

O trabalho se dividirá em três capítulos onde tratará de diversos temas gerados através do embate entre as terapêuticas, contudo, a divisão do trabalho se dará de forma diferente, trarei para o primeiro capítulo o tema que é o recorte final do trabalho, com a finalidade de introduzir como se dava a imagem da homeopatia na sociedade e qual era a posição que o dr. Zacheu Cordeiro ocupava perante a sociedade médica e o governo, a partir das mobilizações de sua morte. Com isso, trazer esse capítulo para o patamar de introdutor do trabalho, tem a justificativa de trazer à tona como a sociedade, civil e médica, despertará a sua atenção ao tema, tentando observar também como se dará todo o conflito sobre a lepra e a cura pelo assacú.

O **primeiro capítulo** intitulado de *Memórias fúnebres de Zacheu Cordeiro: a morte do homeopata*, tem como objetivo principal analisar o assassinato do médico homeopata Zacheu Cordeiro, buscando entender o que levou a sua morte, bem como entender quem praticou e por que cometeu o assassinato. Além disso, analisar a reação da sociedade civil perante a morte do médico e a reação dos médicos alopatas e do governo. Sendo assim, o capítulo apresentará quatro subtópicos com o intuito de aprimorar e organizar a discussão.

O primeiro subtópico chamado de *“Crime bárbaro”: médicos homeopatas entre a cura e a morte*, apresentará uma discussão inicial do assassinato do dr. Zacheu Cordeiro, buscando responder quem era o dr. Zacheu Cordeiro, como se tornou médico, sua prática como homeopata, além de buscar entender sua ligação com o assacú, a erva que será o ponto chave para entender o assassinato do médico.

No segundo, intitulado *Charlatão, médico homeopata ou assassino? O algoz do dr. Zacheu Cordeiro*, fará uma discussão sobre quem é o assassino de dr. Zacheu Cordeiro, o também homeopata Mamerto Cortés. Mamerto é colombiano e desde a sua chegada ao Brasil é motivo de polêmicas e acusações de charlatanismo, após o assassinato quando questionado pela polícia acerca de seus documentos que comprovassem que era médico, não soube responder e não apresentou qualquer documento. Fora isso, há alguns dias antes do assassinato, ele já havia recebido uma solicitação para que se retirasse do país por conta da sua falta de comprovação de que era médico e por isso a sua atuação era ilegal. Nesse ponto, também será apresentado a carta em que o colombiano escreve a sua versão do assassinato para as autoridades e para a sociedade.

⁴² DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O terceiro subtópico, intitulado *A carta do Mamerto Cortes para Zacheu Cordeiro* apresentará a versão do assassinato do acusado, os motivos que o levou a cometer tal crime contra o seu colega de profissão e socio. Por meio de uma carta enviado por Mamerto Cortés para o próprio dr. Zacheu Cordeiro antes do assassinato, e amplamente estampada nos jornais após o crime, o colombiano trará por meio de suas palavras, um desabafo, que depois soará como uma premeditação de seu crime.

Mobilizações e luto: o homeopata, apesar de tudo, era um médico! é o título do último subtópico do primeiro capítulo, que objetiva ser o derradeiro desse capítulo, ao buscar analisar como a sociedade médica e o governo vão reagir a morte do médico, e como será o enterro do médico, quem estará presente e por fim, como será a reação da mídia em relação a esse terrível assassinato.

Como já mencionado, o capítulo busca entender como um crime terrível que irá culminar na morte de um médico será sentida pela sociedade, tendo em vista que ele não era um alopata, e sim, um homeopata. Para a conclusão deste capítulo e para encargo teórico, dialogarei com os trabalhos de Silva (2014), Gomes (2019), Vieira (2014), Foucault vários trabalhos, Chartier, Luz (2014), Weber (2011). Quanto as fontes, serão utilizados os jornais da época, sendo *A Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e *A Província do Pará*, que fizeram a cobertura da morte do doutor, além dos jornais também será utilizado a carta do Mamerto Cortés e a revista *A Semana*.

No segundo capítulo intitulado de *Em Doses Homeopatas: Considerações Acerca das Medicinas*, a discussão passará a ser mais teórica, trarei uma discussão sobre a inserção da medicina homeopata no Brasil, bem como as especificidades que a prática ganhará no Brasil, além disso, será tratado a formação da identidade médica alopata no Pará, que se estabilizará no país como ciência e moldará as leis sobre a prática médica; haverá também um espaço de discussão sobre religião e ciência, encabeçado entre a busca de união entre espíritas com a homeopatia. Este capítulo será dividido em quatro partes.

A primeira parte, *A Homeopatia no Brasil: As singularidades da arte de curar nos trópicos*, que buscará apresentar como ocorreu a chegada da homeopatia no Brasil, como será a sua adaptação a cultura brasileira e como ela será recebida pelos médicos alopatas do país. Para o debate, serão utilizados os trabalhos de Bertucci (2011), diversos trabalhos de Weber sobre a homeopatia no Rio Grande do Sul, do Pereira Neto (2014) e Luz (2014).

Na segunda parte, intitulada *Nos caminhos das curas: As artes de curar no decorrer do tempo*, será traçado um levantamento da medicina alopata no Brasil e no Pará, como essa se

estabilizará como medicina científica e criará métodos para coibir as medicinas alternativas. Serão dialogados com os trabalhos de Beltrão, Sousa (2019), Silva (2014), Rodrigues (2017).

Na terceira parte intitulada de *Os Matta Bacellar e a interiorização da homeopatia*, abordarei a introdução da homeopatia no interior do Estado através de José Teixeira Matta Bacellar.

Para a última parte, reservou-se a discussão sobre a junção da homeopatia com o espiritismo em solo brasileiro, com o título de *Homeopatia e Espiritismo: a ciência e a fé contra a enfermidade*. O tópico ficará responsável por analisar como esses laços serão mantidos no Brasil e como a Liga Espírita Paraense vai utilizar a medicina homeopata para tratar os seus enfermos e como eles tentarão levar o dr. Zacheu Cordeiro para o espiritismo, a partir de uma carta aberta à imprensa de Carlos Sousa membro da liga espírita convidando-o para uma sessão de cura espírita.

Portanto, esse segundo capítulo terá como objetivo tratar, de forma mais teórica, o que é a homeopatia no Brasil, como ela vai se configurar, o que vai ser diferente da proposta por Samuel Hahnemann na Alemanha e como ela é praticada aqui. Entender também a singularidade dos homeopatas paraenses e traçar um perfil de como o alemão trabalha na região. Por fim, mostrar o debate acerca da homeopatia e o espiritismo, como a fé e a ciência se juntaram e criaram laços para a cura de seus enfermos.

No **terceiro capítulo**, o último desta dissertação, titulado de *Homeopatas Versus Alopatas: O Conflito Anunciado*. Apresentará as principais discussões que levaram ao desfecho da dissertação, mostrando os âmbitos que levaram ao conflito entre os médicos e como ocorrera a perseguição aos homeopatas, e como o dr. Zacheu Cordeiro se tornara o porta voz da homeopatia e começara a publicar diversos artigos defendendo a sua terapêutica e ao mesmo tempo atacando a rival. Este capítulo será dividido em quatro partes.

Na primeira parte, "*A obra de um gênio*": *As estratégias homeopatas e alopatas nos jornais paraenses*, a utilização dos jornais fora vista em várias regiões do Brasil como estratégia de divulgação das práticas homeopáticas que tanto são cerceadas pela perseguição alopatáica. Além de divulgar, poderá perceber um conflito dentro dos jornais da região, onde o médico homeopata Zacheu Cordeiro se utilizará desse meio de comunicação para enaltecer a sua prática, assim como atacar a medicina contrária.

Em doses infinitesimais: o conflito entre homeopata e alopatia nas falas de Zacheu Cordeiro. É o título da segunda parte do último capítulo, nela serão discutidos os artigos do médico e será feita uma análise do seu discurso e de como ele será apresentado para o grande

público. O médico só terá espaço para expor o seu trabalho no Jornal o Estado do Pará, que apresentava certa oposição ao governo do Estado, mostrando de qual lado o governo estava nessa disputa. Serão utilizadas as fontes de jornais e os trabalhos de Silva (2014), Sousa (2019), Chartier (1990), Souza e Bentes (2012), Zambini (2001).

Na terceira parte, *A polêmica do assacú: da cura da lepra ao assassinato do doutor*, será feito um apanhado geral acerca dessa erva tão famosa e cobiçada na região, em que muitas acreditavam ser a cura da lepra, o próprio dr. Zacheu a utilizará como fórmula de cura para a doença, porém segundo trabalho de Amador (2015), a erva já era utilizada como tratamento para a sífilis.

E por fim, *As marcas do conflito: da perseguição ao apagamento da memória*, a quarta e a última parte que caberá discutir sobre como esses médicos homeopatas eram perseguidos pelos alopatas e como essa perseguição deixara a sua marca, levando a um processo de apagamento da memória da homeopatia no estado. Um sintoma desse conflito se perpassa até mesmo por esse trabalho, onde não fora encontrado fontes tidas como oficiais do Estado que fizessem qualquer menção aos médicos, além disso, esses médicos também serão excluídos da criação da Sociedade Médica Cirúrgica e da Faculdade de Medicina Paraense, em nenhum dos casos eles terão direito a qualquer menção. Outro indicador, será as obras de memorialistas da medicina paraense, como é o caso Dr. Clóvis Meira, que em diversos trabalhos sobre a memória médica paraense, o médico alopata não citou qualquer homeopata em seus livros e o pouco espaço que abordou a homeopatia foi justamente para criticá-la.

Portanto, este último capítulo tem o objetivo de apresentar o debate derradeiro sobre o conflito entre os médicos homeopatas e alopatas, mostrando quais armas e estratégias cada um se utilizava e quais foram as marcas que ficaram desse conflito, que vão desde perseguições as práticas não oficiais de medicina, a institucionalização da mesma e o apagamento da memória das outras práticas existentes, seja em trabalhos de pesquisa, ou através de documentos do governo. Este último capítulo ainda está em fase de construção.

Por fim, a dissertação ainda apresenta **considerações finais** que apresenta os resultados da pesquisa, bem como os comentários finais do autor, acerca da dissertação e da história da prática médica homeopata no Pará.

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS FÚNEBRES DE ZACHEU CORDEIRO: A MORTE DO HOMEOPATA

O assassinato do dr. Zacheu Cordeiro foi, sem dúvidas, um grande baque na sociedade paraense no ano de 1924, mesmo sendo homeopata, o médico gozava de grande prestígio na capital paraense, principalmente por conta de toda a polêmica envolvendo a cura da lepra pelo assacú, que mais tarde seria o motivo do seu derradeiro fim.

Mesmo com todo o prestígio alcançado nesse período, o homeopata não conseguia seu espaço no meio médico. Tidos como oficiais e científicos, os médicos alopatas ainda o excluía das tomadas de decisões importantes para o cenário médico local, além de atacarem a sua prática e, de todo modo, as descobertas e formas de cura que o médico se propunha a tratar os seus enfermos.⁴³

No meio desse embate, surge um estrangeiro, um colombiano em solo paraense com uma cura milagrosa para o mal da lepra; se tratava do sr. Mamerto Cortés. O estrangeiro logo percebeu que não era bem-vindo e, após vários ataques dos alopatas, caiu enfermo. Já desenganado por todos, ouviu falar de um médico e de sua terapêutica diferenciada; esse médico era Zacheu Cordeiro, que com os princípios da homeopatia fortaleceu o corpo, mas principalmente a mente daquele enfermo, que recobrou a vida e lhe ofereceu a sua devoção como pagamento.

Com o passar dos anos, com os ataques e, principalmente, com a ganância para lucrar mais com o tratamento da lepra, a relação, que começou a partir de um leito de morte, termina, ironicamente, com um assassinato, que põe fim ao tumultuado acordo entre os médicos e a vida do dr. Zacheu Cordeiro. Analisar a sua morte, bem como a relação dessa tragédia na sociedade e no meio médico, é o objetivo desse capítulo.

1.1“Crime bárbaro”: médicos homeopatas entre a cura e a morte.

Terça-feira 08 de abril de 1924, seria mais um dia como outros na vida do Dr. Zacheu Cordeiro. Como de rotina, o médico homeopata estava a caminho da *Parochia* de São Raymundo, onde, certamente, haveria alguns enfermos à sua espera, pois o doutor, além de ser membro da igreja, atendia de graça aqueles que não podiam pagar pelos

⁴³ Sobre a falta de espaço dos homeopatas na construção da identidade médica paraense será explorada no terceiro capítulo.

tratamentos. Dado o horário ao qual sempre chegava, o seu não comparecimento gerou estranheza; perto dali, souberam que havia tido um atentado: um pobre coitado estava jogado em uma calçada, entre a vida e a morte. Sem hesitar, o vigário da paróquia correu para dar àquele senhor a extrema unção⁴⁴; o que o padre Faustino não esperava é que aquele senhor, que jorrava sangue e cujo rosto se encontrava desfigurado por tiros, nada mais era do que o próprio Dr. Zacheu Cordeiro⁴⁵.

“Crime Bárbaro!”, gritaram os que passavam e viam aquele corpo já sem vida estirado na sarjeta da praça Chefe da Esquadra Pedro da Cunha, antigo Largo do Esquadrão⁴⁶. Logo se juntaram alguns curiosos que, ao se depararem com o corpo da vítima no chão, perceberam que era o tão estimado, pela paróquia localizada próxima ao atentado, Dr. Zacheu Cordeiro. Os rumores percorreram a cidade, o clima, segundo os jornais da época, era de comoção e todos queriam saber quem matou o médico.⁴⁷

É importante entendermos quem era aquela vítima do assassinato: o dr. Zacheu Cordeiro, formado médico pela Universidade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1905, e paraense de nascença, não hesitou em voltar para a sua terra para aqui clinicar. Aqui, Dr. Zacheu Cordeiro se tornou homeopata após alguns anos de formado e abriu uma botica de remédios homeopáticos, que se tornou um negócio de família. Sua filha, Júlia Cordeiro, tomava conta, enquanto ele saía para clinicar.

⁴⁴ A unção dos enfermos é um sacramento católico dedicado aos enfermos, realizado com óleo. O sacramento confere ao católico uma graça especial para enfrentar as dificuldades próprias de uma doença grave ou velhice.

⁴⁵Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

⁴⁶ Hoje o local é chamado de Praça Brasil, localizada no bairro Umarizal, e é uma das praças mais visitadas de Belém segundo o site da prefeitura. Disponível em: <http://agenciabelem.com.br/Noticia/147101>.

⁴⁷ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.



Figura 1: Foto do Dr. Zacheu Cordeiro

O médico se tornara famoso na capital paraense por tomar partido da homeopatia e passar a defender a sua utilização em artigos, que o mesmo passou a publicar no jornal O Estado do Pará, único periódico que até então lhe concedeu espaço para poder apresentar as suas ideias.⁴⁹ Além da fama de ser homeopata, o doutor ganhara notoriedade ao revelar a cura de um de seus pacientes leprosos por meio de uma erva chamada de assacú; contudo, o que ele não sabia é que essa erva, que lhe deu a fama, seria o estopim de um conflito que culminaria no seu assassinato.

Zacheu Cordeiro, apesar de ter escolhido a terapêutica e os métodos da homeopatia⁵⁰, era muito bem-visto na sociedade belenense. Seu resultado, com a suposta cura da lepra pelo assacú, vem através do contato de um musicista paraense, tratava-se de

⁴⁸ Foto encontrada na matéria que conta sobre o seu assassinato do Jornal Folha do Norte, em 09 de abril de 1924. A foto está presente na capa do jornal. P.1.

⁴⁹ No decorrer da pesquisa o único jornal encontrado que deu espaço para o dr. Zacheu Cordeiro foi O Estado do Pará.

⁵⁰ Tendo em vista o processo de formação da identidade médica, a alopatia passa a assumir um espaço de ciência, passando a perseguir todas as outras formas de cura, incluindo a homeopatia, levando os seguidores da mesma a serem considerados charlatões. Ver mais na tese de doutorado de Jairo Silva (2014).

Manuel Castello Branco⁵¹, que depois de recorrer a diversos médicos para que curassem o seu filho Oswaldo Castello Branco, diagnosticado com lepra, soube do tratamento do dr. Zacheu Cordeiro, que aceitou tratar o filho do músico com sua fórmula composta por “tintura de pirarara⁵², extrahida do fígado de um peixe [...] existente no rio Amazonas”⁵³ junto com a tintura do assacú, após um rigoroso tratamento com a popular fórmula do médico homeopata, o jovem começou a melhorar aos poucos, até que em março do ano de 1921 o enfermo foi intimado a comparecer a Comissão de Prophylaxia Rural para que fossem feitos exames de sangue e muco nasal, onde comprovou-se “não existir mais a lepra”. Segundo depoimento de Manuel Castello Branco ao jornal, ele teria recebido um cartão dando resultado do exame que teria sido mostrado a redação do jornal. O redator da Folha do Norte, afirma que todo esse depoimento foi prestado pelo musicista, que procurou a redação do jornal para contar a história em agradecimento ao homeopata. O caso repercutiu tanto dentro da sociedade paraense, dado a própria notícia da suposta cura da lepra como também por se tratar do depoimento de um músico renomado na sociedade paraense, dando credibilidade a fala. A notícia acabou sendo publicada por diversos jornais no Brasil, como o Folha do Acre (AC)⁵⁴, Jornal Pequeno (MA)⁵⁵ e o Paiz⁵⁶ do Rio de Janeiro, que ao noticiar o caso, acrescentou que as “tinturas *homeopathicas*, que deram grandes resultados na clínica de Bento Moore, nos Estados Unidos da América do Norte” e que também já era empregadas pelo “sr. Cortez, na sua clínica”. No final, o redator da nota salienta a formação médica do dr. Zacheu Cordeiro, dizendo que possuía carta de formação registrada pela “Directoria Geral de Saúde Pública e pelo Serviço Sanitário do Estado” e ainda ressalta que o dr. Zacheu “assistiu o sr. Cortez desde a sua chegada em Belém, e sobre os processos de sua cura, tem escripto várias vezes no ‘Estado do Pará’”.

⁵¹ Contrabaixista e violoncelista paraense, formado na Alemanha e integrante do Quinteto Bosio. Segundo Salles (2002) era um dos músicos tidos como eruditos do Pará.

⁵² É um peixe de couro, que pode chegar aos 60 kg e 1,5m de comprimento. Sua coloração é cinza escuro nas costas e branca na parte de baixo, assim como um tubarão. Sua cauda é avermelhada, mas esta coloração também aparece na barbatana dorsal. É um peixe onívoro, comendo praticamente tudo que encontra no fundo dos rios, entre outros peixes, frutas, moluscos e crustáceos. A Pirarara é um peixe que pode ser encontrado na bacia do rio Araguaia, Tocantins e Amazonas.

⁵³ FOLHA DO NORTE. A lepra curada com assacú. 27 de março de 1921. P. 1.

⁵⁴ FOLHA DO ACRE. A Lepra: curada com assacú, 21/12/1922, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> . Acessado em: 29/10/2020.

⁵⁵ JORNAL PEQUENO. Pela Medicina: uma creança atacada da lepra ficou curada por um processo medico até então desconhecido, 09/12/1922, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> . Acessado em: 29/10/2020.

⁵⁶ O PAIZ. Notas. 1 de julho de 1921, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=Zacheu%20Cordeiro&pasta=ano%20192&pagfis=6406 . Acessado em: 29/10/2020.

Uma das características mais polêmicas dos remédios homeopatas é o segredo de suas fórmulas. A alopatia, por se nomear como medicina científica, indica a necessidade do estudo e experimentação das fórmulas, de modo que sua eficácia seja provada e o risco de intoxicar o paciente seja nulo, para isso, busca-se que as fórmulas dos remédios sejam sempre divulgadas, para que todos possam saber o que estão ingerindo. A homeopatia segue um outro caminho, é necessário entender que os homeopatas entendem a doença de outra forma, para eles todos os indivíduos possuem uma força vital própria, que regulam as energias do corpo e os mantêm vivos, a partir do momento que essa força é afetada, seja por um fator emocional ou físico, surge a enfermidade. E por isso, o remédio homeopático não poderia ter a sua fórmula divulgada, pois não teria uma fórmula específica, cada indivíduo possui uma força vital única, assim, cada paciente teria uma fórmula diferente, de acordo com as necessidades do seu corpo e de sua força vital. Esse fator será utilizado pelos alopatas para atacar os seus rivais, acusando-os de estarem envenenando os seus pacientes⁵⁷. Contudo, no caso do filho do músico, que deu fama ao dr. Zacheu Cordeiro, notamos que o médico divulgou aspectos importantes do tratamento ao paciente, utilizando um peixe nativo da bacia amazônica, além da erva do assacú. Acreditasse que essa foi uma forma do médico mostrar a sua confiança sobre a credibilidade do seu fármaco, chegando até a divulgar como se dava o tratamento.

O periódico carioca traz novas informações acerca da fórmula utilizada para o tratamento da lepra com a introdução da clínica de Bento Moore⁵⁸, mostrando que a fórmula já era utilizada antes, sem informar desde quando, de Mamerto ter a fórmula, questionando que a patente do remédio era dele e que a fórmula já era algo utilizado fora do país.

O jornal também buscou comprovar a formação do dr. Zacheu Cordeiro, dizendo que ele tinha carta aprovada pelos órgãos regulamentadores da profissão, contudo, em momento nenhum busca ter o mesmo cuidado com a verificação com o Mamerto Cortes, evitando chamá-lo, inclusive, de doutor, chamando apenas como “sr”. Porém o jornal não fazia questão de noticiar a falta de comprovação do colombiano acerca de sua formação,

⁵⁷ BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

⁵⁸ Com relação ao “Bento Moore”, a pesquisa sobre o seu nome não traz qualquer informação, contudo, uma hipótese que pode ser levada em consideração é que se tratava de Benoit Mure, o introdutor da homeopatia no Brasil, pois o mesmo era conhecido no país pela alcunha de Bento Mure, contudo, não há como se ter certeza, ao se tratar de uma hipótese.

enaltecendo somente que o mesmo já trabalhava com a fórmula de assacú e que o dr. Zacheu o assistia e o defendia, ou seja, o jornal noticiou a descoberta dando toda a credibilidade ao dr. Zacheu Cordeiro, por conta de sua intitulação de doutor, seja por ter ele quem tenha sido, que tratou o Oswaldo Castello Branco, ou por tomar a defesa da tese de Mamerto, o fato de um médico ter assumido esse papel dava credibilidade a descoberta do “sr. Cortez”.

A fama do médico homeopata começava a crescer no Pará e no Brasil, esse crescimento ligado ao seu nome e não ao do seu companheiro Mamerto Cortés, pode ter gerado uma revolta por parte do colombiano, ao ver a sua fórmula sendo usada por outro e não ter o seu reconhecimento, ou mesmo a disputa pela patente da fórmula da pomada de assacú, que pode ter gerado um atrito entre os ex-parceiros que culminou no assassinato do dr. Zacheu Cordeiro.

Para melhor entendermos os motivos que levaram ao assassinato, precisamos voltar para o ano de 1921, ano esse que marca a chegada de Mamerto Cortés a Belém. Ele viria do Acre, trazendo consigo a fama de ser um leprólogo e possuir a cura para a doença. Na capital paraense, o colombiano passa a morar na casa do professor Level Góda, como informa o *Folha do Norte* através de uma matéria que traz o sr. Francisco Rodrigues, morador vizinho do médico, informando as diversas visitas que o médico recebia durante os dias. O morador ainda contou que todo mundo sabia que na casa do professor havia um leprólogo que prometia a cura da lepra em um curto período, e que viu diversas vezes várias pessoas “decentemente vestidas” entrarem na casa de número 36 da Rua Santarém, o que acabou motivando uma visita da Profilaxia Rural⁵⁹, que confiscou alguns frascos de remédio, a fim de entender melhor sua fórmula⁶⁰.

O morador conta também que nunca viu, uma vez sequer, um leproso entrar na residência, o que nos faz refletir que eram os familiares dos leprosos que faziam todos os contatos com o médico; a ausência de contato entre o profissional e o paciente fere um dos princípios da homeopatia, que diz que o médico só poderia receitar um medicamento após uma longa entrevista com o seu paciente, para poder entender de forma esclarecida o que o enfermo estava sentindo⁶¹. Fora isso, a fala do vizinho sobre as vestimentas dos

⁵⁹ A profilaxia Rural surge com o objetivo de estancar os flagelos de doenças que estavam em surto no Pará. Com a organização do Dr. Sousa Araújo, a partir do ano de 1920, o órgão passa a dar maior atenção à lepra, promovendo ações de limpeza para tentar impedir que o bacilo se espalhasse pelo Estado, e dentro das ações estavam também coibir os tratamentos irregulares de medicina (HENRIQUE e AMADOR, 2014).

⁶⁰ Folha do Norte. O tratamento da lepra pelo assacú, p. 1. 08 jun. 1921.

⁶¹ Ver mais em: SOUSA, Túlio Brenno Brito de. **Homeopatia vs Alopacia: a disputa pelo mercado da cura no Pará**. Anais da Anpuh Nacional; Recife, 2019.

que iam visitar o colombiano indicava que aquelas pessoas eram de posse, dando a entender que o preço do medicamento era elevado. É possível também analisar no depoimento do vizinho que ele tenta se posicionar de forma mais afastada possível dos acontecimentos com o olhar de estranheza, de quem sabe que algo de errado ou ilícito se passa na casa ao lado⁶².

A visita da Profilaxia Rural à casa onde Mamerto Cortés vivia não foi mera formalidade ou corriqueira, se tratava de uma averiguação de uma suspeita de exercício ilegal de medicina, pois desde a sua chegada ao Brasil, o colombiano nunca mostrara documentos comprobatórios sobre a sua formação, o que logo lhe deu a fama de charlatão⁶³.

Mamerto era também obstinado, queria a fama que a sua fórmula poderia lhe dar; para isso, começou a buscar nos jornais da capital espaços para divulgar os seus resultados, tidos por ele como satisfatórios. Porém o médico acabou sofrendo certa resistência com relação ao jornal *Folha do Norte*. Anos mais tarde, o jornal, na cobertura do assassinato de Zacheu Cordeiro, admitiu que o colombiano havia tentado um espaço no jornal, dizendo: “A FOLHA, que ao ser procurada pelo sr. Cortes, logo após a sua chegada, lhe fizera delicadas referencias”. Contudo, o jornal, após questionamentos acerca da legalidade do médico, deixou de publicar sobre o referido, alegando ter “reformado o juízo a seu respeito”, concluindo que o tratamento do colombiano se tratava “senão de uma mediocridade”. E ainda conclui informando que não se “arrependera, pois preferia ficar ao lado da lei e da ciência”⁶⁴.

Mesmo essa porta se fechando, outra acabou se abrindo, pois o jornal O Estado do Pará concedeu o espaço:

Começou-se, então, a blaterar contra o colombiano, sem carta, segundo uns, charlatão, conforme outros, mas sem a menor dúvida possuidor de um methodo de cura que, se não erradica para sempre o mal do organismo atingido, todavia, sem enfraquecer o paciente, faz a molestia retrotrair rapidamente a um ponto que, pelo menos na aparência, coincide com sua cura⁶⁵.

No trecho, o jornal não só aceitou a contribuição do colombiano como meio de cura para a lepra, como também enfatizou a sua defesa para o mesmo, apontando que a

⁶² Folha do Norte. O tratamento da lepra pelo assacú, p. 1. 08 jun. 1921.

⁶³ Charlatão é aquele que pratica a medicina de forma irregular, sem formação acadêmica, levando a enganar os seus pacientes; comumente os médicos homeopatas eram intitulados como charlatões pelos alopatas.

⁶⁴ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.2.

⁶⁵ Estado do Pará. A CURA da lepra pelo Assacú. 11/06/1921, p.1.

medicina oficial alopata se recusava a admitir que as suas práticas não são eficazes para tratar a doença. Segundo o jornal, eles preferiam atacar alguém que possivelmente tinha a cura do que se juntar a ele, para melhor estudar os efeitos da erva. Para o redator do jornal, não era a falta de documentação do colombiano que atrapalhava a sua atuação no país, mas o ego dos médicos alopatas, que não deixavam as terapêuticas com mais resultados atuarem na região.

O que gera estranheza na notícia é que em nenhum momento o redator traz qualquer dúvida sobre a eficácia do assacú sobre a lepra, a manchete poderia ser confundida com um artigo médico publicado em revista científica, se não fosse a linguagem coloquial, pois não trata a descoberta como algo que pode ou não ser eficaz contra a doença, mas afirma a prática como solução do mau. O posicionamento do redator do texto parece ser mais uma atitude desesperada para defender o colombiano do que o relato de uma descoberta de cura.

O processo de criação dos textos da imprensa chama a atenção para âmbitos muito mais relevantes que a recepção do leitor, pois ele leva em consideração o corpo específico de cada texto e a relação dos leitores com os objetos culturais do local e do período histórico, isso é o que ele denomina de história das práticas de leitura. Ou seja, ele não analisa somente a recepção do texto por parte do leitor, mas também o momento histórico e os pormenores da edição do periódico. Ao tratar de estudar a edição do jornal, Chartier assume a possibilidade de manipulação do texto, de acordo com os laços do editor ou do próprio jornal com o objeto, que é notícia.⁶⁶ Dessa forma, entender quem escrevia e quem estava por trás dos principais periódicos paraenses, assim como entender como se configurava a imprensa, se faz necessário para melhor compreender o caso de Mamerto Cortés.

A imprensa no Brasil passa, a partir do Século XIX, por inúmeras mudanças, acarretando o aumento de suas estruturas, seja no espaço físico que ocupam, seja na qualidade e quantidade de folhas que começam a oferecer ao seu público, e há também um crescente investimento em tecnologia em suas folhas. Os pequenos jornais cederam seus espaços, muitos desses acabaram não resistindo às transformações e se transformaram em verdadeiras empresas jornalísticas com estruturas e tecnologias que dão suporte ao novo patamar.⁶⁷ Nesse sentido, a imprensa paraense passou a intensificar as mudanças com a introdução da economia gomífera, levando-a para um gradual

⁶⁶ CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

⁶⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed, São Paulo: Mauad, 1998, p.275.

desenvolvimento. Todavia, as singularidades da imprensa paraense, que possuía diversas vozes, não se restringiam somente às vozes e aos desejos das elites locais, dando espaço para diversos sujeitos, como curandeiros, estrangeiros, entre outros.⁶⁸

Nesse contexto, surgem os principais jornais da época na capital paraense, mas muito além de apresentar somente a diversidade dos sujeitos amazônicos, os jornais paraenses também eram grandes veículos de propagação política e de ataques a rivais. No meio da disputa pelo poder político no Pará, entre Lauristas e Lemistas⁶⁹, esses periódicos ganham seus formatos e se firmam como oposição ou como veículo do governo. Contudo, somente dois jornais se posicionaram quanto ao caso do colombiano, sendo eles o *Folha do Norte* e o *Estado do Pará*, ambos de apoiadores de Lauro Sodré.

O *Folha do Norte* surge por Enéas Martins e Cypriano Santos e apoiava abertamente o Lauro Sodré, principal opositor de Lemos. O *Folha do Norte* era um jornal cosmopolita e interessado nos anseios sociais e culturais da região; assumia um caráter inovador ao introduzir um telégrafo que recebia notícias do mundo inteiro e informava os seus leitores dos conflitos no mundo por meio de colunas diárias⁷⁰.

O jornal *O Estado do Pará* nasce em 1911, fundado por Justo Chermont, importante político paraense. Era considerado um reflexo da evolução do jornalismo da região, também apoiava abertamente Lauro Sodré e junto com o *Folha do Norte* travou uma verdadeira batalha em suas páginas contra a Província do Pará e Antônio Lemos. O periódico também se utilizava do telégrafo para noticiar as notícias do mundo e adotava uma atitude mais sensacionalista nas suas páginas para atrair mais leitores⁷¹. Os motivos que levaram os dois jornais a entrarem em conflito pelo médico colombiano são desconhecidos para este trabalho; já que, teoricamente, eram de mesma corrente política.

Ao se analisar as coberturas de ambos os jornais sobre a morte do dr. Zacheu Cordeiro, notou-se que enquanto o *Folha* assume uma posição de cobrança de respostas acerca do assassinato, reivindicando justiça e uma sentença justa, apresentando cartas que

⁶⁸ FIGUEIREDO, Aldrim Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (parte final). Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará, nº.5, ano 2, mar. 2009, p 40-45. Disponível em: <<http://issuu.com/portalcultura/docs/revistazyg360com5>> Acesso em: < 20 de out. de 2014>.

⁶⁹ O rompimento político entre o Partido Republicano Federal e o Partido Republicano por volta de 1900, ocorreu uma polarização entre os que apoiavam Lauro Sodré e os que apoiavam Antônio Lemos, sendo estes dois grandes políticos e intendentess da história do Estado.

⁷⁰ VIEIRA, Elis Regina Corrêa. **Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924)** / Orientadora: Franciane Gama Lacerda Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016, p. 19.

⁷¹ *Ibid.*, p. 21.

pediam o linchamento público do assassino e uma entrevista especial com a viúva do homeopata morto, *O Estado do Pará* nem sequer colocara a notícia na capa de seu jornal que na data completava 14 anos de trabalho, reservando-lhe somente a página 17 do periódico. Será isso um sinal de conflito político entre os jornais, onde o *Folha do Norte* estaria usando o fato para atacar o seu rival ou essa atitude seria, de certa forma, arrependimento por ter defendido o colombiano por tanto tempo, para no final ele cometer tal crime e assim acabar manchando a credibilidade do jornal?

O jornal *O Estado do Pará* abre espaço nas suas páginas e passa a trazer relatos de clientes do colombiano; em um desses relatos publicados no dia 20 de agosto⁷², o redator do jornal saiu em defesa de Cortés, ao indicar que a justificativa dele não poder atuar em solo brasileiro por ser estrangeiro é apenas mais uma desculpa para expulsar alguém que praticava uma ciência diferente da dos médicos alopatas, já que na região havia outro médico estrangeiro de viés alopata atuando, o espanhol Dr. Saturnino Fernandez. O redator também busca ligar mais a imagem de Mamerto a homeopatia, em que o médico possui uma relação de maior estima com paciente, colocando um trecho do relato no qual o enfermo diz ao médico se sentir bem melhor após o tratamento. Como já dito, a homeopatia entende a doença como um desequilíbrio da força vital do indivíduo, e para alcançar a cura, o médico deve proceder na sua consulta como um interrogatório, para então saber se o que está levando a enfermidade no sujeito é um mau no corpo ou na alma; somente assim ocorrerá o equilíbrio da força vital, e a consequente cura.

Sobre a atuação do *O Estado do Pará* nesse caso, uma das estratégias do jornal foi chamar outro médico homeopata que atuava há certo tempo na cidade, esse médico era um grande colaborador do jornal para produzir artigos em favor do colombiano, para ligar ainda mais a sua imagem à homeopatia. Esse homeopata se trata daquele a quem o Dr. Mamerto Cortés, anos mais tarde, seria o seu algoz: o Dr. Zacheu Cordeiro.⁷³

Zacheu Cordeiro saiu em defesa de Mamerto Cortés e escreveu um artigo expondo pontos sobre o método de cura de Mamerto, além de questionar a perseguição sofrida por ele:

⁷² Estado do Pará. DEVEM os leitores estar lembrados do “suelto” inserido na edição 10. 20/08/1920. P.1.

⁷³ GOMES, Elane Cristina Rodrigues. A homeopatia e o uso do Assacú: práticas de remediar na cura da lepra, Belém do Pará, 1920-1924. **In: Medicina e ambiente: articulação e desafios no passado, presente e futuro** / organização Jaime Benchimol [et al.]. 1. ed. - Belo Horizonte [MG] : Fino Traço, 2019. P. 81 – 100.

(...) Se não fôsse (sic) médico (sic) o dr. Mamerto mas trouxesse-nos o remédio da lepra mesmo empiricamente estudada, não deveria ser aceito?

Foi Talbot, curandeiro inglês (sic), que sabendo aohar-se (sic) doente um personagem ilustre (sic), atacado de grave febre e cercado dos mais reputados médicos (sic) da época, que discutiam sem saberem debelar a moléstia (sic), bateu-lhes á (sic) porta dizendo possuir o segredo de um maravilhoso remédio (sic) com que curaria o doente. Repelliram-no (sic) a princípio (sic), mas depois de muito insistir deram-lhe assento. Para embarçal-o (sic), porém, um dos médicos (sic) presentes pergunta-lhe:

-Sabe o que é a febre? Diga?

-A febre responde o curandeiro, é uma doença que não sei definir, mas lhe garanto que sei curar, e que os senhores, ao contrário (sic) conhecem perfeitamente, mas são incapazes de combater.

O que nos (sic) adeanta vemos todos os microbios de Hansen revelados ao microscópio, e o aparelhamento de um laboratório, se temos de enfrentar o mal de braços cruzados e de nos humilhar ao considerarmos a nossa impotência deante de sua força?⁷⁴

Para Zacheu, a falta de documentação do médico não era motivo para não aproveitar e estudar a sua descoberta, assim como no caso de Talbot⁷⁵, que o curandeiro mesmo sem saber o que é febre, sabia muito bem como curá-la, enquanto os médicos diplomados que sabiam o que era a febre, não sabiam como fazer o seu paciente melhorar. Portanto, para ele, o médico estava sendo perseguido mais por ser homeopata do que por não possuir diploma.

No trecho final do texto, Zacheu Cordeiro busca falar sobre a falta de resposta da medicina alopática, que enquanto está em seu laboratório descobrindo mais sobre o micróbio de Hansen, pouco se produz acerca de um tratamento que ataque a doença, mostrando a impotência dos médicos diante da doença. Para tanto, ao se pegar a fala sobre o curandeiro inglês, que Zacheu menciona logo no início do texto, com esse trecho final do texto, nota-se a crítica do homeopata pra com os médicos homeopatas, que para eles a descoberta da cura da lepra só será importante se sair de um de seus laboratórios, vindo de um prático com ideias alopáticas e qualquer outra descoberta vinda de outra concepção médica não era aceita e nem se quer tratada como possibilidade, portanto eles não buscavam somente a cura da lepra, pois se buscassem aceitariam o assacú como possibilidade, mas buscavam uma cura que viessem do seu viés médico, para legitimar mais ainda a alopatia como ciência médica.

⁷⁴ Estado do Pará. A CURA da lepra pelo Assacú. 07/071921. p.1

⁷⁵ Nada foi encontrado sobre Talbot, as únicas informações são as que estão no texto.

Por conta dos “braços cruzados” ao enfrentar o mal da lepra e a humilhação de ficar na impotência da medicina diante da doença, como o dr. Zacheu diz em seu texto, que não é somente uma crítica direcionada aos alopatas, mas um sinal de como era a realidade vivida naqueles anos, a falta de respostas e o recorrente aumento do número de casos em Belém, fez com que se abrisse espaço para métodos de cura alternativos, que vinham com propagandas de cura rápida para a doença que assustava bastante a sociedade.

Sobre o julgamento de charlatão, por não ter como comprovar a sua formação médica; Mamerto era mais um que se aproveitava da impotência dos tratamentos médicos alópatas para alcançar certo prestígio no cenário da medicina com a promessa de cura milagrosa; fora isso, o fato de se proclamar como homeopata, pesava ainda mais nesse julgamento, visto que para os alopatas os homeopatas eram charlatões diplomados.⁷⁶

A alcunha de “charlatão diplomado”, ganha destaque no Pará após uma série de publicações de artigos do dr. José Augusto Magalhães em 1910, sobre o que ele entendia ser “as causas da anarquia” do seio médico paraense; ao elencar os problemas a cada artigo, em sua última publicação o médico chama a atenção a prática que trazia verdadeiros prejuízos para a prática médica e a família, que era o curandeirismo e também os médicos que enveredavam ao charlatanismo, as promessas de curas rápidas, com soluções milagrosos e indolores, davam destaque a esses personagens. Para Magalhães, a necessidade de alguns médicos de querer enriquecer rápido, levava-os a prometerem tratamentos milagrosos que se apresentavam como trunfos da medicina, contudo, essa prática e a utilização da medicina científica para aplicar tratamentos em que nada eram científicos, causavam danos tão piores quanto os curandeiros, aos médicos que seguiam a sua profissão de forma honesta e sem prometer curas milagrosas aos seus pacientes. Ele destaca:

Daí a fácil nomeada do médico charlatão, que tudo cura, tudo sabe e tudo faz, embora sempre lhe suceda como à nigromante que ensina aos que a consultam meios de obter fortuna, vivendo ela na pocilga e na miséria, e como ao vendedor de bilhetes de loteria, que, em cada número que oferece, afirma estar a sorte grande, de que, aliás, ele bem precisa para livrar-se do mister em que vegeta. Incapaz de curar à si e aos seus das enfermidades e aleijões que os molestam, não cora e nem hesita o charlatão diplomado em garantir a cura de afecções incuráveis e até de moléstias que nem chega a diagnosticar. Em contraposição, o clínico honesto e verdadeiramente preparado só aos poucos e laboriosamente vai conquistando nome, conceito e clientela, à qual

⁷⁶ GOMES, Elane Cristina Rodrigues. A homeopatia e o uso do Assacú: práticas de remediar na cura da lepra, Belém do Pará, 1920-1924. In: **Medicina e ambiente: articulação e desafios no passado, presente e futuro** / organização Jaime Benchimol [et al.]. 1. ed. - Belo Horizonte [MG] : Fino Traço, 2019. P. 81 – 100. p. 87.

não procura enganar com promessas, breve desmentidas; não acena com desmedidas esperanças, nem aterra com imaginários perigos, não obstante, como bom psicólogo, conhecer o valor mágico da promessa, da esperança e do terror habilmente empregados pelos que fazem clínica meio fácil de conquistar fortuna, embora empobrecendo lares e mentindo à ciência que dizem servir.⁷⁷

Ao sair em defesa daqueles que Magalhães chamou de “clínicos honestos”, o médico mostra que até mesmo entre o meio médico científico há promessas de curas rápidas e milagrosas, que mancham o nome da ciência e atrapalham o trabalho daqueles que buscam tratar os seus pacientes de forma transparente. Além disso, o médico utiliza a justificativa do fácil enriquecimento como justificativa para que os médicos passem a agir dessa forma; em um recorte temporal, cuja a medicina paraense ainda buscava uma identidade, ações dos ditos médicos charlatões, atrapalhavam ainda mais a imagem da medicina alopática, que buscava cada vez mais a cientificidade e legitimidade, daí a necessidade de Magalhães escrever os artigos, que soam como crítica a quem pratica a medicina dessa forma, e também como maneira de afastar esses médicos da medicina científica, portanto, para o médico era necessário afastar a prática do charlatanismo.

Contudo, os artigos do dr. Magalhães se tratavam ainda de um início da criação de parâmetros sobre o que deverá ser chamada, posteriormente, de “ética médica”, esse debate parecia ser tão embrionário que mesmo após a publicação, a prática de promover as suas fórmulas nos jornais continuaram sendo frequentes. Bastava foliar os jornais da época que os anúncios apareciam, onde médicos e não médicos dividiam o espaço do jornal anunciando os seus produtos; muitos desses médicos já gozavam de prestígio na sociedade e reconhecimento na área médica, mas isso não os impedia de continuarem anunciando os seus fármacos; como visto no jornal *O Estado do Pará*, no dia 17 de abril de 1920, onde uma fórmula do dr. Azevedo Ribeiro, médico dermatologista, que gozava de relevante prestígio da classe médica paraense, principalmente na luta contra a sífilis, foi publicada, levou-o a assumir a cadeira de professor de “Clínica Dermatológica e Syphiligráfica”⁷⁸ na recém criada faculdade de medicina do Pará; a sua fórmula prometia, “excellentes resultados” no tratamento contra a “lepra e a *syphilis*”. As “Pílulas Depurativas do Dr. Azevedo Ribeiro”, foi o resultado de “uma feliz combinação de substancias medicamentosas da nossa flora com salieylato de hydrargyrie” o medicamento de “milhares de curas admiráveis”, prometia evitar manifestações agudas na pele que demandariam um tratamento intensivo do paciente, o médico também

⁷⁷ Folha do Norte. Na Ciência e na vida: Nos domínios da Deontologia IV: as causas da anarquia”. 12 de setembro de 1915, p. 2.

⁷⁸ Folha do Norte. A faculdade de medicina do Pará: o corpo docente. 09/04/1919, p. 1.

indicava que para apresentar um melhor efeito deve-se tomar “2 a 4 vidros por ano” da solução, ainda indicando os meses que se era mais aconselhado tomar o medicamento, sendo estes nos “mezes de abril a junho”, por fim, para o início de tratamento era indicado o uso de um purgativo.⁷⁹ O médico, mesmo ocupando uma cadeira da faculdade de medicina paraense mostrando-se prestigiado no meio da medicina, ainda recorria a utilização de anúncios de medicamentos que prometiam cura a doenças que se faziam bastante frequentes em Belém; isso demonstra que essa prática era bastante comum entre os médicos alopatas, que viam nos anúncios uma forma de encontrar clientes e também de estabelecer uma marca com o seu nome, vendendo produtos a partir do respaldo do seu honrado histórico médico.

Como constatou-se, a prática de anunciar tratamentos nos jornais era comum entre as filosofias médicas, mesmo entre a alopatia, que alguns médicos consideravam a estratégia como charlatanismo; com isso, o médico Zacheu Cordeiro passa a defender e utilizar a fórmula daquele que era, recorrentemente, taxado como charlatão por não conseguir comprovar a sua formação: o Mamerto Cortés. Contudo, os relatos que saíam na imprensa sobre a cura da lepra pelo assacú trouxeram a atenção do meio médico alopata; Camilo Salgado, um dos grandes nomes da medicina do Pará na época, sendo vice-diretor da Faculdade de Medicina do Pará e um dos fundadores da Sociedade Médico-Cirúrgica surge como um dos defensores da erva.

Uma notícia publicada pela Folha do Norte, datada em 24 de junho de 1921, relatando o processo de cura com a utilização da assacú-rana⁸⁰ ainda em outubro de 1919 pelo dr. Camilo Salgado, que conseguiu “a cura radical das lesões cutâneas de um doente atacado de lepra mista”. O paciente em questão era uma criança de 9 anos, chamada de Manoel Chrispim Monteiro, moradora de Belém; após ser examinada por um farmacêutico, a criança foi atestada com “grande quantidade do bacilo de Hansen”, ainda em 1918. O enfermo só seria tratado com a tintura de assacú um ano após o diagnóstico, em outubro de 1919, após várias doses do medicamento. Depois de curar a criança, o dr. Camilo Salgado buscou comprovar a cura levando o Manoel para o Serviço de Profilaxia Rural para o estudo e comprovação do remédio, e ainda solicitar um novo enfermo para ser tratado pelo novo método. Com a notícia foi notório o destaque que o jornal deu a planta medicinal assacú-rana, que era utilizada pelo médico alopata, antes da chegada de

⁷⁹ Estado do Pará. Pílulas Depurativas do Dr. Azevedo Ribeiro. 17/04/1920.

⁸⁰ A assacu-rana é uma árvore de pequeno porte da mesma família que a erva do assacú. Possui propriedades medicinais iguais e também tem o seu habitat natural a Amazônia.

Mamerto Cortés no Pará. O destaque se dá pois em sua defesa, Camilo Salgado, afirmará de que a assacú-rana e o assacú, são plantas diferentes, e que a ligação do assacú ao seu nome é um engano de interpretação tendencioso para o atacar. Os ataques envolvendo o nome do dr. Camilo Salgado fez com que o jornal *Folha do Norte* noticiasse o acontecido somente no meio da grande polêmica sobre a eficácia da erva na cura da lepra, os motivos que levaram o jornal a publicar a notícia naquele momento foram diversos; o jornal se notabilizou nessa polêmica por ser um espaço de crítica ao assacú, atacando a imagem de Mamerto Cortés e questionando os seus métodos, contudo, com a descoberta que um médico de renome e vice-diretor da recém criada Faculdade de Medicina, fez-se necessário defendê-lo e tirar o seu nome da ameaça de ser taxado como charlatão; a estratégia foi tratar a notícia como uma descoberta científica, começando com uma pequena tentativa de afastamento do nome “assacú”, trazendo a “assacu-rana”, espécie da mesma família do assacú e com valores medicinais parecidos, a notícia ainda leva todas as fases do tratamento a estarem sempre ligadas com o preceito da ciência e ainda se pondo no fim a análise dos órgãos competentes para comprovar a eficácia do remédio. Portanto, a notícia foi uma forma encontrada pelo médico e pela classe médica paraense, de tratar o acontecido como uma descoberta científica e assim evitar o que seria um vexame, ao ter um dos seus médicos mais eminentes sendo taxado por charlatão por fazer uso de uma fórmula que a própria classe médica, junto com a Comissão de Profilaxia Rural e o próprio jornal *Folha do Norte*, se empenharam para desmoralizar.⁸¹

A classe médica paraense, que nos anos antes da polêmica, vinha de grandes passos no sentido de construção de uma identidade e uma união médica com a criação da Sociedade Médico-Cirúrgica e a Faculdade de Medicina do Pará, mostrou sua empatia aos ataques que um dos seus médicos estava passando, por meio de uma nota em nome do corpo docente e discente da Faculdade de Medicina em defesa do Dr. Camilo Salgado na revista *A Semana*. Os médicos se diziam “magoados com as referências que o diretor do serviço de Profilaxia Rural do Pará fez aos serviços de hygiene de Belém”, que de maneira vaga e indireta depreciou, na visão dos médicos, a imagem do dr. Camilo Salgado, nesse sentido além de mostrarem desagravo com a atitude da Comissão de Higiene, o corpo docente e discente da faculdade saiu em defesa de uma “brilhante figura da nossa classe médica”.⁸² Nesse sentido, nota-se como a imagem do dr. Camilo Salgado foi afetada por ter o seu nome ligado ao assacú, seja pela falta de resposta científica acerca

⁸¹ *Folha do Norte*. O específico da lepra, 24/07/1921.

⁸² *A Semana*. Nota em defesa do dr. Camilo Salgado. 14/10/1922.

da efetividade da erva no processo de cura da lepra, seja pela campanha médica afim de desmoralizar aquele tratamento, de todo modo, essa ligação entre aquilo que a classe médica classificava como charlatanismo com um dos seus renomados médicos alopatas, afetou a medicina e a imagem dos médicos naquele período.

Zacheu Cordeiro não deixou o caso passar despercebido e se utilizou daquele acontecido para atrair a atenção para sua prática, escrevendo uma carta aberta ao dr. Camilo Salgado no jornal O Estado do Pará, nela o homeopata cobra uma visita do alopata em seu consultório a fim de lhe comprovar a eficácia da cura da lepra pelo tratamento homeopata. Convidando Camilo Salgado para acompanhar o tratamento de um paciente leproso, ele indica ter certa intimidade com o alopata pela forma que o trata e por falar que já havia mostrado outros casos para o médico.

Você sabe perfeitamente que não são os primeiros casos da minha clínica que lhe mostro, e não seria a primeira vez que suas luzes me ilustrariam para, ainda com minha medicação homeopática, prosseguir o tratamento dos meus doentes.⁸³

O contato do dr. Zacheu Cordeiro com o dr. Camilo Salgado pode ter sido uma estratégia utilizada pelo homeopata no sentido de ligar a fórmula ao qual estava defendendo a um médico tão renomada e titulado da sociedade belenense, todavia, a carta também pode ser vista como um afronte ao médico alopata e a sua classe médica que tanto atacou o Mamerto Cortés e o assacú, taxando-o de charlatão e classificando a erva como "sem efeito prático na doença", contudo, apesar das críticas, um dos seus mais eminentes médicos se utilizava, anteriormente, da fórmula. O homeopata continua a carta falando sobre "suportar a intitulação de charlatão", diz não se importar com isso e que prefere "o ímpeto de charlatão ao de cientista".

Um dia após a publicação da carta, o Dr. Camilo Salgado procura o Folha do Norte para responder o convite de Zacheu Cordeiro; logo no início da carta, Camilo Salgado faz questão de desmentir os boatos de que no passado usou o assacú na cura da lepra, afirmando ser uma "inverdade" que havia curado Manoel Chrispim Monteiro pelo o assacú, tratando o caso como uma "confusão urdida entre o "assacú" e "assacu-rana", uma vez que há diferença entre as duas plantas medicinais e "desigualdade nas famílias a que pertencem", mostrando certa indignação pelo médico homeopata dizer em sua carta que o alopata tratava o seu paciente com o assacú, respondendo ao médico que ele estava revisitando um "assumpto tão simples e perfeitamente esclarecido".⁸⁴

⁸³ O ESTADO DO PARÁ, carta aberta ao dr. Camilo Salgado, 28/07/1921.

⁸⁴ FOLHA DO NORTE, Em resposta a uma carta, 29/07/1921

Camilo Salgado busca se defender dos comentários relacionados a sua imagem:

Vejo que, tendendo a alcançar maior, se formou um ruído injustificável em face da revelação de minhas experiencias, compreendendo que se quer aproveitar o meu nome como elemento de adesão á despropositada opposição movida impatrioticamente contra a digna comissão de Prophylaxia Rural que nos esta prestando incansavelmente officio da missão que desempenha [...] ⁸⁵

O médico mostra insatisfação com as notícias sobre o seu nome e sua suposta ligação com a utilização do assacú, indicando ser uma tentativa de alcançar maiores debates com as suas experiências passadas; cabe também um questionamento sobre a fórmula do medicamento que era utilizado por ambos os médicos, as fórmulas utilizavam a mesma erva, contudo, a dúvida era saber onde o médico alopata conseguiu a sua fórmula e se essa era a mesma que a de Mamerto. Ele ainda indica que o médico homeopata está fazendo uma campanha “impatrioticamente” contra a Comissão de Profilaxia Rural, ao tentar defender Mamerto Cortés, e assim desacreditar a comissão. Contudo, o dr. Camilo Salgado aceita o convite para comparecer a clínica do dr. Zacheu Cordeiro e conhecer o seu tratamento contra a lepra:

Não me excusarei, em se tratando de convite de um collega, a vêr alguns dos doentes que o dr. Zacheu Cordeiro mostra ter deferencia de apresentar-me, solicitando-se aceitar a franquesa de extranhar o julgamento precipitado que externou quando na minha provável aqnescencia uma causa de pessima impressão aos collegas da escola official [...] ⁸⁶

O médico não recusa o convite de quem o chama de “colega” para ver alguns de seus doentes, contudo, mostra-se reticente em aceitar o convite por temer que isso poderia trazer uma mal estar entre a classe alopata. É notório que há uma tentativa do alopata Camilo Salgado de afastar a sua imagem do assacú, justificando que houve um mal-entendido e que o seu tratamento era produzido a partir de outra planta medicinal, percebe-se que há uma insatisfação da classe médica alopata com toda essa polêmica, justamente por ver um dos seus em meio a controvérsias, por já ter utilizado a erva que tanto tentaram refutar.

A polêmica não só mostrou o quão estreito estava o clima entre os médicos alopatas e homeopatas, mas também como o dr. Zacheu Cordeiro assumiu a função de defensor de Mamerto Cortés ao mesmo tempo que buscava seu espaço e da sua medicina na sociedade. Após o assassinato de Zacheu Cordeiro, irá surgir outra explicação para

⁸⁵ FOLHA DO NORTE, Em resposta a uma carta, 29/07/1921

⁸⁶ FOLHA DO NORTE, Em resposta a uma carta, 29/07/1921.

esta saída em defesa do referido, Mamerto Cortés; o próprio colombiano dirá a sua versão em seu depoimento para a polícia após ser preso. Segundo Mamerto⁸⁷:

Que em 1921 em datas de 3 a 5 de fevereiro, mais ou menos, achava-se gravemente doente e tratava-se com remédios.

Um amigo seu e o dono do hotel onde se achava hospedado, vendo que elle se encontrava muito mal, chamaram para tratá-lo o Dr. Zacheu Cordeiro, no que concordou o enfermo. Indo ao hotel, o médico viu os remédios de que se servia o doente e approvou o tratamento, modificando, porém, um dos remédios. Dias depois, como peorasse, foi aconselhado a se revólver ao hospital da Ordem Terceira, onde o seu médico lhe disse que continuasse com o mesmo tratamento anterior.

Melhorando, teve alta do hospital, não acceitando aquelle medico nada pelo seu tratamento. Novamente, porém, aggravado o seu mal, recolheu-se ao alludido hospital, continuando com o mesmo medico, que lhe disse ser causa do mal um traumatismo moral em consequencia das perseguições do se. Sousa Araujo, o que o doente conseguiria evitar, associando-se a um medico da cidade, no que immediatamente accedeu, acceitando o proprio Dr. Zacheu Cordeiro para socio, offerecendo-lhe cincoenta por cento do lucro bruto adquirido com o tratamento dos casos de lepra, compromettendo-se a fazer por sua conta os gastos e tratamentos.

Por meio da fala de Mamerto Cortés, percebemos que a união entre os dois médicos não se deu de forma tão factual quanto a união apresentada por intermédio do jornal, também não fora para ficarem mais fortes contra os ataques alopatas. Essa união, pelo menos na versão de Mamerto, começou no leito de morte de onde o dr. Zacheu Cordeiro recobrou a vida e a saúde do colombiano, sem saber que este lhe tiraria a vida no futuro.

Percebendo que o seu paciente não melhorava, o Dr. Zacheu Cordeiro, após uma longa consulta, não prescreveu somente remédios, mas também que o paciente resolvesse as suas pendências, para que assim a sua força vital fosse restabelecida. Mamerto Cortés menciona em seu depoimento que a perseguição sofrida por ele estava ligada diretamente à pessoa do Dr. Sousa Araújo, o referido era o chefe da Profilaxia Rural do estado, e a sua atuação estava ligada ao depoimento do sr. Francisco Rodrigues, vizinho do colombiano, mencionado no início desse texto. Mamerto, que tem a sua casa revistada e seus medicamentos recolhidos por não apresentar o seu diploma médico, não aceitou essa decisão e acreditava que tudo não passaria de uma perseguição política, seja por ser estrangeiro, seja por ser homeopata⁸⁸.

⁸⁷ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

⁸⁸ Folha do Norte. O tratamento da lepra pelo assacú, p. 1. 08 jun. 1921.

E foi a partir da pressão que sofrera após essa perseguição política que se transformara em enfermidade, que se estabeleceu a confiança entre o médico e seu paciente, e pela necessidade que o colombiano tinha de manter-se protegido contra as investidas dos médicos alopatas, o que vai levar desde a publicações de artigos para fortalecer o referido, até a associação entre os homeopatas. A própria atitude do dr. Sousa Araújo será vista como autoritária, ao ponto de ser diversas vezes apelidado nos jornais como *Conde de Almofadinha* diante de sua soberba e autoridade em casos de ataques a curas alternativas na região.

1.2. Charlatão, médico homeopata ou assassino? O algoz do dr. Zacheu Cordeiro

Após o assassinato, todos na cidade estavam apreensivos para saber os motivos que levaram o colombiano ao extremo de assassinar aquele que, pelo que tudo indicava, era o seu companheiro de trabalho. Para isso, os jornais se encarregaram de noticiar de forma veemente o ocorrido. Contudo, o *Folha do Norte* acaba ganhando destaque na cobertura, desde publicar fotos do corpo do médico, depois da autópsia, até cobrar por justiça em suas páginas.

A morte do médico teve grande repercussão e logo foi sentida por pela sociedade belenense. A procura por informação foi tão grande que na edição do dia 11 de abril 1924 o *Folha* emitiu uma nota no seu periódico informando que devido à tamanha procura, a tiragem seria triplicada para poder suprir a todos os anseios, tendo em vista que no dia anterior a tiragem do jornal havia sido esgotada em poucas horas. Nas páginas dos jornais, constavam desde testemunhas dizendo o que viram naquela tarde, o depoimento de Mamerto Cortés e até mesmo uma carta que teria enviado ao dr. Zacheu Cordeiro. Afinal, quais eram os verdadeiros motivos do assassinato?

Tudo teria acontecido por causa da disputa pela utilização do assacú. O colombiano pediu ao Dr. Zacheu Cordeiro para que esse fosse seu sócio, pois acreditavam que dessa forma as perseguições para com o estrangeiro diminuiriam, e assim o primeiro daria metade do que arrecadasse com o tratamento pela erva para o segundo. No entanto, Mamerto Cortés acusara o médico de o enganar e de ter o matado para limpar a sua honra.

Em seu depoimento, Mamerto Cortés irá revelar o que o levou a cometer o assassinato, contando todos os detalhes⁸⁹:

Ficando bom, começou a trabalhar, dando excelentes resultados pecuniários os seus trabalhos.

Disse lembrar-se de ter ido uma vez prestar contas com o seu socio da quantia de 200\$, ficando este com o dinheiro e dizendo-lhe que daria o troco quando trocasse a cédula. Dias depois, levando-lhe mais 300\$000 para dividi-lo e que querendo se cobrar dos 100\$ que lhe ficara a dever o socio, este disse já os haver entregue. Referiu, que, tendo de embarcar para Igarapé-assú, o dr. Zacheu pediu-lhe uma fórmula do assacú a fim de evitar que o preparado se acabasse, o que o respondente não quiz fazer. Disse, que finalmente, que dahi por diante o dr. Zacheu recebeu várias quantias, nunca lhe prestando contas.

Declarou que o seu socio procurava liberar-lhe os doentes, com os quaes contractava tratamento.

Referiu que depois de algum tempo começou a ser perseguido pelo dr. Zacheu, que dissera uma vez só querer do respondente o segredo do assacú e que depois lhe daria o pé. [...]. Resolveu então escrever-lhe uma carta minuciosa, o que fez sob registro do Correio, cujo recibo apresentava, não sendo, porém, respondida.

Nessa parte do depoimento, Mamerto Cortés mostra quais seriam os motivos que o levaram a cometer o crime. Para ele, a sociedade firmada com o médico acabou sendo algo desonesto, pois todos os valores que ele conseguia, era levado para que fosse dividido; no entanto, o colombiano sempre voltava para casa sem nada, com a promessa de que receberia, e assim seguiu valores por diversas vezes sem que houvesse retorno do que era seu por direito. Isso já começaria a afetar-lhe a confiança para com o seu sócio.

Outra justificativa, foi a desconfiança que o referido tinha sobre o seu sócio estar querendo lhe roubar a fórmula do assacú, dando a entender que a fama do Dr. Zacheu Cordeiro, um dos descobridores da cura da lepra pelo assacú, não possuía tanta veracidade, tendo em vista que o médico não dominava a manipulação da erva. Além disso, o colombiano ainda o acusa de querer roubar os seus pacientes.

No depoimento, pode ser percebido que havia uma grande quantia sendo movimentada somente pela venda do remédio para lepra, dando-nos margem para pensar que a fórmula estava sendo bem quista e requisitada na sociedade, o que daria uma ótima remuneração para ambos os médicos.

Há de se destacar uma viagem do depoente para o município de Igarapé- Açu⁹⁰. Antes mesmo de sua partida, o Dr. Zacheu Cordeiro pediu-lhe a fórmula, para que não

⁸⁹ O depoimento do médico estampou as páginas dos periódicos da época e ajudou a elucidar o caso que, até então, pouca coisa se sabia. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

⁹⁰ Igarapé-Açu é um município do Estado do Pará e localiza-se a cerca de 103 km da capital Belém.

ficasse sem o fornecimento do remédio, porém teve o seu pedido negado. O questionamento nesse primeiro momento é tentar entender o que o colombiano fora fazer no município: teria ido ele tratar mais um paciente ou teria ido em busca de mais ervas para as suas fórmulas?

O periódico o Estado do Pará também irá apresentar o depoimento do acusado, no entanto, em suas folhas terão mais informações do que as divulgadas pelo seu concorrente. Uma hipótese que explique essa disparidade é que os redatores do *Estado do Pará* optaram por não enxugar o texto do depoimento, colocando-o na íntegra, o que já não fez o *Folha do Norte*. É notória a diferença dos textos e as interpretações que elas possam gerar, enquanto no *Folha* saiu algo mais frio, em que se intensifica o sentimento de culpa do acusado, o seu concorrente abriu espaço para todas as palavras do depoente, dando assim maiores chances ao leitor de entender o seu lado da história. Em um dos pontos do referido depoimento apresentado pelo jornal, cabe destacar o seguinte trecho⁹¹:

[...]levou novamente 300\$000 afim de dividillos; que o respondente na ocasião quis cobrar-se dos 100\$ que lhe ficaram devidos mas dr. Zacheu disse que já os havia entregue; que o tratamento da lepra obteve magnifico resultado numa clinica de 33 doentes; que tendo o respondente necessidade de embarcar para Igarapé-assú o dr. Zacheu pediu-lhe que lhe deixasse a formula letra C de assacú, afim de evitar que o preparado que existia na cidade acabasse; que o respondente negou-se o pedido dizendo que se lembrasse que já havia oferecido todos os seus segredos mas só quando deixasse esta capital[...].

Ao compararmos esse trecho como ele é escrito no *Folha do Norte* e como ele é escrito no Estado do Pará, há de se notar a diferença. Aqui veremos novas informações do caso, como a que o Dr. Zacheu Cordeiro atendera pelo menos 33 pacientes com lepra e obtivera bons resultados, além da menção de um acordo entre os dois médicos que, ao fim da jornada do colombiano na capital paraense, todas as suas fórmulas passariam a ser do seu sócio. Cabe agora saber quais eram as intenções de ambos os jornais em apresentar o texto de forma como cada um apresentou, e mais, qual dos dois possuía, de fato, o depoimento verdadeiro de Mamerto Cortés na delegacia.

No depoimento do jornal *Estado do Pará*, percebe-se que novas informações foram omitidas do texto do seu concorrente. Mamerto Cortés reclama que seus clientes estavam sumariamente o abandonando e indo se tratar com o dr. Zacheu Cordeiro, o qual cobrava mais barato pelos atendimentos; além disso, o mesmo passou a falar mal do colombiano para os colegas, levando-o não somente à perda de clientes, como de

⁹¹ O Estado do Pará. Crime bárbaro. 09/04/1924. P. 17.

credibilidade. Ele também acusa o seu ex-sócio de pagar para pessoas o insultarem na rua, causando grande mal-estar, como no trecho⁹²:

[...]que o respondente precisa referir um outro facto, ocorrido em 1923: o respondente, hospede então do Hotel America, era continuamente insultado por um engraxate italiano e vendo que era insuportável essa situação que o respondente afirma que era forjada pelo dr. Zacheu, formulou queixa á policia a qual promettendo investigar, nada fez[...].

Nada ligado ao que acabara de ser apresentado aparece no dito depoimento de Mamerto Cortés no *Folha do Norte*, porém o que chama atenção na continuação do relato do acusado é que, no dia anterior ao referido depoimento, ele estava indo em direção à praça Batista Campos quando viu o Dr. Zacheu Cordeiro em um bondinho; a fim de lhe cobrar explicações, resolveu entrar no mesmo circular e sentou-se no banco atrás do médico que quando percebeu a sua presença “olhava-o com desprezo e cuspiam no chão”. Quando estava próximo de chegar ao bairro do Reduto, Dr. Zacheu saltou do bonde e já subiu em outro em direção ao largo S. João, fazendo o mesmo movimento o colombiano.

Ao chegarem ao largo, os dois saltaram e após uma pequena caminhada, o “Dr. Zacheu olhou para o respondente com desprezo altivo”; além disso, o fez “menção de tirar alguma coisa do bolso” e a reação do Mamerto Cortés foi de “sacar o seu revólver e detonar os dois primeiros tiros”, sendo o primeiro a atingir o rosto e o segundo o tronco do médico. Porém, mesmo ferido, o Dr. Zacheu Cordeiro tentou reagir, levando o seu algoz a aplicar-lhe mais um tiro “que apanhou a cara de novo”. Ele conclui ressaltando que só seguiu a vítima para tirar satisfação sobre a carta que havia lhe enviado, mas como temeu pela sua vida, acabou atirando, mas preferia que o desfecho da história tivesse sido outro, pois assim teria mantido a sua honra. Após o tiro, o mesmo começou a gritar atrás de polícia, para que pudesse se entregar⁹³. A parte final do depoimento do acusado é semelhante em ambos os jornais, tornando ainda mais nítido que estes tiveram acesso ao mesmo texto, mas resolveram editar à sua maneira e ao seu interesse.

O *Folha do Norte* e o *Estado do Pará* ainda publicaram os relatos das testemunhas que estavam no local, e o que elas disseram acabou indo contra o que o Mamerto Cortés disse ter acontecido. No entanto, as versões de cada jornal novamente aparecem diferentes. Na versão do *Folha*, consta que a testemunha José Tavares Sousa, empregado da Merceria Lealdade, ouviu três tiros e procurou saber o que estava acontecendo e viu o Dr. Zacheu Cordeiro caído no chão e o “assassino, que ainda tinha à mão o revolver” e

⁹² O Estado do Pará. Crime bárbaro. 09/04/1924. P. 17.

⁹³ O Estado do Pará. Crime bárbaro. 09/04/1924. P. 17.

“procurou tomar um bonde que se aproximava”, porém, um soldado da Força Pública, que estava “correndo na travessa D. Pedro, foi ao encontro do delinquente”⁹⁴. Já a versão da mesma testemunha no Estado do Pará difere, visto que o mesmo só soube quem era o assassino horas depois do crime e não há qualquer menção de tentativa de fuga do acusado⁹⁵. A segunda testemunha, o Sr. Francisco Ferreira de Brito, que estava indo a uma farmácia na redondeza, disse ter ouvido quatro tiros e que ao se aproximar do local, viu dois senhores, sendo um com o revólver e o outro caído no chão, e percebeu que um soldado corria em sua direção para fazer a prisão⁹⁶. A terceira e última testemunha, o proprietário da mercearia Lealdade, o Sr. Alexandre Augusto Pereira Gomes, diz também ter ouvido vários disparos próximos ao seu patrimônio. Sobre essa testemunha, novamente os jornais vão divergir, pois enquanto o *Estado do Pará* afirmara que a testemunha correu para ver o que estava acontecendo, o *Folha do Norte* dissera o contrário, que a testemunha não deu muita importância ao barulho, só correu para ver depois da movimentação; porém, ambos os jornais relatam que a testemunha logo reconheceu a vítima, por esta ter algumas vezes entrado na sua mercearia, e viu o acusado empreitando uma fuga que foi travada por um soldado.

O que todas as testemunhas confirmam é que realmente fora Mamerto Cortés o autor dos disparos que vitimaram o Dr. Zacheu Cordeiro. Muito além disso, eles relataram uma tentativa de fuga, porém, em depoimento à polícia, o colombiano diz não ter ocorrido e que ele havia ido se entregar. O *Folha do Norte* ainda faria uma apuração e ouviria testemunhas que aduziram tratar-se de um crime premeditado, e não acontecido pelo calor da ocasião. Segundo essas testemunhas, que o jornal não cita quem são, o colombiano Mamerto Cortés foi visto várias vezes nos locais onde o Dr. Zacheu Cordeiro costumava passar, incluindo o local do crime⁹⁷.

Os jornais aludiram também ao fato de não ter sido encontrado nada nos bolsos do Dr. Zacheu Cordeiro, eliminando a hipótese elaborada pelo seu algoz que disse o ter visto tirar algo do bolso, por isso teria pegado o seu revólver e atirado. Mais tarde, os jornais também noticiaram a falta de arrependimento do acusado que na subprefeitura do Umarizal, onde o interrogavam, disse que havia matado “o ladrão de sua honra”. Além disso, os repórteres disseram que este permanecia sempre calmo e, por vezes, risonho⁹⁸.

⁹⁴ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

⁹⁵ O Estado do Pará. Crime bárbaro. 09/04/1924. P. 17.

⁹⁶ Ibid. P. 17.

⁹⁷ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

⁹⁸ O Estado do Pará. Crime bárbaro. 09/04/1924. P. 17.

1.3-A carta do Mamerto Cortes para Zacheu Cordeiro

Cabe também a menção à carta que o depoente fala no final deste trecho do seu depoimento. Esta carta foi entregue na residência do Dr. Zacheu Cordeiro e segundo sua esposa⁹⁹ em entrevista à Folha do Norte, fora ela mesma quem recebera. Após lê-la, ficou em dúvida se dava ou não para o seu marido; passando-se alguns dias, ela resolveu entregar-lhe a carta, e seu marido percebendo de quem era, não lhe deu muito crédito e a guardou na gaveta da sua mesa no escritório. Sua esposa, aflita, pediu para que ele se inteirasse da carta o quanto antes, e vendo a reação de seu cônjuge, pegou a carta e levou-a à sua farmácia. Depois de lida a carta, ele “não se preocupou com o remetente, que já vinha fazendo desde fins de 1922, quando ocorreu o rompimento das relações entre ambos”. Ou seja, o desentendimento entre os médicos já havia se consumado há cerca de dois anos antes do assassinato, e o Dr. Zacheu Cordeiro já vinha sofrendo cobranças, ou até mesmo ameaças do seu ex-sócio há tanto tempo, que nem se importara mais com as novas.

Em seu depoimento à polícia, o colombiano teria procurado o Dr. Zacheu Cordeiro no dia do crime justamente para lhe cobrar uma resposta acerca da carta. O conteúdo da carta, que será apresentado adiante, é deveras extenso, ocupando quase que uma folha por completo dos periódicos.

Cabe apresentar, antes da carta, o pouco que se é conhecido do colombiano Mamerto Cortés, o autor do assassinato do médico homeopata Zacheu Cordeiro. A presença do colombiano em terras paraenses fora marcada por muitas polêmicas com a introdução do assacú no tratamento da lepra. Não se sabe, até os dias atuais, se o colombiano possuía ou não a formação médica; em seu depoimento, ele diz ser médico e militar. Ao ser interrogado para identificação na polícia pelo o "official Arthemio Beckmann", temos algumas das poucas informações sobre o acusado¹⁰⁰:

- Seu nome?
- Mamerto Cortés.
- Quando Nasceu?
- A 11 de maio de 1862
- Sua nacionalidade?
- Colombiano.
- Sua filiação?
- Dr. Francisco Cortés, advogado e Celestina Cabrera.

⁹⁹ Folha do Norte. O assassino do Dr. Zacheu Cordeiro. 11/04/1924. P.1.

¹⁰⁰ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

-Seu estado civil?
-Solteiro.
-Sua profissão?
-Médico.
O official pediu-lhe a prova.
Elle não a tinha.
-Militar, emendou o criminoso.

São essas as poucas informações do colombiano. Após o interrogatório, o official conclui que ele não era nem médico e nem militar, pois não apresentara provas para isso, e a própria polícia o classificou nos autos do interrogatório da seguinte forma: “O senhor é um curandeiro”. Ademais, acrescentou somente suas características físicas como sendo da cor “branca, cabelos grisalhos, barba raspada, bigode de pontas caídas, olhos castanhos, começo de calvice fronto-coronaria e mede 1,60 de altura”¹⁰¹.

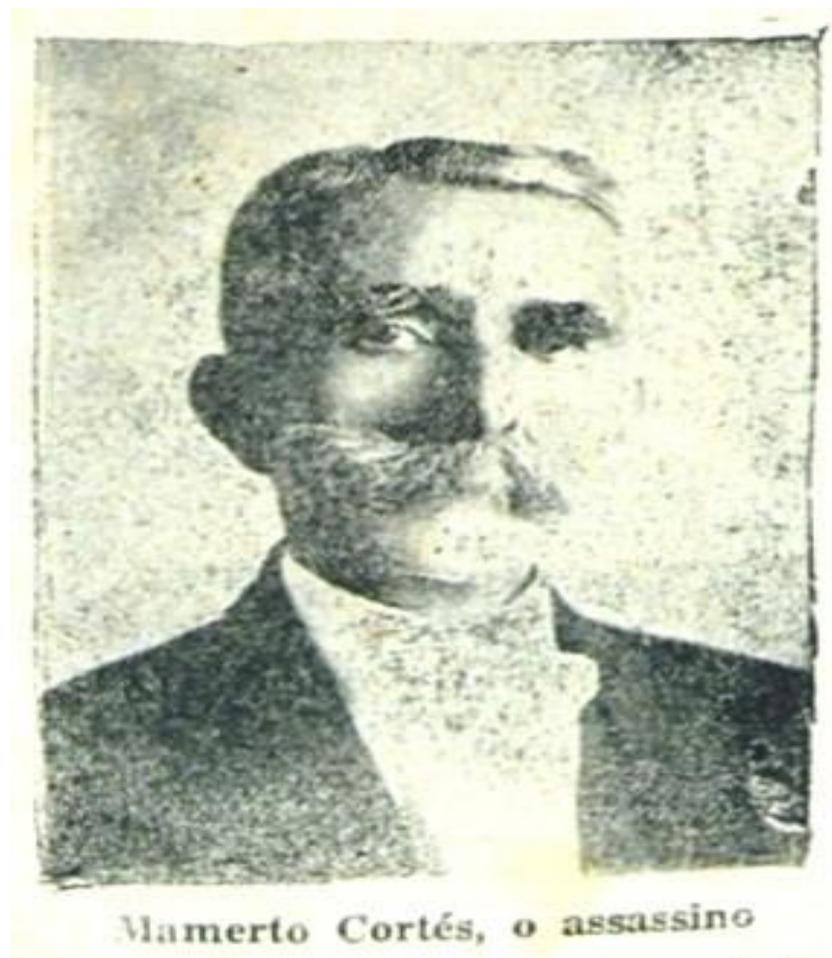


Figura 2: Foto de Mamerto Cortés.

¹⁰¹ Ibid, p.1.

¹⁰² Foto presente em: Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

Acerca da carta de Mamerto Cortés ao Dr. Zacheu Cordeiro, ele ressalta algumas vezes em seu depoimento que fez questão de lhe enviar pelo Correio, para ter uma comprovação de que enviara. Como já foi apresentado nessa dissertação, isso pode ser entendido como uma atitude de quem já estava premeditando algo e teria na carta uma tentativa para provar que o crime não teria sido passional.

Com a data de envio de “08 de marzo de 1924”, ou seja, exato um mês antes do assassinato, Mamerto Cortés começa a escrever, em espanhol, contando desde os primeiros contatos com o Dr. Zacheu Cordeiro, que teriam sido quando ele salvou o colombiano de uma doença que não conseguia se curar. Sobre esse episódio, ele lhe informou que o mal do qual sofria era de espírito, tendo em vista as constantes perseguições que ele havia sofrido e que para se curar deveria se associar a um médico da cidade, o que o remetente da carta o fez, chamando o próprio doutor que o havia diagnosticado para ser o seu sócio. Respondendo positivamente ao convite, na ocasião o Dr. Zacheu Cordeiro perguntou sobre a fórmula do remédio de assacú, obtendo como resposta: “*DR. no tenga cuidado por eso. Antes de mi salida de esta ciudad, le daré todas mis fórmulas de assacú, plantina vejeta y otras contra la lepra*”¹⁰³. Desde o início desta relação, Dr. Zacheu demonstrara já saber sobre as suas fórmulas, e, até mesmo para se proteger, Mamerto Cortés prometeu dá-las somente quando saísse da cidade, para não ter concorrentes.

Por conseguinte, o colombiano pediu que o médico lhe desse alta, pois ele precisava ir ao banco trocar o seu dinheiro por libras, para enviar à Colômbia para suas irmãs, porém o Dr. Zacheu Cordeiro não lhe permitiu fazer o mesmo e se disponibilizou para ir ao banco pelo mesmo, pois, segundo ele, havia muitas pessoas mal intencionadas nesses locais, que costumavam subir o valor da libra para enganar os estrangeiros e como ele tinha um parente que trabalhava com isso poderia até mesmo comprar a moeda em um valor mais em conta. Imediatamente, o colombiano lhe passou “700\$000 réis” para que fossem depositados, no entanto, se passaram vários dias e o enfermo não obtivera resposta de seu médico sobre o câmbio da moeda, só voltando a falar com ele após um hospital de caridade¹⁰⁴ lhe encomendar vários frascos de seus preparados.

¹⁰³ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

¹⁰⁴ Não há relatos acerca de qual hospital seja esse, contudo, há uma hipótese de ser o Beneficente Portuguesa, ao qual o dr. Zacheu Cordeiro parece ter uma relação, segundo alguns relatos nos jornais, porém, não há nada de concreto que possa ser utilizado.

Na ocasião, Mamerto Cortés pediu para o Dr. Zacheu Cordeiro que guardasse em sua farmácia boa parte dos seus preparados, para evitar que, em algum momento, o Dr. Sousa Castro, em mais uma visita da profilaxia rural em sua residência, levasse todos os seus preparados. Os médicos aproveitaram também para fazer visitas aos hospitais onde os pacientes eram tratados pela fórmula de assacú do colombiano. Ele comenta os rostos felizes e cheios de gratidão com que os seus pacientes lhe recebiam e esta cena colaborou para que o Dr. Zacheu Cordeiro ficasse emocionado e “*corroborában con las lágrimas que aparecian en ollos*”, fazendo o mesmo sentir ainda mais a necessidade de conhecer a fórmula dos remédios que obtinham resultados tão entusiasmantes¹⁰⁵.

Passados alguns dias, Mamerto Cortés encontrou com um conhecido seu, que também era médico, que lhe contou que na noite anterior havia tido uma reunião com o Dr. Zacheu Cordeiro e outros médicos na qual o homeopata havia feito o seguinte comentário sobre o colombiano: “Não conheço esse estrangeiro, espero apenas colher-lhe os segredos do assacú e abandoná-lo”. Essa situação acabou fazendo com que o estrangeiro começasse a olhar o seu sócio de maneira diferente¹⁰⁶.

Mamerto diz que em um momento padeceu de uma doença que lhe atingia o coração e que o Dr. Zacheu Cordeiro lhe sugeriu repouso; para isso, disse que ficaria com a maioria dos pacientes e que o colombiano ficaria somente com os do centro. Contudo, os pacientes que se tinha no centro, em sua maioria, eram pacientes que estavam recebendo o tratamento de graça, por não terem como pagar pelo tratamento, enquanto os outros que o seu sócio se comprometeu em ficar pagavam pelo tratamento de acordo com o que poderiam dar.

Esse fato colaborou para que os seus pacientes não quisessem mais ser tratados por ele e sim pelo Dr. Zacheu Cordeiro, mesmo que os preparados ainda fossem feitos pelo colombiano. Às vésperas da sua viagem para Igarapé-Açu, o doutor tentou descobrir a fórmula, que lhe foi negada novamente; quando chegou de viagem, o colombiano foi recebido pelo doutor que disse que estava sendo perseguido também pelo Dr. Heraclides Sousa Araújo¹⁰⁷, por conta da sociedade que fez com o referido estrangeiro¹⁰⁸.

¹⁰⁵ Ibid, p.1.

¹⁰⁶ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

¹⁰⁷ Heraclides Cesar de Souza Araújo (1886 – 1962), Diretor da Profilaxia Rural, atuante na época do médico e governador Souza Castro, um dos fundadores da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará e da Faculdade de Medicina do Pará.

¹⁰⁸ Ibid. 10/04/1924. P.1.

O colombiano resolveu então mudar de residência, indo agora morar no hotel *Rotisserie Suisse*. Em uma manhã de setembro, um homem começou a gritar-lhe ofensas e Mamerto percebeu que essas ofensas possuíam informações pessoais, como o seu estado civil, os seus estudos, suas irmãs e que aquele homem, ao qual ele nunca havia visto, não teria como ter essas informações, a menos que ele estivesse sendo pago por alguém que tinha se passado por amigo dele, mas na verdade eram inimigos, pois só haviam três pessoas na cidade que sabiam sobre essas informações: o professor Level de Godá, com quem o colombiano teria dividido a residência logo que chegou no Pará, o médico Zacheu Cordeiro e o advogado Francisco Gonçalves¹⁰⁹.

Apesar de tudo, o colombiano continuou a visitar os seus clientes, que cada vez mais se queixavam da sua presença e pediam pelo Dr. Zacheu Cordeiro. Em alguns casos, o médico cobrava pelo tratamento, porém recebia a informação de que os familiares dos seus clientes já haviam repassado o valor para o seu sócio. Após perder novos pacientes para o referido doutor, o colombiano resolveu romper laços e cobrar aquilo que ele entendia ser seu por direito e termina a sua carta dizendo: *“Toda la nobreza de mi moderación fué inútil, abandonó mi proposito. ¿Qué motivos tiene ud. contra mí y qué males le hé causado?”*¹¹⁰

Portanto, percebemos através da carta de Mamerto Cortés inúmeros casos que teriam lhe motivado a cometer o crime, dentre eles: a utilização da sua fórmula em benefício do Dr. Zacheu Cordeiro; o sumário roubo de pacientes do colombiano pelo o seu sócio; a sua difamação no meio médico, dando a entender que o Dr. Zacheu só estava em sociedade com o referido por querer as suas fórmulas; o suposto caso em que o seu sócio teria pago a pessoas para que essas o insultassem; além da falta de retorno dos pagamentos dos clientes, visto que tinha ficado acertado que os valores seriam divididos em partes iguais para os dois obtivessem lucro, no entanto, apenas colombiano honrou com o trato.

Dentro da carta, percebermos uma tentativa de esclarecimento dos motivos que o fizeram perseguir o Dr. Zacheu Cordeiro; em nenhum momento o remetente da carta dispara ofensas ao seu ex-sócio, trata-lhe da forma mais cordial possível, mesmo que a sua atitude posterior tenha sido a menos honrosa, ao assassinar o seu colega.

1.4. Mobilizações e luto: o homeopata, apesar de tudo, era um médico!

¹⁰⁹ Ibid. 10/04/1924. P.1.

¹¹⁰ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

Após o assassinato do Dr. Zacheu Cordeiro e a prisão de seu assassino, o Dr. Mamerto Cortés, o clima na cidade de Belém não poderia ser outro a não ser de espanto e curiosidade. A sociedade belenense queria saber mais sobre o ocorrido, ainda mais se tratando de dois médicos que, até pouco tempo, tinham seus nomes divulgados em todos os jornais, por terem supostamente descoberto a cura para a lepra, agora estampavam as páginas por motivos trágicos.

A morte do médico fez com que qualquer fagulha de conflito existente entre os médicos homeopatas e os alopatas fosse acabada, ou pelo menos diminuída. A classe médica que sempre fizera questão de excluir os homeopatas, pararam e fizeram homenagens ao Dr. Zacheu Cordeiro, que mesmo tendo se formado em uma universidade de medicina alopática, escolhe a homeopatia para a sequência da sua vida profissional. A sociedade médico-cirúrgica, com a descoberta da morte do doutor, anuncia no jornal o Estado do Pará: “A Sociedade Médico-Cirúrgica prestara hoje, por ocasião do enterro, justa homenagem ao desventurado médico paraense”¹¹¹. Estes que desde o seu surgimento menosprezara a terapêutica do Dr. Zacheu Cordeiro, agora lhe prestara homenagem na ocasião da sua morte. No entanto, na nota não dizem qual será a homenagem e tão pouco esclarecem que o homenageado é o homeopata.

No funeral, além de muitos familiares e amigos, muitas figuras políticas e médicas se fizeram presentes. O jornal *Folha do Norte* junto ao *Estado do Pará*, lançaram em seus jornais uma lista com nomes de todas as figuras que estiveram no funeral na casa do falecido médico, essa lista é interessante, pois mostra vários personagens que em alguns momentos, se viram em lados opostos (Homeopatas x Alopatas) e agora, deixavam o conflito de lado para homenagear um colega de profissão. Mostra também a ausência de outros, que talvez não tenha conseguido deixar o conflito de lado¹¹².

Durante a noite o cadáver do malgrado facultativo foi velado por numerosas pessoas de suas relações, dentre as quaes destacamos os seguintes nomes:

Tenente Alfredo Camara, pelo sr. governador do Estado; drs. Maroja Netto, Elias Roffé e Alvaro Adolpho, Alberto Engelhard, Drummon Bittencourt, Antonio Pereira da Cruz, família Santiago, drs. Elias Viana e Pinheiro Sozinho, professor Joaquim Vianna, José Sidrim, Zena Sidrim, Fernando Rangel, Nelson Rolla, dr. Leopoldo Felix, capitão Nilo Mattos, dr. Hermogenes Pinheiro, José Dias de Carvalho, conego Ricardo Rocha, dr. Dagoberto Sousa,

¹¹¹ O Estado do Pará. Crime bárbaro. 09/04/1924. P. 17.

¹¹² Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.2.

Lauro Chaves, Francisco Coutinho, dr. Joaquim Paulo de Sousa, Leandro Tocantins, drs. Rodrigues de Sousa, Talisman Guimarães, Raymundo Lobão Pereira, Antonio Pereira Leal e família, Oswaldo d'Eça Falcão, Fernando Rebordão, Raymaundo Prado, Argemiro Motta, dr. Luciano Castro, Manoel Angelim e filho. Lucas M. de Castro, José Penna e Costa, Verissimo Couto e família, Gontrand Gomes, José Maria Camisão, João Tobias dos Santos, Darlindo A. Machado, Luiz Monteiro de Sousa, M. de Miranda P. Marques, João Gonçalves Nogueira, Diogo E. da Motta Araujo, Lino de Leão Carreira, Marcellino Santos, padre Faustino de Carvalho, Auto D. Bentes e família, professor Índio Tocantins, Raul Lobato Boulhosa e família, dr. Jucá Filho e esposa, drs. Alvaro Rego, Firmo Cardoso Sobrinho. Raul Mattos, Cesar Coutinho, José Malcher Filho, Pedro Guabyranho e José Malcher e R. Nonnato, pela FOLHA DO NORTE.

Nota-se uma grande quantidade de médicos alopatas no funeral do Dr. Zacheu Cordeiro, mostrando que, primeiro, o médico era muito influente na capital e o seu assassinato gerou bastante comoção no meio médico, segundo, que o fato de ser homeopata não o afastou da cena médica local. Ao se analisar o lado político, há pouca presença de figuras da política pública da capital paraense, se resumindo a presença do Tenente Alfredo Câmara em nome do governador do Estado, não há também a presença de nenhum profissional em nome da profilaxia rural do Estado.¹¹³

Posteriormente, no seu enterro, outra lista com nomes dos presentes na cerimônia fora disponibilizada pelos jornais, mostrando um número ainda maior de pessoas, de várias camadas da sociedade e de diversas classes trabalhadoras, em um levantamento simples feito através do estudo dos nomes, estiveram presentes ao todo 31 médicos, dentre eles os principais são o dr. Azevedo Ribeiro, médico dermatologista que também ocupou a cadeira de sua especialidade na Faculdade de Medicina, além de tratar e ter o seu próprio remédio específico que prometia a cura da lepra, dr. Ophir de Loyola, um dos principais médicos alopatas do Pará, na época especialista em pediatria e o Dr. Lauro Sodré, ex-governador do Pará, figura pública reconhecida na região e com forte apelo político, além disso, o médico também representava o dr. Ben-Athar e o Serviço de Saneamento Rural¹¹⁴. Uma falta sentida é a do Dr. Sousa Araújo, médico que durante toda a polêmica envolvendo o assacú, confrontou Mamerto Cortés, exigindo-lhe uma carta que comprovasse a sua formação médica.

Notasse também uma forte presença de religiosos católicos, o Dr. Zacheu Cordeiro era católico atuante, prestando serviços para a paróquia de Sant'Anna em Belém, lá o médico tratava de forma gratuita os enfermos que o procuravam, e para prestar

¹¹³ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.2.

¹¹⁴ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.2.

homenagens estiveram presentes no enterro as irmãs de Sant'Anna, o cônego Ricardo Rocha, o frei Miguel Maria, em nome da Missão dos capuchinhos, José de Pádua Costa, pela sociedade de S. Vicente de Paula, Padre Enéas Lima, padre Affonso do Giorgio, monsenhor Antônio Cunha, cônego Lobato e coronel Cyrillo Cruz, pela Companhia Pastoral Paraense. A forte presença de religiosos em seu enterro mostra como o médico homeopata era conhecido na comunidade católica.¹¹⁵

O corpo docente e discente do Gymnasio Paes de Carvalho e o vice-reitor do Gymnasio N. S. Do Carmo também se fizeram presentes no enterro, o que desperta curiosidade para o fato, não foi encontrado nenhuma informação sobre a formação básica de estudos do homeopata morto, contudo a presença dos representantes das escolas chama atenção, seriam essas as escolas de alguns dos seus pacientes? Ou teria o corpo docente e discente do Paes de Carvalho ido ao enterro por conta da proximidade de onde o crime foi cometido? Dentre os presentes estavam Frederico Nobre e Honorato Neves, pelo corpo discente do Gymnasio Paes de Carvalho, G. E. Almerindo Daudet, vice-reitor do Gymnasio N. S. Do Carmo, por si e pelo reitor, Clemente Sousa.¹¹⁶

Estiveram também presentes no enterro alguns advogados da capital paraense; A classe dos advogados também resolveu se manifestar através de uma nota lançada no jornal e um documento, abaixo assinado encabeçado pelo advogado Antônio Acatauassú Nunes, que também estava no enterro, pedindo vigor da justiça para punir o assassino do Dr. Zacheu Cordeiro. As várias assinaturas colhidas por diversos advogados da capital mostram o quanto o assassinato do médico incomodou a sociedade belenense, por ser uma figura pública e que estava diretamente ligado a busca pela cura da lepra, mesmo que a sua fórmula fosse bastante questionada pela alopatia, tratava-se naquele momento de altos números de casos da doença na região, uma resposta contra o Bacilo de Hansen. Portanto, a morte daquele doutor foi vista como o fim de um tratamento, tratamento ao qual o Dr. Zacheu Cordeiro e Mamerto Cortés, vinham trazendo bons resultados, mesmo que esses resultados não tenham sido provados pela comunidade médica. O caso levou vários blocos da comunidade a se revoltarem com o ocorrido e cobrarem justiça ao médico homeopata assassinado pelo colombiano Mamerto Cortés.

O redator informa que o enterro trouxe centenas de pessoas para se despedir do Dr. Zacheu Cordeiro. É possível que dentre essa multidão estejam presentes curiosos que viram o caso a partir das manchetes dos jornais, e até mesmo muitos dos seus pacientes;

¹¹⁵ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.2.

¹¹⁶ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.2.

mas o que chama a atenção realmente, é a quantidade de figuras ilustres da sociedade belenenses, ao ponto de terem os seus nomes citados pelo jornal. Além disso, não só a comunidade médica se fez presente: professores, advogados e muitos padres participaram da cerimônia.

No entanto, quem mais parece ter sentido a perda do médico fora os periódicos, em especial o *Folha do Norte*, que fez uma cobertura gigantesca com inúmeras matérias, emitindo opiniões e, principalmente, cobrando justiça. A começar, o jornal estampa na sua capa a notícia da morte do médico, o atestado da biópsia realizada no corpo de Zacheu Cordeiro e, ainda para chamar maior atenção para o caso, colocam uma foto do doutor no necrotério, mostrando como o seu rosto ficou desconfigurado com os tiros que lhe foram dados, mostrando ser uma estratégia para maior comoção dos seus leitores em torno do caso.



Figura 3: Foto do cadáver do Dr. Zacheu Cordeiro.

¹¹⁷ Imagem retirada da Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

Para o procedimento no necrotério, estavam presentes os doutores Otto Santos, médico legista e Renato Chaves, diretor do Serviço Médico Legal¹¹⁸, que fizeram a necropsia que fora vista por alguns doutores que estavam no local. Finalizado o procedimento, os médicos emitiram a causa da morte; eles encontraram quatro perfurações de bala, sendo a primeira “penetrando na região orbitaria esquerda, vasou o olho e alojou-se na massa cerebral”. A segunda, “perfurando o supercílio esquerdo, resvalou e foi alojar-se no ângulo maxilar”, a terceira na região “frontal atravessando a massa encefálica” e o quarto furo na região lombar, sendo a causa da morte “fracturas do crânio consecutivas de ferimentos penetrantes por projectis de arma de fogo”. Portanto, não restaram dúvidas de que o que levou à morte do doutor foram os disparos da arma de fogo¹¹⁹.

O *Folha do Norte* assume nesse caso um papel a mais do que informar, eles passam também a cobrar da justiça, exigindo que o assassino do Dr. Zacheu Cordeiro seja preso e que passe muitos anos na prisão. O anseio para que isso acontecesse era tão grande que foi lançada uma coluna criticando a postura da justiça brasileira perante crimes como este. Esta atitude pode ser vista como uma retaliação política àquele médico estrangeiro, ao qual o periódico já estampara em suas páginas críticas pesadas aos seus métodos, ainda na sua chegada à capital paraense, mas também como uma oportunidade de aumentar o seu conceito perante a sociedade. Com uma manchete de cunho sensacionalista estampada na sua capa de jornal do dia 10 de abril de 1924, toda cidade “vibrou de indignação” contra o Mamerto Cortés, ao qual o jornal chama de o “indesejável”; assim, com “A attitude da FOLHA”, ganhou o apoio “coletivo da sociedade”¹²⁰.

¹¹⁸ É interessante pensar que a medicina legal, um ramo científico da perícia implantada naquela década pelo governo e encabeçada pela nova geração de médicos especialista, como o médico legista Renato Chaves.

¹¹⁹ Folha do Norte. UM CHARLATÃO ASSASSINO, 09/04/1924, p.1.

¹²⁰ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

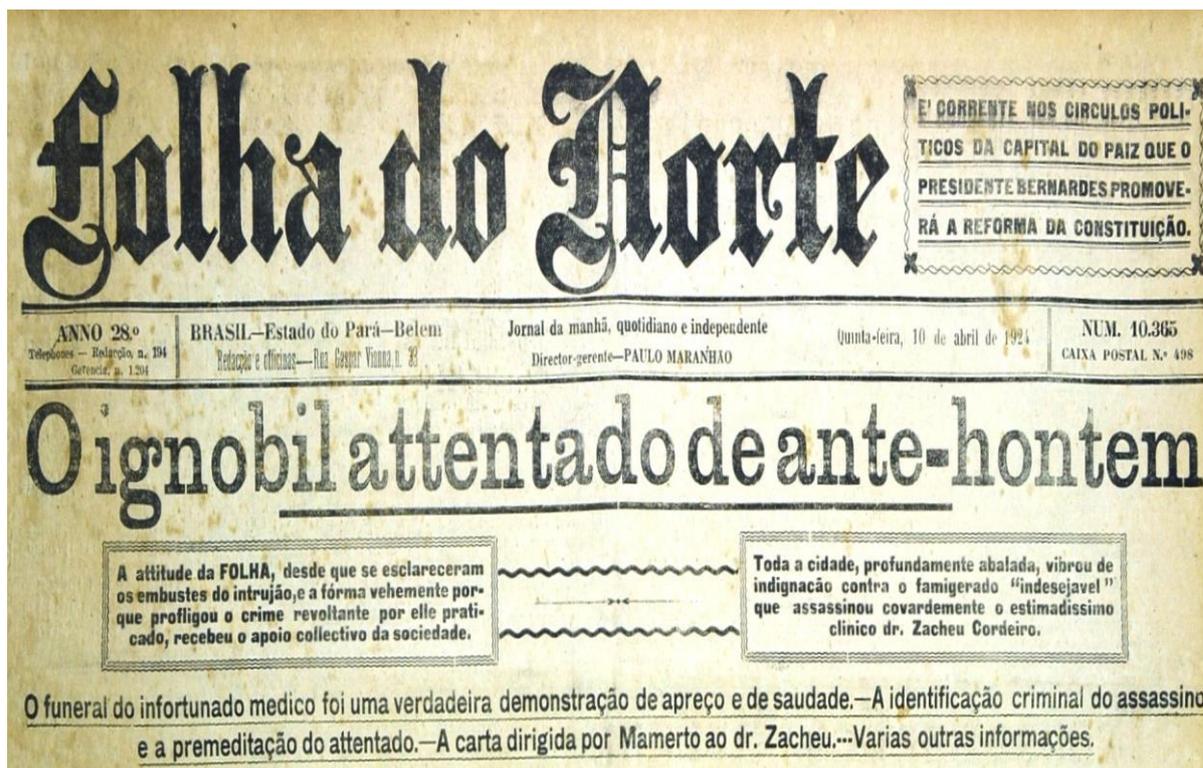


Figura 4: Capa do periódico do Folha do Norte.

121

Nessa mesma publicação, o jornal não só cobra da justiça uma punição exemplar, como também cobra que o julgamento do médico seja através de “jury”, pois para eles somente “[...]essa instituição judiciária que cabe julgar o delinquente”. No entanto, o redator do jornal ainda lança uma crítica; para ele, o júri vem em “constante desprestígio a que ella tem sido lançada entre nós, uma vez que lhe é conferida pela nossa legislação penal”. Para o redator, essa instituição só vinha servindo para “condenar innocentes e absolver criminosos confessos”. Ele, porém, logo busca exumar a culpa deste fato ao júri e acrescentar a culpa na atuação da polícia nos casos, pois, com a pouca apresentação de provas e os depoimentos colhidos pelos mesmos, trazem poucas contribuições para o processo e acabam por ajudar a mandar de volta à sociedade perigosos assassinos.

O redator conclui o seu texto pedindo para que o “ignóbil attentado de ante-hontem”, que tanto revoltou a todos que souberam pela forma cruel em que o doutor foi assassinado, sirva pelo menos para que haja uma reflexão destas atitudes da polícia e da justiça. Ele pede também “providencias mais enérgicas e moralizadoras, com o propósito

¹²¹ Imagem retirada do jornal: Folha do Norte. O ignóbil attentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

de desaparecerem taes desleixos que só concorrem para o aviltamento da nossa já precária organização judiciaria”, e ao “permanente perigo à segurança social”¹²².

Algo ainda mais contundente foi oferecido aos leitores do *Folha do Norte*. O jornal publicou uma carta de um colaborador, o Sr. Sebastião Oliveira¹²³, que não acreditava que o castigo da reclusão do réu fosse o suficiente para pagar por um crime tão vil e covarde, como o cometido pelo o Mamerto Cortés. Para o colaborador, a única justiça que poderia ter sido feita nesse caso é aquela que falava o magistrado americano John Linch¹²⁴, cujo nome deu origem para o termo "linchamento", que consiste na “justiça summaria applicada pelo povo indignado ante a barbaridade de certos crimes”. Ele conclui sobre o caso do Mamerto Cortés que esse deveria ter sido morto pela sociedade no mesmo local do seu crime. Os motivos para esse pensamento foram vários; esse tipo de justiça deveria ser aplicado não somente pelo assassinato em si, mas também pelo fato de o Dr. Zacheu Cordeiro ter recebido tão bem o estrangeiro, além de ter lhe salvado da morte no seu primeiro contato, e, termina dizendo que o colombiano deveria ter sido “morto a pauladas” pela população¹²⁵.

A cobrança pública feita pelo jornal não parece ter agradado a todos, tanto que um dia após a mesma, há uma nova coluna falando sobre a forma como o jornal tratou do assassinato e as críticas que fez ao júri, ao dizer: “Não resta duvidas que essa instituição tem offerecido exemplos notáveis de collaboração”, e ajuda a prender grandes criminosos que assustam a sociedade, porém o que eles queriam criticar é a “força convir, ao que diz respeito ao nosso systema penal, que um sem número de lacunas” muitas vezes levam os juízes a proferirem sentenças que mais parecem “excessivamente convidativas à multiplicação dos delictos”¹²⁶.

O jornal volta atrás às fortes críticas que fez no dia anterior, tentando pôr ordem no seu argumento que anteriormente estava cheio de emoção, como eles mesmos assumem. Para isso, eles não só pedem justiça ao caso do médico, como também que a polícia trabalhe mais fortemente para se antecipar a casos como este, pois a perda que a

¹²² Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

¹²³ Não fora encontrado nada a seu respeito a não ser a carta que enviara ao jornal.

¹²⁴ Muitos autores atribuem a origem da palavra ao coronel Charles Lynch, que praticava o ato por volta de 1782, durante a guerra de independência dos Estados Unidos, ao tratar dos pró-britânicos. Entretanto, é mais seguidamente atribuída ao capitão William Lynch(1742-1820), do condado de Pittsylvania, Virgínia, que manteve um comitê para manutenção da ordem durante a revolução, por volta de 1780. Ver mais em: <http://salp-pmf.blogspot.com/2011/07/voce-sabia-origem-das-palavras-linchar.html>.

¹²⁵ Folha do Norte. O ignóbil atentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

¹²⁶ Folha do Norte. O assassino do dr. Zacheu Cordeiro. 11/04/1924. P.1.

sociedade sofreu com a morte do médico é enorme e poderia ter sido evitada, se a polícia tivesse prendido há tempos o acusado.

Tudo evidencia que a premeditação do assassino trabalhava há muito tempo o espírito do ignóbil charlatão, que o executou. A lei obrigará as testemunhas a deporem sobre o facto criminoso; o órgão do ministério publico poderá multiplicar-se em providencias para esclarecer o caso; so jury ocorrerá a conveniência de renovar, aos seus olhos, as provas do horrível attentado.

Qual será a sentença?

A condenação do réu? A só premeditação auctoriza-nos a esperar que assim seja. Mas é exactamente dessa circumstancia que nasce a convicção de que a lei esquece a perda que a sociedade soffreu na pessoa de um médico, a cuja memoria tanta gente agradece obras de seus sentimentos generosos. Não basta, pois, afastar do nosso convívio um elemento pernicioso. Cumprе sobretudo obviar ao perigo a que todos estamos expostos, se nas medidas de prevenção desses crimes a energia da autoridade soffre constrangimento.

Para o redator do jornal, o crime poderia ter sido evitado se os sinais que o médico dava, perseguindo o Dr. Zacheu Cordeiro, sempre falando dele para os seus clientes e sempre visto nos locais onde o seu ex-sócio costumava ir, tivessem sido usados pela polícia para evitar essa grande perda para a sociedade, uma vez que agora, após o crime, nenhuma sentença e pena que o réu possa cumprir, irá trazer de volta o estimado médico para a sua família e pacientes.

Sem perder tempo, o Folha do Norte apresenta também uma “pequena palestra” com o colombiano Mamerto Cortés no presidio e que é apresentada no dia 10 de abril de 1924. O estrangeiro ainda estava vestido com as roupas do assassinato e ainda não havia dormido, permanecendo em pé desde que fora preso, pois estava em uma sala que não tinha nem cama nem cadeira, restando-lhe apenas ficar em pé, e nem ao menos comida tinha, só tomara um copo de leite, pois havia dado dinheiro para que comprassem para ele¹²⁷.

-Então “dr.” Mamerto, passou bem a noite?

-Não. Passei-a em claro, não soube o que foi dormir nem descansar, por falta de rede ou cama que não tenho na prisão. Desde que foi recolhido á cella até agora, permaneci de pé, tendo apenas tomado leite, pela manhã que mandei comprar fora.

Perguntou-lhe o nosso auxiliar o que dizia das noticias sobre o crime.

Mamerto, puxando o referido jornal, cuja noticia do crime estava assignalada em varias partes a lápis declarou:

¹²⁷ Folha do Norte. O ignóbil attentado de ante-hontem. 10/04/1924. P.1.

-Isto não é a expressão da verdade. Eu não disse o que está aqui escripto.

-E a noticia da FOLHA?

-A FOLHA foi cruel para commigo.

A entrevista acabara neste momento, após a chegada de um colchão e um travesseiro que havia sido pedido ele no Hotel América, onde residia; ele recebeu o mesmo com alegria e se retirou do local, subindo para a sua cela. Há, no entanto, alguns pontos desse depoimento que podem levar a alguns questionamentos, como a forma com que o colombiano foi tratado na prisão, sem receber rede ou cama para dormir e muito menos comida, sendo tratado quase como um animal. Resta saber se essa foi uma atitude única dos policiais para o caso, ou se era esse o procedimento comum na delegacia de polícia.

Há outro ponto que deve ser analisado, quando o auxiliar do repórter pergunta sobre as notícias do crime, o colombiano responde dizendo que não eram verdadeiras, que nunca havia dito tal coisa. O que será que foi mostrado ao médico para que negasse a veracidade? Teria sido algum ponto do seu depoimento apresentado nos jornais ou algo a mais? O que de fato podemos concluir é que o jornal não se tratava de um exemplar do *Folha do Norte*, pois quando perguntado, posteriormente, sobre as notícias do referido jornal, o entrevistado diz que o periódico fora cruel consigo, dando ainda mais credibilidade ao argumento do jornal que ficou do lado da indignação do povo e de todos.

Acerca das reportagens do *Folha do Norte*, o que não se pode passar despercebido é o fato de o jornal, apesar de toda a comoção que deu ao caso, em momento algum ter ligado a imagem do Dr. Zacheu Cordeiro à homeopatia, tratando-o apenas como médico de forma geral. O jornal, desde a chegada de Mamerto Cortés, se mantivera contra o estrangeiro e contra a prática homeopata, respeitando os alopatas, chegando até mesmo a destacar que o jornal preferia ficar ao lado da lei e da ciência, quando fora procurado, ainda no início do ano de 1921, pelo médico estrangeiro Mamerto Cortés, que se apresentava não só como médico, mas como homeopata que havia dito ter descoberto a cura da lepra. Ademais, esse conflito será debatido nos capítulos posteriores que, além de introduzir uma discussão sobre a homeopatia no Brasil e as suas singularidades que será já apresentada no próximo capítulo, trará também uma análise da erva assacú, que foi motivo de tanta polêmica e acabou sendo o pano de fundo para o assassinato do Dr. Zacheu Cordeiro, no capítulo final dessa dissertação.

CAPÍTULO 2 – EM DOSES HOMEOPÁTICAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS MEDICINAS.

Ao se propor estudar a homeopatia ou qualquer outra medicina alternativa, é necessário entender as discussões e as teorias médicas alopáticas; a alopatia e a atuação dos seus esculápios vão nortear as discussões sobre a ciência médica e leis, que muito mais do que nortear a prática médica, vão buscar coibir a prática de outras terapêuticas. Neste sentido, a inversão de capítulos proposta por essa dissertação funciona como uma demonstração da vivência desse conflito, através da análise das causas que levaram a união até o crime de assassinato entre Mamerto Cortés e Zacheu Cordeiro se poderá notar traços da disputa entre a homeopatia e alopatia, bem como características de cada uma no decorrer desses processos, assim, o leitor poderá ter uma base de como se deu esse embate através da experiência destes personagens, para que a compreensão da obra seja facilitada.

A evolução de qualquer ramo da ciência não pode ser considerada como um ato isolado de um único cientista, e quando se trata da medicina é algo ainda mais complexo, o conhecimento das civilizações passadas, bem como a vivência e as práticas em meio das enfermidades, são um norte para a construção de práticas modernas de cura. A história da medicina, tal como a história da ciência, está envolvida em processos contínuos da produção humana no decorrer do tempo e nos estudos das descobertas científicas, e por consequência, seu impacto na sociedade.

Conhecer mais sobre a medicina, seja ela alopática ou homeopática, é entender que essas práticas médicas estavam se consolidando em meio a uma sociedade cheia de curandeiros, parteiras, pajés, benzedores, entre outras práticas de curas. Para entender o porquê dessas práticas alternativas serem tão utilizadas, é necessário ter a consciência de que a própria ciência médica teve o seu período de formação e progresso, entretanto, o paciente não pode ser deixado de lado, em um momento de muitas incertezas ligadas a área da saúde, pouco importava para o enfermo se esse seria tratado por uma alopata, homeopata ou um pajé; para ele só importava a cura. Mostrando a perspectiva dessa dissertação, voltada para a construção da história social da medicina na Amazônia.

Portanto, nesse capítulo serão abordadas as origens da homeopatia e a sua vinda para o Brasil, serão percebidas as singularidades da prática no país, que moldaram os seus profissionais em todo território; como também, o processo de institucionalização da medicina alopática se estabelecendo como ciência médica e seus esculápios, os principais

reguladores da prática médica; haverá um espaço para a discussão da introdução da religião na medicina, em especial do espiritismo com a homeopatia.

2.1-A Homeopatia no Brasil: As singularidades da arte de curar no Brasil.

O princípio *Similia similibus curentur* formulado por Hipócrates, deu origem a uma prática médica pouco conhecida que busca a cura seguindo a lei dos semelhantes, a homeopatia, como passa a ser conhecida, encontra significado nos estudos do alemão Christian Frederich Samuel Hahnemann, formado médico pela Universidade de Erlangen em 1779, quando ainda possuía apenas 24 anos¹²⁸.

Na homeopatia, para restabelecer a saúde do paciente, o médico deve encontrar o radical que causou esse desequilíbrio e tratá-lo a partir das observações dos sintomas visíveis apresentados pelo enfermo. Entendendo que cada paciente possui uma força vital, própria, única, e por isso as doses de medicamentos deveriam ser aplicadas de acordo com o funcionamento de cada um.

“A eficiência do remédio estaria em produzir uma doença artificial semelhante à enfermidade real”; assim, o organismo combateria a doença artificial, criando anticorpos que eliminariam as duas doenças do corpo. Para o alemão, só era considerado remédio a substância diluída e aplicada em homens sãos, para que estes adquirissem a doença artificialmente e se curassem com a lei dos semelhantes¹²⁹.

A homeopatia é um sistema médico complexo, que na sua base possui doutrina, semiologia, diagnose e alternativa para concorrer com a medicina tida como oficial. O homeopata não possuía uma análise mecânica do paciente, mas racionalidade médica que os diferenciavam dos médicos da época.¹³⁰

¹²⁸ Após alguns anos clinicando, decepçiona-se com a pouca eficácia dos seus diagnósticos, resolve sobreviver apenas das traduções de livros do inglês para o alemão. Nessas leituras, Hahnemann passa a ter contatos a novas formas de encarar a prática da medicina e seus conceitos sobre uma nova medicina começam a se tornar sólido. Em 1790, após traduzir o livro do inglês William Cullen, intitulado *Matéria Médica* (1710-1790), descobre o tratamento da malária por meio da *quina*, intrigado, resolve aplicar em si própria a solução que induziria a doença e descobre a sua eficácia. Este experimento trouxe ânimo ao médico, que começou a estudar a lei dos semelhantes de Hipócrates e em 1796 publicou o primeiro artigo dando início também a clinicar segundo os estigmas da nova terapêutica. Em 1810 o autor lança o primeiro de cinco volumes do livro *Órganon da Arte de Curar*, considerado por muitos como a bíblia da homeopatia (CORREA ET AL, 2006).

¹²⁹ Ibid. 2004.

¹³⁰ MADEL,1996. Passim.

A homeopatia se reconfigurou a partir dos estudos do alemão Samuel Hahnemann, que postulou livros e promoveu tratamentos médicos com a nova terapêutica, se destacando pelo caráter humanitário da homeopatia. Seu tratamento, ligado diretamente ao paciente, seus sintomas, diagnósticos diferenciados, diferente para cada paciente, era um diferencial que nenhuma outra prática terapêutica possuía.

Os ensinamentos de Hahnemann, fundador dos ideais homeopáticos, logo chegam ao Brasil com o médico idealista francês Benoit-Jules Mure¹³¹, em 1841. Com a ajuda do médico cirurgião português João Vicente Martins¹³², um dos primeiros seguidores da doutrina no país, a primeira farmácia de gêneros homeopáticos é lançada no Rio de Janeiro, um ano após a sua chegada. Desde a chegada de Benoit Mure, o implantador das ideias homeopatas no Brasil, iniciou-se uma disputa de poder e mercado entre os homeopatas e os alopatas que duraria séculos.¹³³

No Brasil, a homeopatia toma novos rumos, ganha características sociais que trariam maior singularidade dentre os pacientes da terapêutica e combatido por parte dos médicos alopatas. Bento Mure era adepto do socialismo “utópico” de Charles Fourier, voltado em diminuir os sofrimentos das camadas mais pobres da população, virtude está logo aplicada pelos discípulos do médico homeopata francês.¹³⁴

Da mesma forma, a reiterada ligação do tratamento do paciente com a sua força vital e o seu espírito, logo criaram laços de empatia com as religiões e a medicina popular brasileira dos “chás, ervas e raízes, com as ‘energizações’ herdadas dos africanos e dos indígenas, e com a grande devoção e (orações) aos santos do catolicismo brasileiro”. Era uma medicina marcadamente “espiritualizada”, que “foi facilmente identificada como uma medicina espírita”¹³⁵.

Suas características sociais logo se popularizaram, não só por sua forma de tratar o paciente, mas também por conta da formação do homeopata. Dr. Bento Mure defendia que qualquer pessoa poderia ser um homeopata, bastava aprender e seguir todos os ensinamentos de Hahnemann; todavia, houve resistência por parte da comunidade científica. Para eles, somente os formados em faculdades regulares poderiam praticar a

¹³¹ Dr. Bento Mure como ficou conhecido no Brasil, chega ao Rio de Janeiro em 1840. Sua intenção era criar uma comunidade colônia societária francesa que representasse os interesses da *Union Industrielle de Paris*, fundada por ele próprio antes de partir para o Brasil (GALHARDO, 1998).

¹³² Segundo Bertucci (2004), o português traduziu o *Organon da Arte de Curar* em 1846, sendo um dos pioneiros da implantação da homeopatia no Brasil.

¹³³ WEBER, 2005. Passim.

¹³⁴ BERTUCCI, 2004. Passim.

¹³⁵ Ibid. 2004.

cura.¹³⁶ Como exemplo da filosofia de Hahnemann, há o caso da gripe espanhola que afetou o Estado de São Paulo, e que para conter a doença, fora disseminado pelos interiores livretos explicando a homeopatia e como tratar a doença a partir daquela medicina, contudo, a estratégia adotada pelo médicos homeopatas em tentar conter a doença e aumentar seu público indo pro interior, onde a fiscalização da Profilaxia Rural era menor, acabou se revelando como erro; os folhetos se tornaram os guias médicos para muitas pessoas, ao ponto de passarem a clinicar e se declarar homeopatas, os médicos que possuíam formação em medicina alopata, contudo, seguiam os preceitos homeopatas, começaram a perceber o seu pouco espaço sendo usufruído por homeopatas não formados que clinicavam da mesma forma. Há, portanto, uma distinção dentro da homeopatia entre médicos homeopatas formados e não formados, essa diferença gera conflito interno na medicina.

Os homeopatas passaram a ser conhecidos como “excelentes pedagogos”, Beltrão indica que nos lugares onde não havia médicos homeopatas, os enfermos eram tratados por leigos. Ela destaca que já em 1855, pouco mais de uma década da chegada da prática de cura homeopática no Brasil, os seus seguidores já possuíam influência no território nacional, e ao treinar os leigos, os homeopatas colocavam em risco o monopólio dos doutores e seus saberes científicos¹³⁷.

Para ensinar leigos, os homeopatas se utilizaram de uma linguagem mais simples e compreensível, pois dessa forma poderiam se comunicar e ajudar no entendimento das pessoas de fora da comunidade médico-científica, cuja linguagem, rebuscada e com termos médicos, só os participantes poderiam entender. Essa comunicação possibilitou a comunhão entre o conhecimento popular e o médico, entendendo que os leigos não são tão leigos assim, pois carregam consigo conhecimentos populares de cura e já possuíam certo prestígio dentro da comunidade, o que facilitou a aprendizagem das práticas homeopáticas.¹³⁸

Sobre a linguagem, uma legitimidade e uma responsabilidade, assim, a partir delas, podem-se observar fenômenos linguísticos em suas complexidades, ou seja, a

¹³⁶ Ibid. 2004.

¹³⁷ Jane Beltrão busca caracterizar a prática homeopata a partir de seus estudos sobre o flagelo da cólera no Pará. A partir de sua pesquisa, encontra-se importante participação homeopática no ano de 1855 no Grão-Pará. Mesmo os médicos da época não se nomeando homeopatas encontra-se em jornais suas práticas ligadas ao modelo de Hahnemann. Além disso, alguns profissionais da saúde mantinham boticas homeopáticas em funcionamento, o que trazia grande fama para esses estabelecimentos.

¹³⁸ BELTRÃO, Jane Felipe. **A arte de curar em tempo de cólera... ou o uso da Homeopatia durante o flagelo – Grão-Pará, século XIX.** Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997.

formação da linguagem traz consigo todas as características dos indivíduos que fazem parte, nesse sentido, a medicina científica buscará uma linguagem bastante técnica e científica para tratar de suas descobertas, para dar mais credibilidade a prática e mostrar para a sociedade o domínio da técnica e dos elementos da medicina. Portanto, entender a história da linguagem médica, é entender o próprio fazer médico e suas necessidades.¹³⁹

Depois da passagem da medicina clássica para moderna, era necessário fazer com que esta ganhasse respeito, e que o médico fosse visto como autoridade. A medicina era repleta de linguagens fantasiosas de mitos e superstições religiosas, por isso foi necessário a criação de um discurso racional, uma semântica particular médica que a diferenciasses dentre todas.¹⁴⁰

Ao tratar dos médicos homeopatas do Rio Grande do Sul, surge um panorama nacional da atuação dos médicos no Brasil. Sendo a homeopatia uma medicina pouco conhecida, era preciso divulgar seus métodos e tratamentos para conquistar mais adeptos à doutrina e mais clientes para as suas clínicas. Assim, muitas vezes os médicos homeopatas divulgavam notícias de cura através de seus medicamentos, além de fórmulas de suas receitas.¹⁴¹

Portanto, a linguagem simples dos homeopatas e a forma como escreviam nos jornais trouxeram um caráter popular à medicina, se distanciando da linguagem técnica da medicina científica e se apropriando das medicinas populares, essa circularidade cultural¹⁴², que é gerado de um “relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”¹⁴³, leva a homeopatia a ganhar mais simpatia entre as classes sociais mais pobres. Por isso, logo foram atacados pelos alopatas, na intenção de afetarem sua imagem. Todavia, seu viés social já havia se consolidado nas camadas mais baixas da sociedade, pois com a linguagem fácil e explicação pedagógica da prática médica, podia transformar qualquer leigo em um homeopata, e isso se tornava em uma estratégia didática da arte de curar, pois nos locais

¹³⁹ BURKE, P. & PORTER, R. **História social da linguagem**. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

¹⁴⁰ FOUCAULT, 1998. Passim.

¹⁴¹ WEBER, Beatriz Teixeira. **Estratégias homeopáticas: a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul nos anos 1940-1950**. Rio de Janeiro, 2011.

¹⁴² GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁴³ IBID. 1987. P. 13.

onde não tivessem médicos, poderiam ter um homeopata, mesmo que esse não fosse formado.¹⁴⁴

Em 1855, já se observa as primeiras participações homeopáticas nos principais jornais da Província do Grão Pará. Dada a epidemia de cólera¹⁴⁵ na região e o pavor da população, amedrontada pela doença, inicia-se uma busca por formas de combater a doença, a fim de que o número de vítimas diminuísse. Destaca-se que a pouca eficiência dos médicos alopatas gerou crescimento na busca de medicamentos homeopatas, que se mostrava, naquele momento, sendo uma alternativa a medicina científica; de certa forma, os pacientes não tinham a preferência, a cerca de uma medicina, a única preferência era a cura, por isso, muitas vezes procuravam a concepções terapêuticas de cura e a fórmula que a oferecesse de forma mais atrativa e fácil. Além disso, esses médicos começam a utilizar os jornais da época para divulgar seus remédios, aumentando ainda mais a procura.¹⁴⁶

O crescimento da utilização dos remédios homeopatas levou o então presidente da Comissão de Higiene Pública do Pará, o Dr. Francisco da Silva Castro, a enviar um ofício ao Presidente da Junta Central de Higiene Pública do Rio de Janeiro, Dr. Francisco de Paula Cândido. No ofício, ele criticava a ovação da imprensa acerca dos métodos homeopáticos e a utilização dos medicamentos pelo desespero da população, afirmando que esses não possuíam efeitos benéficos e só levavam desengano para a população.¹⁴⁷

Era perceptível o medo da população pela presença fatal da cólera no Pará e a falta de entusiasmo pela medicina científica, ao ponto de buscar-se o tratamento em outras práticas de cura. Essa situação propiciou o fortalecimento dos métodos homeopáticos no meio popular; e a utilização dos jornais, evidenciada pelo ofício do Dr. Francisco Silva de Castro, mostra o fortalecimento dos médicos homeopatas e os primeiros conflitos com os alopatas.

A forma como os médicos homeopatas tratavam seus pacientes - com paciência, acompanhando-os de perto, dando tratamento diferenciado para cada pessoa e principalmente pelos baixos preços ao qual atendiam a população - fez desses médicos

¹⁴⁴ BELTRÃO, 1997. Passim.

¹⁴⁵ A cólera é uma infecção do intestino delgado pela bactéria *Vibrio cholerae*. Seus sintomas são diarreia em grande quantidade, vômito e câimbras musculares, que gera grave desidratação, levando o indivíduo rapidamente à morte. Doença altamente infectuosa, levou milhares à morte no Pará no ano de 1855. Le mais sobre in: BELTRÃO, Jane. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará**. Campinas-SP, 1999.

¹⁴⁶ BELTRÃO, 1997. Passim.

¹⁴⁷ Ibid. 1997.

verdadeiros altruístas dentro de uma sociedade na qual poucos detinham condições para pagar um médico.¹⁴⁸

Na homeopatia, defendia-se que ao tratar o paciente com a devida atenção, ouvindo do próprio os sintomas que vinha sentindo e tratando-o de acordo com os sintomas físicos e os que afetavam a sua força vital, traria ao médico a solução para as enfermidades de seu paciente, pois assim como cada indivíduo possui uma alma, era necessário um remédio ou dosagem específica para cada enfermo, e não para cada enfermidade, então, para o homeopata, o objetivo da sua medicina é tratar o paciente e não a doença que lhe atinge¹⁴⁹. Contrastava com a forma com que os alopatas tratavam seus pacientes, pois quando o médico passava também a tratar o espiritual do paciente, fazia-o sentir mais à vontade ao tratamento. Essa diferença levava o homeopata a ter ainda mais reconhecimento.¹⁵⁰

Outra característica marcante da homeopatia que a fará ganhar diversos adeptos, é a experimentação dos seus remédios e a individualização do tratamento; cada enfermo necessitava ser acompanhado e dali saíria o medicamento e a dosagem que lhe seria mais adequado, contudo, a experimentação do remédio por um indivíduo sã e os poucos efeitos adversos, dava ao paciente a segurança que o medicamento traria poucas consequências dolorosas ao seu estado de saúde que já se encontra debilitado; junto dessa característica, se soma a forma de tratamento em doses pequenas, que causam menos impacto no enfermo, ao mesmo tempo que lhe tratavam.¹⁵¹ As características fundamentais da homeopatia se ligam diretamente ao paciente e ao seu estado de espírito, quando se pensa em focar no paciente, muitas vezes eles não vão querer saber por qual medicina serão tratados, vão apenas querer a cura; portanto, para o paciente não importa como a cura virá e se ela virá de um alopatas, de um homeopata, de curandeiro, ele quer, apenas, a cura, e se essa for indolor, melhor ainda. É nesse sentido que o curandeirismo e a homeopatia ganham espaço na sociedade, além de prometerem a cura, também buscavam tratar o paciente lhe oferecendo tratamentos que ataquem somente a enfermidade e não o enfermo. Contudo, vale ressaltar que muitos medicamentos

¹⁴⁸ PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

¹⁴⁹ Com relação a como o médico homeopata enxerga a doença, já fora debatido no trabalho, na introdução e no capítulo anterior, mas para facilitar ao leitor, para o médico homeopata a enfermidade pode ser vista tanto como física quanto um desequilíbrio da força vital do paciente.

¹⁵⁰ BERTUCCI, Op. Cit. 2004.

¹⁵¹ BELTRÃO, Jane Felipe. **A arte de curar em tempo de cólera... ou o uso da Homeopatia durante o flagelo – Grão-Pará, século XIX**. Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997.

ministrados pelos curandeiros poderiam não ter resultados benéficos e também prejudicar a saúde do paciente.

Porém, os caminhos da homeopatia no Brasil são longos; a tese de Madel Luz, que busca traçar o caminho da homeopatia no Brasil, focando o seu estudo no Rio de Janeiro, elabora seis períodos de fomentação das ideias hahnemannianas no país. Contudo, somente quatro deles são importantes citar nesta pesquisa: o primeiro vai de 1840 a 1859, período de implantação no qual os médicos investiram na divulgação de suas práticas para conquistar adeptos, sendo pacientes, mas principalmente médicos interessados em comungar da homeopatia.¹⁵² A fase seguinte foi o período de expansão e resistência (1860-1882), marcado pela maior aceitação de seus ideais pela camada mais pobre da população, o que possibilitou o crescimento e a criação de centros especializados, porém houve um aumento da perseguição alopata.

Desta forma, no próximo período, chamado de “o período de resistência (1882-1900)”, nota-se um recuo no crescimento, por conta da negação da alopata e perseguição sofrida pelos médicos que assumiam as nuances homeopatas, que eram duramente criticados e aliados dos debates científicos da época. Além disso, eram taxados, constantemente, de charlatões e acusados de envenenar a população através de suas fórmulas secretas.¹⁵³

O período seguinte (1900 a 1930) é o auge da homeopatia no país, quando há um crescimento dos ideais e a criação da primeira faculdade homeopática¹⁵⁴, acompanhado da oficialização da forma de cura perante a sociedade. É o período em que se localiza o objeto dessa pesquisa. Neste deste recorte, encontram-se debates fervorosos sobre homeopatia incorporados aos jornais da cidade de Belém, além da existência de vários profissionais assumidos seguidores desta prática.¹⁵⁵

Entender os pormenores que tornam as práticas de curas rivais, ao ponto de seguidores de uma vertente entrarem em conflito com a outra, é o ponto principal do trabalho. Os médicos alopatas lutaram contra os médicos homeopatas, os colocando à margem da sociedade, condenando-os ao esquecimento de várias formas e em contextos diferentes, seja no Sul, com os estudos de Weber, Bertucci, Madel, Pereira Neto, seja no Norte, com os estudos de Silva, Rodrigues Beltrão, Gomes; mesmo por parte daqueles que

¹⁵² MADEL, 1996. passim

¹⁵³ Ibid, 1996.

¹⁵⁴ A primeira Faculdade Homeopática foi criada no Rio de Janeiro em 1912.

¹⁵⁵ MADEL, Op. Cit. 1996.

procuraram reconstituir as memórias da medicina no Brasil através da historiografia.¹⁵⁶ É justamente a falta de memória que pode nos indicar os caminhos a seguir na pesquisa, como: O que levou a esse esquecimento? Esse esquecimento fora proposital? Os alopatas teriam, no decorrer da história, conseguido sobrepor a sua terapêutica sobre os homeopatas, os relegando ao esquecimento? Há toda uma historiografia memorialista da medicina no Pará, que começa a ser construída ainda na década de 1910 e procura apagar do passado da medicina os conflitos e contradições, assim como os sujeito de mundo da cura que não estão dentro daquilo que consideravam os parâmetros científicas de suas teorias e práticas.

De fato, são questionamentos fortes e difíceis de serem respondidos, porém, ao confrontar as principais fontes médicas de várias épocas e ao procurar em diversas obras clássicas sobre a medicina no Brasil, se faz necessário quando nota-se que encontrar algo relacionado à homeopatia é quase impossível. Quando se encontra algo, o texto se mostra pouco amistoso, como no *Diccionario Medicina Popular* (1878) que descreve a *Homeopathia* como: "*sciencias acessórias para o uso das famílias*"¹⁵⁷.

Escrito por Pedro Chernoviz¹⁵⁸, o dicionário¹⁵⁹ faz uma análise vaga da homeopatia e muitas vezes põe em dúvida a eficácia do seu tratamento. Chernoviz inicia o seu texto alertando que, possivelmente, o artigo a ser desenvolvido não será útil para as famílias, pois a homeopatia é um tratamento de duração passageira, só utilizado pela empolgação das pessoas por uma nova terapêutica. Vale ressaltar que Chernoviz viveu em um momento histórico em que a disputa entre homeopatas e alopatas estava começando a aflorar, e sendo ele um médico alopata, a forma como descreve a terapêutica é um reflexo de como os alopatas a enxergavam. No entanto, não se pode excluir o peso da obra naquele contexto histórico, pois a mesma foi muito utilizada, tanto para famílias, quanto por médicos, que servia como guia para as suas consultas.¹⁶⁰

¹⁵⁶ WEBER, Beatriz Teixeira. **Algumas considerações sobre história, saúde e homeopatia**. História Unisino, 2006.

¹⁵⁷ O exemplar do Dicionário se encontra exposto para pesquisa no prédio da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará.

¹⁵⁸ Pedro Chernoviz foi um médico alopata polonês que ficou muito conhecido no Brasil imperial por escrever vários manuais de medicina para a família. Seu objetivo era tornar a medicina acessível para todos aqueles que não possuíam condições para pagar por tratamento (GUIMARÃES, 2005).

¹⁵⁹ É interessante ressaltar que o dicionário foi escrito por um médico alopata que viveu diretamente o conflito entre as medicinas, e, portanto, seu discurso estará carregado de avaliações críticas acerca da homeopatia.

¹⁶⁰ CHERNOVIZ, Pedro. *Diccionario Medicina Popular: sciencias acessórias para o uso das famílias de 1878*. Disponível no museu da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará.

Em texto, que soa mais como um artigo crítico acerca da homeopatia do que uma definição ao falar sobre a forma de tratamento, o alopata diz não entender o porquê de as fórmulas homeopatas serem tão pequenas e que nem os próprios conseguem explicá-las. Ele menciona que a homeopatia é “inofensiva no tratamento de muitas moléstias nervosas que sárao por si mesmas”, ou seja, que seu tratamento só funcionaria em doenças simples, que pouco afetaria a vida do paciente.¹⁶¹

Fica evidente que o autor busca deslegitimar os medicamentos homeopatas e assim, atacar os seus praticantes. Ele continua o texto com um verdadeiro alerta sobre a eficácia dos medicamentos homeopatas em doenças mais fortes e fatais: “N’estes casos a homeopathia tem feito grande damno á humanidade”. Nesse trecho, o médico liga os medicamentos homeopatas a danos irreversíveis e ao perigo de ser utilizado em doenças mais sérias. Dessa forma, ele desacredita os medicamentos e os próprios seguidores de Hahnemann.¹⁶²

Quase 100 anos após os escritos de Chernoviz sobre a homeopatia, surge a série de livros do Dr. Clóvis Meira, um projeto ousado que busca contar a história médica paraense. Apesar da ambição, Meira acaba por não incluir o nome de nenhum médico homeopata na sua pesquisa e o pequeno trecho que trata sobre a arte da curar apresenta um discurso parcial. Antes mesmo de Meira, Licurgo Santos Filho, Pedro Nava e diversos outros médicos na Faculdade de Medicina e que eram membros da Sociedade Médico-Cirúrgica já seguiam essa tendência de escrita da memória médica evolutiva paraense, excluindo outros sujeitos de concepções científicas diferentes da alopatia, os colocando ao esquecimento.¹⁶³

Logo ao começar o texto, Meira¹⁶⁴ compara a homeopatia com pajelanças indígenas, como investida contra a medicina tradicional. O início do texto já mostra um panorama de como o assunto será tratado. O médico continua e afirma que por ser uma terapêutica de baixo custo, favorece sua aplicação na medicina da massa, mas que seus resultados são demorados e duvidosos, e ainda alerta que em alguns casos os medicamentos homeopatas fizeram agravar a enfermidade do paciente. Apesar de mais

¹⁶¹ Ibid, 1878.

¹⁶² CHERNOVIZ, Op. Cit. 1878.

¹⁶³ Op. Cit. RODRIGUES, 2008.

¹⁶⁴ Assim como Chernoviz, Meira também é um alopata falando sobre a homeopatia. Dessa forma, o seu discurso estará atrelado à disputa. Além de médico, ele também ficará conhecido por ser um dos grandes memorialistas da medicina paraense, sendo o responsável por publicar diversos livros sobre a medicina do Pará e seus médicos. No entanto, em nenhum de seus livros reserva um espaço para falar dos médicos homeopatas da região.

de um século da publicação de um texto para o outro, tanto o de Chernoviz quanto de Meira, contém características parecidas. Isso nos leva a entender que o conflito entre as medicinas marcou a construção de sua história, resistindo ao transcorrer do tempo¹⁶⁵.

Meira afirma que a história da Homeopatia no Brasil “não é muito gloriosa” e atualmente ainda não possui os mesmos prestígios de outrora¹⁶⁶. Tais afirmações apontam dois caminhos: o primeiro, é a tentativa de desqualificar a história homeopata; e o segundo, é o fato de o médico assumir que houve um prestígio da homeopatia. Esse texto alusivo a uma definição do que seria a homeopatia escrita por um alopata, é apenas mais um reflexo do que foi esse conflito entre as medicinas e como médicos alopatas enxergavam e escreviam sobre os seus concorrentes.¹⁶⁷

Ao longo de cerca de 150 anos de história da homeopatia, em especial como ela se desenvolveu no estado do Rio de Janeiro¹⁶⁸, foi marcado por diversos conflitos com a alopatia. Nos primeiros instantes da medicina em território brasileiro, ela sofreu com a resistência alopatas, que procurava impedir qualquer forma de desenvolvimento homeopático, utilizando principalmente duas estratégias. A primeira dava conta do ensino oficial da prática no Brasil, não reconhecendo a criação do Instituto Hahnemanniano e não aceitando a inclusão de matérias homeopáticas no ensino regular das faculdades de medicina alopatas. Além disso, buscavam sempre as leis e medidas preventivas para coibir a prática médica hahnemanniana.¹⁶⁹

Outro relevante ponto de discussão da chegada da homeopatia no Brasil, será o incremento de novos ideais que os seus propagadores seguiam. Quando Hahnemann criou a *Arte de Curar*, certamente não tinha noção dos rumos que a sua medicina poderia tomar, pois as bases ligadas à experimentação e ao estado de espírito do indivíduo, davam à medicina novas facetas, que no Brasil se transformariam em grandes características da homeopatia.

Benoit Mure era muito mais do que um simples entusiasta de uma nova terapêutica que vinha da Europa, ele era um entusiasta da sociedade e acreditava em uma realidade de vida igual para todos, em que todos pudessem usufruir de todas as políticas

¹⁶⁵ MEIRA, Clóvis. **Medicina de outrora no Pará**. Ilustrações Geraldo Corrêa. Belém: Grefisa, 1989.

¹⁶⁶ MEIRA, Op. Cit. 1989.

¹⁶⁷ MEIRA, Op. Cit. 1989.

¹⁶⁸ É importante destacar a pretensão de Madel em escrever a sua obra, tendo em vista a complexidade do tema e do grande período histórico que a abrange. Falhas e atropelos históricos acabaram acontecendo no decorrer da sua escrita, mas que não tira a importância da obra, principalmente dado pela escassez de referências na área. Vale também ressaltar a recorrência da presença do conflito entre os homeopatas e alopatas nas obras de cada autor.

¹⁶⁹ MADEL, 1996. passim

públicas da mesma forma. Ele era um socialista utópico e no Brasil adicionou um pouco dos seus ideais na homeopatia.¹⁷⁰

Os seus ideais não ficaram somente na utopia, mas foram postos em prática; os homeopatas praticavam ações de caridade através do Instituto Homeopático e atendiam pessoas pobres que não podiam pagar pela consulta. “Essa solidariedade ia do grupo para a sociedade, pois os médicos assistiam gratuitamente aos pobres em consultas e medicamentos que fabricavam na Botica Homeopática”. Os homeopatas buscavam manter um elo com os escravos, tentavam ajudá-los cuidando de sua saúde, mas principalmente levantando debates sobre a necessidade de vê-los como seres humanos.
171

Muito além de ajudar os pobres, os homeopatas acreditavam nas palavras de Fourier¹⁷², o qual dizia que só a educação poderia mudar a sociedade. Por isso, eles começaram a investir em propagandas de suas formas de tratamento e de seus produtos. Livros, almanaques, artigos em jornais, todos esses artifícios foram utilizados pelos próprios na intenção de levar o conhecimento para fora de seus domínios. Eles utilizavam a divulgação muitas vezes como forma de autodefesa, pois muitos homeopatas eram denunciados e presos, graças às acusações de envenenamento, por parte dos alopatas. E para quebrar esse preconceito.¹⁷³

No sentido da praxe, pois os homeopatas, para comprovar os seus tratamentos, aplicavam em si os próprios venenos mortais, e assim demonstravam a eficácia dos seus remédios. Isso mostrava que eles não mantinham suas ideias somente na utopia, e buscavam comprovar, colocar em prática suas ideias. Esse tipo de prática e experimentação, ligava os homeopatas ao socialismo.¹⁷⁴ Contudo, a experimentação já era uma característica da homeopatia desde os primeiros momentos de Hahnemann e não uma singularidade ganha com a injeção dos valores das ideologias de Mure, implantando, posteriormente, a medicina no Brasil.

Todas essas ideias que nortearam a fundação das bases homeopatas no Brasil seguiram em frente e se tornaram características principais dos profissionais: a propaganda educativa, a preocupação com os pobres, o atendimento humanitário. Todas

¹⁷⁰ BERTUCCI, 2004. Passim.

¹⁷¹ GALLO, Ivone. **O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

¹⁷² Teórico que fundamentou as Bases do Socialismo Utópico. Ele foi o grande inspirador Benoit Mure.

¹⁷³ GALLO, Op. Cit. 2008.

¹⁷⁴ Ibid, 2008.

essas características, e outras que iriam surgir com o decorrer do tempo, marcam a história da homeopatia no Brasil. Vale ressaltar que essas características não são antagônicas entre as filosofias médicas, vamos perceber também muitos médicos alopatas que possuíram um olhar mais caridoso aos pobres e se destacaram por isso, todavia, se nota ser um padrão nos médicos homeopatas no decorrer do Brasil, que faziam do trabalhar com a caridade e com o esclarecimento da população parte da sua terapêutica.

Zacheu Cordeiro dá mostras dessas características da homeopatia no Pará, principalmente, do lado social e caridoso destes. Desde a abertura de sua clínica homeopata, o médico emitia anúncios no jornal Estado do Pará falando de sua clínica. Dentro do anúncio, o médico destacava os horários de sete e meia da manhã até às nove da manhã e das duas às três da tarde, que eram horários exclusivos para atendimento gratuito aos pobres¹⁷⁵. O Dr. Matta Bacelar também disponibilizava atendimento gratuito para pobres no município de Santa Isabel do Pará¹⁷⁶.



Figura 5: Anúncio da Clínica Homeopática do dr. Zacheu Cordeiro.

¹⁷⁵Anúncio encontrado em pesquisa online. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=800082&pesq=Zacheu%20Cordeiro>. Acessado em: 02 de Março de 2020.

¹⁷⁶ FERREIRA, Nestor. **História do município de Santa Isabel do Pará**. Santa Isabel do Pará, 1984, 276p.

Do Norte, com as pesquisas de Jane Beltrão, que questiona as poucas fontes relacionadas a esses médicos na epidemia de Cólera, ao Sul, com Weber denunciando os poucos trabalhos acerca desses profissionais, faz-se com que esses questionamentos fiquem vivos na historiografia que pouco aborda o assunto¹⁷⁸.

Porém, estes profissionais sempre estiveram presentes na vida de milhões de brasileiros. O Pará também absorveu os conhecimentos de Hahnemann e desde os primeiros meses de 1855 já possuía seus primeiros médicos homeopatas trabalhando em solo paraense junto à epidemia de cólera.

2.2 -Nos caminhos das curas: As artes de curar no decorrer do tempo.

As intervenções na área da saúde, feita pelo Estado brasileiro, durante o decorrer do devir histórico, impactaram de forma significativa a vida de todos do país. As epidemias, em geral, eram momentos de extrema instabilidade para o país, junto das mortes e da devastação social que trazem, deixam a sociedade com um verdadeiro sentimento de caos. E justamente nesses períodos conturbados que a ciência passa a ser contestada, seja pela sua pouca eficácia ou pela falta de resposta, dando margem para o crescimento de terapias alternativas como, não raro, medicinas populares que prometem curas milagrosas.

Não é à toa que os primeiros relatos de tratamentos homeopáticos no Pará surgem exatamente em um momento de crise de saúde pública, em que a população padecia por outra doença: a cólera. Beltrão mostra fontes ligadas a médicos e medicamentos homeopatas desde os anos de 1855, médicos estes totalmente atuantes dentro da crise que se instalava na sociedade paraense. Preocupados em prescrever fórmulas farmacêuticas em jornais para o combate ao mal da cólera, muitos médicos optavam por não se assumirem como homeopatas. Há como encontrar a presença da homeopatia na lista de remédios recebida e encaminhada pela Comissão de Socorro ao interior do Pará, devido à grande demanda de pacientes e o pouco continente médico,

¹⁷⁷Anúncio encontrado em pesquisa online. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=800082&pesq=Zacheu%20Cordeiro>. Acessado em: 02 de março de 2020.

¹⁷⁸ Há particularidades acerca das características homeopatas de cada estado, no entanto, o esquecimento por parte da historiografia para com esses profissionais é o mesmo.

seria impossível que todos fossem atendidos. Há também a presença de leigos que se utilizam da homeopatia para tratar enfermos.¹⁷⁹

A homeopatia teve nesse período um papel fundamental no tratamento dos pacientes que estavam com cólera, contudo, o que chama atenção é que a maioria que utilizava essa filosofia de cura eram leigos, sem diploma médico, muitos entravam em contato com a homeopatia através de livretos que ensinavam os princípios da prática; dentre as características que mais chamavam a atenção dos leigos e dos enfermos, era o fato de os medicamentos homeopáticos serem testados em indivíduos sãos, sem apresentar efeitos diversos aos mesmo, esse fator dava uma segurança ao enfermo, cujo o corpo já havia sido bem castigado pela doença, um tratamento sem muitas complicações chamava atenção naquele momento. Apoiando-se em manuais de tratamentos, os leigos tratavam os pacientes que estavam contaminados pelo cólera, um exemplo é um guia de *Tratamento Homeopathico do Cholera-Morbus*¹⁸⁰ publicado no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro:

Medicamentos utilizados: Veratrum, Arsenico, Ipecacuanha, Helleboro Negro, Nux Vomica.

Dinamização adotadas: de 1^a. A 5^a. E de 5^a a 20^a., dando preferência de 1a. a 5a.

Recomendações:

Sintomas iniciais: peso na cabeça, opressão no peito, dormência das pernas, rugidos no ventre, pulso acelerado, vertigem, náuseas, e extremidades arrefecidas.

Medicamento: Veratrum

Posologia: 1 gota em uma onça d'água dividida em 4 partes de 1 em 1 hora.

Cuidados: recolher-se à cama e agasalhar-se com cobertores de lã.

Agaravamento dos sintomas: diarreia biliosa, matéria branca, suspensão das urinas, grande resfriamento, voz alterada e sumida, pulso fraco, fisionomia descomposta, e dores violentas no epigástrico.

Medicamento: Arsenico.

Agudização dos sintomas: extremidades azuladas, frias e enregeladas; face encarquilhada e cor de chumbo; olhos encovados, voz suprimida; colapso geral; evacuações cerro mucosas, corpo coberto de suor glacial, e sintomas de morte.

Medicamento: Strychnina.

O guia descreve os sintomas de forma detalhada e simples, sem uma linguagem técnica e científica, fazendo-se entender por todos que fosse letrados, mostrando a estratégia da homeopatia em ensinar sobre a sua prática, além disso, nota-se também a indicação de qual remédio utilizar e até mesmo a dosagem certa do remédio.

Todavia, durante a epidemia de cólera surgirá uma polêmica e um foco de conflito entre médicos alopatas e homeopatas, envolvendo um médico alopata, o dr.

¹⁷⁹ BELTRÃO, Op. Cit. 1997.

¹⁸⁰ Jornal do Commercio. Publicações a Pedidos. N. 199, 20 de julho de 1855.

Francisco da Silva Castro, que era Presidente da Comissão de Higiene Pública do Pará, e um médico homeopata do Rio de Janeiro, o dr. Maximiano Marques de Carvalho¹⁸¹. O conflito teria começado quando o dr. Silva Castro enviou um ofício para o presidente da Junta de Higiene Pública do Rio de Janeiro, o dr. Francisco de Paula Cândido, em 17 de julho de 1855, falando sobre a homeopatia e como ela não tinha efeito algum sobre o surto da cólera.¹⁸²

A homeopathia, isto he a doctrina medica, *qui a pour base les infiniment petits, pour but l' impossible, et pour resultat la nallité*, como publicamente sustentei em 1837 em huma thèse, não tem desta vez recolhido ovações pela imprensa. Hum ou outro entusiasta ou fanático he, que se tem medicado por semelhante systema. Não posso afiançar ao que seja devido este descredito da invenção d' *Hanhemann*; parece-me porém que provém do dezengano, que o povo tem recebido a respeito da teoria de hum systema, e do medo que dele se apoderou para de livre vontade se deixar morrer ás mãos de engenhosas idealidades.¹⁸³

O ofício, também publicado no jornal Treze de Maio, traz a fala do alopata acerca da homeopatia, para ele, a homeopatia até poderia trazer a cura entre uma e outra doença específica, mas a sua ação contra a cólera era nula, trazendo certo desengano ao povo. Ele também reitera que desde 1837 já havia apresentado uma tese sobre a homeopatia, que não teve a mesma ovação da imprensa como a homeopatia estava tendo naquele período, o que é curioso é o fato de o doutor utilizar para definir o que é a homeopatia uma frase em francês, além disso, ele já fazia referências a homeopatia, antes mesmo do período que marca a chegada no Brasil, através do dr. Benoit Jules Mure, que teria chegado ao país somente em 1840; trazendo uma inquietação a pesquisa, teria a homeopatia raízes no Brasil antes da chegada do francês, ou a mesma já assustava os esculápios antes mesmo da sua chegada.

Não tardou para que o ofício do dr. Silva Castro obtivesse uma resposta, entretanto, não fora a devolutiva de quem esperava, se utilizando das folhas do Jornal do Commercio do estado do Rio de Janeiro, o dr. Maximiano Marques de Carvalho rebate a crítica do médico alopata, questionando a utilização da sangria em coléricos, ao qual já tem o corpo bastante castigado pela doença. Ao defender a prática homeopata, que fora acusada pelo dr. Silva Castro de enganar pacientes e fazerem com que eles morram ao se tratarem com uma medicina sem eficácia, o homeopata responde: “É usança antiga o

¹⁸¹ O dr. Maximiano Marques de Carvalho, vai ter papel fundamental na implantação das bases homeopáticas em solo brasileiro, ele irá participar da campanha que fundamentara a abertura do Instituto Homeopatico do Brasil (1843) e a primeira Escola Homeopatia do Brasil (1845)

¹⁸² BELTRÃO, Op. Cit. 1997.

¹⁸³ Apud. Beltrão, Jane. Cólera, o flagelo de Belém do Pará, p.165. Treze de Maio. Ofício ao dr. Francisco de Paulo Candido. N. 518, 16 ano, 21/07/1855.

fazer-se alguém responsável do aparecimento do cholera asiático logo que ella se manifesta”, tal qual atribuir os “seus primeiros estragos a envenenamentos; tal é a rapidez com que ella fulmina os homens”, nesse trecho ele dá um panorama de como era a atuação da doença nos pacientes, seus afeitos eram tão rápidos que pareciam um veneno, ele também ironiza a acusação de que a homeopatia ajuda a doença com a sua pouca eficácia, dizendo ser usança antiga acusar um responsável pelo aparecimento do cólera, mostrando em suas palavras que os médicos alopatas buscam disfarçar a sua falta de resposta a doença acusando outras práticas. O médico homeopata continua a sua resposta lembrando do episódio do Galera Deffesor¹⁸⁴ no Pará com bastante ironia ao tratar a morte dos colonos, afirmando que os mesmos morreram por cólera e não por envenenamento, ao dizer: “Quanto a nós é fora de duvida que os colonos que falecerão a bordo da Galera Desensora” morreram “aos ataques do cholera asiática”, e ainda acrescenta que “não podemos suppor tão cegos que não vissem a cor do sal de cobre na comida”. Ele ironiza a questão do envenenamento, pois haveria no Pará um grupo médico que negava a existência da doença, tratando o acontecimento como um caso de envenenamento. O Dr. Marques de Carvalho ainda identifica os doutores Francisco da Silva Castro, João Manoel d’Oliveira e José Ferreira Cantão como sendo a verdadeira cólera do Grão-Pará¹⁸⁵

O homeopata ainda critica os tratamentos utilizados pelos alopatas que tratavam os seus pacientes no Pará utilizando purgativos e ainda com sangria geral em casos agudos, sem citar nomes, destacou que havia profissionais que não acreditavam na existência de moléstias e sim de doentes, receitando aos pacientes pletóricos a sangria, nos linfáticos que se utilizem tônicos e nos nervosos, calmantes aplicados¹⁸⁶. O homeopata demonstrando grande conhecimento dos métodos de tratamento dos médicos do Grão-Pará, destaca, ainda sem citar nomes, que os mesmos tratavam os enfermos de cólera pelos sintomas que aparecessem e não pela doença, destacando que “o gabinete do doente fica sendo uma loja de drogas, para cada dez doentes são precisas cem enfermarias!”, nota-se que o médico possui, ou pelo menos deixa a entender que possui, muitas informações acerca da forma de tratamento dos médicos alopatas do estado, mostrando certo desprezo aos métodos dos mesmos; ele ainda enfatiza os tratamentos falando que os mesmo utilizavam contra resfriamento banhos sapinados; para sede

¹⁸⁴ Foi uma embarcação que durante a cabanagem foi utilizada como prisão para os cabanos. Dentro da embarcação, vinda de Portugal com o destino de Belém, foram encontrados cerca de 419 contaminados pelo Cólera, sendo 122 mortos. O episódio marcou a chegada da cólera no Pará.

¹⁸⁵ Jornal do Commercio. Sobre a polemica Cólera. 30/07/1855.

¹⁸⁶ Apud BELTRÃO, p. 165.

ardente, gelo; na diarreia, clisteres opiados e adstringentes; no combate a câimbra, fricções com escovas, entre outros tratamentos. O dr. Marques de Carvalho, vai adiante e aconselha que os médicos paraenses simplifiquem os seus tratamentos com medicamentos com maior rapidez, e que interrompessem aos tratamentos de acordo com o sintoma, propondo a aqueles que tratem os seus pacientes com remédios homeopatas.¹⁸⁷

A presença homeopata no Pará nos tempos do Cólera, que deu-se a partir da formação de leigos, não-médicos, é sentida na região pela revolta que traz aos alopatas como o dr. Silva Castro, assim como a sua presença em jornais da época através de anúncios, todavia, não veremos nas publicações os nomes dos redatores dos artigos publicados; esse receio de se revelar homeopata no Grão-Pará durante o surto de cólera, pode ser um sintoma do pouco conhecimento da população acerca da medicina, a ponto de os médicos sentirem medo de perder pacientes por se revelarem homeopatas, ou talvez seja um sintoma do conflito entre as medicinas alopatas e homeopatas, cujo os médicos possuíam medo de se assumirem homeopatas e serem excluídos pelos colegas de profissão. Não obstante, era fácil de encontrar artigos homeopatas nos jornais paraenses como a publicação intitulada “Remédios Preservativos contra o *Cholera-Morbus*” e “Observações sobre os dous systemas no tratamento do cólera, extrahidas da Pratica Elementar da Homeopathia”, publicados no jornal Treze de Maio¹⁸⁸. No trecho: “Allopathia perdeu quase 50 doentes sobre 100, que tratou, entretanto que a Homeopathia perdeu menos de 8 por 100”¹⁸⁹, a publicação faz um panorama do sucesso da homeopatia durante a pandemia em outras regiões, contabilizando quantas vidas os médicos homeopatas e alopatas perderam, e comparando os números.¹⁹⁰

Em um momento em que a prática farmacêutica não era tão forte, e somada à pouca interação entre o homem comum e a ciência, abriu-se espaço a esses práticos, mesmo que sem nenhuma formação. Vale ressaltar que eles se notabilizaram no interior do estado, local de maior proliferação de doenças, justamente pela pouca presença do poder público e de fiscalização¹⁹¹. Weber observa a mesma dificuldade de fiscalização das práticas médicas no interior do Rio Grande do Sul. Ela argumenta que essa falta de

¹⁸⁷ Jornal do Commercio. Sobre a polemica Cólera. 30/07/1855.

¹⁸⁸ In: BELTRÃO, Jane Felipe. **A arte de curar em tempo de cólera... ou o uso da Homeopatia durante o flagelo – Grão-Pará, século XIX**. Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997.

¹⁸⁹ Treze de Maio. Remédios Preservativos contra o Cholera-Morbus e Observações sobre os dous systemas no tratamento do cólera, extrahidas da Pratica Elementar da Homeopathia. 16/06/1855.

¹⁹⁰ Apud BELTRÃO, p. 168-169.

¹⁹¹ A questão da saúde pública nos interiores do Pará é tão caótica que leva o governador Lauro Sodré, anos depois do surto da cólera, a elaborar um projeto chamado médicos regionais que levariam médicos alopatas aos interiores a fim, de diminuir a crise instaurada.

fiscalização era utilizada pelos homeopatas, que distribuíam seus livros explicativos sobre a sua medicina, a fim de espalhar ainda mais o seu conhecimento¹⁹² No Pará, não se encontra divulgação de práticas homeopatas por panfletos, no entanto, a utilização de periódicos, seja para divulgar suas curas, seja para divulgar suas fórmulas, era percebida desde os tempos do cólera.¹⁹³

A cólera em terras paraense parecia possuir preferência por pretos e pardos, pelo menos é o que se percebe pelas análises de vítimas da época. De maioria mulata ou negra, as vítimas da cólera se amontoavam pelas ruas das cidades paraenses; segundo Beltrão, percebeu-se que o maior número de mortes estava ligado às classes mais baixas, principalmente negras. Contudo, a explicação para esse fenômeno não é biológica, e sim social. Essas camadas possuíam pouco acesso a recursos médicos, não possuíam dinheiro para pagar pelas consultas caras dos médicos da região, e sem alternativas e auxílio público, procuravam meios alternativos de cura, ou sucumbiam à doença. Nesse cenário, a homeopatia surge como solução, tanto pelo tratamento médico, quanto pelo caráter mais social do médico.¹⁹⁴

É justamente nesse momento caótico da saúde no Pará que os primeiros médicos homeopatas começam a ganhar seu espaço, momento esse de contestações à medicina alopática, contestações essas que dão espaço para terapêuticas populares surgirem como possíveis soluções milagrosas de cura: curandeiros, pajelanças e os homeopatas aproveitam esses momentos para divulgarem suas práticas e se estabelecerem no mercado da cura¹⁹⁵. Mas a presença homeopata no Pará não fica restrita somente à atuação contra a cólera; após o momento de afirmação de suas atividades, esses profissionais começam a ganhar mais força na região e perder o receio de esconder sua inclinação para homeopatia, todavia, para melhor entender como a homeopatia se firmaria quanto medicina alternativa, é necessário analisar como funcionava o cenário médico nacional e regional.

A transição do Império para República marcou profundamente a área da saúde no Brasil, pois dá início as discussões sobre a necessidade de um sistema de saúde e

¹⁹² No contexto do Rio Grande do Sul, observa-se uma particularidade que não foi notada no restante do Brasil. O local possuía uma constituição permissiva que liberava a atuação dos médicos homeopatas, desde que estes comprovassem a sua formação.

¹⁹³ BELTRÃO, Op. Cit. 1997.

¹⁹⁴ BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera e gentes de cores ou o acesso aos socorros públicos no século XIX**. Physis: Revista de Saúde Coletiva (vol. 14). Rio de Janeiro, 2004.

¹⁹⁵ SILVA, Jairo Nascimento. **Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica, entre 1889 a 1925**. Tese de doutorado; orientadora: Maria Amélia Mascarenhas Dantas. USP, 2014.

higiene público, com o objetivo de conter as crises sanitárias do país que buscava a todo custo a modernização de suas cidades. O fim da escravidão e o progressivo incentivo a imigração europeia para o Brasil, demandam dos seus governantes uma maior atenção à saúde, a necessidade de mostrar a imagem de um país civilizado e que controla as suas crises sanitárias, era demasiadamente importante para melhorar o aspecto de país republicano e moderno para a Europa.

Na república, a medicina foca na evolução sanitária do país, reestruturando as suas cidades e os serviços de higiene, em prol da melhoria da saúde individual e coletiva da população para a modernização do país; mas se engana que esse processo foi igual para todas as camadas sociais, a reestruturação das cidades incumbia ao Estado a realocar aqueles que, para muitos médicos sanitaristas do período, eram como os principais causadores dos surtos epidêmicos no país, as ditas *classes perigosas*.¹⁹⁶ A destruição dos cortiços, visto na capital federal e acompanhada no restante do país, mostra o interesse dos médicos em busca uma cidade mais higiênica, e dos empresários com interesses comerciais nos locais de ocupações dos cortiços e a força que a Inspetoria de Higiene, cuja determinações impusera que nenhum recurso poderia se interpor as medidas, pois buscavam trazer a civilização do e o progresso ao país.

Durante a república, o governo impusera que a prática médica necessitava de mudanças e as teorias médicas baseadas em miasmas¹⁹⁷ passaram a ser questionadas, resultando na busca da modernização da prática e contribuindo para adoção das *teorias medicinais da bacteriologia e da fisiologia*¹⁹⁸, de Pasteur e Bernard, que seria o estudo das bactérias, o que fez com que as vacinas ganhassem espaço na sociedade e no meio médico. E para isso, a Inspetoria de Higiene passou a ter um papel fundamental no controle da evolução sanitária das cidades brasileiras, implantando medidas rigorosas, criando polêmica no país, pois as medidas adotadas pela inspetora mostraram-se autoritárias, quando decretou a destruição dos cortiços, ou mesmo a obrigatoriedade da

¹⁹⁶ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial/** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁹⁷ A teoria miasmática consiste basicamente em limpar o espaço urbano, desinfetar, praticar uma higiene “desodorizante” que tenta proteger o ar das emanções e fedores provenientes das coisas. O miasma podia estar presente em tudo: multidões, excrementos humanos e animais, solos úmidos, pântanos, habitações mal construídas, cadáveres, hospitais, gente doente, doenças, água suja etc. Na referida teoria, quando um solo era denunciado como insalubre (perigoso) ele devia logo ser drenado a fim de torná-lo inofensivo para os seus arredores.

¹⁹⁸ Segundo a qual toda enfermidade infecciosa tem sua causa (etiologia) num micróbio com capacidade de propagar-se entre as pessoas. Deve-se buscar o micróbio responsável por cada enfermidade para se determinar um modo de combatê-lo.

vacinação, contudo, houve poucas melhorias na saúde da população brasileira, tornando os órgãos sanitários alvos constantes de críticas.

Em busca de uma melhor organização dos órgãos sanitários e das políticas públicas voltadas a saúde do Brasil, se tornara cada vez mais comum a introdução de médicos em cargos políticos; com o objetivo de buscar estratégias para o saneamento das áreas estratégicas para o governo, o Estado brasileiro passa a incorporar políticas públicas de saúde em programas com diretrizes epidemiológicas que visava a proteção coletiva da população, bem como o combate as enfermidades. A criação de uma política de saúde nacional era o foco da medicina naquele período, essa política não ficava restrita a área médica, mas demandava mudanças em outros setores da sociedade, que iriam desde a educação, alimentação, habitação, transporte e trabalho.

Essa estruturação da política higienista, bem como a inserção dos médicos alopatas na política pública dos governos brasileiros, vão solidificar ainda mais a hegemonia da prática médica mediante a administração do Estado e a interlocução do sentimento do “ser médico” brasileiro na sociedade, contribuindo para a busca da solidificação da identidade médica nos estados brasileiros, readequando a prática médica, assim como o conhecimento repassado nas faculdades médicas; a busca da identidade médica fará surgir diversas faculdades de medicina em vários estados, incluindo o Pará, que serviram como base para a uniformização do pensamento médico científico e alopata, assim, como espaço de exclusão de medicina alternativas.

O Pará, desde antes do início da República, vinha em um constante aumento do seu contingente médico, tanto que em 1891 a Inspetoria de Higiene registrou a matrícula de sessenta e um médicos, trinta e um farmacêuticos, cinco dentistas e uma parteira¹⁹⁹, crescimento observado também nos anos posteriores. Ainda em 1891, percebe-se a incorporação da Inspetoria de Higiene do Estado, que até 1889 possuía uma equipe composta por um inspetor, um ajudante e um secretário; após o Decreto Estadual de nº 391, que separou a Repartição de Saúde do Estado da Inspetoria Geral de Higiene, de modo que a Inspetoria tivesse seu quadro técnico aumentado para: um inspetor, um ajudante, dois médicos vacinadores, um médico demografista e diretor do laboratório de análises, um químico, um secretário, um amanuense, um desinfetador, um porteiro e dois

¹⁹⁹ PARÁ, 1891. Mensagem dirigida pelo Governador João Antônio Luiz Coelho ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 07/11/2020.

serventes.²⁰⁰ Todavia, as condições de saúde do estado não eram animadoras, as mudanças na área da saúde pareciam muito mais estéticas do que no viés da profilaxia, tanto que doenças como varíola, febre amarela e lepra continuavam a ceifar diversas vidas.²⁰¹ É preciso ter em conta que, mesmo durante as primeiras décadas republicanas, a política de saúde no Pará não foi homogênea. Há consideráveis diferenças, por exemplo, entre algumas iniciativas tomadas por Lauro Sodré e Paes de Carvalho.

As questões relacionadas a saúde pública passam, logo no início da República, a tomarem cada vez mais espaço dentro da política paraense, a necessidade de combater os surtos de doenças infectocontagiosas na região, somado com o aumento da eleição de médicos para cargos políticos; outro fator primordial para o crescimento da medicina no Pará, vem da economia da borracha, está trará mais investimentos para a medicina, como também alguns surtos epidemiológicos que demandará muito empenho e transformações na sociedade paraense.

A consolidação da República no território nacional, bem como o forte crescimento da economia da borracha no Pará, trará significativas mudanças para o espaço físico de Belém. O projeto modernizador e civilizatório da República, financiado com o dinheiro da borracha, proporcionara reformas urbanas e sanitárias apoiadas na nova teoria microbiana de Pasteur e Bernard. A economia da borracha terá papel fundamental dentro do fluxo da transformação da cidade, pois é justamente a partir da introdução do dinheiro do *látex*, que sairá o financiamento para as obras; os impactos não serão só financeiros, a implantação do sistema de aviamento, tal como o incentivo a progressiva imigração nordestina para região, trará um fluxo maior de pessoas na região amazônica, resultando no crescimento de suas populações e de suas cidades. Não cabe ao trabalho fazer uma análise do que fora a economia da borracha na região amazônica, nem mesmo no Pará, porém entender de onde vieram os recursos que transformaram o espaço físico de Belém com a construções de teatros gigantescos, como o Theatro da Paz, com arquitetura moderna e europeia, bem como, as construções de diversos hospitais, escolas, praças e tantas outras coisas, que são provenientes dessa economia e contribuíram para questões relacionadas a saúde pública do estado.

²⁰⁰ PARÁ, 1891. Mensagem dirigida pelo Governador João Antônio Luiz Coelho ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 07/11/2020.

²⁰¹ Op, Sit. SILVA, 2014, p. 61.

A modernização da região amazônica também envolvia um processo de embranquecimento da população; essa necessidade surgiu devido a imagem que a Amazônia tinha diante ao mundo, que era um lugar de negros e índios e de diversos perigos a população branca, o clima quente e os constantes surtos de doenças afastavam os europeus das grandes cidades amazônicas, era necessário então uma saída mais simples para mudar a cor da cidade e a deixá-la mais “civilizada”. A estratégia tomada pelos governantes amazônicos foi o incentivo da migração nordestina, em especial de cearenses, para a trabalhar na economia da borracha; para os nordestinos, a vinda para a Amazônia representava uma mudança de vida com uma garantia de emprego, representava também a fuga da seca, que em meados do século XIX gerava a morte de centenas de nordestinos. A economia da borracha representava uma perspectiva de um futuro melhor, por outro lado a escolha dos cearenses pelos “barões da borracha” não fora aleatória para Weinstein²⁰², se tinha no ideário das pessoas da época o histórico do Nordeste ser uma região com presença massiva de trabalho escravo, com uma população habituada a trabalhos pesados em situações precárias de vida, o que contribuiria para a adaptação da vida dos trabalhadores nos seringais e no trato da seringueira, além disso, a cor da pele também influenciaria nessa escolha, já que havia a intenção de embranquecer a Amazônia usando também o dinheiro da borracha, igual ao processo que São Paulo fez com o dinheiro do café, contudo, a pouca adesão a esse projeto de brancos europeus, por motivos já citados acima, fez com que fossem investidos recursos para vinda de nordestinos brancos, mesmo que esses não fossem o branco europeu, mas a necessidade de uma Amazônia civilizada e sedentária era o principal objetivo da elite local. O crescimento populacional e o crescimento das cidades amazônicas acompanham a migração nordestina para região, contudo, muitos problemas sociais também foram causados, devido as condições precárias de vida dos imigrantes nordestinos, que muitas vezes eram culpabilizados por epidemias, como a varíola em Belém.²⁰³

Os discursos das autoridades públicas indicavam um viés cada vez mais preocupado com a higiene e a saúde pública nos projetos de reforma urbana; no Pará, a cada grupo político demandava novas estratégias para a estruturação da cidade, em um estado que vivia uma polarização política entre apoiadores de Antônio Lemos e Lauro Sodré, contudo, ambos os mandatários públicos priorizaram a saúde pública nos seus

²⁰² WEINSTEIN, Barbara. *The Color of Modernity: São Paulo and the Making of Race and Nation in Brazil*. Durham: Duke University Press, 2015.

²⁰³ Op sit. SILVA, 2014. P. 43.

mandatos. Lemos promoveu obras importantes no saneamento básico de Belém, com os recursos da borracha, financiou a construção dos mercados de São Brás e do Ferro, hospitais como a Santa Casa, cria-se as linhas de bondes elétricos, inaugura-se a Usina de Cremação, que além de contribuir para a eliminação do lixo da cidade, também se queimava corpos entre outras obras. Lemos tinha o cuidado com a saúde pública e o serviço sanitário como pontos centrais de seu mandato, tentou-se regular hábitos e costumes higiênicos na cidade e em seus cidadãos, controlando as suas vestimentas e até hábitos tidos como anti-higiênicos como cuspir na rua, eram tidos como infração, por meio da criação de mecanismos na legislação municipal, que muito mais que controlar os cidadãos, geria casas comerciais como hotéis, casas de pensão, restaurantes, hospedarias, locais tidos com maior perigosidade para a propagação de doenças epidêmicas; para auxiliar a fiscalização desses lugares foram criados o Departamento Sanitário Municipal, a Inspetoria Geral do Serviço Sanitário do Pará, o Instituto Bacteriológico, o Instituto Vacinogênico, a Estatística Demográfica Sanitária, o Laboratório de Análises Clínicas e Bromatológicas, o Hospital do Isolamento entre outras órgãos.²⁰⁴ Vale ressaltar que no seu mandato, Antônio Lemos enfrentou diversas epidemias na cidade de Belém, a criação dessas medidas vinham justamente como resposta ao enfrentamento dessas doenças.

A saúde do Pará, enquanto Estado, estava um caos, ora pela falta de doutores, ora por falta de políticas públicas eficientes, porém o que mais chama atenção é o isolamento do interior da região Norte quanto à junta de saúde governamental. Somente com o primeiro mandato de Lauro Sodré nota-se uma pequena movimentação para a alocação de médicos para o interior do Pará, o mesmo cria o programa médico regional, que enviaria médicos aos mais recônditos interiores do Pará, a fim de promover tratamentos e auxílio aos necessitados. Todavia, o programa acabou virando alvo de polêmicas; a procura por médicos para o programa esbarrava na falta de vontade dos práticos de saírem da capital do estado, onde dispunham de mais recursos e notoriedade, para irem aos interiores, além disso, a precariedade das instalações médicas no interior e a falta de adesão da população a procura dos doutores regionais, tendo em vista que nos interiores as práticas alternativas de cura possuíam maior liberdade para agir, devido a pouca fiscalização nos locais, resultando em pouco trabalho para os médicos e baixos números de vacinações dentro da projeção do programa. Essa inatividade do programa e a ameaça que os médicos em currais eleitorais de deputados traziam, fez o projeto ser

²⁰⁴ SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do Velho Intendente Antonio Lemos (1869-1973). Belém: Paka-Tatu, 2002.

constantemente atacado, ao ponto de ligar-se o aumento de casos de doenças nos interiores aos médicos regionais, além de classificá-los como preguiçosos, como Bartholomeu Ferreira, que se dizia como representante da região do Salgado, em secção na câmara dos deputados, insinuou que o programa servia como colônia de férias para os médicos, que eram vistos mais pescando do que cuidando dos seus pacientes. Essas críticas foram feitas pelos deputados paraenses de oposição a Lauro Sodré com a intenção de desmontar a política de assistencialismo ao interior do Estado.²⁰⁵

As reformas sanitárias em Belém trouxeram um entusiasmo para a classe médica paraense, esse sentimento proporcionou o primeiro foco de união entre a classe: a criação da Sociedade Médico-Pharmaceutica do Pará em 1897, que objetivava a união entre os associados que buscavam tratar de interesses científicos e sociais. Essa união demarcava um passo importante para a criação de uma identidade médica paraense e para o fortalecimento da medicina alopática perante as medicinas alternativas, um dos principais idealizadores da sociedade foi o médico e governador José Paes de Carvalho. Contudo, a união entre os esculápios durou pouco, devido a polarização política entre os práticos médicos, tudo teria começado após o Governador Paes de Carvalho assinar a demissão do dr. Cyriaco Gurjão, que atuava na repartição do Serviço Sanitário do Estado, com a justificativa que o médico não estaria cumprindo as suas obrigações como funcionário público; tomados pela revolta de ter o colega de profissão demitido, na opinião deles, de forma injusta, um grupo de médicos manifestou-se contrários a decisão indo até a casa do médico demitido para lhe oferecer apoio após acontecido.²⁰⁶ O acontecimento acentuou a divisão política entre os médicos, o grupo de médicos que defendiam o dr. Cyriaco Gurjão argumentavam que o doutor havia sido demitido por conta da sua proximidade com o ex-governador Lauro Sodré, adversário político do atual governador, dessa forma, alguns médicos saíram em defesa do colega de profissão e assinaram uma nota de apoio ao médico demitido, o governador, ao saber da manifestação, não hesitou em demitir todos que assinaram o protesto, incluindo o dr. Torrão Roxo, membro da Sociedade Médico-Pharmaceutica do Pará e médico do Instituto Gentil Bittencourt; o médico então saiu ao ataque do governador lançando uma nota no jornal *Folha do Norte*, ao qual tratava a decisão de Paes de Carvalho como sendo por motivos políticos e uma atitude despótica

²⁰⁵ RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919. Dissertação de Mestrado; orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. – UFPA - Belém, 2008.

²⁰⁶ RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919. Dissertação de Mestrado; orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. – UFPA - Belém, 2008. P. 110.

que vão de contra o serviço do que se entende por mandatário público; o caso levou a cisão da sociedade e viu-se surgir uma nova intitulada de Sociedade de Medicina e Cirurgia, contudo, as desavenças políticas entre os médicos fizeram com que essa nova também não funcionasse por muito tempo, esses conflitos motivados por “falta de parâmetros éticos, um limitado conhecimento terapêutico, a ausência de interesse científico e as paixões partidárias”²⁰⁷, faziam do campo médico uma constante bolha de conflitos.

A classe médica paraense vivia um momento de conflitos internos intensos que geravam bastante polêmica na sociedade, pois os esculápios escolhiam as páginas dos jornais para expressar todo o seu descontentamento e expor ainda mais os conflitos da classe. As críticas aos esculápios não estavam somente na péssima gerencia de crise da classe, mas na falta de empenho no estudo de inovações científicas, seja com os recém formados ou os médicos antigos, faziam com que os aperfeiçoamentos da medicina demorassem a adentrar na classe médica paraense; a necessidade de conseguir uma clientela era algo mais urgente do que o estudo para muitos médicos. Este período, entre o início da república e que se intensificou com o fim da Sociedade Médico-Pharmaceutica, conturbado entre os médicos, marcado por diversos conflitos políticos e propagação de métodos que fugiam da regra da ciência, levou alguns esculápios a produzirem trabalhos intelectuais que visavam criticar os colegas, a fim de melhorar a realidade na qual estavam vivendo²⁰⁸. No exemplo já citado trabalho, o dr. José Augusto Magalhães criticava aqueles a quem chamava de “charlatões diplomados”, que eram médicos que prometiam a cura milagrosa de enfermidades nas folhas dos jornais; outro exemplo de crítica dentro do próprio meio médico, é o livro de Lobão Junior, publicado ainda em 1901, cujo título é “A medicina em Belém”. Em um trecho o médico expõe as intrigas da classe médica que pouco contribuíam para a mesma:

O ano passado, constitui-se aqui a Sociedade Medico e Pharmaceutica (em 1900 – a de Medicina e Cirurgia -), por desavença política, dizem, da classe médica. Nunca lá fomos; porque logo que elas foram criadas, perguntamos: – para que isso? Já conhecemos o mundo médico em que vivemos. Houveram algumas sessões; e... ninguém mais fala nelas hoje (Perdão! Ressuscitou em fins de 1900 – a Sociedade Médica e Pharmaceutica -) antes de um ano de fundadas. Nem podia deixar de ser assim, visto quase todos os médicos fazerem – política, e os moços – emprego – só pensarem em carros e cavalos. (Porque temos falado em política, esta aqui já invadiu tudo, até o Hospital ou a Beneficente Portuguesa. Neste hospital, só trabalham os médicos que aderiram à manifestação G... – médicos Lauristas. – Do outro grupo, do grupo

²⁰⁷ Ibid. p. 115.

²⁰⁸ Ibid. p. 117.

Carvalista, lá não ficou um só. É, ou não, a política ter invadido a Beneficente Portuguesa? [...] ²⁰⁹

Nas palavras de um esculápio da época, percebe-se o clima entre os médicos marcado por desavenças políticas, criticando a postura médica na sociedade ao falar que “quase todos os médicos fazem-política”, mostrando que a preocupação dos médicos mais velhos e renomados paraenses era a política e os cargos públicos, mais até mesmo do que a própria profissão, deixando de lado os estudos inovadores que deveria ser a prioridade do fazer médico; ele ainda continua ao criticar que os jovens médicos, ou os “moços”, buscam fazer “emprego”. Também critica que os cargos públicos são oferecidos de acordo com o grupo político que o médico ocupa e não por sua competência, ironizando em forma de pergunta o fato de a política ter invadido o hospital Beneficente Portuguesa. Lobão foi categórico ao expor a realidade da classe médica, mostrando a pouca ou nenhuma ambição na evolução do conhecimento médico, onde os médicos estavam mais preocupados com a vida fora da medicina e a busca por clientela, do que se aprimorar; o relato do médico nos ajuda a traçar um panorama da situação entre os esculápios do período, entretanto, é necessário entender que ele também fazia parte dessa mesma classe médica e vivenciou esse momento de conflitos, de modo que a sua escrita pode estar carregada de preconceitos estabelecidos por sua vivência.

A necessidade de tranquilizar os ânimos entre a classe médica, bem como, promover a inovação científica na medicina do Pará e a, conseqüente, construção de uma identidade médica, faz surgir a Sociedade Médico-Cirúrgica no Pará em 1914. A Sociedade teria como foco principal ser um espaço onde os médicos pudessem dialogar e resolver suas divergências políticas dentro da própria classe médica, sem a necessidade de novas brigas públicas nos jornais, o entusiasmo da imprensa era tanta que ao noticiar a instalação da sociedade científica, publicando que a “solenidade que deixou bem patente o espírito de harmonia que há de reinar sempre entre os associados da novel agremiação para a prática do bem e para a construção dos fins altruísticos a que ela se destina”²¹⁰, notasse o quanto o jornal refletia a ideia de união para o qual a sociedade traria aos médicos, constituía-se ali um marco para a elaboração da identidade médica paraense. Coube ao dr. Acylino de Leão fazer o discurso de inauguração da sociedade, com a palestra intitulada “Medicina Experimental”, o médico discursou aos colegas todos os

²⁰⁹ Apud RODRIGUES, p. 117. LOBÃO JUNIOR, Eduardo de Léger. A medicina em Belém. Belém: Travares Cardoso, 1901. P. 39.

²¹⁰ Apud RODRIGUES, p. 118. Folha do Norte. Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará: a sua inauguração, 16/08/1914, p. 2.

feitos de evolução da medicina, começando desde *Hipócrates e os humores*, até o *positivismo biológico* de Louis Pasteur e as *bases da ciência experimental* de Claude Bernard.²¹¹ A sociedade solidificou a imagem do médico ser um exemplo para a sociedade, com um extenso nacionalismo expresso nos discursos médicos, a crítica aos trajes e produtos da cultura europeia em solo paraense, o endosso ao processo de estudo das práticas da medicina nas populações tropicais começaram a fazer parte do ideário médico paraense, deixando o solo da medicina mais científico e agrando a aqueles que, de início, pareciam céticos a essa possibilidade, como o dr. Lobão Junior, que antes via a medicina paraense como um lugar sem apresso a ciência e agora diz que “já contamos no nosso meio uma nova sociedade de medicina, tendo como representantes , clínicos estudiosos e aproveitáveis”²¹²

A sociedade Médico-Cirúrgica foi o primeiro momento de busca real da classe médica alopata de criação de uma identidade médica paraense, a partir dessa união e dos constantes debates científicos no interior das instalações da sociedade, notou-se a necessidade de um órgão que propagasse e solidificasse a identidade médica para as novas gerações de médicos paraenses; e assim no dia 9 de janeiro de 1919 foi anunciada a criação da Faculdade de Medicina do Pará, através do Centro Propagador de Ciências, que era ligado a Faculdade de Odontologia, mas possuía muitos médicos paraenses como membros.²¹³ Os médicos que a pouco tempo haviam criado a Sociedade Médico-Cirúrgica, agora tornaram-se professores de uma faculdade cujo estavam organizando, portanto, saíam dali médicos formados a partir dos preceitos clínicos e éticos de seus tutores. Convictos da necessidade de enfrentar as medicinas alternativas que concorriam diretamente contra a alopatia pelo mercado da cura no Pará, os esculápios buscaram a união e a formação da medicina paraense, ligada aos preceitos da medicina moderna e de um código de ética profissional, para além de punir a todos aqueles que praticavam a arte de curar sem possuir diploma, punissem também os profissionais médicos que enredassem para o rumo da *charlatanice*, prometendo curas milagrosas com tratamentos não científicos.²¹⁴ O caminho trilhado desde a criação da Sociedade Médico-Cirúrgica que levou a criação da Faculdade de Medicina do Pará, buscou unificar as discussões no espaço médico alopata, solidificando a união da classe, buscando diminuir os conflitos e

²¹¹ PARÁ-MÉDICO. Discurso e Inauguração, 1915, p. 9-10.

²¹² LOBÃO JUNIOR. Eduardo de Léger. Scientia in Partibus. Belém-Pará: Typ. F. Lopes, 1916, p. 6.

²¹³ Op. Sit. SILVA, 2014, p. 113, 114.

²¹⁴ Op. Sit RODRIGUES, 2008. P. 146.

as intrigas políticas em prol da criação da identidade médica paraense, apoiada no ideal de seus formadores, propagando a medicina alopática e se estabelecendo-a como ciência médica, diminuindo o espaço para outras terapêuticas no Pará.

2.4. Os Matta Bacellar e a interiorização da homeopatia.

Como visto anteriormente, a medicina alopata tinha certa dificuldade em atuar no interior do estado, seja pelo pouco aparato técnico, ou pela mínima procura da população pelos esculápios, o que faz com que os interiores sejam um espaço de grande circulação das práticas de curas alternativas, justamente pela pequena presença médica e de uma fiscalização sanitária eficiente, que coíba a ação dos mesmos; assim, perceberemos a constante imigração de homeopatas para os interiores, em alguns casos no Brasil, inclusive no Pará.

No contexto do Rio Grande do Sul, muitos homeopatas partiram para o campo, onde puderam desenvolver suas ideias e obter grande sucesso, além disso, os práticos da medicina de Hahnemann atendiam de graça alguns pacientes, a fim de tratar da doença e ganhar a confiança da população. Logo essas áreas rurais não somente forneceram clientes para esses médicos, como também interessados a aprender e a divulgar a doutrina médica homeopata.²¹⁵

Em São Paulo, nota-se a imigração das ideias homeopatas para o interior do estado durante a pandemia da gripe espanhola, todavia, a maior parte dos profissionais que irão tratar os seus enfermos, serão constituídos por médicos homeopatas não formados em faculdades de medicinas, e sim, por homeopatas formados a partir de uma literatura de tratamento homeopático.²¹⁶

Por volta de 1920, chegou a Santa Isabel do Pará²¹⁷ um médico formado como alopata pela faculdade da Bahia, mas praticante da homeopatia por opção. É difícil precisar o que levou o Dr. José Teixeira Matta Bacellar²¹⁸, médico de renome e com participação política, chegando a ser deputado federal no Pará, até a pequena localidade²¹⁹

²¹⁵ WEBER, 2011. passim

²¹⁶ Op. Cit. BERTUCCI, 2004.

²¹⁷ Município localizado na região metropolitana de Belém. Distante cerca de 50 km da capital.

²¹⁸ O Dr. Matta Bacellar tornou-se um dos viventes mais célebres do município, participando, junto com a sua família, de grandes obras públicas no local (FERREIRA, 1984).

²¹⁹ À época de sua chegada, em meados de 1920, Santa Izabel do Pará não era ainda uma cidade e sim o Núcleo Colonial Nossa Senhora de Benevides; somente a partir dos anos de 1934 o local se transformara em cidade e adotara o nome de Santa Izabel do Pará, com participação direta da família do homeopata para a escolha do nome.

que engatinhava para um pequeno crescimento econômico às margens da estrada de ferro. Bacellar montou sua farmácia de manipulação de medicamentos homeopáticos na cidade, atendendo os moradores do local e tantos outros que buscava ajuda em sua casa. E muitas vezes o tratamento não custava nada.²²⁰

Outra particularidade da família do Dr. José Teixeira Matta Bacellar era que o seu nome era passado, provavelmente, de geração em geração, sendo encontrado em pelo menos três gerações diferentes, sendo uma ainda no ano de 1804, ano em que, supostamente, o seu pai ocupava um cargo público, ganhando a família uma força política. Após isso, o médico seguiria para a capital paraense e começaria ali uma vida política, atuando também como homeopata ao lado de seu filho, que possuía o mesmo nome. Ao dividirem o consultório, os dois se diferenciavam somente pela identificação de quem era o pai e quem era o filho.

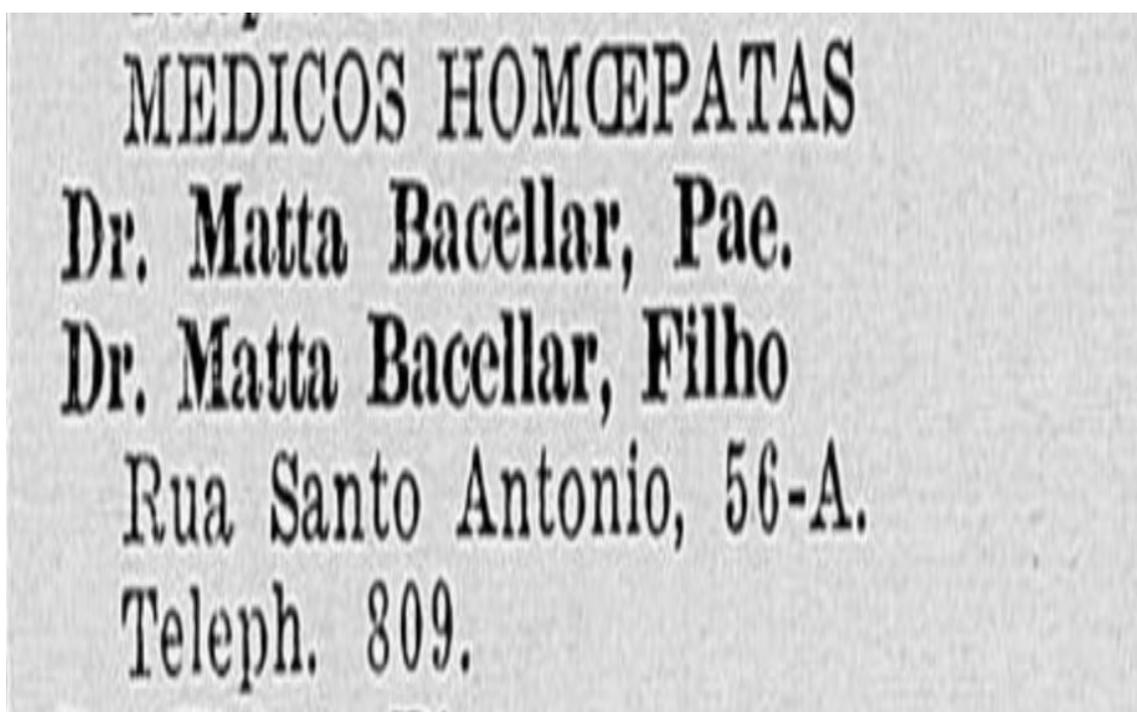


Figura 6: Endereço do consultório da família Matta Bacellar

²²⁰ FERREIRA, Op. Cit. 1984.

²²¹

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=313394&pesq=Zacheu%20Cordeiro&pasta=ano%20192> . Acessado em: 23/03/2020.

Enquanto o pai vai para outra cidade, o filho continua na capital atuando como médico homeopata²²². Isso acabou por confundir alguns trabalhos sobre a homeopatia no Pará, pois mostravam o nome José Teixeira Matta Bacellar²²³ atuando de forma simultânea em Belém e no local onde se tornaria depois a cidade de Santa Isabel do Pará. Além disso, havia a dúvida de quem teria partido para o interior e quem teria ficado na capital. Em uma mensagem apresentada ao congresso legislativo do Estado na data de 07 de setembro de 1928 pelo governador Dr. Dionysio Ausier Bentes, na secção sobre a reabertura e reestruturação da Escola de Farmácia²²⁴ do Estado, ele diz que: “Continúa a exercer as funções de inspector federal o dr. José Teixeira da Matta Bacellar Junior, que é um funcionario dedicado e recto”²²⁵.

O que chama atenção nesta mensagem é que o mesmo possuía um cargo na cidade de Belém de inspetor federal para a faculdade de farmácia, ou seja, cabendo ao seu pai o traslado ao interior²²⁶.

²²² Não haverá menção onde o mesmo teria se formado, restando poucas informações sobre o mesmo.

²²³ O que causa estranheza é que na maioria das fontes o nome do médico aparece somente como José Teixeira Matta Bacellar, mas após profunda investigação em relatórios de governo e sites de memorialistas se pode observar que houve pelo menos três gerações do mesmo nome na família, sendo o médico homeopata a segunda geração e o seu filho surge como o Junior.

²²⁴ A Escola de Farmácia do Pará foi criada pela lei nº 874, de 23/10/1903, e regulamentada pelo decreto nº 1.274, de 01/02/1904, na capital do Estado do Pará, durante o governo de Augusto Montenegro. Primeiro curso de ensino superior da área médica no Estado paraense, esta seria a segunda iniciativa na região nordeste do país, já que em 1902, havia sido criada a Escola de Farmácia de Pernambuco.

²²⁵ PARÁ, Estado. **Mensagem apresentada ao congresso legislativo do Estado pelo governador Dr. Dionysio Ausier Bentes.** Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=873586&pesq=Jos%C3%A9%20Teixeira%20Matta%20Bacellar&pasta=ano%2> . Acessado em: 23/03/2020.

²²⁶ Investigar as origens da família Matta Bacellar, bem como, os seus desdobramentos na medicina paraense pode ser um bom trabalho de pesquisa para quem busca entender melhor a suas influências, como também como se dava as relações de poder entre os médicos.



Figura 7: Imagem do dr. José Teixeira da Matta Bacellar

227

O Dr. Matta Bacellar abre uma farmácia com medicamentos homeopáticos num momento em que a manipulação e a venda de remédios cujas fórmulas eram secretas, característica dos formulários homeopáticos, era proibida na capital. Esse modo de agir tradicional da homeopatia tem bases na sua própria formação, tendo em vista que não há uma fórmula única de um medicamento, e sim, diferentes fórmulas para cada paciente.²²⁸ No entanto, ao não divulgar seus medicamentos, seus concorrentes passam a acusá-lo de produzir veneno para a população. Contudo, não há como saber a partir da tese de Silva - cabe enfatizar que esse não era o foco principal de sua pesquisa - de qual Matta Bacellar se tratava, se era do pai ou do filho.

A criação da farmácia de medicamentos homeopatas da família Matta Bacellar não surgiu por acaso, ela nasce como uma forma de resistência, visto que antes de sua

²²⁷ Disponível em: <http://oliveiralino.blogspot.com/2017/07/vultos-ilustres.html>. Acessado em: 23/03/2020.

²²⁸ SILVA, Op. Cit. 2014.

abertura, os medicamentos, ainda em 1904, eram vendidos em farmácias tradicionais. Com o tempo esses locais começaram a receber pressão para parar de comercializar os produtos homeopatas, inclusive um chegou a ser fechado. Destaca-se que o artigo de número 264 do regulamento do Serviço Sanitário prezava, entre outras coisas, pela proibição de anúncios e vendas de medicamentos que não possuíam fórmulas divulgadas.²²⁹

Ao noticiar o caso, o *Folha do Norte* tomou uma atitude, de certa forma, inesperada, pois o redator do jornal, ao dar a notícia, no fim, mostrou a sua opinião contra a ação do serviço sanitário, defendendo o fato de que todos os medicamentos homeopáticos possuem em suas fórmulas o segredo como base e somente os alopatas é que deveriam ser sujeitos a essa determinação²³⁰.

Não há como saber ao certo em qual ano fora criada a farmácia da família dos Matta Bacellar, contudo, pegando por base o ano da publicação da notícia, meados de 1904, se pode elaborar a hipótese que fora criada pelo pai e herdada pelo filho após a saída do pai ao interior do estado, tanto que de 1920 em diante, alguns anúncios da farmácia serão publicados no jornal Estado do Pará com o nome do filho.

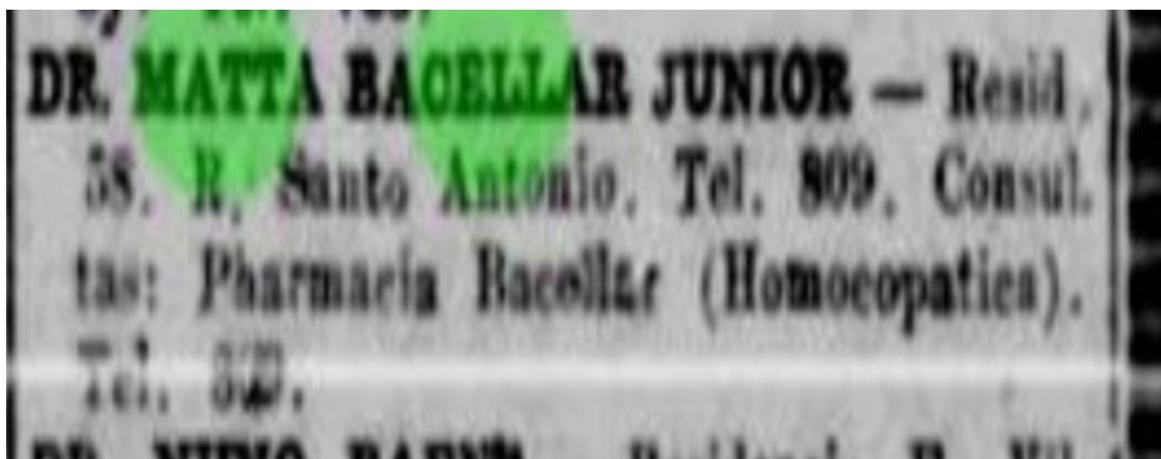


Figura 8: Anúncio da Farmácia Homeopática do Dr. José Teixeira Matta Bacellar Junior

²²⁹ SILVA, Op. Cit. 2014.

²³⁰ FOLHA DO NORTE. Saúde Pública, 20/10/1904, p.1.

²³¹ Disponível

em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=873586&pesq=Matta%20Bacellar&pasta=ano%20192>. Acessado em: 23/03/2020.

E segundo as menções nas mensagens do Governo de Estado, o Dr. José Teixeira Matta Bacellar Junior era fiscal federal e agia junto à Escola de Química do Estado, fiscalizando o funcionamento das escolas. Naquele ano de 1928, a mensagem buscava o fortalecimento da escola, pois, segundo consta nos registros, ela era pouco frequentada, tendo sido recebida apenas 12 inscrições, mas era necessário enaltecer o corpo docente da escola, como também elogiar: “a fiscalização por parte do Departamento Superior de Instrução Publica é exercida zelosamente pelo dr. Matta Bacellar Junior”²³².

Uma das principais formas de combate à homeopatia por parte dos alopatas era a criação de leis ou medidas provisórias. Em 1890, ocorreu a criação do primeiro código penal brasileiro, que possuía várias secções sobre punições a práticas de curas irregulares. Dentre as medidas, uma se destaca, a que torna irregular a não divulgação da fórmula do medicamento. Essa medida acertava diretamente os homeopatas e acabou sendo uma das principais vitórias das políticas dos alopatas e sua principal arma para combater, de forma legal no país, a homeopatia e outras práticas alternativas de medicina.²³³

A consolidação dos homeopatas em solo paraense ocorreu em um processo gradual, precedido de momentos de incertezas que fortaleceram seus laços com a população, mas com sua permanência ameaçada pelos alopatas, e para manter sua terapêutica, tiveram que buscar meios não convencionais, considerados não científicos, como a utilização das folhas de jornais da capital; esse foi um dos principais meios e desde os primeiros profissionais já se notava a utilização dos jornais.

2.4-Homeopatia e Espiritismo: a ciência e a fé contra a enfermidade

Durante o Segundo Reinado, por volta de 1840, pôde-se presenciar o surgimento do espiritismo no Brasil, apesar de ser uma manifestação religiosa nova, teve uma boa aceitação na sociedade brasileira, pois as suas características traziam semelhanças com rituais utilizados por religiões de matrizes africanas e indígenas, que aqui eram praticadas; a comunicação com os espíritos de outro plano era associada à comunicação entre os orixás e oguns²³⁴.

²³² PARÁ, Estado. **Mensagem apresentada ao congresso legislativo do Estado pelo governador Dr. Dionysio Ausier Bentes.** Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=873586&pesq=Jos%C3%A9%20Teixeira%20Matta%20Bacellar&pasta=ano%2> . Acessado em: 23/03/2020.

²³³ MADEL, Op. Cit. 1996.

²³⁴ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.60.

Mas a aceitação da crença não vai se dar somente pela população mais pobre e escrava. As mesas girantes e os rituais dançantes, que tanto faziam sucesso na Europa, começaram a atrair praticantes da corte, gerando uma necessidade de movimento da igreja, pois uma vez que a crença permanecesse com a parte pobre da população, eles poderiam assumir o caráter de “crença de negro”, que atraía pouca atenção da parte branca e da elite intelectual do império, e a partir da adesão dessa nova crença, a igreja católica se viu em meio de uma crise a qual precisaria agir de forma rápida e consistente. Nesse mesmo recorte histórico, chega ao Brasil a homeopatia, que, assim como o espiritismo, chamara a atenção de parte da elite intelectual branca da corte, sendo aceita na camada nobre e, logo após, também na parte mais pobre da sociedade brasileira.

O espiritismo passa a ganhar bastante espaço, principalmente, na elite brasileira e por conseguinte dentro da própria medicina alopática, isso se dará por conta de a doutrina espírita ser, naquele momento inicial, uma doutrina elitizada; também pelo fato de o espiritismo ser uma religião baseada em livros, e somente uma pequena parte da população no período imperial era letrada, e uma porção ainda menor sabia ler em francês, ao qual era o idioma de muitas obras espíritas. Isso faz com que na instalação da religião no Brasil, ela seja mais elitizada, adentrando no círculo médico, que também era espaço da elite, seja alopata ou homeopata.²³⁵ A religião, portanto, terá contato com ambas as medicinas, contudo, terá um alcance maior na homeopatia, isso se dará pela forma como a medicina homeopata enxerga a enfermidade.

A medicina homeopata desde a sua instalação no Brasil vem se misturando com as crenças e religiões nacionais; isso ocorre graças às bases do tratamento homeopata. Samuel Hahnemann cria a arte de curar com a finalidade de não apenas curar o corpo do indivíduo. Para ele, a doença era um desequilíbrio da força vital (o espírito), com o corporal do indivíduo, não tendo outro jeito de curá-lo a não ser equilibrando essas forças.²³⁶

O homeopata não cuidava somente do corpo do doente, cuidava também do seu espírito. Como não poderia ser diferente, ela começa a ganhar força entre a classe baixa brasileira e, principalmente, dentro das religiões de origens negras praticadas no Brasil

²³⁵ MÍKOLA, Nadia. A inserção da homeopatia no Brasil e o espiritismo como estratégia de legitimação. 1860-1890. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

²³⁶ BERTUCCI, Op. Cit. 2004.

com sincretismo com o catolicismo.²³⁷ O próprio catolicismo também estará presente nos discursos dos divulgadores homeopatas:

(...) o „Hymno á Homeopatia“, que descreve a medicina hahnemanniana como sciencia divina vinda dos céus; a profissão de fé feita pelos formandos da Escola Homeopática em 1857, onde juravam em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; e ainda, o símbolo do Instituto Hahnemanniano do Brasil, mantido até os dias de hoje, onde se pode ver um cacique sobre uma região da terra, que representa o Brasil, empunhando uma cruz, symbolo da fé propagada em todo o território brasileiro, e, finalmente, a aguia de Hahnemann dilacerando a serpente de Galeno.²³⁸

Mas nenhuma religião buscou tanto contato com o a homeopatia como o espiritismo²³⁹. Além de religião, o espiritismo também atuava como terapêutica alternativa; os médicos espíritas realizavam suas curas através dos espíritos que lhes condiziam pelos melhores caminhos da cura.²⁴⁰

Para melhor entender o porquê dessa ligação, busquemos em Allan Kardec, o principal pensador do espiritismo. Na sua crença, o ser humano é dividido em três partes que se interligam, sendo a alma, o corpo perispiritual e o corpo físico; a união desses três elementos formam a vida humana, e a necessidade do equilíbrio desses três elementos formam a saúde do ser²⁴¹. E é justamente nesse ponto que veremos a semelhança entre homeopatia e espiritismo.

Ainda segundo Allan Kardec:

Princípio vital o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra vitalidade não daria a mesma ideia. Para uns o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc. Seja como for, um fato há que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral

²³⁷ Ibid, 2004.

²³⁸ SIGOLO, Renata Palandri. Em Busca da “Sciencia Medica”: a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: Dissertação de mestrado – UFPR, 1999. p.47.

²³⁹ O espiritismo é uma doutrina de origem francesa (século XIX) que ganha destaque a partir dos estudos de Alan Kardec. Ela se autodeclarava científica, filosófica e religiosa (SILVA, 2014).

²⁴⁰ BERTUCCI, Op. Cit. 2004.

²⁴¹ KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.85.

especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana²⁴².

Como observou-se, a força vital para o espírita é aquela que condiciona a vida do sujeito, é a energia que o move e é justamente essa energia que faz os seres humanos. De outro lado, mas não tão distante, temos Hahnemann no seu célebre livro *Organon da Arte de Curar*, considerado por muitos como a principal obra da homeopatia. Segundo o alemão:

No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (organismo) como ‘Dynamis’, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo de nossa existência²⁴³.

Percebemos assim, as semelhanças entre a religião e a prática de cura: ambas acreditam na força vital como a energia que diferencia o ser humano dos animais, e acima de tudo é essa força em equilíbrio, ou em desequilíbrio, que indicará a saúde do indivíduo, logo o desequilíbrio dessa força vital indicará a doença no corpo físico e para curar o corpo, o tratamento deve também tratar do espírito.

Ao tratar das semelhanças entre a homeopatia e o espiritismo e a sua união, por meio da aceitação da religião e da terapêutica médica no Brasil, buscou-se argumentos para justificar essa união. Como o espiritismo, a homeopatia teve uma aceitação maior entre a comunidade intelectual branca e rica, ganhando espaço no meio social, no entanto, a alopatia também segue o caminho da crença e lhe cede espaço entre os seus praticantes. O fator que será determinante nesse cenário será justamente a ligação entre a força vital com a cura do enfermo.²⁴⁴

Thiago²⁴⁵, ao comparar a homeopatia com o espiritismo, chega a tal conclusão:

(...) Mas as afinidades da Homeopatia com o Espiritismo não param aí. Para bem apreciá-las, basta reler os parágrafos do “Organon”, antes citados. Quando Hahnemann diz, por exemplo, que o corpo material deve ao ser imaterial que o anima, tanto no estado de saúde como de doença, todas as suas sensações (como o cumprimento de todas as suas funções vitais) ele entreviu, evidentemente, a existência do perispírito, com o papel que desempenha em fisiologia como em psicologia humanas, na qualidade de elemento

²⁴² KARDEC, P. 18, 19.

²⁴³ HAHNEMANN, Samuel. *Organon da Arte de Curar*. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p.94.

²⁴⁴ MÍKOLA, Nádía. **A inserção da homeopatia no Brasil e o espiritismo como estratégia de legitimação. 1860-1890**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

²⁴⁵ THIAGO, Lauro S. Homeopatia e Espiritismo. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: Departamento Editorial, 1991, p.37-38.

intermediário entre o Espírito e o corpo, conforme está sobejamente estudado nas obras fundamentais de Allan Kardec, Leon Denis, Gabriel Delanne, e através dos trabalhos de Durville, de De Rochas e tantos outros, especialmente os modernos, de procedência mediúnica. Aí estão, portanto, as idéias de Hahnemann, nitidamente espiritualistas, senão espíritas, e dignas de serem partilhadas pelos adeptos do Espiritismo.

Ao longo dos anos, as duas vertentes foram se solidificando em território brasileiro e com isso passaram a ter mais ligações entre as suas características. A homeopatia começou a atrair ainda mais o espiritismo a partir da sua missão e o seu modo de agir. Assim como os *receitistas*²⁴⁶, como eram chamados os médicos espíritas, tratavam os seus pacientes de forma gratuita, pois acreditavam que seriam recompensados com a aceleração do seu progresso espiritual. Logo, suas práticas curativas fizeram sucesso em várias camadas sociais, da elite às comunidades necessitadas.²⁴⁷

No Pará, o espiritismo vive o seu auge em 1906, quando é criada a União Espírita Paraense, que dentre outras finalidades, buscava unificar o movimento espírita em todo estado do Pará, de acordo com a Federação Espírita Paraense. O movimento espírita cria órgãos responsáveis por levar assistência médica às comunidades necessitadas do estado e, em 1913, inova e inaugura um depositário de remédios homeopáticos na capital. Essa atitude caracteriza a ligação dos espíritas com a homeopatia e a sua forma de cura. Por outro lado, isso também indica mais uma forma de concorrência pelo mercado da cura com os alopatas.²⁴⁸

Desde as primeiras manifestações de tratamento a partir do espiritismo, há um aumento na disputa do mercado da cura; os médicos alopatas buscaram sempre meios de derrubá-los, taxando-os de charlatões e buscando meios legais para coibir o espiritismo como método de cura.²⁴⁹

O código penal de 1890, em seu *artigo 158 estabelecer a prática ilegal da medicina um crime*, previa pena de prisão de um a seis meses ou pagamento de multa a todo indivíduo que fosse pego praticando curandeirismo, podendo ser preso até por 24 anos se houvesse morte do paciente. Com esse código, os alopatas perseguiram e buscavam levar à prisão os espíritas ou qualquer outro prático contrário à medicina alopática.²⁵⁰ O código penal republicano seria, basicamente, uma cópia ao de 1830 na área da saúde, alterando-se apenas com a introdução dos artigos 156, 157 e 158, esses que

²⁴⁶ Receitistas era como eram conhecidos os médiuns espíritas aos necessitados.

²⁴⁷ PEREIRA NETO, Op. Cit. 2001.

²⁴⁸ SILVA, 2014.

²⁴⁹ SILVA, 2014.

²⁵⁰ PEREIRA NETO, Op. Cit. 2001.

regulavam o exercício profissional da medicina. O artigo 156 puniria quem fosse pego praticando a medicina sem comprovar a sua formação; o artigo 158 buscava extinguir e conceituar o ofício de curandeirismo; já o artigo 157 era mais específico e proibia a prática da magia e do espiritismo para cura de moléstias curáveis e incuráveis, além disso, proibia também quem tentasse inculcar o sentimento de amor ou ódio a partir das práticas.²⁵¹ A fiscalização acerca das práticas alternativas era constante no início da república, muitas vezes, casas de suspeitos eram invadidas e seus instrumentos de trabalho apreendidos. Apesar de ser considerada ilegal, ainda era comum ver nos jornais da cidade diversos casos de curas espíritas, e em muitas dessas seções envolveriam tanto médicos homeopatas quanto alopatas; como nos casos de Faustino Ribeiro Junior e Anna Prado.

Em meados de 1904 chega em Belém o professor Faustino Ribeiro Junior, sua chegada passa a ser amplamente divulgada no jornal *Folha do Norte*, ao destacar na manchete “No domínio do Maravilhoso: o professor Faustino: a cura pela imposição das mãos”²⁵², Faustino fora um curandeiro de fama nacional, talvez até por essa fama o jornal não tratou o curandeiro de forma jocosa, como teria tratado outros curandeiros da cidade, como o próprio Mamerto Cortés, que havia feito curas maravilhosas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia; com a simples imposição das mãos, o curandeiro, segundo relatos, teria curado milhares de enfermos, até mesmo aqueles que já haviam sido desenganados pelos médicos. O jornal destacava que o curandeiro não seguia nenhuma arte medicinal, a sua prática era a simples imposição das mãos, contudo, a sua chegada trazia um alvoroço na cidade pelos relatos de outras capitais acerca da passagem do curandeiro pela região, o redator do *Folha do Norte* diz ter recebido informações de um colega do Sul sobre o professor que esse “exercita em proveito da humanidade sofredora, que ele recorre, arredando todos os preconceitos, um dom ingênito com que bem fadou a natureza- único entre 20 milhões”, o redator do jornal destaca que os jornais cariocas, bem como “os de S. Paulo e da Bahia guardam nas suas colunas os atestados das curas maravilhosas que ele tem operado, sem auxílio de drogas e instrumentos cirúrgicos, com a única imposição misteriosa das falanges das mãos”, pra finalizar a reportagem, o redator ainda tenta livrar a imagem de Faustino da imagem de charlatão:

Gritam uns que é charlatão, outros que é um torpe explorador da incredulidade pública, mas a verdade é que, sob o poder extraordinário das suas mãos, tem

²⁵¹ MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço: relação entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992, p. 42-43.

²⁵² Folha do Norte. No domínio do Maravilhoso: o professor Faustino: a cura pela imposição das mãos. 13/11/1904, p. 1.

feito curas espantosas de moléstias que todos os médicos julgavam irremediáveis. Ele não precisa do auxílio de nenhuma medicina, sua força reside no poder mágico e extraordinária de seu ego, e onde quer que haja um sofrimento a debelar, o poder que dispõe se exerce em benefício desse sofrimento, que ele aniquila num momento com meia dúzia dos seus famosos passes fluídico. Que poder é esse? Ele mesmo, como se disse, o ignora e não procura, por subterfúgio inútil, investigá-lo, desde que seu fim é pura e exclusivamente restituir saúde a quem a tem perdido e isto consegue.²⁵³

Alguns elementos do texto chamam bastante atenção, aos começar com o trecho “gritam uns que é charlatão”, o que nos faz questionar quem postula tal acusação? Seriam os médicos? As autoridades de higiene pública? De todo modo, o redator diz que o curandeiro tem curado as enfermidades que os médicos consideravam irremediáveis com a simples imposição das mãos, e ainda acentua que o curandeiro não precisa do auxílio “de nenhuma medicina”, pois a sua força vem do “poder mágico e extraordinário do seu ego”. Ao defender o curandeiro, o jornal o afasta da medicina, mostrando que as práticas médicas possuem um limite que só a magia das mãos milagrosas de Faustino pode atravessar, relegando o conhecimento médico científico a margem dos casos milagrosos da suposta magia do curandeiro. O jornal vai ainda mais longe e solta uma lista de enfermidades já curadas pelo curandeiro nos estados por onde passou, apenas com a utilização dos seus passes fluídos²⁵⁴, “reumatismo muscular, ataques, inflamação do estômago, sífilis na garganta, ataques de vermes, moléstia do coração, feridas nas pernas e tumores linfáticos, tumores no peito, paralisia infantil, quebra-dura da espinha, varíola, surdez, anemia profunda, moléstia do útero”, essas seriam apenas algumas doenças que Faustino havia curado. Como não poderia ser diferente, a presença de Faustino trouxe a revolta de alguns médicos alopatas.

O curandeiro passa a tratar dos seus pacientes no hotel ao qual estava hospedado, chamado de Café Coelho, em um dia foram registrados pelo jornal cerca de 300 pessoas, que lotavam as mediações da hospedagem; e ali mesmo Faustino fez a sua primeira cura, uma senhora moradora à Rua Padre Prudêncio, n.34, que havia chegado com forte dor de dente, saiu da hospedagem sem qualquer dor, o caso levou a comoção de todos que estavam presentes. Nos dias posteriores a procura era tanta que o curandeiro teve que

²⁵³Folha do Norte. No domínio do Maravilhoso: o professor Faustino: a cura pela imposição das mãos. 13/11/1904, p. 1.

²⁵⁴ É a transferência de fluidos de uma pessoa a outra, através da prece e imposição de mãos, procedimento largamente usado nos centros espíritas. As energias são oriundas dos fluidos humanos (do passista) e fluidos espirituais (dos Espíritos que trabalham com a equipe de médiuns). Existem três tipos de magnetismo: o humano, o espiritual e o misto. O tipo de magnetismo utilizado nas casas espíritas é o misto, pois à ação dos encarnados soma-se a ajuda benéfica dos Espíritos que trabalham na área, qualificando, direcionando e potencializando os fluidos. **In:** <http://www.jesusnazare.com.br/os-fluidos-e-o-passe/>

organizar um horário de consulta, estipulando os horários das 8 às 11 horas da manhã para atender as famílias e das 14 às 17 horas para qualquer pessoa. Faustino não cobrava pelos seus serviços, mas deixa o seu paciente livre a agrada-lo com a quantia que pudesse contribuir. Devido a grande procura pelo curandeiro e as constantes reclamações dos outros moradores da hospedagem, Faustino passou a oferecer os seus serviços em uma casa na rua Boaventura da Silva, não se sabe como o mesmo conseguiu a casa, mas o próprio jornal admite que pode se tratar de uma doação de um dos pacientes ricos do professor; a procura foi intensa, chegando em apenas um dia ter um aglomerado de cerca de 1.500 pessoas para ver o curandeiro, levando ao local um grupo de agentes de segurança pública sob as ordens do subprefeito José Dório Gondim Cavalcante, que era na época um dos maiores perseguidores de curandeiros de Belém, para garantir a ordem e o bom andamento das consultas; Faustino ao ser chamado para curar o pai do atual chefe de segurança de Estado e ter conseguido a cura para o enfermo, passou a gozar de prestígio dentro do Governo, que passou a lhe garantir privilégios.²⁵⁵ Esse fato mostra a influência do curandeiro na sociedade belenense, onde os próprios órgãos que deveriam o coibir, estavam na ocasião garantindo o bom andamento de seus serviços.

A insatisfação médica contra o curandeiro, que assim que chegou à cidade passou a constituir forte influência em vários níveis da sociedade belenense, oferecendo curas que ignoravam a ciência médica, veio através do médico João Uchoa em um artigo publicado no jornal *Folha do Norte*:

Logo à primeira vista fiquei sabendo do que se tratava, um ataque histérico. Voltando-me para a mãe da moça, disse-lhe:

- Sua filha está com um ataque histérico; como ela não abre a boca, pois está com os dentes cerrados, não abre os olhos e não fala, não lhe poderei dar remédio para beber; vou, por isso, receitar-lhe um grande clister com óleo de rícino e assafetida, que é muito bom para ataques dessa natureza...

Apenas havia pronunciado a palavra clister, a moça abriu os olhos, votou-se para o meu lado e disse:

- Não, doutor Uchoa, não quero clister não, faça favor de receitar outra cousa. Conclusão: a moça estava curada. A mãe ficou satisfeita e tranqüila, fiz minha despedida e saí sem receitar cousa alguma. Já se vê, pois, o professor Faustino, que nós também sabemos curar doentes sem dar remédio algum, somente com a nossa palavra.

A credulidade humana, a sua ignorância é o que não pode e não deve ser explorada. Este campo é muito vasto para dele nos ocuparmos; deixemos a outros mais moços e mais habilitados virem pela imprensa desafrontar a nossa nobre profissão.²⁵⁶

²⁵⁵ Op. Cit. RODRIGUES, 2008. P. 68 a 70.

²⁵⁶ Folha do Norte. O professor Faustino e as suas curas maravilhosas: História de uma clyster. 06/12/1904, p.1.

O dr. Uchoa busca desacreditar a existência de uma força não natural que tenha a finalidade de curar as pessoas somente com a imposição de mãos, como faz Faustino, o médico afirma já ter feito cura semelhante ao tratar uma moça que estava tendo um ataque histérico e que fora curada sem a utilização de remédios, somente com palavras. Uchoa buscava ligar as curas de Faustino a credulidade e a ignorância dos pacientes, mostrando que o curandeiro não possuía nenhum dom que a medicina também não pudesse utilizar. A seguir, o médico busca também criticar os órgãos de saúde sanitária que, tendo em vista os códigos 156 e 157 da nova legislação brasileira que buscava coibir a prática de curandeiros, nada fazia para impedir a ação do professor Faustino:

[...] e me admira de que, havendo nesta capital uma junta de higiene, não impeça que o “professor” exerça “sua indústria”, que pode ser de consequência funesta aos que “de boa fé vão consultá-lo”.

O que faz, portanto, a junta de higiene que não cumpre o seu dever? Se não permite o exército da medicina e da farmácia sem os requisitos que lei e os regulamentos permitam, se não deixa que dentista e médicos habilitados em países estrangeiros e do mesmo modo as parteiras exerçam “livremente sua profissão; se dá caça aos curandeiros”, porque consente que o “iluminado” sr. Faustino exerça “livremente a sua indústria”? Responderá, talvez, a ilustrada junta: - o governador, o chefe de segurança, um ou dois médicos, magistrados aposentados e grande parte da população, “acreditam nos milagres de Faustino”, e nesse caso a junta julga-se impossibilitada de tomar providência! Semelhante argumento peca pela base.

A junta cumpriria o seu dever, não consentindo o espetáculo que estamos apreciando de deixar que exerça livremente a sua indústria um curandeiro, considere-se este embora agindo por um poder oculto.

Deve-se fazer cessar o embuste.

Dir-se-á: a junta não conta com o auxílio da administração nem da polícia. Não obteria força das autoridades para fazer-se respeitada. Quidi inde? Nesse caso cruzaria os braços, mas em protesto.

[...] Se no que fica exposto e demonstrado, eu estou em erro, e o “professor” está com a verdade, pode praticar sugestão fora da lei, “curar” moléstias tidas como incuráveis, ninguém leve a mal, pois a ninguém quero molestar, que eu levante este brado:

- Hurra pelo Messias prometido no Velho Testamento! - Viva a republica do Faustino! [...] ²⁵⁷

As duras palavras do esculápio em direção a junta de higiene, cobrando desta uma ação plausível em relação ao caso de Faustino, que mesmo em solo paraense infringindo os artigos da legislação, praticando curas sem apresentar uma formação médica, teria mais liberdade do que os próprios profissionais da saúde, que mesmo com a sua formação, não possuem os mesmos privilégios que Faustino parece ter perante o governo. As palavras do esculápio pouco afetam a imagem do curandeiro, que nem se preocupa em responder as críticas do médico e continua atendendo um grande número de pessoas na capital; a falta de ação da junta de higiene e do próprio governo do estado

²⁵⁷ Idem.

mostra o quanto essas práticas eram ainda muito aceitas na sociedade, até mesmo no meio da elite. A falta de ação de outros esculápios, no sentido de criticar abertamente a ação do curandeiro, também chama bastante atenção, enquanto outros médicos se sentem constrangidos pelas ações livres do curandeiro, como é o caso do dr. Uchoa, outros buscam o silêncio, compactuando para o estabelecimento da “república do Faustino”.²⁵⁸

O caso de Anna Prado, em meados de 1910, foi outro de bastante visibilidade se tratando de preceitos do espiritismo. Anna Prado era esposa de Euripedes Prado, um estudioso da prática espírita, ela, no entanto, não acreditava no espiritismo e buscava sempre não participar das realizações de experiências de materialização dos fenômenos espíritas que o seu marido fazia em casa; após a insistência dos pedidos de Euripedes para que a esposa participasse de uma sessão, Anna resolveu aceitar e em meio a uma mesa onde os dois puseram as mãos iniciou-se uma série de fenômenos sobrenaturais que colocou a discussão sobre o espiritismo em alta na sociedade belenense. As sessões contavam desde comunicações com espíritos, como também o “transporte frequente de flores” e materialização em escuridão total, onde membros esparsos (braço, mão, perna etc.) apareciam em forma de vultos luminosos, chegando a alguns parentes reconhecerem seus familiares já falecidos.²⁵⁹

As sessões de fenômenos espíritas de Anna Prado passaram a ser bastante frequentado na capital paraense, saindo em diversos jornais. O próprio o próprio *Trabalho dos Mortos*²⁶⁰ contém uma lista de 44 nomes de diversas pessoas influentes que participavam das sessões, incluindo médicos alopatas e homeopatas. O livro também acentua a atuação da ciência no decorrer do tempo, e analisa a sua importância, contudo afirma que só a ciência não é tudo, a fé e a religião, para o autor, conseguem passar os limites da ciência:

Decerto que ninguém mais do que nós admiramos as conquistas da Ciência; sempre tivemos prazer em render justiça aos esforços corajosos dos sábios que fazem recuar cada dia os limites do desconhecido Mas a Ciência não é tudo. Sem dúvida, ela tem contribuído para esclarecer a Humanidade; entretanto, tem-se mostrado sempre impotente para torná-la mais feliz e melhor. A grandeza do espírito humano não consiste somente no conhecimento: ela está também no ideal elevado. Não é a Ciência, mas o sentimento, a fé, o entusiasmo que fizeram Joana d'Arc e todas as grandes epopéias da História.²⁶¹

²⁵⁸ APUD RODRIGUES, p. 50.

²⁵⁹ FARIA, Raimundo Nogueira de. **Trabalho dos Mortos**. 6.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 31-32.

²⁶⁰ Livro que contém detalhes dos relatos das experiências realizadas com a médium Ana Prado no início do século XX em Belém.

²⁶¹ Ibid. p. 9-10.

Porém os fenômenos espíritas de Anna Prado também foram criticados por médicos alopatas, como o caso do dr. Diógenes Ferreira de Lemos, médico oftalmologista de Belém, que tratava os eventos espíritas como um truque, e que cobrava experiências científicas para comprovar a veracidade dos fenômenos espíritas, o médico mandou confeccionar uma gaiola de ferro para Anna, dessa forma, ele acreditava que dentro da gaiola ela não poderia realizar seus “truques” e estaria provada a falsidade da prática espírita, entretanto, mesmo engaiolada, Anna Prado, realizou as materializações de costume na presença de diversas pessoas, incluindo médicos.²⁶² A lista dos participantes fora publicado no livro *Trabalho dos Mortos*:

- Drs. Lauro Sodré e João Coelho, ex-governadores do Pará. - Desembargadores Santos Estandislaú Pessoa de Vasconcelos, Anselmo Santiago, Napoleão Simões de Oliveira, membros do Tribunal Superior de Justiça do Estado. - Doutor Inácio Xavier de Carvalho, Magistrado federal e conhecido poeta e jornalista. - Doutor Pio de Andrade Ramos, magistrado estadual. - Doutor José Teixeira da Mata Bacelar, médico. - Doutor Mata Bacelar Filho, médico. - Doutor Antônio Porto de Oliveira, médico. - Doutor Diógenes Ferreira de Lemos, médico. - Doutor Jaime Aben-Athar, médico. - Doutor Renato Chaves, médico. - Doutor Juliano Pinheiro Sozinho, médico. - Doutor Virgílio de Mendonça, médico. - Doutor Ciríaco Gurjão, médico. - Doutor Gurjão Sobrinho, médico. - Doutor Auzier Bentes, médico. - Doutor Pereira de Barros, médico. - Doutor Pontes de Carvalho, médico. - Doutor GastãoVieira, médico legista. - Doutor Amazonas de Figueiredo, advogado, lente na Faculdade de Direito e diretor do Ginásio Pais de Carvalho. - Doutor Morisson de Faria, advogado, lente substituto na Faculdade 24 de Direito. - Doutor Severino Silva, advogado e conhecido homem de letras. - Coronel Apolinário Moreira, diretor da Fazenda Pública. - João Alfredo de Mendonça, jornalista. - Eustáquio de Azevedo, jornalista e poeta, autor de vários livros de valor, em prosa e verso. - Doutor Antenor Cavalcante, advogado e jornalista. - Doutor Gentil Norberto, engenheiro, chefe da Comissão de Colonização do Oiapoque. - Arquimimo Lima, agrimensor, chefe da 5ª Secção da Intendência Municipal. - José Girard, pintor, artista de mérito e lente na Escola Normal. - Doutor Mastins Pinheiro, advogado e senador estadual. - Doutor Justo Chermont, senador federal. - Kouma Hourigoutchy, diplomata japonês. - Angione Costa, jornalista e homem de letras. - Doutor Pena e Costa, jornalista e promotor público. - Coronel Simplício Costa, comerciante. - Abel Costa, dentista. - Pedro Batista, farmacêutico. - Manoel Coimbra, diretor da Escola de Farmácia e lente na Escola Normal. - Manoel Barbosa Rodrigues, comerciante. - João da Rocha Fernandes, comerciante. - Antônio Albuquerque, comerciante. - Manoel Tavares, comerciante, etc.²⁶³

A lista é constituída por diversos nomes da elite paraense, entre eles, cerca de quinze médicos, um farmacêutico, um dentista e dois ex-governadores estariam presentes a fim de comprovar os fenômenos espíritas de Anna Prado que fora posto em dúvida pelo médico alopata dr. Ferreira Lemos. No livro ainda consta uma possível fala do dr. Lauro Sodré ao fim da sessão, que diz: “Não creio que haja aí uma intervenção de almas. São, a

²⁶² SILVA, Op. Cit. 2014. P. 177-178.

²⁶³ Ibid. p. 23-24.

meu ver, forças ainda desconhecidas. Mas o que repilo, pelos meus sentimentos de justiça, é a ideia da fraude.”²⁶⁴ Apesar de ser uma obra memorialista, o livro transcreve o caso que ocorrerá durante os fenômenos espíritas de Anna Prado que foi bastante divulgado na mídia paraense e que ganhará bastante espaço nas discussões da população belenense.

Os alopatas buscavam o argumento científico para deslegitimar a prática espírita, tratando como simples truques e investindo em normas e artigos da legislação brasileira para coibir a prática, assim como a homeopatia, entretanto, mesmo com a conquista de leis que punam que pratiquem estas terapêuticas médicas, muitos médicos alopatas e políticos também vão se associar a essas práticas, fazendo descumprir e alguns casos, dando proteção para esses poderem praticar suas curas. Já os seguidores de Allan Kardec possuíam tratamentos considerados sobrenaturais, com manifestações de espíritos que diziam como tratar os doentes. Os médicos acadêmicos alegavam que isso era uma forma de enganar as pessoas, e reforçavam a ideia de que a ciência médica era a melhor solução.²⁶⁵

Serem renegados pela prática médica acadêmica, para muitos espíritas, não era a única coisa em comum entre eles e os homeopatas. A forma como a homeopatia enxergava cada paciente, entendendo que cada um possui a sua força vital, e, portanto, cada um deveria ser tratado de forma específica, chamava atenção dos espíritas.²⁶⁶

O sentimento de ligação era tanto que o Sr. Carlos Sousa, membro da União Espírita Paraense, escreveu uma carta aberta ao doutor Zacheu Cordeiro, tentando convencê-lo da importância da forma de cura espírita. A carta foi publicada pelo jornal *O Estado do Pará* em 11 de junho de 1919, mas não foi respondida publicamente.

O tratamento utilizado por Carlos Sousa para com o Dr. Zacheu é de extrema cordialidade e admiração; o espírita não só fala da importância de sua prática, mas como também tenta convencer o homeopata a se juntar a eles. Ele salienta a importância e o valor científico dos “colegas de profissão” do homeopata, já falecidos²⁶⁷.

Logo de início, o espírita afirma a importância do tratamento espírita durante a crise epidêmica gerada pela gripe espanhola. Carlo Sousa afirma que “o Dispensário Homeopata da União Espírita Paraense tratou para mais de trezentas pessoas, não tendo

²⁶⁴ Ibid. p. 25.

²⁶⁵ SILVA, Op. Cit. 2014.

²⁶⁶ BERTUCCI, Op. Cit. 2004. P. 180-181.

²⁶⁷ O ESTADO DO PARÁ, Homeopatia e Espiritismo: carta aberta ao Dr. Zacheu Cordeiro, 11/06/1919, p.1.

morrido uma só”. Segundo ele, os doentes foram tratados com medicamentos homeopatas receitados pelos Drs. Sábino e Salinas²⁶⁸, que já haviam morrido antes da epidemia²⁶⁹.



Figura 9: Foto da frente da União Espírita Paraense.

270

O caráter social da homeopatia também chamava a atenção dos seguidores do espiritismo, pois ambos buscavam tratar os pacientes sem cobrar nada pelo serviço, o que levava a uma concorrência difícil de ser combatida pelos alopatas. Essa característica também é mencionada por Carlos Sousa, a fim de chamar a atenção do médico homeopata à sua medicina alternativa.

Carlos Sousa busca também deixar o mais claro possível a sua forma de cura. Carregada de um poder sobrenatural, o espírita buscava explicar de forma objetiva a veracidade de suas palavras. Segundo ele:

²⁶⁸ Não foi encontrada nenhuma informação sobre os dois doutores.

²⁶⁹ O ESTADO DO PARÁ, Homeopatia e Espiritismo: carta aberta ao Dr. Zacheu Cordeiro, 11/06/1919, p.1.

²⁷⁰ Disponível em: <https://www.praespirita.com.br/portal/index.php/a-uep/historia>. Acessado em: 23/03/2020.

Dirá o Dr. Que eles já morreram, sim, “morreram”. Mas os seus espíritos imortais, conservaram intacto o tesouro dos seus conhecimentos científicos, estão sempre prontos para fazer caridade àqueles que não tem recursos para pagar médicos da terra.²⁷¹

A carta foi uma iniciativa direta, mas não isolada, de chamar a atenção dos médicos homeopatas para os depositários homeopáticos espíritas, locais de caridade que para os espíritas “emanava ciência” de profissionais já falecidos em manifestações espirituais. É interessante notar esse contato da religião com a homeopatia e a busca constante de contato para com os profissionais da área.

Ao se tratar da ligação da homeopatia com o espiritismo, acaba se induzindo que somente os seguidores da arte de curar de Hahnemann possuíam relação com a crença de Kardec; porém, o que se nota desde o nascimento do espiritismo no Brasil é que ela possuía laços com as duas vertentes médicas, mas a similitude entre os seus dogmas aproxima uns e afasta outros.

A proximidade entre o espiritismo e a homeopatia mobilizou os médicos alopatas a buscarem nas suas semelhanças a justificativa para classificar a medicina homeopata como não científica. O artigo 158 do código Penal Brasileiro de 1890 foi utilizado para atacar e proibir de uma só vez a prática de cura espírita e a homeopática, uma vez que o código previa a prisão de seis meses a um ano a quem prescrevesse medicamentos de origem da natureza sem amparo de testes científicos. Esse artigo legitimou a alopatia como ciência e também como meio de coibir e criminalizar as outras práticas de cura²⁷².

Segundo Damazio²⁷³, sobre a ação alopática acerca do Código Penal:

(...) Com efeito, meses antes do Código Penal de 1890, em janeiro, o Dr. Polidoro Olavo de São Tiago organizara o “Serviço de Assistência aos Necessitados”, que funcionava na sede da Federação, e que ajudava a todos os carentes de atendimento físico e espiritual que a ele recorressem. Aí trabalhavam, gratuitamente, alguns médicos diplomados, mas a maioria dos atendimentos era realizada por médiuns sem a devida habilitação para o exercício da medicina. Alguns desses receitistas atendiam, também, em suas residências. Em decorrência, tornou-se fato corriqueiro a invasão dos domicílios na ação policial de caça aos curandeiros, dentre os quais estavam incluídos os receitistas (Damazio, 1994, p.120-121).

²⁷¹ O ESTADO DO PARÁ, Homeopatia e Espiritismo: carta aberta ao Dr. Zacheu Cordeiro, 11/06/1919, p.1.

²⁷² PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. P. 90.

²⁷³ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994,p.65.

Como efeito imediato, se percebeu uma tentativa de afastamento entre os médicos homeopatas e o espiritismo e uma aproximação com o pragmatismo positivista, para que a prática médica gozasse de prestígio e valores científicos na sociedade²⁷⁴. O que permite entender os motivos levaram o Dr. Zacheu Cordeiro a não responder à carta e também a não buscar se aproximar da religião espírita, mesmo sendo homeopata, dando uma resposta para a sociedade que a religião espírita não era uma das características gerais da prática médica homeopata.

O Dr. Zacheu Cordeiro, como visto no primeiro capítulo, sempre buscou enaltecer a sua imagem como bom cristão, então perceberemos, pelo menos nesse caso, que o movimento de contato se dá do espiritismo até a medicina homeopática. Zacheu, era chefe de um grupo na igreja católica de Sant'Anna, na qual curava os fiéis sem cobrar nada pela consulta. Essa ação era como uma forma de afastar a sua prática médica de uma religião que não era muito bem vista na sociedade, o espiritismo, para aproximar de outra que era bem mais aceita, o catolicismo, ganhando assim respaldo e sendo menos atacado por seus concorrentes.

O Dr. José Teixeira Matta Bacellar, que atuava no município de Santa Isabel do Pará, era praticante do espiritismo. Além de tratar de seus pacientes por meio de medicamentos homeopatas, o doutor também atendia em manifestações espíritas, há um intenso debate dentro das folhas dos principais periódicos de Belém acerca do valor científico do espiritismo na medicina. Muitos periódicos questionavam o seu esse valor dentro da prática, chamando-o de sobrenatural, tanto que em 1921 um artigo publicado pelo *O Estado do Pará* questiona os relatos do Dr. Matta Bacellar sobre fenômenos espíritas que teria vivenciado no município de Santa Isabel.²⁷⁵

O Dr. Parece ter se esquecido de como a ciência age em face de um fenômeno novo, até a descoberta de sua causa.

Até reconhecer a verdadeira causa de um fenômeno, a ciência experimental isola uma por uma todas as causas possíveis de o produzir e mesmo de o alterar. O espiritismo, ao contrário, na quase obscuridade em que se realizam suas sessões envolve-se numa atmosfera de dúvida.

O redator do artigo apela para a formação acadêmica alopática do dr. Matta Bacellar, alegando que ele, como um homem da ciência, deveria buscar entender a verdadeira causa daquele fenômeno. O autor mostra não acreditar nos relatos do médico

²⁷⁴ MÍKOLA, Nádia. **A inserção da homeopatia no Brasil e o espiritismo como estratégia de legitimação. 1860-1890.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. P. 11.

²⁷⁵ O Estado do Pará, Curas Mediúnicas: uma operação cirúrgica feita pelos espíritos, 09/05/1921

e cobra dele uma postura de ciência em meio a obscuridade das formas de cura do espiritismo.

Faria²⁷⁶ sobre o dr. Matta Bacellar no livro Trabalho dos Mortos:

Médico homeopata. Um dos caracteres mais austeros e mais nobres de que temos tido notícia e conhecido. Tradição de honra e bondade, o ilustre apóstolo da Ciência, mas da verdadeira Ciência que se rende à evidência dos fatos, sem preconceitos de infalibilidade nem mal entendidos orgulhos, materialista convicto que era, não fugiu à profissão de fé espírita, após a rigorosa observação dos fenômenos.

E essa mesma profissão de fé, que adiante publicamos, é um testemunho eloqüente do seu elevado caráter

Com a descrição do Dr. Matta Bacellar pelo livro espírita Trabalhos dos Mortos, é notório o quão a homeopatia era valorizada pelos praticantes da religião, ao ponto de nomeá-la como verdadeira ciência. O texto também salienta que o médico não fugiu à fé espírita, após uma rigorosa observação de seus fenômenos.

A ligação da homeopatia com o espiritismo não era algo somente ligado aos ideais, mas também à prática. O Dr. Matta Bacellar foi apenas um dos nomes que juntou a profissão com a religião, mais do que isso, as duas possuem características que muito as assemelham, como a preocupação com o indivíduo como paciente e, principalmente, com o atendimento aqueles que não podiam pagar pelos tratamentos. Além disso, o fato de ambas serem perseguidas pela medicina alopática aproximou ainda mais os práticos de cada área, fazendo com que em alguns casos eles se unissem.

Há outras vias a se explorar acerca desse laço entre as práticas que cabe ressaltar. Não foi algo isolado dos homeopatas paraenses, há diversos trabalhos, alguns incluso neste trabalho, que demonstram a ligação entre a homeopatia e o espiritismo. Contudo, entender os fins que levam a essa união é o que inspira esse trabalho. Há de se notar que existe uma pré disposição da sociedade em associar o médico homeopata ao espiritismo, tanto que mesmo o Dr. Zacheu Cordeiro, este assumidamente católico, fora assediado por membros do espiritismo para se voltar a sua religião, pois essa já se utilizava das mesmas práticas médicas do doutor.

Para chegar a uma hipótese convincente sobre os motivos que ligam a homeopatia ao espiritismo, fugiu-se do motivo social que ambas possuíam, tendo em vista que alguns médicos alopatas também atendiam de graça pacientes pobres, não sendo está uma característica única dos homeopatas. De todo modo, tanto a religião e caridade foram

²⁷⁶ FÁRIA, Raimundo Nogueira de. **Trabalho dos Mortos**. 6.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

utilizados pelos homeopatas como estratégia de divulgação de sua prática no Brasil, a ideia de uma prática médica religiosa e caridosa, dava a popularidade que necessitava os seus praticantes para permearem em uma sociedade com forte bases religiosas como era a brasileira, contudo, essa estratégia que se mostrou bastante útil para os homeopatas, com passar do tempo mostrou-se como ruim, o evoluir da medicina oficial, e o início da república no Brasil, a busca de união entre a homeopatia com a religião, principalmente com o espiritismo, virou um fardo, a medicina que passava a ser cada vez mais científica e acadêmica, a fé passava a ser ainda mais renegada. Os homeopatas para fugir de taxações e ataques vindo de alopatas, buscaram a aproximação da prática médica com a filosofia positivista que foi o eixo que norteou as novas gerações políticas na república.²⁷⁷

Para entender melhor sobre a aproximação entre a homeopatia e o positivismo, vale fazer um pequeno resumo do que é a filosofia positiva de Auguste Comte. O positivismo surgiu na França durante o século XIX, Comte, buscava soluções para a crise social ao qual a Europa passava, a filosofia se destacava mais como um método do que como uma doutrina, no qual se propunha uma maneira de organizar a sociedade, para isso, ele formula a “lei dos três estados”, buscando uma explicação histórica de como o conhecimento humano evoluiu. O primeiro estado era o teológico ou fictício, cuja a característica era a presença da imaginação sobre a observação, onde as crenças sobrenaturais explicariam os fenômenos da natureza; o segundo estado é o metafísico ou abstrato onde a argumentação se sobrepõe a observação e os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas; o terceiro estado seria uma evolução gradual da humanidade, passando pelos outros dois estados e adquirindo o conhecimento necessário para evoluir ao o estado ideal, o estado positivo, onde o homem reconhece as suas limitações e deixa de buscar a explicação da origem de tudo, assim, a intenção desse estado passa ser a descoberta de lei do universo, através do raciocínio e da observação, pois o conhecimento dessas leis proporciona ao observador a capacidade de prever e agir contra os fenômenos vindouros.²⁷⁸ No Brasil, a influência do positivismo é muito notada, principalmente, durante a instauração do regime republicano no país, o método positivista passa a ser aplicado pelos políticos brasileiros e os moldes militares e educacionais brasileiros se moldam na filosofia de Comte.²⁷⁹

²⁷⁷ LINS, I. **História do Positivismo no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1967, p. 11.

²⁷⁸ COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 22.

²⁷⁹ CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

No tocante da medicina, Comte, acreditava no nascimento de uma medicina positiva, onde nenhum conhecimento passado seria desacreditado, o decorrer histórico, nesse caso, contribuiria para o aprimoramento da razão, assim, o conhecimento da medicina se articulava mediante ao acúmulo de saberes racionais sobre a cura, ao qual garantiria o status de ciência e eficiência no saber e da prática médica, dessa forma, a medicina positivista, abria espaço para a liberdade de saberes e práticas médicas. Os positivistas acreditavam que, não só no campo médico, mas em como toda a ciência positiva, a descobertas relevantes só se dariam através do empirismo lógico acerca dos conhecimentos passados, e a descobertas científicas se versariam em torno de um único sujeito, que teria a sua biografia comemorada, por ter conseguido elaborar a sua descoberta a partir de vários conhecimentos, a evolução da ciência, teria um nome em que a sociedade pudesse considerar como herói. Nesse sentido, a medicina positiva deveria reunir aspectos e métodos característicos da prática, que a destacaria de outras ciências, onde os seus conteúdos intelectuais pudessem se comunicar com a cultura erudita, podendo oferecer elementos simbólicos que legitimassem a identidade positiva.²⁸⁰

A construção da medicina positivista foi bastante comprada pelas faculdades de medicina brasileiras, como na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que a partir da segunda metade do século XIX, passa a produzir diversas teses entrelaçando os conceitos da filosofia positivista com as teorias médicas, mostrando toda a influência da mesma no conhecimento da medicina científica oficial.²⁸¹

Mas não fora somente a alopatia que buscou ligar as suas teorias médicas com o positivismo, a homeopatia buscou por meio de seus praticantes a ligação com a filosofia, a estratégia era clara, os homeopatas que enfrentavam um desgaste por terem a sua prática médica ligada com a religião, o que os afastava da ciência, necessitavam de uma resposta que os encaminhassem de volta aos trilhos da ciência, e o positivismo foi visto como esperança. Liderados por Nilo Cairo²⁸² no Paraná que buscou insensatamente a vinculação da homeopatia ao positivismo como nova estratégia de divulgação de sua prática.

280 FILHO, Cláudio Bertolli. **Por uma história recorrente da medicina, da saúde e da enfermidade.** Scielo, **editorial** • Interface 21 (61) Apr-Jun 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0019> . Acessado em: 27/01/2021.

²⁸¹ Op. Cit. SIGOLO, 2012. P. 44.

²⁸² Médico paranaense e fundador da Universidade do Paraná, Nilo Cairo, possuiu intensa atividade em torno do debate homeopático, tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto em Curitiba. In: Op. Cit. SIGOLO, 2012. P. 7.

Cairo, em seus diversos textos publicados em jornais e revistas homeopáticas atribuiu a homeopatia como a verdadeira medicina positiva por apresentar todos os tópicos que apresentam os estudos positivistas, ele acreditava que a lei dos semelhantes, possuía métodos e práticas terapêuticas definidas, diferente da alopatia que era um caos terapêutico onde os enfermos eram tratados de forma geral e sem métodos, ou seja, para Cairo a homeopatia surgia como a revolução da ciência médica, e Hahnemann era o principal o indivíduo que por meio do empirismo e do conhecimento histórico do saber médico, formulou a “verdadeira medicina”. Além disso, o paranaense atribuía a individualização do tratamento, pregada pela homeopatia, como mais uma característica da medicina positiva, tendo em vista que Comte, acreditava que os fatores sociais e culturais influenciavam na saúde do indivíduo, portanto, a medicina não poderia desprezar o contexto de vida do seu paciente na escolha da terapêutica ao qual iria o tratar; nesse ponto, Cairo mostra as semelhanças entre o positivismo e as ideias de Hahnemann, e como a homeopatia era a verdadeira medicina por ser a única que tinha métodos e leis próprias.²⁸³

Contudo, uma questão ao qual os médicos homeopata tinham que resolver era a questão da sua prática médica ter como característica o vitalismo, e nesse tocante, ela se aproximava da metafísica e se distanciava da ciência positivista. Cairo, buscou afastar a ligação da homeopatia com a metafísica, e assim, afasta-la de vez do caminho da religião, ao introduzir o debate do dinamismo e a força vital; para o médico homeopata, o dinamismo de seus remédios representavam as emanções químicas ao qual o paciente deveria produzir em seu corpo para obter a cura, a individualização do paciente o colocaria como sujeito único e integral e não um organismo que possa ser dividido em membros e órgãos, o paciente deve ser considerado integral, incluindo aspectos físicos e psicológicos, correspondendo ao pensamento comtiano que critica os estudos do corpo separadamente do espírito e vice-versa.²⁸⁴ Assim, a força vital ganha um sentido amplo, passa a ganhar aspectos do psicológico e da vida sociocultural do paciente individualizado no tratamento homeopático, que entende esses aspectos da vida do seu enfermo como agentes da enfermidade, se afastando do entendimento da força vital como alma ao qual prega as religiões, dando um ponto final em uma união que fora estratégica no início da homeopatia no país, mas que agora já não fazia mais sentido.

²⁸³ Op. Cit. SIGOLO, 2012. P. 43-44.

²⁸⁴ Ibid. P. 44-45.

Em uma população como a brasileira, os meios alternativos de cura eram sempre muito bem aceitos e logo popularizados, pois eram mais acessíveis. Enquanto a alopatia buscava uma hegemonia no mercado da cura, a maior parte da população brasileira mal sabia se poderia pagar por um prato de comida, quanto mais por um tratamento médico. É nesse meio de desigualdade social que práticas humanísticas vão se destacar, como a homeopatia e o espiritismo, levando à união entre duas coisas, que desde a modernização da medicina parecia impossível acontecer: fé e ciência médica.²⁸⁵

Essa força vital que motivava o trabalho do médico homeopata, pode ser facilmente traduzida ou confundida com a alma do paciente, o que para o espiritismo é aquilo que liga o homem ao mundo espiritual. Dessa forma, o discurso de tratar o espírito do paciente pode ser o principal ponto de encontro entre a religião e a prática médica homeopata, que vai muito além da prática social.

²⁸⁵ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. P.66.

3. HOMEOPATIA VERSUS ALOPATIA: UM CONFLITO ANUNCIADO.

Neste terceiro e último capítulo dessa dissertação serão apresentadas as falas nos artigos de jornal do dr. Zacheu Cordeiro, presentes no jornal O Estado do Pará, único jornal da capital paraense que lhe concedeu espaço durante toda a polêmica envolvendo a suposta cura da lepra pelo assacú, onde o seu auge ocorrerá durante o mês de julho de 1921.

O capítulo apresentará as estratégias homeopáticas de divulgação da sua prática médica; Zacheu Cordeiro, aparecerá no Pará como o principal propagador da prática, com diversos artigos ele expõe todas as contribuições da homeopatia para a medicina, a apresentando como “verdadeira ciência” e como a “revolução no meio médico”, acrescentando o alemão Samuel Hahnemann como um ser notável da história.

O capítulo tratará de traçar um caminho da planta medicinal assacú, para entender como ela chega as mãos homeopatas e o seus princípios fitoterápicos são mesmo os indicados por Mamerto Cortés e Zacheu Cordeiro. Haverá a discussão da erva dentro das doses infetíssimas, característica principal da homeopatia.

O capítulo trará o conflito entre a homeopatia e alopatria através dos artigos do dr. Zacheu Cordeiro dentro do jornal O Estado do Pará, o médico homeopata além de divulgar a sua prática médica, mostra por meio de sua escrita as marcas do conflito entre as medicinas, é a partir de sua fala e a contar do esquecimento da homeopatia nas principais conquistas da classe médica paraense durante o século XX que se notaram as marcas do conflito e o processo de esquecimento histórico do trabalho desses profissionais médicos que escolheram a prática homeopática como terapêutica.

3.1. “A obra de um gênio”: As estratégias homeopatas e alopatas nos jornais paraenses.

A falta de espaço dos homeopatas no meio da classe médica científica, tanto em sociedades médicas quanto como espaço nas revistas científicas, obrigaram os médicos

homeopatas buscarem outros meios para a divulgação de suas descobertas dentro da sua prática médica; revistas criadas por homeopatas, livretos e, principalmente, a publicação nos periódicos são os espaços que utilizar-se-ão para exprimir a sua prática médica e, além disso, mostrar por meio da sua escrita as críticas a classe médica oficial, dando maior visibilidade ao conflito entre a homeopatia e a alopatia.

A disputa entre homeopatas e alopatas não era algo regional, esse conflito se deu por diversos lugares do território nacional, e as formas de exclusão e resistências possuem características próprias de cada estado. A exclusão da ciência e da comunidade acadêmica, fez com que muitos médicos, que tinham por vocação a homeopatia, se formarem em universidades alopáticas.

Zacheu Cordeiro antes de se tornar homeopata, obteve formação alopática, graduado na Faculdade de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro. Na carta aberta que o homeopata escreve ao dr. Camilo Salgado, já mencionada nesse trabalho, se tem pistas sobre conversão²⁸⁶ para a homeopatia; o médico ao tratar da sua formação na medicina oficial, diz ter “abjurado formalmente a therapeutica, a pathologia, etc.”, ele acrescenta indicando o porquê abandonou a alopatia, que isso havia acontecido quando seu caminho cruzou com de “mestres notabilíssimos no mundo scientifico” que “esclareceram a verdade, que durante seis annos ouvi deturpada pelos professores dessa mesma Faculdade.²⁸⁷ O homeopata, conduz a sua narrativa a interpretação que a sua conversão ocorreu fora da faculdade, ainda acrescenta que o conhecimento adquirido durante os seis anos de curso, seria um conhecimento deturpado, e que somente com o contato com grandes mestres, ao qual não cita nomes na carta, ele pode conhecer a verdade na medicina; Zacheu Cordeiro ainda abjura²⁸⁸ do conhecimento adquirido na faculdade, desprezando a filosofia alopática em prol da filosofia homeopática.

Os homeopatas foram mantidos por muitos anos fora da ciência e, principalmente, da academia o que tornou ainda mais difícil a propagação de seus ideais. Madel relata a necessidade de criação de uma faculdade homeopata no Brasil, tendo em vista que meados dos anos 1900 há uma grande valorização da arte da cura e um aumento considerável de adeptos. Com isso, em 1914 é fundada a primeira Faculdade Hahnemanniana no Rio de Janeiro que logo foi reconhecida pelo Governo Federal.

²⁸⁶ Segundo Sigolo (2012), os médicos homeopatas costumavam nomear a troca da alopatia para prática médica homeopática de “conversão”.

²⁸⁷ O ESTADO DO PARÁ, carta aberta ao dr. Camilo Salgado, 28/07/1921.

²⁸⁸ Renunciar publicamente a uma religião, a uma opinião, a um sentimento.

Mesmo com a criação da Faculdade Hahnemanniana no Brasil, houve ainda resistência das faculdades alopáticas de incluírem matérias homeopatas na sua grade curricular. Pois ao mesmo tempo em que crescia as ideias da arte da cura mais acirrada ficava a luta pelo mercado.²⁸⁹

Enquanto o espaço da academia era renegado aos homeopatas, esses buscavam por meio de outros meios divulgarem os estudos para leigos e para a própria classe médica, para isso criaram os *Annaes de Medicina Homeopathica* (1907) órgão vinculador de ideias do Instituto Hahnemanniano do Brasil²⁹⁰, além de diversas revistas de âmbitos estaduais. Contudo, os periódicos foram o principal meio de divulgação da prática homeopata no Brasil, nos poucos espaços que os médicos homeopatas conquistavam nos periódicos, buscavam aprofundar o conhecimento do leitor do jornal sobre a sua prática médica. Vale ressaltar que essa estratégia não era algo exclusivo da homeopatia, de modo que, era comum ao se abrir os jornais, encontrar anúncios de diversas promessas de cura, incluindo a de alopatas.

Beltrão²⁹¹ faz um estudo sobre a utilização de periódicos para o debate da saúde pública dentro da epidemia de Cólera no Pará nos anos de 1855, advertindo que com o alastramento das doenças na Província, os jornais se tornariam verdadeiros manuais de procedimentos de saúde pública, não só informando, mas também aterrorizando a população. Com isso, a presença de anúncios de fórmulas milagrosa, promessas de cura para as piores enfermidades, médicos com seus elixes “maravilhosos”, isso e tudo mais são fáceis de encontrar nos periódicos paraenses desde o século XIX até o XX.

Carvalho Apud Epstein²⁹² explica que a “medicina é uma área mais permeável ao debate público, talvez por isso a grande presença nos jornais paraenses e outros periódicos.” A facilidade em debater temas relacionados à área da saúde, e, principalmente a ânsia de todos pela cura, faz com que os debates ocorram com mais facilidade dentro dos periódicos, agradando o grande público consumidor destes.

A vulgarização da ciência médica nos jornais objetiva o esclarecimento sobre métodos e formas das práticas. Em tom de condução, os textos buscavam instruir as pessoas para o que se destinava o texto. Esse trabalho de elucidação da ciência deixa o

²⁸⁹ Op. Cit. MADEL, 1996.

²⁹⁰ Op. Cit. SIGOLO, 2012. P. 11.

²⁹¹ BELTRÃO, Jane Felipe. **Autoridade médica e divulgação científica no Grão-Pará flagelado pelo cólera: século XIX.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 239-252, jun 2002.

²⁹² CARVALHO, Vanessa Brasil De. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários.** Belém, 2013. P. 113.

assunto mais familiar para a população leiga, deixando-a por dentro dos debates, além de construir uma mentalidade coletiva sobre o tema. Portanto, a divulgação científica seria uma forma de “alfabetização” da população. Alheia aos saberes científico e de suas técnicas sofisticadas a introdução desses textos nos periódicos, com uma linguagem mais simples dinamiza a informação e coloca o leitor como participante do processo de síntese. Democratizando a informação, tornando o cidadão um ser participante dentro dos embates que impactam o seu cotidiano.²⁹³

Zambini²⁹⁴ ao falar da divulgação científica chama atenção ao público ao qual ela se dirige, a divulgação de pesquisa científica, para autora ocorre como forma de mostrar o resultado do cientista para a sua comunidade, para isso ele emprega palavras que somente o seu meio pode entender, essa segregação é intencional, pois à medida que a linguagem médica fica restrita à sua classe, mostra para a sociedade o saber científico que ronda a classe médica. Quando há uma publicação da mesma pesquisa visando o público geral, necessita-se de tradução de termos para que haja compreensão por parte do leitor. Essa popularização da ciência gera também a sua vulgarização. O conhecimento da ciência deixa os muros das academias e passam a figurar no cotidiano da população.

Sempre ao lado de relatos de cura, médicos alopatas dominavam as páginas dos principais jornais de Belém²⁹⁵ com as suas fórmulas em busca de mais clientes para suas clínicas. Chartier²⁹⁶ ao analisar o processo de criação dos textos da imprensa chama atenção para âmbitos muito mais relevantes que a recepção do leitor. Considerando o corpo específico de cada texto e a relação dos leitores com os objetos culturais do local e do período histórico, assim, entendendo aquilo como ele denomina de história das práticas de leitura, ou seja, ele não analisa somente a recepção do texto por parte do leitor, mas também o momento histórico e os pormenores da edição do periódico. Ao tratar de estudar também a edição do jornal, Chartier, assume a possibilidade de manipulação do texto de acordo com os laços do editor ou do próprio jornal com o objeto que é notícia.

Dessa forma, entender quem escrevia e quem estava por trás dos principais periódicos paraenses dentro do recorte deste trabalho mostra-se necessário. Assim, os periódicos *A Província do Pará*, *Folha do Norte* e *O Estado do Pará*, ganham destaque.

²⁹³ Op cit., p. 24.

²⁹⁴ ZAMBINI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001

²⁹⁵ *A Província do Pará* (1876-2002), *Folha do Norte* (1896-1974) e *O Estado do Pará* (1912-). Esses três eram os principais jornais da época.

²⁹⁶ CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

A Província do Pará, em 1876, surge o jornal com características noticiosas e grande atuação política. Foi fundado por Antônio Lemos, por isso foi um grande veículo de propaganda de seu governo. O Folha do Norte surge 20 anos após, por Enéas Martins e Cypriano Santos e apoiava abertamente o Lauro Sodré, principal opositor de Lemos.²⁹⁷

O jornal O Estado do Pará nasce em 1911, fundado por Justo Chermont, importante político paraense, era considerado um reflexo da evolução do jornalismo da região. Apoiava abertamente Lauro Sodré e junto com o Folha do Norte travou uma verdadeira batalha em suas páginas contra a Província do Pará e Antônio Lemos. Principal concorrente político de Sodré.²⁹⁸

Os principais jornais da época viviam em meio a um conflito político. De um lado os lauristas de outro os lemistas, assim suas reportagens podem conter teores políticos e até certo ponto privilegiar as suas partes. Recaindo no que disse Chartier, sobre a importância de entender quem faz o jornal, para que a análise do trabalho não seja comprometida.

Dentro dos jornais, muitas vezes, logo nas primeiras folhas, era fácil encontrar promessas de cura para todos os tipos de doenças, e, a medicina alopática, era “somente” uma a mais dentro de várias outras, onde a palavra “ciência” era utilizada como forma de propaganda. Portanto, percebemos nas folhas destes periódicos, médicos alopatas publicando de forma não científica em jornais, a fim, somente de obter mais clientes em suas clínicas.

No Brasil, era deliberado que caso um médico publicasse na imprensa anúncios de cura de doenças ou suas formas de tratamento como forma de propaganda pessoal e não por processos aceitos por instituições científicas, estaria deixando o caminho da ciência de lado e entrando no submundo dos charlatões. Por isso, por deixar de pautar-se dos deveres da ciência para com isso conseguir mais clientes, passariam a ser chamados de “Charlatão diplomado”, podendo ser multados ou ter as suas licenças caçadas.²⁹⁹ Contudo, essa proibição não parecia preocupar os esculápios, seja qual for o seu Estado, pois era comum encontrar anúncios de medicamentos e terapêuticas nos jornais, seja de médicos alopatas ou de homeopatas.

²⁹⁷ Carvalho VB, Massarani LM, Seixas NSA. **Pesquisa em saúde em três grandes jornais paraenses: estudo de um período de 130 anos.** Rev Eletron de Comum Inf Inov Saúde [Internet]. 2014.

²⁹⁸ SOUZA, Miguel Alves. BENTES, Priscila Ferreira. **Jornalismo, História: Belém nos relatos do jornal “O Estado do Pará” de agosto de 1912.** Culturas, Linguagens e Interfaces Contemporâneas. Belém, 2012

²⁹⁹ PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente no passado.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

A divulgação de receitas da farmacêutica homeopata em jornais de São Paulo, principalmente, durante a gripe espanhola foi recorrente, estes divulgam as formas de preparo dos seus medicamentos nos jornais, democratizando a produção do remédio a quem se interessar. A homeopatia conhecida pela aplicação do seu medicamento a partir de doses infinitesimais e por ser uma prática vitalista, não possuía uma fórmula específica de um medicamento, esse poderia ter a sua dosagem e diluição alterado de acordo com o paciente, e por essa característica era diversas vezes atacadas, publicamente, taxando os seus praticos de charlatões, por interpretarem que os mesmos não divulgavam a sua fórmula, dando a entender que estas não passavam de placebo, ou acusações mais sérias, tais como medicamentos homeopáticos eram venenosos.³⁰⁰

Na epidemia de Cólera no Pará, como já mencionado nesta dissertação, se fazia presente alguns anúncios de fórmulas homeopáticas, os praticantes publicavam suas fórmulas no jornal *Treze de Maio*, indicando como deveriam os enfermos tomar, de acordo com cada sintoma apresentado. Além disso, ainda era apresentada a dosagem certa de cada remédio.

Em 1921, observa-se novamente a presença dos homeopatas nos jornais paraenses, a forma como escreve o dr. Zacheu Cordeiro em seu pouco espaço nas páginas do jornal *O Estado do Pará* demonstra uma metodologia própria dos homeopatas. Não se utiliza de comercial ou propaganda de seus fármacos, mas sim, busca caracterizar o que era a homeopatia. Zacheu Cordeiro escreve sobre vários tópicos ligados a história da homeopatia, desde a sua criação a partir de Hahnemann até a sua utilização na cura da lepra pelo assacú, e sempre destacando à importância da homeopatia em detrimento da alopatia.

Neste mesmo ano o Dr. Zacheu Cordeiro realiza um tratamento utilizando o Assacú e cura um jovem garoto, filho de um importante músico o sr. Manoel Castelo Branco. Este feito lhe dá um ligeiro reconhecimento nacional, pois seu feito foi noticiado em várias partes do Brasil. Como no *Jornal Pequeno* de Pernambuco que noticiara o feito em 1922, transcrevendo a notícia do jornal carioca *d' O Paiz*.³⁰¹No mesmo ano o médico também é notícia no Acre pelo jornal *Folha do Acre*. Todos estes jornais confabulam os

³⁰⁰ BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, 445 p.

³⁰¹ Todos estes periódicos podem ser encontrados no acervo da Biblioteca Nacional. Site: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

méritos do homeopata em tratar do filho do músico. Mesmo com o destaque, o médico não se utiliza dessa notícia para vender mais produtos.

Do outro lado encontra-se a medicina alopática, com uma propaganda mais direta, apresentando resultados positivos de tratamentos realizado através de sua terapêutica ou de um remédio específico, além disso, em muitos casos, os médicos alopatas, publicam junto de seus remédios, relatos de pacientes que utilizaram o medicamento e estão curados graças ao mesmo. Como no anúncio a seguir presente no periódico *O Estado do Pará* de 07 de agosto de 1921, do médico João da Silva Silveira, anunciando seu elixir, intitulado Elixir Nogueira:

DUAS ULCERAS!

Quando em 1911, eu sofria tenazmente de grande mal que a todos infecta – a syphilis- resultaram-me duas ulceras e em vésperas de mais, tomei diversos depurativos sem que obtivesse resultado. Fui aconselhado pelo competente enfermeiro, capitão Joaquim Fernandes, a tomar o maravilhoso preparado ELIXIR DE NOGUEIRA, do farmacêutico chinico sr. João da Silva Silveira, ficando completamente curado 2 vidros.

Assim aproveito a ocasião para enviar os meus votos pelo resultado que obtive e podem considerar-me um dos propagandistas de tão milagroso ELIXIR.

Natal, 19 de agosto de 1913. Alvaro Borges.³⁰²

Percebe-se que enquanto a alopatia, já detendo o reconhecimento por ser considerada medicina científica, os médicos que publicam algum remédio ou tratamento nos jornais, com o intuito da venda do produto, focam as suas linhas no periódico para fazer comercial do seu produto ou serviço, enquanto a propaganda homeopática que ao invés de fazer um comercial de seus produtos, faz uma explicação sobre como funciona a sua prática. Portanto, enquanto uma prática já detém o monopólio da medicina, a outra busca se firmar.

Outra característica das propagandas alopáticas é a utilização de relatos de pacientes curados, assim como no anúncio, as propagandas de fórmulas alopáticas, geralmente, trazem consigo relatos da eficácia do tratamento por meio daquele medicamento. Muitas vezes os relatos são feitos por pessoas influentes na sociedade, para dá ao seu produto mais credibilidade e com isso conseguir mais clientes.

Os homeopatas buscavam outras estratégias para publicar nos jornais, ao invés de vender um produto ou o seu serviço de forma direta, eles começaram a investir em

³⁰² O Estado do Pará, Elixir Nogueira, 07/08/1921

educação. Buscavam educar o povo sobre seus métodos para evitar que o preconceito sobre os seus medicamentos e sobre a sua prática médica.³⁰³

Os artigos em jornais acabaram por ser o principal meio de divulgação de suas práticas, a forma ao qual escreviam no jornal se destacava perante os outros textos dos periódicos, marcado pela linguagem coloquial, os homeopatas buscavam tratar de sua medicina sem usar termos científicos para facilitar o entendimento do público de fora da academia médica. Com essas estratégias os médicos se aproximavam ainda mais do povo.³⁰⁴

Dessa forma, além de divulgar seus serviços à comunidade, os homeopatas faziam propagandas de seus ideais para não somente atrair clientes, mas também seguidores e possíveis colegas de profissão. Alguns seguidores defendiam que não necessariamente um homeopata deveria ser um médico para praticar a sua profissão, qualquer pessoa poderia praticar a homeopatia, utilizando seus medicamentos vendidos nas suas farmácias.³⁰⁵

Para isso, os homeopatas investiam em artigos jornalísticos explicativos de como funcionava a homeopatia e qual era a sua finalidade como forma de cura. No Pará, o Dr. Zacheu Cordeiro, um dos poucos médicos homeopatas assumidos e atuantes na região, elabora artigos para o jornal O Estado do Pará elucidando a sua prática médica. Além disso, o seu texto saí quase como um desabafo, perseguido pelos médicos alopatas, o doutor usa seu espaço também para questionar a eficácia da sua concorrente, elaborando um estudo sobre o “o pai da homeopatia”, taxando-o de gênio e classificando a sua obra como o verdadeiro saber médico.

Segundo Zacheu Cordeiro nasce em 1755 “o homem do qual deviam emanar os maiores benefícios para humanidade”, se trava de Hahnemann, a construção da imagem do alemão, tido como o pai da homeopatia, um grande gênio; colaborava para fortalecer a ideia de que a sua prática médica se tratava de uma descoberta singular na história. O homeopata acrescenta ao seu texto as palavras do médico francês Marchal de Calvi³⁰⁶ que

³⁰³ GALLO, Ivone. **O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX.** Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

³⁰⁴ BELTRÃO, Jane Felipe. **Autoridade médica e divulgação científica no Grão-Pará flagelado pelo cólera: século XIX.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 239-252, jun 2002.

³⁰⁵ _____. **Como convencer e curar: a introdução da homeopatia no Rio Grande do Sul.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

³⁰⁶ Charles-Jacob Marchal (1815-1873). Professor de anatomia patológica e fisiologia em Val-de-Grâce, Paris. - Fundador do "Medical Tribune"

acreditava que “todos os systemas médicos existentes correspondiam aos tijolos, pedras, grão de areia que a multidão levava para a construção do almejado edifício da medicina”, porém, a falta de comunhão entre os sistemas médicos fazia com que não houvesse qualquer alicerce construído desse edifício e nem mesmo um “plano geral nem mesmo estava esboçado”, ao utilizar a metáfora do renomado médico francês, Zacheu Cordeiro conclui o seu pensamento afirmando que Hahnemann seria o responsável por “derruir completamente a Babel médica, que devia trazer o cimento com que solidamente iam ser unidos os elementos dispersos do edifício da medicina [...]”. E conclui afirmando o valor da medicina criada pelo alemão argumentando que “verdadeiro e racional systema de curar----- HOMEOPATHIA”.³⁰⁷ No texto inicial de Zacheu Cordeiro constrói-se uma narrativa que liga a medicina anterior a Hahnemann como a um edifício sem base alguma, e repleta de soberba, uma verdadeira Torre de Babel, que somente após a descoberta da homeopatia, passa a se criar alicerces seguros deste edifício. Aqui provavelmente ele estava se referindo às várias formas de classificar e diagnosticar as doenças pela alopatia, uma medicina tão confusa quanto a confusão de línguas na torre de Babel, na qual ninguém se entendia.

Cordeiro continua o artigo ressaltando o caráter revolucionário da nova medicina:

A sua passagem pelo fez época certamente das mais notáveis na historia da medecina, porque o seu descobrimento operou uma reforma profunda, revolucionou, transformou completamente a sciencia cahotica que encontrou, e que já lhe tinha causado tanto horror pelo erro em que vivia, e pela incerteza constante que agia.³⁰⁸

Ao ligar a descoberta da homeopatia a uma reforma profunda do sistema médico, Zacheu Cordeiro, ataca o sistema alopático, chamando-o de “ciência caótica” e mostrando a relevância da homeopatia tanto para os seus praticantes, como também para o sistema médico, pois é com o surgimento dessa prática médica, e a transformação que ela opera, que se passa a ter uma medicina mais completa e verdadeira. Ao seguir o seu texto, o homeopata faz referência à história de vida de Hahnemann, alopatia de formação, o alemão teria se desiludido com a pouca eficácia de seus tratamentos, levando-o a formular uma nova forma de cura e por se tratar de algo revolucionário causou “maior dos abalos na medicina escolástica” gerando “ódio de morte e contra a sua reforma foi votada a mais

³⁰⁷ O ESTADO DO PARÁ, A OBRA DE UM GENIO: HOMEOPATHIA, 29/07/1921, p. 1.

³⁰⁸ Ibid.

formal condenção”, o médico conclui o parágrafo citando uma fala de Louis Peisse³⁰⁹ sobre a não aceitação dos médicos alopatas sobre a homeopatia, justificando que “Os homens gostam muito de ser instruídos, mas não humilhados, é natural que não aceitem voluntariamente uma sciencia que lhes apresenta explicitamente como uma demonstração da sua ignorância”.³¹⁰ O médico busca se pautar através de fala de nomes relevantes do cenário médico francês que escreveram sobre a homeopatia para mostrar como ela é bem aceita entre os médicos daquele país, mostrando ser uma tentativa de rebuscar a sua prática médica.

Ainda demonstrando a importância das descobertas de Hahnemann, Zacheu Cordeiro, introduz as principais práticas que destacam a homeopatia dentre a medicina:

Samuel Hahnemann, “fortalecido pelas experiências pharmacodynamicas por ele inauguradas num momento de milagrosa inspiração” (von Ebeling), publicava nesse anno o seu primeiro trabalho sobre “Um novo principio para conhecer as propriedades curativas dos medicamentos”, principio este que revolucionava toda medicina, trazendo-lhe a feliz alvorada de uma era completamente nova, que dissipava as trevas da negra noite de tantos séculos, era a MATERIA MEDICA EXPERIMENTAL, que com o seu principio consequente da infinitesimalidade da doença, vinha robustecer e cimentar definitivamente a LEI DOS SEMELHANTES, esse alicerce másculo e inabalável, ligado profeticamente pelo pae da medicina, que mãos criminosas tantas vezes abandonaram e destruíram não procurando desvendar-lhe os mysterios.³¹¹

Neste trecho o autor fala sobre uma das características dos homeopatas para justificar a sua importância na ciência médica: a “materia medica experimental”, para o médico homeopata, a experimentação dos remédios em indivíduos sãos, e por conseguinte, a melhor análise do efeito do remédio e dos sintomas da enfermidade, tiraria o médico do escuro, pois teria mais clareza do saber médico para escolher a melhor terapêutica pra tratar o seu enfermo. Contudo, Zacheu Cordeiro mostra-se chateado pelo desprezo da alopatia pela homeopatia em suas palavras dando provas que esse conflito o afetava.

Ele é contundente ao chamá-los de “mãos criminosas” denunciando há má intenção daqueles quando se fala em medicamentos homeopatas, uma vez que preferem renegar os medicamentos ao invés de estudá-los e, principalmente, aceitá-los como forma

309 Louis Jean Louis Hippolyte Peisse, nascido em Aix-en-Provence em 1º de janeiro de 1803 e morreu em Paris em 12 de outubro de 1880. É jornalista e tradutor francês. É considerado um grande observador da vida médica de sua época.

³¹⁰ Op. Cit. O ESTADO DO PARÁ, 29/07/1921, p. 1.

³¹¹ IBID.

de cura e ciência médica, como no caso do próprio assacú que de imediato sofrerá resistência dos alopatas para os benefícios do fármaco no tratamento dos leprosos, sendo estudada somente para desacreditar os seus benefícios. O próprio autor do artigo passava por situação semelhante ao ter a sua fórmula de assacú renegada pela classe médica alopatá.

Para fundamentar ainda mais a sua angústia pela falta de abertura da medicina oficial para a homeopatia, Zacheu Cordeiro cita Licínio Cardoso³¹², ao qual intitula de “sábio mestre”³¹³, que o trabalho genial de Hahnemann ocupará o seu lugar de destaque na sociedade, pois de acordo com a “evolução humana se fôr fazendo, illações novas das verdades primitivas irão surgindo.”³¹⁴

Zacheu Cordeiro termina seu artigo lamentando a falta de interesse da tida escola oficial levar em consideração os tratamentos homeopáticos, sem justificativa plausível. Ainda sugere que os tratamentos desta escola oficial são baseados nos paradigmas homeopáticos (como a apothera³¹⁵ e a sorotherapia³¹⁶), sem, no entanto, lhe reconhecer os devidos méritos:

É pena que a escola oficial que emprega medicamentos cuja ação só póde ser homeopathica que emprega a apothera³¹⁵, a sorotherapia, as vaccinas, reconhecendo a veracidade da lei dos semelhantes pelos seus mestres mais em evidencia, ella que emprega os coloides, que aceita a universalidade dos fenômenos radioactivos, proclamada por Le-Bon, que aceita a medicação energética, levando a matéria á sua extrema divisibilidade, e cuja apologia ainda é feita por Bardet no numero de março ultimo do “Bulletin General de Therapeutique”, do professor Rodin, é pena, dizia eu, que essa escola só se lembre de Hahnemann para amesquinhal-o e deprecial-o, quando na historia das sciencias não ha exemplo igual de construção tão solida. Isso é desleal!³¹⁷

O autor novamente liga os avanços da alopatia ao nascimento da homeopatia, e ainda a crítica pôr a mesma não reconhecer a influência da lei dos semelhantes dentro da escola oficial; o homeopata ainda acusa a escola oficial de utilizar de princípios

312 Licínio Atanásio Cardoso (Lavras do Sul, 2 de maio de 1852 — Lisboa, 1º de junho de 1926) foi um militar, engenheiro, professor, médico, matemático brasileiro. Em 1900 formou-se em medicina, dedicando-se a homeopatia. Como presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil, não conseguiu introduzir o ensino da homeopatia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 10 de abril de 1912 fundou a Faculdade Hahnemanniana e em 1916, o Hospital Hahnemanniano com instalações à Rua Frei Caneca 94 em terreno e edificações obtidas do Governo da República.

³¹³ O homeopata Licínio Cardoso pode ser um dos mestres que o dr. Zacheu Cordeiro cita na carta aberta ao dr. Camilo Salgado, como um dos grandes responsáveis para a sua conversão à homeopatia.

³¹⁴ Op. Cit. O ESTADO DO PARÁ, 29/07/1921, p. 1.

³¹⁵ Apothera³¹⁵ seria a conclusão da cura através de banhos.

³¹⁶ Sorotherapia é um tratamento de uma doença por meio de soro, ou seja, de anticorpos já preparados. Normalmente utilizada em doenças infecciosas.

³¹⁷ Op. Cit. O ESTADO DO PARÁ, 29/07/1921, p. 1.

homeopáticos em seus medicamentos, demonstrando a eficácia da prática mesmo sem o reconhecimento dos seus pares; ele ainda destaca alguns métodos alopáticos que são ligado aos debates homeopáticos, como a vacina, que desde a segunda metade do século XIX vinha sendo uma estratégia de controle de doenças e higiene pública no país³¹⁸.

Zacheu Cordeiro introduz na sua fala as descobertas de Gustave Le-Bon³¹⁹, famoso médico francês, com grande destaque no estudo da psicologia das massas e das multidões, ele também contribuiu com os estudos ligados a matéria física, em seu livro intitulado *A Evolução da Matéria*, Le-Bon deu início aos estudos sobre a equivalência de massa-energia, que seriam aplicados no futuro com a era atômica³²⁰, para Zacheu Cordeiro as doses infinitesimais da lei dos semelhantes, que muito era criticada pelos médicos homeopatas, possuíam ações químicas dentro do tratamento que passaram a ser também utilizadas por médicos alopatas. Os homeopatas buscaram a partir do fim do século XIX, com a introdução do positivismo na sua prática médica, desvincular a ação dos seus remédios a ação metafísica que trazia muitas críticas da ciência médica; é com o contato com as ideias positivistas que se conduz um novo entendimento para as pequenas doses e as diluições dos medicamentos homeopáticos; a sua dinamização, ou seja, a sua ação curativa se daria através das energizações das substâncias químicas que se acentuariam com as diluições e succussões, dessa forma, o medicamento a partir da sua divisibilidade, alcançaria um potencial energético que atuaria tanto no corpo do enfermo, como na sua força vital.³²¹ Essa ação do medicamento homeopático, segundo o autor, teria sido comprovada e aceita a sua eficácia por Le-Bon e também por Bardet³²², que teria publicado um estudo sobre a ação energética dos medicamentos levando a sua matéria a

³¹⁸ Op. Cit. RODRIGUES, 2006. P. 23.

³¹⁹ Gustave Le Bon foi psicólogo e sociólogo, mas sua formação original é em medicina prática, um curso bem inferior ao curso de medicina tradicional. Quando desistiu da medicina, dedicou-se ao estudo da psicologia. Foi considerado um dos nomes mais importantes da área da psicologia. Os temas que ele abordou tiveram uma grande importância no século XX. Influenciou Freud, que escreveu uma monografia cujo título é: “Psicologia das Massas e a Análise do Ego”.

³²⁰ CAIAFFO, Stéfani; SILVA, Rosane Neves da; et al. **Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social.** Arq. bras. psicol. v.59 n.1 Rio de Janeiro jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000100004 . Acessado em: 11/01/2021.

³²¹ Op. Cit. VIGOLO, 2012. P. 47.

³²² Georges Louis Bardet (1885–1966) foi um médico francês conhecido por descrever pela primeira vez uma doença genética rara. Em sua tese de graduação na Universidade de Paris em 1920, Bardet escreveu sobre uma condição médica caracterizada por obesidade, retinite pigmentosa, polidactilia e hipogonadismo. Dois anos depois, o médico húngaro Arthur Biedl descreveu os mesmos sintomas em duas irmãs, separados das descobertas de Bardet. Desde então, essa condição se tornou conhecida como síndrome de Bardet-Biedl.

máxima divisibilidade, no *Bulletin General de Therapeutique*, importante revista médica francesa. Zacheu Cordeiro elenca em seu argumento diversos exemplos sobre a utilização de métodos homeopáticos por médicos renomados da escola francesa de medicina alopática, a sua tentativa de demonstrar a eficácia de sua prática médica, vinculando a sua utilização por médicos alopatas, se soma com a sua revolta de ver o nome de Hahnemann somente ligado a críticas pela escola oficial, enquanto deveria ser ligado a revolução da medicina e a solidificação do edifício médico.

Durante todo o artigo, o autor não menciona o tratamento da lepra pelo assacú, ele utiliza o espaço que lhe foi dado pelo jornal para explicar o que é a sua prática médica e para comover o público leigo que ler o jornal que o ataque dos alopatas aos métodos homeopáticos, não passam de atitudes mesquinhas de uma medicina caótica que ver surgir uma nova terapêutica organizada e estruturada pela lei dos semelhantes; Zacheu Cordeiro, põe em linhas no periódico o teor do conflito entre a homeopatia e a alopatia, acentuando a diferença entre as propagandas entre as mesmas, enquanto os médicos alopatas buscam fazer propaganda de seus serviços e terapêuticas médicas, o dr. Zacheu Cordeiro busca explicar a sua prática, além de tentar atacar a imagem da medicina oficial, afim de que em um futuro houvesse uma inversão de papéis, e a prática homeopática pudesse ocupar o papel de verdadeira ciência médica.

3.2. Em doses infinitesimais: o conflito entre homeopatia e alopatia nas falas de Zacheu Cordeiro.

A chegada de Mamerto Cortés à capital paraense, agitou a cidade de diversas formas, desde a grande procura pelo medicamento que prometia a cura da lepra pela população, seguida de uma incessante perseguição para coibir a ação do colombiano pela Profilaxia Rural, até chegar a fomentar o conflito entre a prática médica homeopata contra a alopatia. O colombiano não trouxe à tona somente a discussão de um remédio para a cura da lepra, ele proporcionou o lançamento do dr. Zacheu Cordeiro ao debate sobre o lugar da homeopatia na sociedade belenense.

Anterior a chegada de Mamerto Cortés, o médico homeopata Zacheu Cordeiro, não havia se posicionado, de forma pública, na intenção de defender a sua prática médica: Zacheu Cordeiro já se declarava como homeopata e clinicava a partir da prática homeopata, ele também oferecia os seus serviços a quem não pudesse pagar. Com o contato com o colombiano, Zacheu Cordeiro, passa a interagir nos jornais com o intuito

de cumprir a sua parte do acordo com Mamerto Cortés, e passa a defendê-lo e destacar a sua fórmula envolvendo o assacú como passo importante dado à cura da lepra. De junho de 1921, o médico homeopata, que até então ainda não havia tido espaço nas folhas dos jornais para discorrer sobre a sua prática médica, passa então a introduzi-la nos jornais e no cotidiano dos leitores do periódico.

Zacheu Cordeiro, começa o seu caminho nos jornais destacando a eficácia da pomada de assacú e introduzindo o conflito entre a homeopatia e a alopatia nas suas falas, ao acusar que o medicamento apresentado por ele e por Mamerto Cortés só não era estudado pela medicina oficial por se tratar de um medicamento homeopata, ou seja, um medicamento que surgia de fora do meio médico alopata, a negação em aceitar o tratamento da lepra pelo assacú não passava de orgulho desses médicos em assumir que o remédio homeopata era eficaz contra uma doença que a medicina oficial não conseguia produzir respostas concretas; aceitar o medicamento seria como declarar a eficácia da homeopatia, colocando-a um degrau acima no sentido do saber médico. As acusações do médico homeopata foram as fagulhas do conflito, que se acentuavam a cada novo artigo que ele publicava.

Após os primeiros artigos publicados no Estado do Pará, onde Zacheu Cordeiro defendeu Mamerto Cortés, junto do estudo e da utilização do assacú para o tratamento e a cura da lepra; o homeopata passa a mudar os assuntos de seus artigos e começa a elaborar textos explicando a sua prática médica, bem como a sua história, e como a homeopatia funciona. Dentro desses artigos o médico também deixa transparecer o conflito contra a alopatia, e nesse sentido, que esse tópico irá se desenvolver.

No intuito de explicar a prática médica homeopata, Zacheu Cordeiro, introduz diversas vezes o pai da homeopatia: Hahnemann. Na maioria dos artigos o título do texto fará menção ao alemão, descrevendo ora como o “sábio”, ora como “gênio”. Percebe-se também nas palavras do médico homeopata certa ironia quando cita a ciência médica oficial pela sua soberba, em se auto reconhecer única, e, também, pelas críticas que se faz contra a homeopatia, a desconsiderando como método de cura. No primeiro dia do mês de julho de 1921, o dr. Zacheu Cordeiro volta a publicar um artigo no jornal O Estado do Pará, com o título *A Palavra De Um Sabio: Ainda A Cura Homeopathica Da Lepra Pelo Assacú*. Neste texto, o autor vai trilhar o caminho da homeopatia para provar a eficácia do assacú no tratamento para lepra, ele irá publicar este artigo como forma de resposta a uma nota da Sociedade Médico-Cirúrgica ao qual negava a eficácia da planta medicinal para a cura da lepra, para embasar o seu argumento, Zacheu Cordeiro apresentará o estudo

de Charles Robert Richet, grande médico francês, descobridor da soroterapia e laureado com o prêmio de Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1913.³²³

Zacheu Cordeiro começa o seu texto lembrando o início da polêmica envolvendo a suposta cura da lepra pelo assacú, quando a mais de um mês e meio, o homeopata havia se posto de vez nos estudos da planta medicinal acrescentando observações nos estudos de Mamerto Cortés. Durante esse período o médico teria conseguido a cura de alguns de seus pacientes, apresentando a eficácia da sua terapêutica, contudo, ao invés de receber aclamação do meio médico, ele fora surpreendido com uma nota formal da Sociedade Médica-Cirúrgica, que “procurou atirar á face da sociedade paraense um formal desmentindo á possibilidade dessa cura”, a sociedade teria baseado o seu argumento através de “pequena notas colhidas nos Annaes de Medicina Brasiliense” e mais uma “três ou quatro linhas do Brasil Medico comentando essas notas, e da autoridade nulla do Chernoviz”. Para o homeopata, a ação de desmentir a cura obtida com o seu tratamento pela medicina oficial paraense, se baseando em pequenos estudos publicados em revistas de medicina acadêmica, eram arbitrárias e não poderiam julgar como inválido uma terapêutica que vinha apresentando resultados positivos. O autor ainda tece críticas a associação do nome de Chernoviz, a quem o dr. Zacheu Cordeiro chama de autoridade nula; como argumento para justificar a eficácia do assacú, o homeopata acrescenta que a utilização do médico polonês fazia com que se sacudisse o pó que cobria o seu trabalho que já se estava em desuso justificando a sua autoridade nula, para embasar as “decisões de uma associação sábia.”³²⁴

Para o médico homeopata, a atitude da medicina oficial nada mais era que uma atitude desesperada para deslegitimar a homeopatia, pois “era preciso annullar a acção da homeopathia em face da sociedade, e fiel á deslealdade allopathica para com a escola hahmannnianna”. Nas palavras do autor nota-se a ação da sociedade Médica-Cirúrgica paraense no sentido de desmoralizar o tratamento proposto pela homeopatia, como forma de defesa de sua prática médica, o dr. Zacheu Cordeiro contra-argumenta que esse movimento era somente uma forma desleal de anular as descobertas da homeopatia para a sociedade, contudo, o médico homeopata rebate as críticas com um ironia e ataques a

³²³ Gustavo Ruiz Chiesa. ENTRE ESPÍRITOS E CIENTISTAS: CHARLES RICHET E A BUSCA PELOS ‘FENÔMENOS INABITUAIS’. *Interparadigmas*, Ano 5, N. 5, 2017. Disponível em: <https://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Interparadigmas-Chiesa-N5.pdf> . Acessado em: 13/01/2021.

³²⁴ O ESTADO DO PARÁ. A Palavra De Um Sabio: Ainda A Cura Homeopathica Da Lepra Pelo Assacú. 01/07/1921. P.1.

alopatia afirmando que “foram aproveitadas como tabuas de salvação as taes notas dos “Annaes”, e a affirmação desse grande mentor da confecção de xaropadas e pílulas indigestas...”. Zacheu Cordeiro, mostra que as notas pouco interferiram nos seus estudos sobre a cura da lepra e ainda aproveita para resumir o trabalho de Chernoviz a criador de xaropadas. Para concluir o seu pensamento sobre o conflito contra a alopatia, o autor diz que “Mestres da homeopathia e da allapathia tem procurado fazerem vão unificar as escolas medicas, tem procurado fazer terminar esta luta eterna n campo da arte de curar”, contudo, esta mesma luta pela união vem esbarrando no orgulho da escola médica oficial, de todo modo, ele acrescenta que a homeopatia vem fazendo a sua parte em não se preocupar com os erros terapêuticos que os separam, mas “a sua preocupação maior tem sido apontar o que nos approxima”.³²⁵

O autor segue o seu texto explicando a ação dos remédios homeopáticos através do trabalho de um médico alopata, o dr. Richet e a sua teoria da soropatia; a ação terapêutica do medicamento deve exercer o princípio ativo através do indivíduo doente, ou seja, “quer seja o agente therapeutico um soro ou um producto chimico, não se dirige directamente ao agente pathogenico para neutralizal-o e para anniquilal-o directamente” a ação do remédio não pode atacar a patogenia diretamente, ele deve auxiliar o corpo do indivíduo a produzir a cura da doença, “elle o solicita á cura com o agente pathogenico o solicita á moléstia.” Portanto, a ação do medicamento na soropatia se assemelhava com a ação do remédio da lei dos semelhantes, buscar a comunhão dos conceitos em médicos renomados mundialmente trazia a confiabilidade que o autor necessitava para a sua terapêutica na busca da cura da lepra. As doses infinitesimais dos medicamentos homeopatas não visam “a morte do micróbio, mas acção reaccionaria do organismo, que é o verdadeiro medico, que precisa de auxilio no sentido em que está agindo e não embaraços ao seu esforço.”³²⁶

Ao finalizar o seu artigo, Zacheu Cordeiro, apresenta um estudo do dr. Richet sobre o assacú em laboratório, fazendo testes do medicamento em cachorros com o intuito de entender a ação de toxinas vegetais, como a crepitina que é extraída da Hura crepitinas: o assacú, com intenção as reações do organismo a injeção de altas doses e a necessidade de diminuí-los até provocar a ação almejada, a cura. O estudo foi publicado na revista Presse Médicale, no dia 2 de julho de 1913, cujo o título era “La reaction leucocytaire”,

³²⁵ Ibid. P.1.

³²⁶ Ibid. P.1.

o médico francês define a leucocytaire como “Variação do numero de glóbulos brancos no sangue, devido a certas influencias physiologicas ou pathologicas”. Esse procedimento calha com as dinamizações das doses dos remédios homeopatas. Zacheu Cordeiro, transcreve uma parte do artigo de Richet:

[...]Emprega primeiro doses fortes mas não mortais, e diz:

O facto surprehendente, porém, é que muito tempo depois (durante 136 a 148 dias) a leucocytose persiste.

Doze cães que soffreram uma injeção de crepitina apresentaram de 136 dias a 148 dias uma leucocytose media de 182, algarismo como se vê, inteiramente differente do normal que é de 100.

Eis, pois uma prova nova, muito própria para nos assegurar que a sensibilidade dos leucacytos é extraordinariamente delicada, pois que seis mezes depois da injeção de mais toxina o organismo ainda lhe guarda a lembrança.

- Sob a influencia das doses fracas o organismo reagiu também e de modo muito particular.

Se injectarmos nas veias de um cão dois centímetros cúbicos de uma solução de crepetina muito diluída ao décimo millesimo (é a nossa dynamização decimal), não se observa fenómeno algum immediato; mas 48 horas depois produz-se uma reacção leucocytoria, fora absolutamente de proporção com dóse ínfima injectada... Com doses fracas de crepitina obtem-se um effeito muito mais pronunciado, e a reacção leucocytosa eleva-se a 180.

[...]Com doses fortes o effeito leucocytario dura mais tempo; com as fracas doses desaparece mais depressa; no fim de 8 a 12 dias o animal volta á sua formula hemática normal”

Mas se lhe injectarmos novamente a crepetina, elle manifesta-se absolutamente imune, a reacção não se produz.”³²⁷

Fica provado para o autor, através do estudo de Richet e seus testes clínicos a eficácia das dinamizações e as doses infinitesimais da prática homeopata. Zacheu Cordeiro aproveita o crescimento da produção de vacinas, com a utilização da soroterapia e dos conceitos de Richet, para ratificar a importância da homeopatia na medicina, e ainda mostra como os seus métodos influenciaram a medicina oficial, encarando isso como prova que a descoberta de Hahnemann revolucionou a medicina.

Em outro artigo publicado no Jornal O Estado do Pará, uma semana após a publicação de *A Palavra De Um Sabio: Ainda A Cura Homeopathica Da Lepra Pelo Assacú.*, o dr. Zacheu Cordeiro volta a falar sobre o papel relevante da homeopatia na ciência. Nesse artigo, assim como no anterior, o homeopata ataca a alopatia ao mesmo tempo em que defende a prática homeopata das críticas da medicina oficial. Com o título

³²⁷ Ibid. P. 1.

de *O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica*, Zacheu Cordeiro sai em defesa de sua prática médica, ao rebater as críticas que se direcionam para a sua terapêutica, o homeopata rebate aqueles que acham que o valor terapêutico da homeopatia fosse nenhum, senão um efeito placebo causado pela mera expectativa, dizendo que a simples expectativa acerca do tratamento seria “menos perigosa do que tem sido a prática médica de todos os tempos” e que se “a experiência não demonstrasse que a homeopathia é uma verdade” ela ainda teria mais valor do que qualquer outra forma de cura.³²⁸

O autor do texto busca através das palavras de Marchal de Calvi³²⁹ a crítica a estrutura da alopatia, citando “Em medicina não temos princípios, nem fé, nem leis.”. Zacheu Cordeiro, busca enfatizar a sua crítica citando um alopata de grande expressão dentro da sua medicina, salientando que a mesma não segue um método e uma lei definida, que antes de Hahnemann a ciência médica não passava de um “[...] desconchavo de opiniões, um montão de afirmações e negações, um acervo de concepções metaphysicas que nada diziam”, portanto, para o autor a medicina não possuía um método e uma estrutura para definir a terapêutica que trataria o enfermo, as suas ações eram pautadas em opiniões e até mesmo em concepções metafísicas. Somente com a criação da lei dos semelhantes, com as obras hahnemenianna, nasceu uma medicina “verdeiramente scientificas, fundamentaes das suas crenças, das crenças da sua escola.”³³⁰

Para entender melhor a crítica de Zacheu Cordeiro a alopatia, é necessário trazer novamente o debate da homeopatia e o positivismo. A ciência positivista acreditava na influência de fenômenos externos que poderiam afetar o enfermo e agravar a sua doença, deveriam ser levados em consideração na escolha da terapêutica que seria usada no seu tratamento, com isso, era necessário ter leis e princípios universalmente aceitos dentro da medicina para que os seus praticantes não deixem escapar os pormenores da doença, e assim, a sua cura. Esse princípio da medicina positivista era encarado como uma característica da homeopatia, ao se comparar com a individualização do paciente, fazendo os homeopatas considerarem essa categoria como lei de sua prática médica e marca da aproximação com o positivismo. Outro ponto fundamental de ligação entre a prática médica e a filosofia positivista está na concepção histórica da homeopatia, para se obter o estado positivo é necessário a evolução desde o estado metafísico, passando o teológico, nessa evolução alguns homens se destacam por contribuir com a elaboração dos

³²⁸ O Estado do Pará, O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica. 07/08/1921. P. 1.

³²⁹ Médico alopata francês já citado por Zacheu Cordeiro.

³³⁰ O Estado do Pará, O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica. 07/08/1921. P. 1.

fundamentos da ciência positivista, e Hahnemann era visto como este homem, que cuja a sua descoberta relevante para a humanidade, o colocou como um indivíduo notável dentro da medicina, uma vez que a sua medicina homeopática trouxe a “evolução” médica.³³¹ Nesse sentido, Zacheu Cordeiro busca a todo momento as palavras e a explicação de quem fora o médico alemão nos seus artigos, para com a explicação da sua prática médica, ligar sempre que essa descoberta se deu pelo “sábio” e “gênio” Samuel Hahnemann.

Ele ainda faz uma advertência aos médicos que se voltam contra a homeopatia e não a utilizam a lei dos semelhantes como terapêutica. Segundo Zacheu Cordeiro:

Os médicos que não aceitaram a reforma homeopathica, ficaram com o seu eterno sonho galênico, a therapeutica etiológica ou pathogenica, e conservam ainda hoje o espirito da intolerância e os preconceitos da primeira educação scientifica dos seus antecessores, continuam a esperar que seu “Contraria contrariis curantur”, o seu tão apregoado “Sublata causa, tollitur effectus”, tenham entrada therapeutica curativa. As illosões, porém, desvaneceram-se e continuam a desvanecer-se, porque até o micróbio que appareceu-lhes como uma vaga ancora de salvação, não passou de uma vaga esperança para a confirmação desse principio, para a decanta da antissepsia interna.³³²

O autor volta a introduzir a homeopatia como a revolução no meio médico; medicina esta que segue colocando o micróbio ou a doença como peça principal na arte de curar, que sem método, prega apenas ilusões de uma entrada na terapêutica curativa, que a cada dia, a sua teoria desvanece. O médico homeopata, mostra nas suas palavras o seu descredito na medicina em que é formado, nas bases que estudou por 6 anos, na academia que lhe proporcionou o seu diploma médico, ao ir de contra está medicina oficial, o médico está indo de contra ao seu diploma de medicina alopática, mas ao mesmo tempo, busca apresentar um novo olhar sobre a terapêutica médica, a homeopatia não representaria o fim da alopacia, e sim, uma medicina com estrutura, métodos e, acima de tudo, uma lei: a dos semelhantes.

O método homeopático, baseado na lei dos semelhantes, para o dr. Zacheu Cordeiro, era a verdade provada e experimentada, “nella não se crê ou descrê, conhece-se ou ignora-se.” Portanto, a experimentação dos medicamentos em homens são e a infinitesimalidade das doses formam “os princípios da escola hahnemanniana, os fundamentos das suas convicções.”³³³ Nesse viés, a escolha do medicamento e as doses que serão aplicadas no paciente, também ligam a homeopatia e o positivismo, a escolha da terapêutica está conjugado com à importância dos sintomas apresentados, esses

³³¹ Op Cit. SIGOLO, 2012. P. 44, 45.

³³² O Estado do Pará, O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica. 07/08/1921. P.1.

³³³ Ibid. P.1.

sintomas não representam a enfermidade real, dentro das concepções homeopáticas, e sim perturbações na sua força vital, essa concepção que as enfermidades são apenas sintomas de uma perturbação orgânica se aproxima com a tese defendida por Auguste Comte em sua obra intitulada de *Primeiros Ensayos* onde o filosofo comenta as teorias médicas de Broussais.³³⁴

Zacheu Cordeiro segue o texto e afirma que a homeopatia é uma terapêutica universalmente aceita, porém, a escola oficial tem por ela um “culto platônico”. Para ele, a escola oficial de medicina já se rendeu para a veracidade da arte da cura, porém, a vaidade e o orgulho da escola fazem com que ela só o aceite como lei de Hipócrates, para isso, o autor irá trazer a experiência de diversos médicos alopatas que se utilizam dos métodos homeopáticos nas suas teses, aumentando a força da preposição que a homeopatia revolucionou a medicina.

Não, dirá Pasteur, que só pôde apresentar como base da sua apotheraia a lei dos semelhantes e a infinitesimalidade da dóse: não, dirá também Leduc com as doses infinitamente pequenas da matéria, que as medicações inócuas introduzem no organismo: não, affirmará Robin, mostrando que substancias que no seu estado normal não possuem propriedade therapeutica alguma, produzem clinicamente effeitos medicamentosos tão preciosos, quando immensamente divididos e em doses tão infinitamente pequenas que só o ultra-microscópio pode desvendar: não, replicará Richet que com doses infinitesimales provoca os phenomenos de anaphylaxia: não, affirmará Jousset que demonstrou cabalmente a acção nociva que substancias elevadas á 30^a dynamização homeopathica exercem sobre a vida ao espergillas nigernão, concluirá a radioactividade, coroando a obra dos infinitamente pequenos, desvendando novos horizontes á intervenção da materia dissociada do phenomeno da cura.³³⁵

O autor dedica a ênfase do seu argumento a citação de cinco médicos alopatas, entre eles, Pasteur. A inclusão destes nomes, como já dito, não fora coincidência, e sim parte de uma estratégia para ênfase de seu argumento, contudo, algumas das ligações que o homeopata faz sobre a utilização de métodos homeopatas nas teses alopatas desses médicos, podem ser um tanto tendenciosas e indutivas, com objetivo claro de trazer a atenção do leitor de fora da área médica à prática médica que diz que os nomes da medicina que estão em discussão, são influenciados pela homeopatia.

Zacheu Cordeiro termina seu artigo reafirmando que todas as descobertas da ciência médica advêm da homeopatia, para ele a homeopatia “é a cabeça pensante da medicina e todo o descobrimento curativo é e sempre será subordinado ao ‘Similia similitis

³³⁴ Op. Cit. SIGOLO, 2012. P.47.

³³⁵ O Estado do Pará, O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica. 07/08/1921. P.1.

curantur’.” E que “Depois da era passada, das mais fortes perseguições, a homeopathia reconquista a sua legitima influencia[...].”³³⁶

Mesmo o teor, de certa forma, ficcional ou exagerado apresentado por Zacheu Cordeiro ao empregar a homeopatia como verdadeira ciência médica ou outros termos fortes e polêmicos que o médico se utiliza para tratar da sua terapêutica em detrimento da sua concorrente, não pode ser deixado de lado, pois se trata da voz do indivíduo histórico que sofre diariamente com esse conflito e viu como uma forma de defender, a utilização de jornais e principalmente dessa escrita, que foge da escrita médica científica, para uma escrita mais cordial e popular para fins de atingir um público mais amplo. Dessa forma, entender que o médico não queria escrever para os seus iguais e sim para todos aqueles que o leriam, pudessem também o entender; dessa forma sua prática médica ganharia novos adeptos, então o cuidado ao se ler as fontes torna-se de suma importância, pois sem o cuidado necessário, o leitor cairá na ideia lançada pelos alopatas que por conta da sua forma pouco científica de escrever os homeopatas não passavam de meros charlatões.³³⁷

Em meio a toda essa polêmica um ponto a se destacar é entender qual a intenção do jornal O Estado do Pará em liberar a sua capa para essas publicações, tendo em vista que foi o único periódico que o fez. Se fora uma atitude política ou apenas uma atitude comercial. O fato é que o debate não parou por aí, o dr. Zacheu continua sua luta para defender a homeopatia e ganha certa força com a surgimento da fórmula do assacú como cura para a lepra³³⁸. A cura da lepra era um verdadeiro desafio para a medicina, a doença que deixa marcas no corpo também deixa marcas no social, os leprosos eram sumariamente tirados do convívio assim que a doença se manifestava, haja vista o grande alvoroço que causava, levando o Estado a isolar os doentes.

3.3. A polêmica do assacú: da cura da lepra ao assassinato do doutor.

As crises epidemiológicas não afetam a sociedade somente no número de enfermos e eventualmente o seu número de mortes, mas também a atinge em vários outros

³³⁶ Ibid. P. 1.

³³⁷ DAVIS, Natalie Zemon. Prefácio e Introdução. **Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XIX**, 2001.

³³⁸ Lepra, mal de Lázaro, morfeia, mal de hanse, ou como é conhecida nos dias atuais hanseníase é uma doença infecciosa causada pelo bacilo de Hansen que causa danos severos a nervos e à pele. A hanseníase é uma doença contagiosa e muitas vezes são relacionadas a castigo divino ao ser comparado ao pecado, pois ambos não teriam cura.

sentidos, que vão desde a organização social a questionamentos acerca da eficácia da ciência, não o bastante, valores e conhecimentos antes aceitos, agora passam a ser motivos de desconfiança, e conhecimentos que passavam por um processo de negação, voltam a ter força.

A medicina, certamente, é o braço da ciência que mais é questionado em momento de crises de saúde pública; se ainda em dias atuais vivenciamos esses questionamentos, analisar o início do século XX, momento em que o conhecimento científico busca uma solidificação e a medicina brasileira tenta encontrar uma identidade. O início do século XX também é marcado por diversas epidemias, como mencionado, representaram verdadeiras crises à medicina científica, ao mesmo tempo que serviam como oportunidades para que práticas de curas alternativas ganhassem espaço no meio da sociedade. Esse espaço, onde a medicina científica era questionada, será a ocasião ideal para o fortalecimento da homeopatia no país, que desde o tempo do cólera³³⁹ se utilizava desse momento para mostrar a sua forma de agir e tratar seus pacientes, e principalmente, para demonstrar como os seus medicamentos eram eficientes.

Esses momentos de crise da saúde pública são utilizados por médicos homeopatas para propagar a sua medicina e ganhar mais espaço na sociedade médica, no entanto, os médicos homeopatas não surgem somente nesse momento de colapso, eles já estavam ali, clinicando e atuando nos mais diversos locais. No Pará, durante o surto de lepra, o médico homeopata Zacheu Cordeiro, ganhou as páginas dos jornais paraenses ao lado do colombiano Mamerto Cortés; eles apresentaram uma cura para a lepra a partir da utilização de uma planta medicinal chamada de assacú. A divulgação da suposta cura da lepra pelo assacú, causou uma controvérsia em torno da eficácia ou não do medicamento.

É justamente a polêmica sobre a cura da lepra que fará com que a disputa entre os médicos homeopatas e alopatas seja percebida de forma mais evidente no Pará, durante o século XX. Para isso, conceituar a lepra e seus impactos no doente e na sociedade, se fazem de suma importância. A lepra é uma doença de pele, causada por infecção com a bactéria *Mycobacterium leprae*, afeta principalmente a pele e os nervos periféricos (braços e pernas). Pode se dividir em duas formas extremas, nomeadas de polares; uma é a lepromatosa, sua forma mais grave é altamente contagiosa; a outra forma da doença é a tuberculóide, pouco contagiosa, pode gerar placas despigmentadas e insensíveis a paralisias diversas. A doença se espalha através do muco nasal, da saliva, das lesões

³³⁹ BELTRÃO, Jane Felipe. **A arte de curar em tempo de cólera... ou o uso da Homeopatia durante o flagelo – Grão-Pará, século XIX.** Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997.

cutâneas ou supurosas do enfermo em contato com um indivíduo saudável. Contudo, os médicos paraenses da época, provavelmente já sabiam sobre a transmissão por meio do contato com os mucos produzidos pelos os enfermos, contudo, não descartavam que a doença fosse também transmitida por insetos ou mosquitos.³⁴⁰

A doença causa marcas na pele em formato de grandes feridas que vão deixando o enfermo a sofrer diariamente com a degradação de sua pele, todavia, a lepra também é uma doença social. Presente desde a antiguidade, há relatos da doença na bíblia, a deformação da pele era vista como deformação da alma³⁴¹; a própria Igreja Católica contribuía com essa visão, apesar de incentivar a caridade com o leproso, corroborou com a estigmatização da doença na sociedade. Em 1873, o jornal da igreja católica paraense, Boa Nova, publica o seguinte texto:

É a lepra uma enfermidade asquerosa, horrenda, dolorosa e de difícil cura. Formam-se aqui e ali no corpo manchas escuras ou esbranquiçadas, que vão degenerando em empolas purulentas, até tornarem-se, enfim, úlceras medonhas. O rosto decompõe-se ou deforma-se a tal ponto, que uns apresentam a feia catadura do leão, outros do elefante. Corre do nariz nojenta serosidade, os olhos ficam embaciados e sem lume; a fala rouca e estridente: incham e racham as mãos e os pés, e vão caindo primeiro as unhas, depois os dedos, depois as mesmas mãos e pés, até que fica aquele tronco disforme, ainda com vida, mas já exalando um hálito de morte, horror e consternação de quem ousa contemplá-lo. Assim roído de tristezas, segregado dos homens, privado de todos os confortos da família e da sociedade, e até do seu próprio corpo em grande parte privado, consome-se em lenta agonia o mísero leproso, de quem todos fogem, espantados, temendo contágio de tão terrível moléstia.³⁴²

O estigma da doença é ressaltado pelo o redator do jornal, não se faz uma simples transcrição do corpo do doente, e sim, um relato impregnado de medo de visões conturbadas acerca da doença. A enfermidade era vista como um sinal de pecado, que corria o corpo e a alma do indivíduo lentamente, e até mesmo a cura era vista de outra forma, onde alguns indivíduos já eram considerados mortos, outros ainda passíveis de cura³⁴³ tal como ocorreu na bíblia com Lázaro.

A falta de resposta e de tratamento específico para a doença, assim como o medo da população em se contaminar e do próprio leproso, causaram a principal forma de combater a doença pelos esculápios e os governos é o isolamento dos doentes através da

³⁴⁰ RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919. Dissertação de Mestrado; orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. – UFPA - Belém, 2008, p. 31.

³⁴¹ PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. O estigma do pecado: a lepra durante a Idade Média. *Physis*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.132- 144. 1995.

³⁴² Apud COUTO, 2012. P. 155. Boa Nova. Os dez leprosos, 26 fev. 1873.

³⁴³ COUTO. Marcio Henrique. **Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX)**. Scielo, v.19, supl., dez. 2012, p.153-177

criação dos leprosários; assim surgiu no Hospital dos Lázaros do Tucumduba, onde dezenas de enfermos eram recolhidos e isolados da sociedade e de sua família; além disso, os boatos de maus tratos aos pacientes faziam com que muitos dos que tinham lepra ficassem com medo de anunciar a sua doença para as autoridades médicas, pois além de saírem de sua casa, tinham medo de não voltarem vivos do leprosário; cabe também ressaltar que a lepra era vista como um doença de escravos, pois eram as maiores taxas de contaminação no Pará, portanto, não eram designados tantos investimentos para os benefícios dos hospitais que cuidavam dos leprosos.³⁴⁴ Os investimentos com relação a criação de novos asilos e afastamento dos enfermos da cidade começaram a ser praticado com mais vigor a partir de 1910, com reuniões para debater o tema além de campanhas de doações para a construção de um novo asilo, o governo passa a incumbência do combate à doença para União, que com muito esforço, transfere o leprosário da capital para o interior: o leprosário do Prata, às margens da estrada de ferro em Bragança, passa então a abrigar os enfermos.³⁴⁵

O medo e a falta de tratamento levaram os leprosos e as suas famílias a recorrerem cada vez mais a remédios que prometiam curas milagrosas, e é justamente nesse contexto que iremos ver a rápida utilização e popularização do tratamento do assacú no Pará através de Mamerto Cortés. Sobre o contato entre o colombiano e a erva não se há nada que mostre como se deu esse contato, sabe-se apenas que Mamerto chega em Belém já possuindo a fórmula e aqui começa a tratar os primeiros pacientes. No meio da polêmica sobre a eficácia do assacú e o constantes ataques da Profilaxia Rural ao estrangeiro, uma outra polêmica irá surgir tendo um médico alopata agora como destaque, trata-se do dr. Camilo Salgado, um dos mais renomados nomes da medicina no Pará, será encontrado um tratamento feito pelo médico usando a assacú-rana, o alopata fará de tudo para comprovar que o tratamento empregado por ele era totalmente diferente do que o oferecido por Mamerto. Contudo, entender mais sobre essas plantas medicinais que também cruzaram o trabalho e se farão notáveis é de suma importância, até mesmo para poder entender o argumento do dr. Camilo Salgado, que afirma a haver diferenciação entre a assacú-rana e o assacú.

Ao ter o seu nome ligado ao assacú, Camilo Salgado, entrava em duas polêmicas diferentes, a primeira é a associação da erva com a homeopatia, portanto, o médico estaria

³⁴⁴ Open sit

³⁴⁵ RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919. Dissertação de Mestrado; orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. – UFPA - Belém, 2008.

utilizando de forma direta um específico da prática homeopática; a outra polêmica era a utilização de ervas para tratar seus pacientes, a fitoterapia³⁴⁶, até o início do século XX, era tida como medicina popular, e a utilização de ervas para a cura de qualquer enfermidade era criticada e considerada pajelança por parte de uma parte da classe médica, tanto que no jornal A Província do Pará havia uma coluna, intitulada “Sessão de Obras d’ A Província do Pará”, destinada a criticar médicos que publicavam artigos ressaltando os princípios ativos de plantas medicinais da flora amazônica; muitos dos esculápios para terem os seus artigos lidos e as suas descobertas aceita no meio médico, mudavam os nomes dados às plantas medicinais pela população local para nomes com terminologia latina e melhores aceitas no meio médico científico.³⁴⁷ De todo modo, o dr. Camilo Salgado buscou esconder uma suposta cura da lepra, utilizando a erva assacú-rana, mesmo com o suposto sucesso, o medo de ser criticado pela a utilização de ervas populares fez com que o médico alopata não fizesse alarde do caso, sendo exposto pelo homeopatas como forma de escárnio; para demonstrar que a fórmula homeopática, apesar de ser desacreditada e não aceita pela medicina científica, tem resultados positivos e a não utilização do conhecimento homeopático demonstra o que o dr. Zacheu Cordeiro fala em um dos seus artigos, que a descoberta da cura da lepra a partir da pomada de assacú só não era aceita por ser uma descoberta não vinda de um esculápio alopático.

Para melhor entender a polêmica, surge a necessidade de se conhecer as ervas citadas, nesse sentido, o assacú (*Hura crepitans*) é uma árvore de origem amazônica, geralmente encontrada na várzea argilosa alagadiça, se ingerida de qualquer forma pode ter uma ação tóxica, possui látex, cujo princípio ativo é a “Hurina” ou “creptina”; a sua seiva é muito cáustica, podendo até gerar queimaduras se entrar em contato com a pele, a infusão das flores masculinas, ou brácteas frescas em pequenas infecções de pele pode gerar efeito rápido de alívio e diminuição da infecção, contudo necessita de pequenas doses para não queimar o enfermo.³⁴⁸ A flor que brota da árvore bem como o leite extraído, são considerados venenos letais.³⁴⁹ A assacú-rana (*Erytrina Glauca Willd*), cujo habitat natural também é a várzea amazônica, ela é útil contra doenças hepáticas, porém

³⁴⁶ A fitoterapia age partindo do mesmo princípio da alopatia, com uso de substâncias que causam ações contrárias aos sintomas ou às alterações das doenças. A diferença principal entre os dois tipos de terapias medicamentosas - a fitoterapia e a alopatia - é que os remédios fitoterápicos são de origem exclusivamente vegetal.

³⁴⁷ Op. Cit. RODRIGUES. P. 121.

³⁴⁸ LE COINTE. Paul. **Árvores e plantas úteis**. 2.ed., São Paulo, ED. Nacional, 1947.

³⁴⁹ BAENA, Antônio Ladislau Monteiro, 1782-1850. **Ensaio corográfico sobre a província do Pará**. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. P. 41.

em alta quantidade pode produzir um efeito similar a narcótico e pode ser purgativo, com as suas raízes pode ser produzido um chá antirreumático.³⁵⁰

Percebe-se que ambas as ervas são de origens amazônicas, e possivelmente, já eram utilizadas por comunidades indígenas, mostrando ser um conhecimento dos povos da natureza. Enquanto o assacú é uma árvore altamente tóxica, não sendo aplicada de forma correta pode levar até ao envenenamento do indivíduo e a sua morte, a assacú-rana é uma árvore com menos toxicidade e mais fácil de se manusear. A homeopatia e a alopatia possuem terapêuticas bem diferente uma da outra, enquanto a alopatia busca a cura com medicamentos, cujo princípio ativo é contrário a doença, nesse sentido, se pode entender que o dr. Camilo Salgado, médico alopata, buscou na assacú-rana um princípio ativo, que se atua diretamente na ferida criada pela doença, levando-a ao seu processo de secura e de cicatrização.

Já a homeopatia busca a cura a partir de uma medicação que se testada em um indivíduo são, cause os mesmos sintomas que o da enfermidade que pretende curar, ou seja, o seu princípio ativo é semelhante ao da enfermidade, além disso, o médico homeopata se utiliza de diluições e pequenas dosagens no paciente, de modo que o princípio ativo da erva seja estimulado quimicamente ou a cura do enfermo se dê dinamicamente³⁵¹; de todo modo, no caso do assacú e a produção do medicamento, a forma que a terapêutica é aplicada no paciente, nasce uma dúvida, será que a pomada de assacú segue as leis dos semelhantes no que diz respeito a dosagem, manipulação, experimentação e até mesmo a aplicação?

Os métodos homeopáticos, como já visto, colocam o paciente a frente do tratamento, a terapêutica que vai determinar o tratamento, surge após uma entrevista com o enfermo, para que assim, o homeopata possa saber se a doença é somente no corpo ou se há um outro desequilíbrio que esteja afetando a força vital do paciente, dessa forma, a dosagem e as diluições dos remédios vão variar de acordo com o paciente, contudo, o remédio homeopático busca a cura produzindo os mesmos sintomas da doença, tanto que a experimentação do remédio em indivíduo são é essencial para a prática homeopática.³⁵²No primeiro capítulo dessa dissertação, foi trabalhado desde os primeiros contatos entre o médico homeopata Zacheu Cordeiro com o Mamerto Cortés; o colombiano que logo ao chegar na capital paraense teria causado grande movimentação,

³⁵⁰ Op. Cit. LE COINTE. P. 56.

³⁵¹ Op. Cit. SIGOLO, 2012. P. 17.

³⁵² OP. Cit. SIGOLO, 2012. P. 25.

tendo o seu nome ligado a cura da lepra com a pomada de assacú, e após a perseguição sofrida pela Junta de Hygiene do Estado, devida a sua falta de comprovação de que era um médico formado, tem a sua saúde debilitada e passa alguns dias no hospital, sendo curado somente pelo dr. Zacheu Cordeiro, que percebeu que a enfermidade do paciente não era física, e sim, vitalista, a força vital de Mamerto estava em desequilíbrio, e ela só poderia se normalizar com a associação do mesmo a um médico de renome de Belém, para que as perseguições diminuíssem, e nesse momento, nasce a parceria entre os dois senhores, com o dr. Zacheu Cordeiro apadrinhando Mamerto Cortés, publicando diversos artigos ressaltando a eficácia do assacú e a competência de Mamerto, enquanto o colombiano passou a fornecer a pomada de assacú ao Zacheu e também passa e se intitular homeopata após o seu tratamento bem sucedido. Com relação a possível ação do assacú como medicamento da homeopatia, Hahnemann, acredita que o medicamento em suas concepções médicas deve produzir uma doença artificial no corpo do individuo enfermo, fazendo com que a sua força vital passe a atacar a doença artificial, que traz menos degradação ao paciente e pode lhe trazer a cura. Segundo Hahnemann:

Uma afecção dinâmica mais fraca (a doença) é extinta de modo permanente no organismo vivo por outra mais forte (a doença artificial provocada pelo medicamento) quando esta última, (embora de espécie diferente), seja semelhante à primeira em suas manifestações.³⁵³

Hahnemann também escreve sobre doenças que ele considera crônicas e altamente infectantes, como a lepra, na sua obra intitulada de *Doenças Crônicas*, o médico alemão fala sobre a existência a existência do miasma da psora, ao qual ele classifica como “o mais antigo, universal e destrutivo, sendo a causa originária de todas as doenças.” Essas doenças, que mais tarde se classificaria como sarna e lepra, o médico homeopata diz que os remédios de sua prática médica não possuiriam efeitos curativos contra a doença, por conta da sua agudez. Para Hahnemann, as essas doenças crônicas miasmáticas não poderiam ser curadas a não ser por intervenções de uma terapêutica específica, que se não fosse tratada, essas doenças poderiam evoluir até levar o indivíduo a morte.³⁵⁴ Hahnemann argumenta:

A todo momento verifica-se que as doenças crônicas não venéreas, após serem repetidamente removidas de modo homeopático por remédios até então experimentados ao máximo, sempre retornavam de forma mais ou menos variada e com sintomas novos, ou reapareciam, anualmente, com suas queixas aumentadas. Este fato indicou-me a primeira pista, que o medico homeopata, com um caso crônico (não venéreo) deste teor e mesmo em todos os casos de doença crônica (não-venérea), não deve somente combater a doença que se

³⁵³ Op sit. HAHNEMANN, 1984, p. 26.

³⁵⁴ Op sit. REBOLLO, 2008, p. 104 a 106.

apresenta ante os seus olhos, não devendo considera-la ou trata-la como se fosse uma doença bem definida a ser rápida e permanentemente destruída e curada pelos remédios homeopáticos comuns, mas sim que irá sempre encontrar apenas um fragmento separado de uma doença original mais profundamente localizada.³⁵⁵

Para o fundador da prática homeopática, a sua concepção médica não é hábil para tratar doenças mais graves como a lepra, essa afirmativa saiu de sua própria observação dos efeitos práticos dos medicamentos aplicados em seus pacientes, que mesmo aferindo ligeira melhora, tinham a sua doença retornando no decorrer do ano. Vale ressaltar que o conhecimento acerca dessas doenças no período que Hahnemann formulou os seus estudos, eram ainda mais escassos do que do período ao qual o dr. Zacheu Cordeiro viveu. Contudo, a conclusão que o médico alemão chega a lepra, nos ajuda a entender os limites da sua prática médica no seu tempo, e ao mesmo tempo, como ela se fortaleceu e se adaptou no decorrer do tempo, dessa forma, é necessário entender, que a medicina homeopática ao qual Hahnemann estabeleceu, se modificou e ganhou novas concepções médicas, mesmo que tenha continuada com a sua essência.

De modo geral, antes do contato com o colombiano, o dr. Zacheu Cordeiro, não possuía a fórmula da pomada de assacú, o médico recebia uma quantidade como parte da sociedade que firmou com Mamerto Cortés, ou seja, a fórmula chega com o colombiano e somente após a sua conversão para a homeopatia, o remédio passa a ser entendido como um remédio homeopata, contudo, não dentro do artigos publicados pelo dr. Zacheu quaisquer menção dos métodos homeopáticos na fabricação do remédio, não a nada que indique experimentação, dosagem e diluição, o médico somente busca ligar o medicamento a prática médica. Portanto, o assacú, que causou muita controvérsia durante a segunda década do século XX, por se associar com a cura da lepra e com a homeopatia, pode ter sido um medicamento produzido por um leigo a prática homeopática e que não conseguiu comprovar a sua formação na alopatia, ganhando destaque como medicamento homeopático, sem passar pelos métodos e pela lei dos semelhantes. De todo modo, o assacú, durante esse recorte de tempo, não teve o seu nome ligado somente ao tratamento de lepra, uma fórmula envolvendo a tintura da planta medicinal também era usada para o tratamento da sífilis, tanto que a utilização da tintura, sem uma dosagem controlada por um médico, teria levado Marina Soares, de 37 anos, à morte por suspeita de intoxicação pela a erva³⁵⁶. A aplicação do remédio demandava cuidado e estudo por ser, altamente

³⁵⁵ Apud REBOLLO, 2008, p. 105. HAHNEMANN, Samuel. **Doenças Crônicas**. São Paulo: Tradução da segunda edição alemã Grupo de Estudos "Benoit Mure". São Paulo: s. n., 1990. P. 38.

³⁵⁶ Estado do Pará. Intoxicação pelo Assacú. 19/04/1920. p.1.

venenosa, a notícia não destaca quem teria receitado o medicamento a paciente, contudo, a utilização da tintura de assacú, desde 1846, teve o seu nome ligado ao tratamento da sífilis.³⁵⁷

Outro ponto de grande curiosidade é a ligação de Mamerto Cortés com essa árvore amazônica e como ele descobriu que esta poderia ser utilizada para erupções na pele, e que poderia ser útil para o tratamento da lepra. Entender os caminhos do médico no Brasil, bem como a sua formação, é entender um pouco mais sobre o assacú, motivo de constante polêmica e diversas disputas; a patente do remédio e os créditos pela utilização, culminaram no assassinato do dr. Zacheu Cordeiro pelo estrangeiro Mamerto Cortés.

De todo modo, a utilização do assacú³⁵⁸ para o tratamento da lepra no Pará já era notada desde 1847, quando o dr. Antonio Roiz d'Oliveira, médico da corte, teria começado um tratamento experimental com a utilização do assacú em paciente do hospital dos lázaros, após relatos de “cura da morphea”³⁵⁹ pela erva de assacú em Santarém, o médico passa a mandar cartas mensais para o Annaes de Medicina Brasiliense, que acompanha com esperanças o tratamento, contudo, após alguns meses com os estudos feitos na substância, recebendo a atenção de Chernoviz, provou-se o pouco valor da planta medicinal no tratamento da lepra. Apesar do veredito da pouca eficácia, algumas notas depois do resultado do estudo, percebe-se uma remessa da substância de assacú direcionada ao Rio de Janeiro, e uma outra nota trazendo uma requisição de casca, leite e extrato de assacú feita ao presidente da Província do Pará pelo vice-presidente da Academia, por intermédio do ministro dos Negócios do Império.³⁶⁰

Em um artigo publicado no jornal O Estado do Pará, o dr. Zacheu Cordeiro acrescenta uma outra informação ao qual ele utiliza como argumento para defender a utilização do assacú; ele diz que ainda no Império, o dr. Benoit Mure, o propagador da homeopatia no Brasil, entrou em contato com um indígena, no interior da Amazônia e relatou duas curas de lepra com a utilização do assacú, na mesma ocasião, o indígena lhe entregou um pouco da erva, este fato foi tão notável que o Presidente da Província do

³⁵⁷ AMADOR, Luiza Helena Miranda. “**Degenerados e Contagiantes**”: a luta contra a sífilis no Pará (1915-1934). UFPA – Belém, 2015. P. 47.

³⁵⁸ As notas do Annaes da Medicina Brasiliense também mencionam que o assacú era utilizado na Bahia, com o nome vulgar de *molungú* ou *morungú*.

³⁵⁹ Morphea era um dos nomeas utilizados durante o Império para a Lepra.

³⁶⁰ ANNAES DA MEDICINA BRASILIENSE. Notas sobre o Assacú. 1847. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=442500&Pesq=assacu&pagfis=847> . Acessado em: 14/01/2021.

Grão-Pará, notificou o governo do Império. É possível que o mesmo caso que foi usado no estudo apresentado pelo Annaes da Medicina Brasiliense seja o visto pelo médico homeopata francês; Zacheu Cordeiro diz que Benoit Mure percebeu que o uso da erva era generalizado no local para o tratamento da lepra, e ao analisar o caso dos dois leprosos que haviam sido curados, acrescenta que as feridas pareciam mais suavizadas do que curadas, o homeopata francês ainda percebeu a ação positiva do medicamento na medula óssea, sendo o assacú um precioso medicamento contra todas as formas de mielite³⁶¹, além disso, o uso do medicamento em casos de infecções de peles podem ser positivos, uma vez que “Se os exantheas e a insensibilidade do tecido cutâneo fôram tão pouco pronunciados, é que certamente dependem de uma fórmula chronica, que só um uso prolongado e um envenenamento real poderiam produzir.”³⁶² Portanto, na forma crônica da doença, a ação do medicamento ou do envenenamento pelo assacú pode trazer uma ligeira diminuição da enfermidade. Zacheu termina o seu artigo enaltecendo o dr. Benoit Mure, falando que o mesmo não forçou o seu estudo sobre a lepra, e percebeu a ação do medicamento sobre a medula e a sua ação geral no organismo, que deu margem para o estudo da ação da erva no tratamento da lepra.³⁶³ A expectativa do médico homeopata com a publicação deste artigo era de enfatizar que os casos ao qual a revista de medicina acadêmica sobre a ineficácia do assacú para a cura da lepra, teria ocorrido pelo simples fato de tentar desmerecer a homeopatia e a sua descoberta, tendo em vista que o próprio Benoit Mure argumentou naquele período se tratar de uma fórmula que não trata especificamente a lepra, dando a entender também, que a fórmula do medicamento obtida por Mamerto Cortés era diferente daquela, apesar dos estudos do médico homeopata francês tenham contribuído para a fórmula final. Depois de tanta atenção dada para o assacú durante anos do Império, por que a planta medicinal e o seu valor terapêutico no tratamento da lepra teriam caído no esquecimento, só retornando durante a república com o Mamerto Cortés?

O empenho do dr. Heraclides de Sousa Araújo, o conde de almofadinha como passou a ser chamado nos jornais, para coibir o tratamento e a utilização do assacú para a lepra, principalmente, a sua busca de punir Mamerto Cortés, por acreditar que o colombiano era um charlatão por não apresentar a sua carta médica, deu o cerne da

³⁶¹ **Mielite** transversa é uma inflamação que ocorre na medula espinhal e apresenta causas diversas, como infecções, doenças inflamatórias, doenças autoimunes, podendo também estar relacionada à pós-imunização.

³⁶² O ESTADO DO PARÁ. Ainda o Assacú e a Homeopathia. 29/06/1921. P.1.

³⁶³ Ibid. P.1.

polêmica como já fora trabalhado no primeiro capítulo desta dissertação, contudo, a discussão envolvendo o assacú foi algo tão presente na sociedade paraense, que a mesma foi adaptada a arte cênica, em forma de uma peça sátira, cujo o título era “O ASSACÚ”, que surgia como preparação do arraial do Círio daquele ano:

O Assacú no Theatro da Natureza

A festa de Nazareth este anno terá uma atração magnifica que de certo chamará a atenção dos festeiros.

No theatro da natureza, ao ar livre, onde costumava funcionar o Cinema Olympia, será encenada este anno uma esplendida revista de critica que constituirá o maximo encanto das festas nazarethnas.

A peça tem por titulo “O ASSACU””. É da autoria de Zig e Zag, os victoriosos autores do “Disfarça...e passa” e está dividida em dois mirabolantes quadros com os seguintes títulos:

1º Quem manda é o Assacú!!

2º Quem manda é o Conde!!³⁶⁴

A peça criada a partir da polêmica do assacú mostra como as decisões médicas e os seus conflitos não ficavam somente dentro de sua classe, ela transbordava o seu meio, e as consequências eram sentidas dentro da sociedade, que mesmo leiga ao conhecimento médico, eram usuários e dependentes dos serviços que os diversos médicos ofereciam. No século XX, a sociedade vai buscar resistir as diversas catástrofes com humor e ironia no seu olhar sobre a mesma, no caso específico da cura de doenças que traziam medo e atingiam diversos grupos sociais, tratar o desespero do doente, o medo da infecção, a esperança de uma cura e até mesmo o autoritarismo da ciência médica oficial, e ainda assim, arrancar risos dessa situação desesperadora.³⁶⁵ A peça manifestava, com ironia e humor, uma manifestação social em que buscava zombar, por meio da figura política do Conde de Almofadinha, a política adotada pelo Estado Republicano.³⁶⁶

Os atos da peça exemplificam bem o momento vivido pela sociedade paraense durante a polêmica do assacú, no primeiro ato, com o título de “Quem manda é o Assacú!!”, busca mostra o anseio de resposta da sociedade de doenças que a ciência não consegue combater, o assacú, surgiu como uma resposta, com o tom de “milagre”, a

³⁶⁴ O ESTADO DO PARÁ. “O Assacú no Theatro da Natureza”. 04/09/1921, p. 1.

³⁶⁵ Apud GOMES, 2019, p. 60. MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 566-567.

³⁶⁶ GOMES, Elane Cristina Rodrigues. **A Lepra E A Letra: Escrita E Poder Sobre A Doença Na Cidade De Belém (1897- 1924)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Orientação: Prof. Dr. Kênia Sousa Rios . Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2019

questões em abertos na área da saúde pública; o assacú, naquele momento de euforia sobre o relato de curas alcançadas com a sua utilização, era visto como uma coroa, e quem obtivesse a sua patente, era quem “mandava”, seja no sentido econômico com a busca pela compra por diversos grupos sociais, seja na submissão que a ciência teria que se impor para aquele método que parecia está trazendo resultados positivos que está ainda não tinha conseguido fazer. O segundo ato da peça, “Quem manda é o Conde!!”, mostra um outro momento da polêmica, marcado pelo autoritarismo de Sousa Araújo, e todo o seu empenho para coibir a utilização do assacú, nesse momento da peça, o tratamento da lepra fica de lado, e por meio de ironia e caracterização de um personagem político republicano, mostra-se a crítica a autoridade médica oficial no Estado.

3.4. A institucionalização da medicina paraense e o esquecimento homeopata.

O início do século XX marca profundamente como o período de estabilização e do auge das ideias homeopatas no território nacional brasileiro, como já fora mencionado no decorrer desta dissertação pelos estudos de Madel Luz, dessa forma, se perceberá marcas da passagem dos homeopatas pelos seus trabalhos produzidos em diversas regiões do país. É durante o início do século XX que se nota um crescimento dos debates entre os médicos homeopatas, sobre a necessidade da criação de uma faculdade com os ideais da medicina de Hahnemann no Brasil; essa iniciativa daria uma maior confiabilidade a prática médica, pois estaria entrando no caminho da medicina acadêmica, trazendo mais credibilidade nas discussões médicas, além de formar médicos com a sua filosofia e afastar de vez a alcunha de “charlatão” da sua prática.

A criação da faculdade homeopática brasileira surgiu como uma estratégia que caberia tanto na resolução de conflitos contra a alopatia, como em conflitos internos que gerava bastantes embates entre os praticantes da homeopatia, desde a sua chegada no Brasil com Benoit Mure, ele acreditava na liberdade de conhecimento da prática médica homeopática, nesse sentido, buscou abrir escolas homeopáticas, junto de seus seguidores, nessas escolas eram admitidos tanto médicos formados na medicina alopatia como qualquer cidadão que soubesse ler e escrever, mesmo que não tivesse formação médica ou farmacêutica, essa proposta não agradaria um grupo de homeopatas, pois viam que a inclusão de leigos como praticantes da homeopatia, geraria diversos problemas, dentre eles, o principal, traria desconfiança a prática, uma vez que pessoas sem qualquer

formação médica passariam a atender pacientes, gerando perigo a clientela, e a prática médica que ainda lutava para se firmar no Brasil.³⁶⁷

Esse conflito interno entre médicos homeopatas formados e não formados estará presente dentro da classe homeopática desde as suas origens no Brasil; com a criação da Academia Médico-Homeopática do Brasil em 1847; os médicos que compunham a Academia defendiam que para ser homeopata no Brasil era necessário, primeiramente, obter o grau de médico ou de farmacêutico conferidos pelas instituições de ensino oficiais alopata, essa perspectiva da homeopatia era o contrário ao que pensava o dr. Benoit Mure e seus seguidores, que acreditava que qualquer pessoa que desejasse poderia tratar pela homeopatia, sem necessitar do grau médico. Esse conflito levou a cisão dos homeopatas em dois grupos, os tidos “evolucionistas” que acreditavam em uma homeopatia com a necessidade de formação médica alopática, e os “puristas” que acreditavam que qualquer pessoa poderia tratar a partir da homeopatia, bastava passar por uma escola homeopática ou ter acesso a leitura de um livreto com os fundamentos homeopáticos. Esse conflito interno, culminará com a separação dos grupos, os seguidores de Benoit Mure continuaram como membros do Instituto Homeopático do Brasil e os dissidentes criaram a Academia Médico-Homeopata do Brasil.³⁶⁸

A cisão marcou também como o início de uma polêmica entre os homeopatas; em janeiro de 1848, o médico homeopata Maximiano Marques do Rio de Janeiro, publicou um artigo no *Jornal do Commercio* questionando o diploma de Benoit Mure, classificando-o como um comerciante francês, que ao se entusiasmar com a homeopatia compra o seu diploma em Montpellier. Após dois dias, saíria uma resposta ao artigo, no mesmo jornal, por meio de um professor de homeopatia diplomado pela Escola Homeopática do Brasil, essa escola foi fundada por Benoit Mure e formava leigos em homeopatia, chamado de José Henriques de Proença que se utilizou de trechos de artigos de um periódico da Sicília na Itália e publicações de revistas francesas que mostravam vários elogios ao dr. Mure e o nomeando como propagador da homeopatia e de seus tratamentos nos lugares aonde passou.³⁶⁹

³⁶⁷ SIGOLO, Renata Palandri. **Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX**. Editora UFPR-Curitiba, 2012. P. 191.

³⁶⁸ VELLOSO. Verônica Pimenta. **ACADEMIA MÉDICO-HOMEOPÁTICA DO BRASIL**. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/acadmehobr.htm#ficha> . Acessado em: 06/11/2020.

³⁶⁹ Op. Cit. Acessado em: 06/11/2020.

Esse conflito não se reservou somente no início da homeopatia no Brasil, com o decorrer do tempo, fora notado novamente o embate interno entre os homeopatas, com o destaque a São Paulo durante a gripe espanhola, graças a um reflexo de uma estratégia de divulgação e de obtenção de mais adeptos entre os paulistas, os praticantes da homeopatia investiram na produção de folhetos, guias homeopáticos e livros que explicavam o que era a homeopatia, de forma bem didática e com uma linguagem acessível, dessa forma, se formavam muitos homeopatas apenas com a leitura dessas produções, gerando a insatisfação dos homeopatas com diploma, pois percebiam que seu espaço se reduzia ainda por esses praticantes sem formação acadêmica, além do mais, esses homeopatas sem formação médica, davam motivos para a alopatia questionar a sua rival, questionando a sua terapêutica e taxando os seus praticantes de charlatões.³⁷⁰

De todo modo, o fato mostra que desde a base, a homeopatia no Brasil fora marcado por conflitos e cisões internas³⁷¹ que acabaram sendo, ainda, motivo de polêmicas na prática da medicina no país; o conflito entre médicos homeopatas formados e não formados acontecerá em diversos locais do país, e pode ser também, um dos motivos que influenciaram na briga entre Zacheu Cordeiro e Mamerto Cortés, sendo, Zacheu tendo grau de médico e Mamerto de origem colombiana nunca conseguiu comprovar a sua formação médica, entretanto, se anunciara como homeopata após ser curado pro Zacheu; o conflito interno acabou levando o colombiano a assassinar Zacheu Cordeiro.

Outro exemplo das discussões entre os homeopatas sobre a sua formação médica está na trajetória de Nilo Cairo; ele acreditava na liberdade médica como princípio básico para uma medicina forte no Brasil, para isso, as diversas terapêuticas médicas deveriam ser postas à disposição do enfermo para que esse possa se curar, esse discurso defendia, referendado nas leis positivistas, a homeopatia e outras práticas médicas, alheias a medicina acadêmica. Contudo, Nilo Cairo era contra a introdução de leigos na prática da homeopatia, ele acreditava que a simples leitura de guias e a formação em escolas de ensino homeopáticos não eram o suficiente para se formar um médico homeopata, era necessário uma formação maior, com um maior número de cadeiras clínicas que dessem ao profissional o conhecimento necessário para tratar o doente; Cairo entendia que antes de ser homeopata, é necessário ser alopata, ou seja, a diplomação era um critério

³⁷⁰ BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

³⁷¹ Sobre conflitos internos e cisões médicas, não era essa uma exclusividade da homeopatia, durante a criação da identidade médica brasileira, será comum vermos médicos alopatas discordarem de suas metodologias de cura e se separando em grupos políticos.

importante ligado ao médico. Contudo, para proteger a sua prática médica, Cairo busca mostrar em diversos artigos a influência das leis dos semelhantes na medicina alopática; ele também passa a lutar pela criação de uma faculdade homeopática, onde se pudesse formar profissionais a partir da filosofia hahmennianna, com algumas cadeiras que o médico julgava importantes dentro da alopatia; o homeopata paraense também buscava integrar uma cadeira de ensino sobre a homeopatia nas faculdades de medicina do Brasil, para isso apresentou propostas, junto a outros homeopatas, ao governo federal que acabaram sendo negadas, apesar dos esforços, a prática médica homeopata continuou distante da medicina acadêmica.³⁷²

No Pará, durante a segunda década do século XX, nota-se uma crescente busca pela união e o fortalecimento da classe médica paraense alopática paraense, dessa forma, a ideia era promover o fim das polêmicas gerada com as brigas públicas entres os médicos alopatas, além de fortalecer a medicina acadêmica contra outros sistemas de cura alternativas presente na região; a criação da Sociedade Médica-Cirúrgica Paraense vem para confirmar essa postura. Em uma dessas polêmicas, em 1914, no ano em que se fundou a sociedade médica, pouco antes de sua fundação, os médicos paraenses mostraram o espírito de união que começava a permear a classe naquele período; após diversos ataques da mídia sobre a imagem do médico Barão do Anajás³⁷³, que após tentar retirar uma bala, de forma cirúrgica, de um dos seus pacientes, não conseguindo salvar a vida do baleado, o médico passou a ser atacado, recebendo a acusação de ter cometido erros durante a cirurgia que culminou na morte do paciente.³⁷⁴ A resposta veio por meio de uma nota em apoio ao Barão de Anajás divulgada no Folha do Norte, com a assinatura de diversos médicos atuantes no Pará, incluindo os médicos homeopatas Zacheu Cordeiro e Matta Bacellar Junior; essa nota marca de vez a união médica que fundou, poucos meses depois, a formação da Sociedade Médica-Cirúrgica, com o próprio Barão de Anajás como o primeiro presidente da sociedade.

A classe médica, não podendo quedar-se indiferente ante aos ataques de que tem sido vitima o seu digno membro, dr. Antonino de Souza Castro, vem trazer-lhes as afirmações de sua solidariedade, ao mesmo tempo que protesta

³⁷² Op. Sit. SIGOLO, 2012. P. 213.

³⁷³ Antônio Emiliano de Sousa Castro, Barão de Anajás, agraciado com o título em 20 de outubro de 1888 foi um médico e nobre brasileiro. De importante família estabelecida no Pará, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo exercido a profissão em Belém. Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, tendo sido seu primeiro diretor. Foi pai de Antônio Emiliano de Sousa Castro, médico clínico, professor catedrático da Faculdade de Medicina do Pará, deputado estadual e federal, governador do Pará e senador.

³⁷⁴ . Folha do Norte, “O caso clínico de Eduardo Pinheiro”. 23/02/1914, p.1.

contra a doutrina propalada, segundo a qualquer médico ficaria impossibilitado de prestar serviços clínicos nos casos desesperadores, negando ao doente os recursos últimos de uma intervenção, que constitui, muitas vezes, a derradeira esperança de uma existência em perigo.³⁷⁵

A nota ratifica a união da classe médica em torno da defesa de um dos seus, mostrando a mudança de postura da classe, além disso, se destaca também a presença dos médicos homeopatas na nota; as conclusões que possam se ter com a presença dos homeopatas na nota em defesa de um médico alopata são várias, pode se concluir que ao buscar defender um colega de profissão, estariam defendendo a si próprios de ataques futuros, mesmo sendo de práticas médicas diferentes, pode-se entender também a influência desses homeopatas na sociedade paraense, onde poderiam estabelecer relações de amizade com os médicos alopatas, de todo modo, mesmo o endosso de Zacheu Cordeiro e Matta Bacellar Junior em defesa do Barão de Anajás, não foram o suficiente para os credibilizar para estarem presentes tanto na criação da Sociedade Médica-Cirúrgica quanto na Faculdade de Medicina do Pará, ambos os médicos são esquecidos e não tem os seus nomes ligados a criação da sociedade e a faculdade.

Dessa união e da necessidade de uma identidade médica regional, surge à intenção da criação de uma faculdade de medicina no Pará, em 1919, finalmente, é criada a primeira Faculdade de Medicina no Pará, cujos primeiros professores da instituição eram os fundadores da Sociedade Médica-Cirúrgica. A instituição contribuiu muito para a criação da identidade da medicina paraense, dando-lhes o perfil de “médicos modernos” com a busca de novos tratamentos e novas terapêuticas de cura alopata.³⁷⁶

A Faculdade formou sua primeira turma e seu primeiro corpo docente. Segundo o jornal Folha do Norte assim se dispunham o quadro:

É este o corpo docente da nossa recém fundada Faculdade de Medicina: Physica Médica, Dr. Mario Chermont; Química Médica, Dr. Salgado dos Santos; História Natural Médica e Parasitológica, Dr. Caribé da Rocha; Anatomia Descritiva, Dr. Hermogenes Pinheiro; Histologia, Dr. Fernandes Penna; Phycologia, Dr. Dionysio Bentes; Microbiologia, Dr. Acatauassú Nunes; Therapheutica e arte de formular, Dr. Mattos Cascaes; Pathologia Geral, Dr. Barão de Anajás; Anatomia e Physiologia Patológicas, Dr. Oswaldo Barbosa; Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações e Aparelhos, Dr. Cruz Moreira; Higiene, Dr. Carlos Franco; Medicina Legal, Dr. Francisco Pondé; Clínica Médica (1ª cadeira), Dr. Acyino de Leão; Clínica Médica (2ª cadeira), Dr. Arthur França; Clínica Médica (3ª cadeira), Dr. Souza Castro; Clínica Cirúrgica (1ª cadeira), Dr. Camilo Salgado; Clínica Cirúrgica (2ª cadeira), Dr. Penna de carvalho; Clínica Gynecológica, Dr. Silva Rosado; Clínica Ophthalmológica, Dr. Pedro Miranda; Clínica Otho-rhynolaryngológica, Dr. Chaves de Freitas; Clínica Pediátrica Cirúrgica e orthopedica, Dr. C. Gurjão; Clínica Infantil e Pediátrica Médica, Dr. Otto Santos; Clínica Dermatológica e

³⁷⁵ Folha do Norte. “A classe médica: Solidariedade profissional. “29/01/1914, p.2.

³⁷⁶ Op. Sit. SILVA, 2014.

Syphiligráfica, Dr. Azevedo Ribeiro; Clínica Neurológica e psiquiátrica, Dr. Porto de Oliveira; Clínica Obstétrica, Dr. Agostinho Monteiro; Radiologia Médica, Dr. Jayme Rosado.³⁷⁷

Na reportagem do *Jornal do Norte* que estampa logo na primeira página da recém-criada Faculdade de Medicina do Pará notamos cerca de 30 disciplinas e cada uma já com o seu professor definido. No entanto a ausência da disciplina sobre a Homeopatia e a falta de profissionais relacionados à área chama atenção e marca uma tendência em âmbito nacional, que os médicos homeopatas não ganham lugar nas faculdades de medicina no Brasil. Esse fato mostra de certa forma, a disputa entre as práticas de cura, onde a medicina científica exclui a sua concorrente e tenta-a deslegitimar sua importância no meio médico.

Além da não presença de cadeiras para os homeopatas na faculdade de medicina, a criação da sociedade médico-cirúrgica também se deu sem suas presenças, tanto a sociedade quanto a faculdade foram estratégias da elite médica paraense de criar uma identidade médica regional, de criar um perfil de profissional e pela falta de presença de homeopatas podemos entender que esses profissionais eram desvios da conduta médica, desvios da ciência médica.

Weber destaca que a história laudatória da ciência médica necessita ser revisada, todavia que a sua construção, por muito tempo, foi traçada por médicos memorialistas, esses propõem uma narrativa evolutiva da medicina, centrada nas atuações de grandes vultos da ciência médica oficial. Esse tipo de história, que despreza as incertezas e os conflitos que permeavam a classe médica, excluem da sua escrita diversos agentes históricos que contribuem para o desenvolvimento médico, como o próprio paciente. É necessário para a escrita da história da medicina a análise destes conflitos, pois o caminho que leva a evolução da ciência, não pode desprezar o transcorrer histórico da sociedade que a medicina se desenvolve, entendendo-a como um produto da sociedade e não somente dos médicos que a praticam, nesse sentido, entender os conflitos que circulam a medicina é dá voz a personagens que contribuíram para a ciência médica, mas que sofreram um processo de apagamento histórico, em que os seus nomes e feitos não são mencionados por esses médicos memorialistas.³⁷⁸

Portanto, a exclusão dos homeopatas do processo de construção da identidade médica paraense, mostra-se como uma estratégia de ocultar e de deslegitimar o trabalho

³⁷⁷ FOLHA DO NORTE, A Faculdade de Medicina do Pará: o corpo docente, 09/04/1919, p.1.

³⁷⁸ WEBER, Beatriz Teixeira. As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense-1889-1928. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC, 1999, p. 22.

do médicos que optaram seguir a filosofia da prática médica homeopata, dessa forma, essa exclusão gerou um esquecimento desses médicos que há poucas informações sobre os mesmos e sobre o seu trabalho, incluindo em obras de memorialistas como as de Clóvis Meira, e até mesmo em trabalhos historiográficos que pouco se encontra a influência e ou a contribuição da homeopatia nesse cenário da medicina paraense.

O apagamento dos conflitos na história da formação da classe médica começa bem antes de Clovis Meira. Vários médicos da sociedade médico-cirúrgica do Pará fizeram parte dos quadros de intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, e assim passaram a escrever uma história evolutiva da medicina alopática, excluindo outros sujeitos do mundo da cura, como os homeopatas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os objetivos desta dissertação se pautaram na análise da disputa entre os médicos homeopatas *versus* alopatas no estado do Pará, buscando referências bibliográficas em teóricos de diversos estados, apresentando pontos de igualdade nas características de atuação dos médicos homeopatas, guardadas as características singulares de cada estado, estão eles sempre presente conflitos entre as medicinas e o posterior esquecimento historiográfico da homeopatia.

A utilização de jornais para a divulgação de fórmulas e tratamentos, foi uma estratégia utilizada por ambas as medicinas, no entanto, a pesquisa mostrou como cada prática comportava-se de uma forma diferente. A alopatia já detinha o status de ciência, portanto, gozava de certo prestígio na sociedade, assim, quando médicos alopatas anunciavam seus produtos, eram diretos e sempre que podiam colocavam relatos de clientes para enaltecer a eficácia do produto. Com a homeopatia ocorre diferente, como se trata de uma medicina não amplamente conhecida e sem o status de ciência, seus praticos utilizavam seu espaço escasso nos jornais para enaltecer a sua terapêutica, contando-lhe a sua história e como funciona o seu tratamento. Nota-se também nos

anúncios homeopatas, o desabafo da perseguição sofrida pelos alopatas, relatando a importância da arte de curar perante os tratamentos médicos convencionais.

A caridade acabou sendo umas das principais marcas dos homeopatas brasileiros, desde a chegada das teorias homeopáticas em solo brasileiro, o entendimento gratuito a aqueles que não podem pagar já se é notado, contudo, mas do que somente caridade, a ação se tornou uma forma de propagação das ideias de Hahnemann no país.

Também através dos jornais foi possível observar a tentativa de contato entre espíritas e homeopatas, os primeiros buscavam ligações direta com o dr. Zacheu Cordeiro, o convidando para uma sessão de cura espírita. Desde os princípios da homeopatia no Brasil, esta esteve, muitas vezes ligada a religiões por conta da sua forma de tratar o paciente, pautando-se no vitalismo, e justamente por conta da sua forma de ver a doença e o doente, o espiritismo buscará o contato com a homeopatia, e passará a utilizar a prática médica como terapêutica de cura em suas seções, além de, no Pará, irá se abrir uma repositório de medicamentos homeopáticos dentro da Sociedade Espírita Paraense, mostrando a ligação da religião com a prática médica.

A homeopatia, no entanto, com a entrada do século XX, e os constantes conflitos com a medicina oficial e a sua exclusão da academia médica, buscará se desvincular da religião, e traçará um caminho estreito com o positivismo como forma de enaltecer o seu espírito médico científico.

A partir das análises das referências bibliográficas e das fontes, principalmente a de jornais de época, pode-se notar a existência do conflito no Pará. Principalmente no trabalho do dr. Zacheu Cordeiro, o homeopata não mediu esforços para defender sua prática médica, com anúncios no periódico O Estado do Pará, o médico indicava a presença do conflito e buscava tornar a sua medicina mais conhecida. Além disso, o médico se utilizava do jornal para defender o seu tratamento da lepra pela pomada de assacú, o médico, indicará ter conseguido diversos casos de cura da doença utilizando o medicamento.

A introdução do medicamento feita pelo colombiano Mamerto Cortés, faz com que surja uma verdadeira polêmica, relacionando a cura da lepra pelo assacú, como um golpe de um charlatão que nem ao menos consegue comprovar a sua formação, contudo, mesmo com diversas tentativas de inibir a atuação de Mamerto Cortés por parte de Junta de Hygiene do Estado, percebe-se nos jornais uma grande procura pelo tratamento oferecido pelo colombiano. Essa procura se daria pela falta de resposta da medicina oficial a doença, que circulava como uma epidemia na cidade e cujo a sua ação se resumia

a isolar os enfermos em leprosários; o medo de ficar distante da família, o estigma da doença na sociedade, e a precariedade dos leprosários, podem ter auxiliado a procura de uma cura milagrosa, como se apresentava a pelo assacú, nesse sentido, a falta de respostas da alopatia, fortaleceu a homeopatia, que durante a segunda década do século XX, viveu o seu auge no Estado do Pará, muito pelo surto de lepra e o tratamento pelo assacú.

Dentro dessa polêmica, Zacheu Cordeiro irá surgir como um protetor de Mamerto Cortés e, também, como seu sócio. A proteção feita pelo homeopata ao colombiano, era paga com uma porcentagem do lucro obtido por Mamerto, além de doses da pomada de assacú para o homeopata tratar os seus pacientes, contudo, essa união não terminará bem, as constantes brigas entre os sócios, além do interesse pela patente, levarão o Mamerto Cortés a assassinar o seu sócio, com a justificativa de estar defendendo a sua honra.

Esse assassinato põe em discussão, principalmente ao se ler o depoimento do colombiano, a questão da patente da pomada de assacú, Mamerto Cortés diz se sentir roubado e posto de lado dentro da parceria, enquanto o dr. Zacheu Cordeiro tinha o seu nome divulgado em diversos periódicos ligados a cura da lepra, prestígio nunca alcançado por Mamerto, justamente pela falta de comprovação de sua formação, dessa forma, os motivos do assassinato podem ser interpretado tanto pela disputa da patente do remédio como também uma disputa de ego, quando ao ver a sua fórmula ser ligado ao nome de outro, o colombiano pode ter sido levado a cometer o crime.

Quanto a pomada de assacú e as doses infinitesimais, característica da homeopatia, vamos perceber em diversos artigos de Zacheu Cordeiro o seu debate sobre as doses infinitesimais e a sua importância para a medicina e o processo de cura, contudo, o médico homeopata não desenvolve o medicamento dentro dos preceitos farmacêuticos de sua prática médica, ele, como já dito, recebe somente o medicamento pronto, nem ao menos ele chega a possuir a fórmula, dessa forma, fica difícil imaginar que o médico possa ter feito as diluições ao qual prega a homeopatia e a experimentação em homens são, pelo menos em seus artigos em momento algum diz ter feito testes, apesar de escrever sobre a importância da experimentação. O assacú já era utilizado desde o império em tratamento da lepra, e até mesmo por Bento Mure, porém, a fórmula apresentada por Mamerto Cortés parecia ser diferente da utilizada pelos seus antecessores, por isso a busca do seu sócio pela patente da pomada; apesar do medicamento tenha sido ligado a homeopatia desde o império por influência da fitoterapia e pela utilização dela por Bento Mure, a fórmula apresentada pelo colombiano não parecia seguir os preceitos da prática médica, e mesmo

assim, Zacheu Cordeiro se apoiou na fama do medicamento e seu histórico para alcançar certo prestígio durante a polêmica.

Sobre a escrita do médico homeopata nos jornais, ele segue a característica dos homeopatas presentes no país, em escrever o seu artigo de forma simples e sem jargões médicos, dessa forma, ele alfabetiza leigos para a sua prática médica, além de introduzir o conflito contra a alopatia, usando diversos trabalhos de médicos alopatas, da escola francesa, para embasar o seu argumento que o método homeopático veio para revolucionar a medicina oficial e como resposta a alopatia só sabia amesquinhar estas conquistas, de modo que, o leitor leigo ao ler o artigo pode ser levado a concluir o quanto a alopatia busca atrasar o processo de cura de algumas doenças, pelo simples fato da descoberta da cura não seja sua.

A dissertação serve também como uma das poucas referências acerca da história da homeopatia no estado, contudo, a dissertação não tem a ambição de abarcar toda a história da homeopatia no Pará, pois sabe-se da complexidade do tema, mas pela falta de pesquisas na área, este trabalho de conclusão de curso serve como um incentivo para mais pesquisas relacionadas ao tema, tendo em vista a sua importância para o entendimento da identidade médica.

Quando se fala em disputa sempre espera-se que haja um ganhador e do outro lado um perdedor, todavia, dentro da historiografia encontrar esses lados se torna algo complexo, por conta das peculiaridades das histórias e escolher um lado poderia comprometer a pesquisa. No entanto, há um evidente processo de esquecimento da memória homeopata em obras historiográficas como a de Clóvis Meira, o não aparecimento dos médicos homeopatas é um indício a este processo.

Por fim, a dissertação mostra o conflito entre a homeopatia e alopatia no Pará, durante o recorte de 1914 a 1924, dentro da polêmica envolvendo a descoberta de cura da lepra pelo assacú e a sua utilização por médicos homeopatas; é a partir dos artigos do dr. Zacheu Cordeiro que se percebe as marcas do conflito que o atingem, além disso, a sua não presença, assim como a não presença de qualquer homeopata, na fundação de duas conquistas da classe médica paraense, no sentido da institucionalização e da criação da identidade médica paraense, a Sociedade Médico-Cirúrgica e a Faculdade de Medicina. A não presença desses profissionais é um vestígio do conflito, uma vez que desconsidera o seu trabalho do seio da classe médica paraense, e descarta a influência desses profissionais na sociedade paraense durante esse recorte. A falta de memória sobre esses

médicos homeopatas e as suas contribuições, são provas desse conflito dentro da construção da memória médica paraense.

FONTES

DICIONÁRIO:

CHERNOVIZ, Pedro. *Diccionario Medicina Popular: ciencias acessórias para o uso das famílias de 1878*. Disponível no museu da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará.

PERIÓDICOS:

A Semana. Nota em defesa do dr. Camilo Salgado. 14/10/1922.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Crime Bárbaro. Em 09/04/1924, p. 1,2.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Ainda sobre o crime do Doutor. 10/04/1924. P. 2.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. O assassino. 11/04/1924. P. 2.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. A morte do doutor. 13/04/1924. P. 1.

BOA NOVA. Os dez leprosos, 26 fev. 1873.

FOLHA DO NORTE. Saúde Pública, 20/10/1904, p.1.

FOLHA DO NORTE. No domínio do Maravilhoso: o professor Faustino: a cura pela imposição das mãos. 13/11/1904, p. 1.

FOLHA DO NORTE. O professor Faustino e as suas curas maravilhosas: História de uma clyster. 06/12/1904, p.1.

FOLHA DO NORTE, “O caso clínico de Eduardo Pinheiro”. 23/02/1914, p.1.

FOLHA DO NORTE. “A classe médica: Solidariedade profissional. “29/01/1914, p.2.

FOLHA DO NORTE. A Faculdade de Medicina do Pará: o corpo docente, 09/04/1919, p.1.

FOLHA DO NORTE. Em resposta a uma carta, 29/07/1921.

FOLHA DO NORTE. O assacú no tratamento da lepra e a homeopathia, 06/07/1921.

FOLHA DO NORTE. Um charlatão assassino, 09/04/1924. P. 1 e 2.

FOLHA DO NORTE. Ignóbil atentado, 10/04/1924. P. 1 e 2.

FOLHA DO NORTE. O assassinato do Dr. Zacheu. 11/04/1924. P. 1.

FOLHA DO NORTE. Ainda sobre o assassinato. 12/04/1924. P. 2

FOLHA DO NORTE. Ainda sobre o assassinato. 17/04/1924. P. 2.

FOLHA DO NORTE. A lepra curada com assacú. 27 de outubro de 1922. P. 1.

FOLHA DO ACRE. A Lepra: curada com assacú, 21/12/1922, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> . Acessado em: 09/12/2017.

JORNAL PEQUENO. Pela Medicina: uma creança atacada da lepra ficou curada por um processo medico até então desconhecido, 09/12/1922, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> . Acessado em: 09/12/2017.

O ESTADO DO PARÁ/ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. VOL. III. Anúncios, 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> . Acessado em: 09/12/2017.

O ESTADO DO PARÁ/ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. VOL. III. Anúncios do Dr. Zacheu Cordeiro, 1915. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=800082&pesq=Zacheu%20Cordeiro> . Acessado em: 02 de agosto de 2019.

O ESTADO DO PARÁ. Pílulas Depurativas do Dr. Azevedo Ribeiro. 17/04/1920.

O ESTADO DO PARÁ. Anúncio: DUAS ULCERAS, 07/08/1921, p. 2.

O ESTADO DO PARÁ. A Obra De Um Genio: Homeopatia, 29/07/1921, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. A Palavra De Um Sabio: Ainda A Cura Homeopathica Da Lepra Pelo Assacú. 01/07/1921.

O ESTADO DO PARÁ. Carta aberta ao Dr. Camilo Salgado, 28/07/1921, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ, Homeopatia e Espiritismo: carta aberta ao Dr. Zacheu Cordeiro, 11/06/1919, p.1.

ESTADO DO PARÁ. **Intoxicação pelo Assacú.** 19/04/1920. p.1.

O ESTADO DO PARÁ. O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia médica, 07/08/1921.

O Estado do Pará, Curas Mediúnicas: uma operação cirúrgica feita pelos espíritos, 09/05/1921

O ESTADO DO PARÁ. Ainda o Assacú e a Homeopathia. 29/06/1921. P.1.

O ESTADO DO PARÁ. “O Assacú no Theatro da Natureza”. 04/09/1921, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. O assassinato do doutor. 09/04/1924. P. 1 e 17.

O ESTADO DO PARÁ. O assassinato do doutor. 10/04/1924. P. 1 e 2.

O ESTADO DO PARÁ. O assassinato do doutor. 11/04/1924. P. 1.

O ESTADO DO PARÁ. O assassinato do doutor. 12/04/1924. P. 12.

JORNAL DO COMMERCIO. Publicações a Pedidos. N. 199, Rio de Janeiro. 20 de julho de 1855.

JORNAL DO COMMERCIO. Sobre a polemica Cólera. 30/07/1855. P.1.

TREZE DE MAIO. Ofício ao dr. Francisco de Paulo Candido. N. 518, 16 ano, 21/07/1855.

REVISTAS:

ANNAES DA MEDICINA BRASILIENSE. Notas sobre o Assacú. 1847. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=442500&Pesq=assacu&pagfis=847> . Acessado em: 14/01/2021.

RELATÓRIOS:

PARÁ, 1891. Mensagem dirigida pelo Governador João Antônio Luiz Coelho ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 07/11/2020.

PARÁ, 1912. Mensagem dirigida pelo Governador João Antônio Luiz Coelho ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 14/10/2017.

PARÁ, 1913. Mensagem dirigida pelo Governador Enéas Martins ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 15/10/2017.

PARÁ, 1914. Mensagem dirigida pelo Governador Enéas Martins ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 15/10/2017.

PARÁ, 1915. Mensagem dirigida pelo Governador Enéas Martins ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 15/10/2017.

PARÁ, 1916. Mensagem dirigida pelo Governador Enéas Martins ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 15/10/2017.

PARÁ, 1917. Mensagem dirigida pelo Governador Lauro Sodré ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 20/10/2017.

PARÁ, 1918. Mensagem dirigida pelo Governador Lauro Sodré ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 18/01/2018.

PARÁ, 1919. Mensagem dirigida pelo Governador Lauro Sodré ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 18/01/2018.

PARÁ, 1920. Mensagem dirigida pelo Governador Lauro Sodré ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 18/01/2018.

PARÁ, 1921. Mensagem dirigida pelo Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 28/01/2018.

PARÁ, 1922. Mensagem dirigida pelo Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 28/01/2018.

PARÁ, 1923. Mensagem dirigida pelo Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 28/01/2018.

PARÁ, 1924. Mensagem dirigida pelo Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 28/01/2018.

PARÁ, 1925. Mensagem dirigida pelo Governador Dionysio Ausier Bentes ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 28/01/2018.

PARÁ, 1926. Mensagem dirigida pelo Governador Dionysio Ausier Bentes ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>. Acesso em: 28/01/2018.

TESES E DISSERTAÇÕES.

AMADOR, Luiza Helena Miranda. **“Degenerados e Contagiantes”**: a luta contra a sífilis no Pará (1915-1934). UFPA – Belém, 2015.

GOMES, Elane Cristina. **A Lepra E A Letra: Escrita E Poder Sobre A Doença Na Cidade De Belém (1897- 1924)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Orientação: Prof. Dr. Kênia Sousa Rios . Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2019.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919. Dissertação de Mestrado; orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. – UFPA - Belém, 2008.

SILVA, Jairo Nascimento. **Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica, entre 1889 a 1925.** Tese de doutorado; Orientadora: Maria Amélia Mascarenhas Dantas. USP, 2014.

SOUZA, Miguel Alves. BENTES, Priscila Ferreira. **Jornalismo, História: Belém nos relatos do jornal “O Estado do Pará” de agosto de 1912.** Culturas, Linguagens e interfaces Contemporâneas. Belém, 2012.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa. **Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924)** Orientadora: Franciane Gama Lacerda; Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARLENE, A. B. **Gazêta. Com a varíola, nasce a saúde pública. Dossiê História & Saúde: História Viva, N.134,** Manguinhos, 2014.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro, 1782-1850. **Ensaio corográfico sobre a província do Pará.** Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. P. 41.

BELTRÃO, Jane Felipe. **A arte de curar em tempo de cólera... ou o uso da Homeopatia durante o flagelo – Grão-Pará, século XIX.** Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997.

_____. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará.** Campinas-SP, 1999.

_____. **Autoridade médica e divulgação científica no Grão-Pará flagelado pelo cólera: século XIX.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 239-252, jun 2002.

_____. **Cólera e gentes de cores ou o acesso aos socorros públicos no século XIX.** Physis: Revista de Saúde Coletiva (vol. 14). Rio de Janeiro, 2004.

BERTOLLI FILHO, Claudio. A doutrina homeopática no Brasil: os anos 30. Revista de Homeopatia, São Paulo, v.53, n.2, p.5-12. 1988.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004, 445 p.

BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador. **In:** POUILLON, J. (Org). *Problemas do Estruturalismo.* Rio de Janeiro; Zahar, 1968. P. 105-145.

BURKE, P. & PORTER, R. **História social da linguagem.** Trad. Álvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAIAFFO, Stéfanis; SILVA, Rosane Neves da; et al. **Da multidão-massa à multidão potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social.** Arq. bras.

psicol. v.59 n.1 Rio de Janeiro jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672007000100004. Acessado em: 11/01/2021.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Vanessa Brasil De. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários**. Belém, 2013.

Carvalho VB, Massarani LM, Seixas NSA. **Pesquisa em saúde em três grandes jornais paraenses: estudo de um período de 130 anos**. Rev Eletron de Comum Inf Inov Saúde [Internet]. 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial/ São Paulo**: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHIESA, Gustavo Ruiz. **Entre Espíritos E Cientistas: Charles Richet E A Busca Pelos ‘Fenômenos Inabituais’**. Interparadigmas, Ano 5, N. 5, 2017. Disponível em: <https://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Interparadigmas-Chiesa-N5.pdf>. Acessado em: 13/01/2021.

COMTE. Auguste. *Curso de Filosofia Positiva*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. P. 22.

CORRÊA, A. D.; QUINTAS, L. E. M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. **Similia Similibus Curentur: revisitando aspectos históricos da homeopatia nove anos depois, História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, n. 1, p. 13-31, jan.-mar. 2006.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702006000100002&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10/06/2017.

COUTO. Marcio Henrique. **Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX)**. Scielo, v.19, supl., dez. 2012, p.153-177

CUNNINGHAM, Andrew. Identifying disease in the past: cutting the gordian knot. *Asclepio*, v.54, n.1, 2002, pp.13-34

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.65.

DAVIS, Natalie Zemon. Prefácio e Introdução. *Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XSP*.

FARIA, Raimundo Nogueira de. **Trabalho dos Mortos**. 6.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

FERREIRA, Nestor. **História do município de Santa Izabel do Pará.** Santa Izabel do Pará, 1984, 276 p.

FILHO, Cláudio Bertolli. **Por uma história recorrente da medicina, da saúde e da enfermidade.** Scielo, **editorial • Interface** 21 (61) Apr-Jun 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0019> . Acessado em: 27/01/2021.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GALLO, Ivone. **O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX.** Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

GERTZ, René. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920.** Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Elane Cristina Rodrigues. A homeopatia e o uso do Assacú: práticas de remediar na cura da lepra, Belém do Pará, 1920-1924. **In: Medicina e ambiente: articulação e desafios no passado, presente e futuro** / organização Jaime Benchimol [et al.]. 1. ed. - Belo Horizonte [MG] : Fino Traço, 2019. P. 81 – 100.

GUIMARÃES, M. R. C.: **Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar.** 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abraão Brickmann, 1995.

_____. **Doenças Crônicas.** São Paulo: Tradução da segunda edição alemã Grupo de Estudos “Benoit Mure”. São Paulo: s. n., 1990. P. 38.

J. Emygdio, R. GALHARDO. **História da Homeopatia no Brasil.** Livro do 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia. Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.85.

LE COINTE, Paul. **Árvores e plantas úteis.** 2.ed., São Paulo, ED. Nacional, 1947.

LINS, I. **História do Positivismo no Brasil.** São Paulo: Nacional, 1967, p. 11.

LOBÃO JUNIOR, Eduardo de Léger. A medicina em Belém. Belém: Travares Cardoso, 1901.

MADDEL, T. Luz. **A Arte de Curar versus a Ciência das Doenças: História Social da Homeopatia no Brasil.** São Paulo, Dynamis Editorial, 1996.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relação entre magia e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MEIRA, Clóvis. **Medicina de outrora no Pará.** Ilustrações Geraldo Corrêa. Belém: Grefisa, 1989.

MÍKOLA, Nádia. **A inserção da homeopatia no Brasil e o espiritismo como estratégia de legitimação. 1860-1890.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio.** São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 566-567.

NAVA, Pedro. **Capítulos da história da medicina no Brasil.** São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro, 2003.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente no passado.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **O estigma do pecado: a lepra durante a Idade Média.** Physis, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.132- 144. 1995.

QUEIROZ, Marcos de Souza & CANESQUI, Ana Maria. **Antropologia da medicina: uma revisão teórica.** Ver. Saúde públ., S. Paulo, 20(2):152-64, 1986.

REBOLLO, R.A. **Ciência e metafísica na homeopatia de Samuel Hahnemann.** São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia, 2008.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **SENHORES DA CURA: negociações e conflitos no diversificado universo da cura no extremo norte do Brasil, 1889-1919.** Artigo publicado na edição nº 44 da Revista Histórica de outubro de 2010.

ROSENBERG, Charles. **The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience In: ROSENBERG, Charles. Our Present Complaint: American Medicine, then and now.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do Velho Intendente Antonio Lemos (1869-1973).** Belém: Paka-Tatu, 2002.

SIGOLO, Renata Palandri. **Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX.** Editora UFPR- Curitiba, 2012. P. 191.

_____. **Em Busca da “Sciencia Medica”: a medicina homeopática no início do século XX.** Curitiba: Dissertação de mestrado – UFPR, 1999.

THIAGO, Lauro S. **Homeopatia e Espiritismo.** Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: Departamento Editorial, 1991, p.37-38.

VELLOSO, Verônica Pimenta. **ACADEMIA MÉDICO-HOMEOPÁTICA DO BRASIL**. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/acadmehobr.htm#ficha>. Acessado em: 06/11/2020.

ZAMBINI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **Estratégias homeopáticas: a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul nos anos 1940-1950**. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Algumas considerações sobre história, saúde e homeopatia**. História Unisino, 2006.

_____. **Como convencer e curar: a introdução da homeopatia no Rio Grande do Sul**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

_____. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense-1889-1928**. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC, 1999, p. 22.

WEINSTEIN, Barbara. **The Color of Modernity: São Paulo and the Making of Race and Nation in Brazil**. Durham: Duke University Press, 2015.